

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redacção e administração — RUA FERREIRA BORGES

Officina typographica

12 — Rua da Moeda — 14

N.º 1157

COIMBRA — Quinta-feira, 15 de novembro de 1906

12.º ANNO

16.º anniversario da publicação do manifesto dos estudantes da Universidade

15 DE NOVEMBRO DE 1890 — 15 DE NOVEMBRO DE 1906

A causa de todos os males do nosso pequeno mas nobre paiz tem sido a Inglaterra e a Monarquia; a Inglaterra por causa da Monarquia e a Monarquia pela imbecilidade, pela cobardia e pela falta de patriotismo da dinastia de Bragança.

Ha mais de duzentos annos que estes dois grandes males nos affigem, atravessando a historia de mãos dadas, acarretando sobre nós afrontas, misérias e villipendios; de tal arte que a isto chegámos: ser violentados pelo *ultima tum* de 11 de janeiro de 1890, escarnejados pelo convenio de 20 de agosto, escravizados pela ditadura do gabinete regenerador, feita em nome do Rei e por vontade do Rei, como na propria camara dos deputados o declarou um membro da maioria.

Estes factos são conhecidos de muitos; mas para que o povo não viva na ignorancia, para que saiba o que deve aos seus Reis e á Inglaterra, constante e fiel aliada d'elles, aqui lhe deixamos algumas paginas da historia portugueza, que não de pesar como uma vergonha eterna sobre os traidores que não duvidaram arrastar na lama o manto glorioso que cingiu os hombros de Afonso Henriques e do Mestre de Aviz.

I

1637

Estando Portugal sob o dominio hespanhol desde 1580, rebentou em Evora uma revolta contra a tirania dos Filipes. Esta revolta generalisou-se ao resto do Alentejo, Algarve, Porto, parte da Extremadura e Viana, sendo infelizmente sufocada pelos exercitos hespanhoes. D. João, Duque de Bragança, que nesse movimento fôra aclamado rei, cobardemente mandou a Madrid um proprio confessor a sua innocencia, garantindo a sua sujeição.

1639

Ainda sob o dominio hespanhol, separou-se a administração politica do governo militar de Portugal, confiando-se este ao duque de Bragança sob a regencia da duquesa de Mantua. D. João aceitou.

1641

A revolução de 1640 havia felizmente proclamado a independencia de Portugal. D. João, depois de muitas hesitações, consentiu em aceitar o trono, começando a governar sob o titulo de rei D. João IV. — Subindo ao poder, fez os tratados de aliança com a França e a Holanda.

Pelo primeiro, ficavamos colocados na situação de um instrumento da França, porque esta podia assinar a paz com a Hespanha, sem Portugal ser ouvido.

Pelo segundo, Portugal reconhecia á Holanda, em troca de um auxilio insignificante, que nem efetivo se tornou, a posse de riquissimas colonias que esta, sem mais direitos que os derivados da conquista e do roubo, occupara durante a dominação filipina, concedendo-lhe além disso o ser equiparada

a Portugal nas colonias ainda portuguezas, o que equivalia a uma cessão positiva de toda a fortuna colonial.

1642 (29 de Janeiro)

Tratado com a Inglaterra em que lhe concedemos o seguinte:

a) Liberdade de commercio na India e Africa.
b) Privilegios odiosos, taes como: tribunaes especiaes para julgarem as suas causas (Art. 7); o poderem usar armas em qualquer occasião, mesmo nos logares prohibidos; não poderem ser presos senão por uma ordem escrita do seu juiz conservador;
c) Igualdade de situação, quanto ao commercio interno, entre negociantes das duas nações (Art. 3.º).

1648

Assina-se a paz de Westphalia que reduziu a um só, a França, todos os inimigos da Hespanha. D. João IV esteve resolvido a traizão ao reino, concebendo os celebres planos da União Iberica. Enviou o padre Antonio Vieira a entender-se com os jesuitas em Roma propondo-lhes a seguinte combinação: o neto, filho do falecido D. Teodosio, e herdeiro presuntivo, casaria com a infanta d'Hespanha e, não tendo Filipe IV filho barão, sucederiam elles na corôa, ficando assim unidos os dois paizes.

1652 (Dezembro)

Tratado com a Inglaterra

D. João IV celebra com a Inglaterra uma nova infamia, obrigando-se a dar a liberdade a todos os inglezes detidos, qualquer que fosse o motivo, em virtude das controvérsias entre as duas nações aliadas, quando se deu a revolução ingleza que levou Carlos I ao cadafalso. Naus, dinheiro, bens d'inglezes detidos em Portugal ou qualquer das suas dependencias, seriam immediatamente restituídos, pagando-se uma indemnisação por qualquer avaria que *sofrido tivessem*, sendo só castigados ou enviados ás justias inglezas os subditos portuguezes que tivessem assassinado qualquer subdito da Gran-Bretanha. A tudo isto accrescia a clausula de que todo o portuguez castigado pelos tribunaes da Inglaterra não podia voltar ao reino.

As indemnisações elevaram-se a perto de cento e setenta mil libras.

1654 (10 de Junho)

Tratado com a Inglaterra

Constava de 28 artigos publicos e um secreto. Enumerava, entre outras, as seguintes disposições:

a) Juizes especiaes para os inglezes (Artigo 7.º).
b) Proibição imposta aos portuguezes de fretarem navios d'outras nações enquanto os poderessem haver da Inglaterra (Artigo 11).
c) Liberdade de cabotagem entre Lisboa e as colonias.
d) Todas as mercadorias inglezas, sendo muito favoravelmente avaliadas,

nunca pagariam mais que 23 p. c. de direitos aduaneiros, ao passo que as portuguezas ficariam pagando os estabelecidos pelas leis inglezas (Artigo secreto). Este tratado foi tambem, por outras disposições, o começo da ruina do nosso commercio do Brazil.

1656 (12 d'Abril)

Nesta epoca assinava-se um convenio secreto entre Carlos II, pretendente á corôa ingleza, e Filipe IV de Hespanha, tratado segundo o qual o futuro rei de Inglaterra se comprometia a auxiliar a Hespanha na reconquista de Portugal, logo que os seus partidarios derrubassem a ditadura de Cromwell. Isto mostra a luzira com que a Inglaterra procedia nos seus tratados, e a inépcia do Bragança que, para satisfazer os seus interesses, deixava traiçoeiramente arruinar o nosso paiz.

1661

Tratado de paz e aliança com Carlos II de Inglaterra

Sendo regente D. Luiza de Gusmão durante a menoridade de D. Afonso VI, fez-se este tratado, um dos mais ruinosos com a Inglaterra. Constava de 19 artigos publicos e um secreto, retificando-se neste, todos os tratados desde 1647. A princeza D. Catarina, filha da regente, casava com Carlos II de Inglaterra, levando em dote dois milhões de cruzados em metal e tres em joias. (Art. 15). Além disso cediamos Tanger, a chave do Mediterraneo, (Art. 2) e Bombaim (Art. 11).

Concedia ainda o vergonhoso documento o livre estabelecimento dos inglezes na India e Brazil (Art. 12, 13) e cedia-lhes tudo quanto tivessem conquistado aos holandezes e que por estes nos fôra roubado.

1703 (27 de Dezembro)

Reinando D. Pedro II, fez-se com Inglaterra o celebre tratado de Methuen. Citar todas as disposições deste tratado seria inutil. Foi a morte da nossa industria; eis o que d'elle se pode dizer.

1706-1750

Não basta citar os tratados com a Inglaterra; mostremos tambem como os Braganças exploravam as riquezas do nosso imperio colonial, indicando para isso os esbanjamentos feitos no reinado de D. João V.

Eis o que se consumiu neste reinado:

a) Cento e trinta milhões de cruzados.
b) Cem mil moedas de ouro.
c) Trezentos e quinze marcos de prata.
d) Vinte e quatro mil e quinhentos marcos de ouro.
e) Setecentas arrobas de ouro em pó.
f) Trezentas e noventa e duas oitavas de peso, e 40 milhões de cruzados de valor em diamantes.
g) O producto do imposto dos quintos e o monopolio do pau Brazil, que rendiam anualmente para o tesouro

cerca de um milhão e meio de cruzados.

Tudo isto foi para Inglaterra e Roma, além do que se gastou em regias festas e orgias nos conventos de freiras, de que o rei era assiduo frequentador... Roma recebeu 180 milhões de cruzados. A nossa moeda de ouro ia para Inglaterra. Contrastando com esta louca prodigalidade aparece nos o Aque- duto das Aguas Livres de Lisboa, para cuja construção foi necessario lançar um imposto sobre os habitantes da cidade.

D. João V morreu sem deixar no cofre publico dinheiro para se dizer uma missa por sua alma.

1793

Reinando D. Maria I, por instigações da Inglaterra, o governo portuguez, que odiava a Republica Franceza, declarou-lhe guerra com a Hespanha e Inglaterra, auxiliando a primeira com um exercito e a segunda com uma esquadra. Desta imprudencia nascida de um odio rancoroso ás novas ideias e das opposições inglezas resultou que a Hespanha e a Inglaterra fizeram a paz com a França, ficando nós sacrificados á vingança desse paiz. A rainha beata enlouqueceu, assumindo a regencia seu filho D. João.

1807 (29 de Novembro)

A França não esqueceu a guerra que lhe fizemos durante a revolução e enviou os seus exercitos a Portugal. D. João VI ao ver aproximar-se a invasão napoleonica fugiu para o Brazil, deixando dito ao seu povo: «Que recebesse os invasores como amigos».

A fuga deste Bragança não foi só devida á sua natural cobardia, mas tambem resultado de uma combinação com a Inglaterra, para que, estando no Brazil a côrte portugueza, os inglezes se apoderassem do nosso commercio naquêl paiz. Isto foi declarado por lord Palmerston em 1 de junho de 1829.

1808

Abertura dos portos do Brazil ao commercio de todas as nações amigas, o que queria dizer — á Inglaterra.

1810 (19 de Fevereiro)

Tratado de commercio e aliança com a Inglaterra

Portugal comprometia-se a consentir as reparações dos navios inglezes nos portos do Brazil; a conservar em todos os dominios da corôa o fôro e jurisdicção especial dos inglezes; a favorecer os generos inglezes nas alfandegas das colonias, com o direito de 15 p. c. *ad valorem*, isto é 9 p. c. menos que os das outras nações, ao passo que a Inglaterra só dava a Portugal os direitos das nações mais favorecidas.

Por seu turno, a Inglaterra obrigava-se a não reconhecer e sustentar em Portugal outra dinastia que não fosse a dos Braganças! Este tratado deu em resultado a separação do Brazil e a ruina do nosso commercio com aquêl paiz.

Wellington dizia abertamente que elle era a ruina de Portugal.

Terminada a guerra com a França, foi devido ainda á traição dos inglezes que perdemos a Olivença, no continente, e, na America, a Guiana, que tinhamos conquistado aos francezes. O auxilio que os inglezes nos prestaram durante as invasões francezas foi mais ruinoso ainda que o ataque do inimigo. Destruiram todas as nossas fabricas e praticaram taes atrocidades que Wellesley seu general confessava serem «uns selvagens».

O Bragança continuava no Brazil, governando em Portugal uma regencia composta de creaturas da Inglaterra, fazendo parte d'ella o ministro inglez em nome de D. João VI.

O exercito era comandado por officiaes inglezes.

Como os revolucionarios começavam a agitar-se, Beresford foi ao Brazil e obteve de D. João VI o poder-nommesdo marechal geral com serenos discricionarios independentes dos da regencia.

1817 (18 de Outubro)

Por ordem de Guilherme Carl Beresford, regente inglez de Portugal em nome do traidor D. João VI, são supplicados os conspiradores que pretendem libertar Portugal do jugo inglez, sendo entre elles enforcado na torre de S. Julião da Barra o Marechal de Campo e tenente general do exercito portuguez, Gomes Freire de Andrade!

1820

Rebenta a revolução de 24 d'agosto. Beresford é expulso. Os inglezes, quando D. João VI entra em Portugal, influem na escolha dos ministros, conseguindo que fossem expulsos do poder os mais exaltados e nomeados os amigos da Inglaterra.

1823

Vilafrancada

D. João VI rasga a constituição de 1822 que havia jurado. Os fidalgos e officiaes do exercito coniventes neste perjurio, substituíram as cavalgaduras da carruagem real, conduzindo o rei a Lisboa!

1832

A lucta entre D. Miguel e D. Pedro IV estava no seu auge. D. Pedro, cercado no Porto e com poucos recursos, desejando terminar a guerra e assumir o governo de Portugal, pedia a intervenção da Inglaterra e mandava a Londres emissarios para darem, em troço do auxilio inglez, o que a Inglaterra exigisse. Procedeu-se assim em resultado do conselho, celebrado em 17 de novembro de 1832, em que D. Pedro decidiu enviar os taes emissarios para conseguir que a Inglaterra terminasse a lucta e lhe garantisse o trono, «cedendo, para obter o reconhecimento, a Baía de Lourenço Marques ou qualquer outras colonias asiaticas ou africanas da costa oriental». Isto apparece nas instruções dadas aos plenipotencia-

rios por Agostinho José Freire, em nome de D. Pedro, e que vêm publicadas no volume — "Correspondencia official de Luiz Antonio d'Abreu Lima, Conde da Carreira", pag. 659, 661, 662 e 666. A edição deste livro foi inutilizada pelos governos da monarchia, escapando poucos exemplares.

1836

Reinando D. Maria II, fez-se a revolução contra o despotismo que sufocava o paiz, e proclamou-se a constituição de 1822. Em 3 de novembro do mesmo anno, tenta a rainha perjurar a constituição, mostrando assim o seu odio a Passos Manuel e aos democraticas de setembro. Quiz a todo o transe restaurar a carta de 1826 e, para levar a cabo esta tentativa criminosa, teve a audacia de fazer desembarcar as forças inglezas que estacionavam no Tejo. Estas formaram na Junqueira as ordens do ministro inglez lord Howard, protetor da rainha.

A infamia não se consumou, devido ao patriotismo das guardas nacionaes. D. Maria deveu a vida a Passos Manuel, sempre grande e generoso!

1842 (Janeiro)

A proteção da Inglaterra a D. Maria II contra os democraticas portuguezes, proteção citada em muitos documentos por lord Howard, embaixador inglez, deu em resultado o tratado de 1842, que é quasi uma copia do de Metwen (1703) e do tratado de 1810.

1846-1847

Em outubro de 1846 e junho de 1847 conseguiu D. Maria II a intervenção da Hespanha e das tropas inglezas contra o movimento popular denominado «Maria da Fonte».

1878

Tratado de Gôa celebrado entre D. Luiz e a rainha Victoria, sendo então ministro Fontes Pereira de Melo.

Veio a Portugal o principe de Gales, e depois de largas discussões e varias negociações, em que os regeneradores cederam vergonhosamente, fez-se o tratado que arruinou a India Portuguesa. Matou a industria do sal que passou a ser monopolio do governo inglez, e a da aguardente que foi sobre-carregada com impostos onerosissimos, e tudo isto para não prejudicar as receitas publicas da Gran-Bretanha, como diz o negociador portuguez. São muitas e todas infamantes as clausulas do tratado! Foi a ruina da India: eis o seu resumo!

1880

Tratado de Lourenço Marques com a Inglaterra, celebrado entre D. Luiz e a rainha Victoria.

Todos o conhecem. Especialisaremos o artigo 3.º, onde se estabelece a livre navegação do Zambeze e o 4.º que diz: S. M. F., desejando que o porto de Lourenço Marques seja aproveitado para a exportação dos productos das colonias de S. M. B., etc., etc., permitem que embarquem e desembarquem todas as armas dos inglezes as quaes transitarão livremente pelos nosos dominios; a isenção de direitos sobre mercadorias inglezas em transito de Lourenço Marques para a fronteira britânica e vice-versa; caminhos de ferro e depositos para os inglezes em Lourenço Marques sob a vigilancia e gerencia de agentes nomeados por S. M. B. (artigo 5.º); a pauta alfandegaria para os productos inglezes e portuguezes seria submetida a aprovação do governo de S. M. B.

Este tratado só não foi aprovado em virtude da energica attitude do povo, que impediu essa infamia.

1885

Conferencia de Berlim, na qual perdemos o Congo.

1890 (11 de Janeiro)

A Inglaterra, depois de uma larga discussão sobre os direitos de Portugal, relativos aos territorios da Africa Oriental, envia-nos o degradante ultimatum por demais conhecido.

O governo obedeceu de pronto ás imposições da Inglaterra, mandando retirar de Moçambique os officiaes portuguezes que comandavam as expedições nos territorios contestados.

O principal motivo alegado pelo governo progressista para recuar cobardemente foi o desejo de não romper as

relações de antiga amizade entre as côrtes de Lisboa e Londres.

(12 de Janeiro e dias seguintes)

Tumultos em Lisboa que motivaram a queda do governo.

Subida ao poder do gabinete regenerador que mandou prender e acutillar os populares que continuavam as manifestações contra a Inglaterra, constituindo-se em ditadura.

Dissolução da Associação Academica de Lisboa.

Proibição do comicio e das manifestações contra a Inglaterra, em 11 de fevereiro.

Prisão arbitraria dos drs. Manuel de Arriaga e Jacinto Nunes.

Proibição do cortejo civico aos tumulos de Vasco da Gama e Luiz de Camões, em 2 de março.

Dissolução da camara municipal de Lisboa em 11 de março, por ter ousado concorrer com cem contos para a Subscrição Nacional.

Decretos ditatorias contra a imprensa e contra a liberdade de reunião e de associação em 7 de abril.

Perseguições continuas ao exercito.

Conferencias humilhantes do ministro Hintze com o embaixador inglez.

Tratado de 20 de agosto com a Inglaterra.

Perda de 640:000 kilometros quadrados de territorio na provincia de Moçambique. Livre navegação dos rios africanos, o que; na frase de um ex-ministro «é a ruina completa da nossa provincia de Moçambique», e, sobre encargos onerosissimos e vexatorios, a clausula de que Portugal não poderá ceder os territorios que lhe são reconhecidos, «sem previo consentimento da Inglaterra».

Era ministro dos negocios estrangeiros, Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro, e nosso embaixador em Londres, Augusto Cesar Barjona de Freitas, que negociou o tratado para «estreitar as relações de amizade entre Portugal e a Inglaterra».

A 15 de setembro o governo cae perante a excitação popular. Repressões contra os manifestantes. Cargas de cavalaria sobre o povo. Prisões. A policia assassina um operario a tiros de revolver.

Em Coimbra e Porto repetem-se as mesmas scenas.

De 15 de setembro a 12 de outubro, crise ministerial.

O rei, depois de muito se humilhar, consegue, com o auxilio de sua mãe, formar um ministerio que deseja salvar-lhe o trono.

Na impossibilidade de apresentar novamente o tratado de 20 de agosto, esse governo, composto de homens que renegaram, como ministros, todas as suas afirmações como deputados opositores, vae negociar um *modus-vivendi* com a Inglaterra no qual se estabelece, entre outras disposições, a livre navegação do Zambeze, e se reserva fazer um tratado dentro de seis mezes.

O governo procede indignamente, pois, pela boca do seu presidente, general do exercito portuguez, prometia na declaração ministerial não negociar com a Inglaterra, enquanto por esta não fossem dadas explicações sobre a entrada das canhoneiras inglezas no Zambeze. Mentiu a opinião publica e tenta iludir o paiz, fazendo passar o tratado subrepticamente. Aceita como factos consumados a occupação de Manica e as fronteiras territoriaes impostas pelo tratado de 20 de agosto.

Sobre a cabeça do ultimo Bragança pesa tambem já a terrivel responsabilidade de vinte e duas victimas imoladas á conservação das instituições que nos regem.

Antes de passarmos adiante convem frisar dois pontos deduzidos desta larga exposição:

Primeiro: — todas estas infamias têm sido cometidas com o fim de estreitar as relações de amizade entre as duas côrtes e de manter no trono a dinastia de Bragança.

Segundo: — a Inglaterra tem sido tem leal para comnosco que violou os seus tratados em 1661, 1662, 1663, 1668, 1728, 1763, 1800, 1814, 1825, 1829.

II

A critica que resulta da exposição de taes factos é uma só: os Braganças e a Inglaterra têm sido a origem de todos os nossos desastres.

Ainda estão na memoria de todos os dias angustiosos que vão desde o ultimatum de 11 de janeiro até ao con-

venio de 20 de agosto. Se o nosso paiz foi vilipendiado, a nossa bandeira escarnecida, ameaçada a integridade da patria, violadas as liberdades, deshonrado o credito, perturbadas as finanças, perseguido o exercito, a imprensa, as associações, as academias e o povo, a origem de tudo isto vamos encontrar-na na Inglaterra e na casa de Bragança.

O exame da historia serviu para iluminar os factos. Agora já não pode haver illusões.

Porque será que a Inglaterra é nossa aliada? Será para nos proteger? Será para nos defender? Não; nunca o fez, nunca o fará. A Inglaterra é nossa aliada para defender a corôa, para proteger o rei, para sustentar no trono a dinastia dos Braganças.

A propria origem do ultimatum de 11 é escura e tenebrosa. O rei, subindo ao trono, quiz especular com o patriotismo da nação. Combinou-se para isso com a rainha de Inglaterra, sua tia, e a comedia teria na verdade um exito brilhante, se os comediantes se não tivessem esquecido de que a rainha Victoria manda menos em Inglaterra do que o sr. D. Carlos nos seus humilhes e fidelissimos vassallos.

Em verdade, que melhor e mais glorioso acontecimento para perturbar e doirar um começo de reinado do que este de vir o pequeno Portugal bater o pé diante da Inglaterra e esta recuar na sombra, arrendida e contrita?... O sr. D. Carlos seria então celebrado como exemplo dos reis, e, enquanto o jornalismo indigena lhe cantasse os triunfos e as consciencias vendidas lhe celebrassem a audacia, a coragem e a altivez, ele iria subrepticamente, de ratos, abjetamente, agradecer e pedir desculpa a sua tia por te-la feito passar por uma tão rude e dolorosa provação.

Este é que era o plano do Bragança, era isto o que ele esperava. A Inglaterra teria depois as suas largas compensações. Mas os inglezes são ambiciosos, egoistas e interesseiros, e quando a rainha Victoria lhes disse: «Humilhe-se a Inglaterra para sustentar o principio monarchico», a opinião publica respondeu-lhe: «pois desapareça a monarchia, porque nós queremos enriquecer».

Tal foi a origem do ultimatum de 11, tal foi a origem do convenio de 20. De um lado o egoismo da Inglaterra; do outro a traição e a cobardia do Bragança.

E' preciso que taes factos se não tornem a repetir, que a historia portugueza não venham juntar-se novas paginas de vergonha e degradação, que o sr. D. Carlos seja efetivamente o ultimo representante dessa dinastia de ineptos.

Convençamo-nos de uma vez para sempre que o que se está passando neste reinado é uma vergonha para todos nós. A monarchia em Portugal, como de resto em toda a Europa, repelida pela civilização, tinha tres caminhos a seguir: ou favorecer lealmente as aspirações do paiz, ou fingir favorecelas, ou reagir abertamente contra ellas. Porque as instituições sendo um modo de ser das sociedades num certo periodo, é claro que a maneira que as sociedades progredem, as instituições ficam vinculadas ao passado, cristalizadas, representando a civilização de um determinado momento historico. Mas, por um fenomeno natural de conservação que se observa em toda a historia, as instituições que a principio favorecem o progresso e o desenvolvimento dos povos reagem depois contra esse mesmo progresso. Foi isto o que aconteceu entre nós: os revolucionarios de 1820 foram leaes e sinceros, o sr. D. Luiz fingiu, foi um falsario, e já o sr. D. Carlos de Bragança reage aberta e ostensivamente contra as aspirações do paiz.

A luta, portanto, está travada: dum lado está o rei, lutando pelo Passado; do outro lado está o povo, lutando pelo Futuro.

A situação é tão clara que não admite duvidas: o rei está em guerra contra a nação. A vontade do povo já não se respeita, os interesses da dinastia é que se defendem. Quando foi do convenio de 20, a alma da Patria, sobresaltada e afiita, estremeceu de pavor, mas o rei, tremendo que a Inglaterra o abandonasse, mandou carregar sobre o Povo. O Municipio de Lisboa quiz acompanhar o movimento popular de 11 de janeiro, e o rei mandou dissolver a vereação de Lisboa. A Associação Academica quiz protestar, e o rei mandou dissolve-la. O exercito era

pelo povo, e o rei mandou perseguir o exercito. A imprensa censurou o rei, e o rei mandou perseguir a imprensa. Nós eramos patriotas, nós eramos contra a Inglaterra, e o rei mandou-nos perseguir, mandou nos processar, mandou nos meter na prisão. E' para isto que o rei serve, para nos entregar á Inglaterra, para nos perseguir, á nós estudantes, em cujo coração vibra mais santo patriotismo do que em toda essa descendencia de miseraveis bandoleiros. Os antigos monarchas portuguezes compreendiam-se, como alta expressão do meio em que viviam, como os primeiros homens do seu tempo, quando elles eram guerreiros invenciveis, como Afonso Henriques, amantes da sua patria e progenitores de uma descendencia de heroes, como D. João I, sabios illustres, como D. Duarte, ou grandes politicos, como D. João II.

Mas os reis como o sr. D. Carlos de Bragança não se compreendem — são uma vergonha! O rei que hoje nos governa não tem nada que se recomende ao paiz: não tem carater, não tem lealdade, não tem patriotismo, nem mesmo amor de familia.

Ordenou as ditaduras regeneradoras, mandou perseguir o exercito, as academias e o povo, mas quando viu que todos se revoltavam contra elle, escorraçou os regeneradores do poder, declinou de si todas as responsabilidades, querendo dar a entender por esta forma que nada tivera com isso. Quando a Inglaterra nos violentou cobardemente com o ultimatum de 11, o rei, em vez de se entristecer com as maguas e com a desgraça da Patria, folgava e divertia-se nas caçadas reaes. Quando seu pae morreu, quando lhe acompanhavam o corpo inanimado, sorria cinicamente, deslumbrado já pela investidura real. São estes os resultados da monarchia!

Não, não pôde ser. Isto não é proprio de homens livres. Semelhante homem á frente dos destinos de uma nação é uma indignidade. Num periodo tão adiantado em civilização, como este que agora atravessamos, não podemos, não queremos continuar sujeitos aos acasos do nascimento. Queremos para chefe de Estado um homem eminente, que tenha prestado serviços á nação, que seja ilustrado, inteligente e honesto, com altas virtudes civicas, cujos conselhos sejam ouvidos e respeitados por todos.

Ter por chefe de Estado um creançola de vinte e tantos annos, feito generalissimo por si mesmo sem saber comandar um regimento, sem illustração, sem intelligencia, sem tino governativo, sem aptidões de nenhuma especie, é um facto monstruoso e revoltante, contra o qual protestamos energeticamente com toda a força da nossa alma. Nenhum de nós que subscrevemos este manifesto, pôde considerar ou respeitar o sr. D. Carlos. Sem orgulho o dizemos: — qualquer de nós é infinitamente superior a este produto degenerado de uma dinastia de ineptos.

Um facto caracteristico do reinado d'este homem, o que mais nos incita e justifica a propaganda violenta que hoje iniciamos contra as instituições, baseadas na Carta Constitucional e seus Actos Adicionaes, como os decretos d'ela tão sabiamente proclamam, esse facto é a dissolução, é a desmoralização desbragada dos partidos monarchicos, que ameaçam tudo subverter, a nacionalidade, a dignidade e a honra. Contaminados pelo Rei, vivendo do favor real, os homens da monarchia perderam-se para sempre no conceito publico. Do partido regenerador ao partido progressista não ha nos grupos monarchicos um só homem que se tenha sacrificado em favor da sua Patria. A culpa porém, não é d'elles, d'esses desgraçados a quem as necessidades da vida, a miseria, a depressão moral, e por vezes a fome, obrigou a lançar-se de joelhos diante dos degraus do trono. Não, a culpa não é d'elles, mas do Rei, que é a chave dos poderes do Estado. Se não fosse o Rei, o partido regenerador não teria feito as odiosas ditaduras que tanto o comprometeram aos olhos do paiz; se não fosse o Rei, o partido progressista não teria rasgado o seu programa; se não fosse o Rei os jornalistas não venderiam a pena, nem os ministros a consciencia. O Rei é a origem de todos os nossos males. Em vez de ser o exemplo vivo da lealdade, do patriotismo, e da honra, o Rei só serve para nos desmoralisar, corromper e perder. E' por isso que os partidos monarchicos não têm ideal, não

têm principios administrativos, nem politicos, nem de especie nenhuma; são apenas servidores do Rei, bandoleiros do poder, homens que vão ao Paço quando o Rei os chama, e que só de lá saem quando o Rei os escorraça. No parlamento, nas ruas, na imprensa, psr toda a parte, vemos esses homens pugando pela conquista do poder, com bajulações humilhantes ao Rei, fazendo um estendal repugnante dos serviços que lhe prestam. E' um facto reconhecido por todos: os partidos monarchicos para subirem ao poder têm de passar de rojo por baixo dos tapetes do Paço. Não é uma substituição de ministros, é uma substituição de capachos!

Guerreemos portanto os partidos monarchicos, eliminemos o Rei, derrubemos as instituições que infelizmente nos regem.

A hora de pôr cobro a este estado de desmoralização seou afinal.

Quando foi por ocasião da crise de 15 de setembro, o paiz inteiro esperou em vão por um acto audacioso do partido republicano. Na verdade não havia nada mais logico e patriótico do que os revolucionarios terem-se apoderado do poder justamente na occasião em que ninguém o queria. Forçoso é confessar que se algum momento tem havido em que no espirito de todos pairasse a ideia da libertação e do triumpho, foi de certo naqueles memoraveis 27 dias, cortados de episodios humilhantes para a monarchia, que vão desde o dia 15 de setembro até 12 de outubro de 1890. O partido republicano, que tem uma historia gloriosa e immaculada, que tem a adesão e a simpatia de todos os honestos, dos que amam sinceramente a sua Patria, que fez o centenário de Camões e de Pombal, que impediu a infamia de Lourenço Marques, da salamancada e do convenio de 20, o partido republicano, se estivesse definitivamente organizado e prevenido, teria de certo o prestigio e a força necessaria para fazer a Revolução. Se a não fez foi porque não houve quem o soubesse dirigir.

Não é esta hora a propria para sensuras e retalições, sobre tudo áqueles cujas intenções foram generosas e leaes, mas cujas obras ou foram ineficazes ou nulas.

Chegámos a um momento em que todas as contemporizações seriam criminosas. E assista-nos o direito de falar alta e desassombadamente, porque a historia da Academia de Coimbra tem paginas gloriosissimas, escriptas com o sangue derramado nos campos da batalha, e vitalizadas pela creença sincera na liberdade e na justiça; porque a historia dos batalhões academicos de 1645, de 1808 a 1811, 1826 e 1827, 1828 a 1834, 1846 a 1847 é fecunda em exemplos e sacrificios; porque nos cumpre manter, senão valorizada pelo menos intacta, a pureza dessa tradição de civismo personalisada em José Estevão, Mendes Leite, Joaquim Antonio de Aguiar, Luz Soriano e tantos outros; porque é dever dos que estudam e pensam, orientar os ignorantes e embrutecidos, revigorando a raça pela abnegação e pelo exemplo; porque, despidos de interesses mesquinhos e egoistas têm a grandissima auctoridade dos caracteres sem macula que nem se compram nem se vendem; e porque, enfim, somos dos poucos que neste desgraçado paiz, systematica e torpemente explorado por uma dinastia de Braganças, podemos apelar para a Revolução, sem que ninguém tenha o direito de dizer que exploramos com as desgraças da Patria.

Os que têm dirigido o partido republicano, até hoje, estão velhos, acostumaram-se a um periodo de tranquillidade e de paz, optaram pelos processos demorados da evolução, pelas espectativas dissolutivas da oportunidade. Semelhante estado de coisas não pôde continuar. Ideias novas, querem homens novos; para fazer a revolução é preciso gente revolucionaria.

E' por isso que nós fazemos ao partido republicano este apelo patriótico, convencidos, como estamos, de que seremos ouvidos, de que o nosso entusiasmo de estudantes ha de achar eco no coração dos que amam sinceramente a sua patria.

Do rei e das instituições não ha nada a esperar? Pois bem: derrubemos o rei; derrubemos as instituições. E' para isto que o partido republicano deve trabalhar.

Já que a Monarchia levanta sobre

nós a espada das perseguições, levantemos nós sobre a Monarchia a espada da Revolução.

- Francisco Vieira, 5.º anno de medicina.
 Fernando Teixeira Homem de Brederode, 5.º anno de filosofia.
 João Duarte de Menezes, 3.º anno de direito.
Agostinho Celso de Azevedo Campos, 4.º anno de direito.
 Antonio Fernando Pires Padinha, 3.º anno de filosofia.
José Soares da Cunha e Costa, 5.º anno de direito.
 Francisco M. Couceiro da Costa Junior, 3.º anno de direito.
 Antonio José de Almeida, 2.º anno de medicina.
 Antonio Pires de Carvalho, 2.º anno de medicina.
Manuel Rodrigues Pereira, 5.º anno de medicina.
 Lomelino de Freitas, 5.º anno de direito.
 Antonio Cabral, 5.º anno de medicina.
Mario Augusto de Miranda Monteiro, 5.º anno de direito.
Antonio Vicente Leal Sampaio, 4.º anno de direito.
 Augusto Barreto, 5.º anno de medicina.
 Silvestre Falcão, 3.º anno de medicina.
 Albano Guedes de Almeida, 3.º anno de direito.
 Pedro Celestino de Campos Paes do Amaral, 2.º anno de medicina.
 José Ernesto de Amorim, 2.º anno de medicina.
João Rafael Mendes Dona, 2.º anno de medicina.
 Herculano Miranda de Carvalho, 2.º anno de medicina.
Adriano José de Carvalho, 1.º anno de matematica.
 João Fonseca de Figueiredo Peixoto, 2.º anno de matematica.
 Francisco Batista da Silva, 2.º anno de medicina.
 Herculano Pinto Diniz, 2.º anno de medicina.
Fernando Maria de Sousa, 1.º anno de direito.
 Artur Braga, 2.º anno de filosofia.
Diogo Barata Cortez, 2.º anno de filosofia.
 Alvaro Roxanes de Carvalho, 2.º anno de matematica.
 Francisco Dias Ferreira Pinto, 2.º anno de filosofia.
 Paulo Falcão, 4.º anno de direito.
 Inacio Manoel Teixeira de Melo, 3.º anno de direito.
 Augusto Carlos Vieira de Vasconcelos, 2.º anno de direito.
 João José de Freitas, 2.º anno de direito.
 Francisco José de Oliveira Vale, 2.º anno de direito.
Albertino de Pinho Ferreira, 3.º anno de direito.
 Antonio de Campos, 5.º anno de direito.
Mannel Antonio Martins Pereira, 4.º anno de filosofia.
 Antonio Maria do Vale, 1.º anno matematica.
 Domingos Simões Sampaio, 2.º anno farmacia.
 José Vasques Osorio d'Almeida, 5.º anno de medicina.
 José Carlos Ehrhardt, 5.º anno de medicina.
Julio Paulo de Freitas, 4.º anno de medicina.
 Jacinto Botelho Arruda, 2.º anno filosofia.
 Evaristo José Cutileiro, 3.º anno de medicina.
 Abilio Antonio Pinto, 3.º anno de filosofia.
 Manuel Raposo de Medeiros, 1.º anno de matematica.
 Manuel João da Silveira, 1.º anno de matematica.
 Luiz Soares de Souza Henriques Junior, 3.º anno de filosofia.
Antonio Batista Leite de Faria, 5.º anno de filosofia.
 Simão da Cunha Brum, 4.º anno de filosofia.
 João Luiz Afonso Vianna, 1.º anno de farmacia.
 Manuel Mateus, 2.º anno de direito.
 Antonio de Abreu Freire, 1.º anno de medicina.
 Anselmo Patricio da Encarnação, 1.º anno de medicina.
 Afonso Augusto da Costa, 3.º anno de direito,

- Manuel Mousinho de Albuquerque de Mascarenhas Gaivão**, 4.º anno de direito.
 Antonio Jacinto Fernandes Gíão, 4.º anno de matematica.
 Lucio Paes d'Abranches, 1.º anno de medicina.
 Gregorio Pinto de Almeida Ereio, 1.º anno de matematica.
 Francisco Maria do Amaral, 1.º anno de medicina.
 Antonio José Pereira da Silva, 4.º anno de direito.
Guilherme Franqueira, 3.º anno de medicina.
 Abilio Augusto Coxito Granado, 4.º anno de medicina.
 Jeronimo Maria Pereira da Silva, 4.º anno de medicina.
Antonio de Souza Saraiva, 4.º anno de medicina.
Lucio Martins da Rocha, 4.º anno de medicina.
 Julio de Melo e Matos, 3.º anno de filosofia.
 Cesar Fernandes Ventura, 3.º anno de filosofia.
 Fausto Guedes Teixeira, 1.º anno de direito.
 Henrique Ventura dos Santos Reis, 5.º anno de matematica e filosofia.
 José Joaquim Bessa de Carvalho, 3.º anno de direito.
Francisco Correia Borges de Lacerda, 3.º anno de direito.
 Gaspar Joaquim Galvão de Melo, 5.º anno de direito.
 Antonio Pinto de Magalhães e Almeida, 3.º anno de direito.
Antonio Augusto d'Almeida Arez, 3.º anno de direito.
Alberto d'Oliveira, 4.º anno de direito.
 Luiz Manoel Moreira, 4.º anno de direito.
 Vitor José de Deus, 3.º anno de filosofia.
Bernardo Pacheco Pereira Leite, 2.º anno de direito.
 Antonio Firme de Azevedo Antas, 3.º anno de medicina.
 Eugenio Augusto Amato, 1.º anno de matematica.
 Alvaro Miranda Pinto de Vasconcelos, 3.º anno de direito.
Silvestre Nunes de Moraes, 3.º anno de direito.
 Alfredo Barbosa, 1.º anno de matematica.
 José Trigo Martinho, 2.º anno de direito.
 Alberto Deodato da Costa Rato, 1.º anno de medicina.
 Samuel Augusto Pessoa, 2.º anno de filosofia.
 Diogo Augusto Coxito Granado, 2.º anno de farmacia.
 Joaquim Luiz Marta, 2.º anno de matematica.
João Lopes Carneiro de Moura, 4.º anno de direito.
 Antonio da Costa e Almeida, 1.º anno de medicina.
 Antonio Rodrigues Correia da Fonseca, 1.º anno de matematica.
 Antão Fernandes de Carvalho, 5.º anno de direito.
 José da Costa Gaito, 1.º anno de medicina.
 Artur Duarte de Almeida Leitão, 1.º anno de matematica.
 Antonio Gonçalves, 1.º anno de medicina.
 José de Almeida Barreto, 2.º anno de farmacia.
 Antonio Vieira, 3.º anno de medicina.
 Antonio Maria Dias Milheiricio, 1.º anno de matematica.
 Herminio Soares Machado, 3.º anno de medicina.
 Antonio Saldanha Araujo e Gama, 2.º anno de farmacia.
 Francisco Diniz de Carvalho, 2.º anno de filosofia.
 Adolfo Carlos Barroso da Silveira, 1.º anno de medicina.
 Christovão de Sousa Pinto, 1.º anno de matematica.
José Maria Joaquim Tavares, 2.º anno de matematica.
 Aires Ferreira de Azevedo, 1.º anno de direito.
 Alberto David, 4.º anno de direito.
Angelo P. Dias Ferreira, 1.º anno de medicina.
 Raul Soares, 1.º anno de matematica.
 Fortunato Jorge Guimarães, 3.º anno de direito.
 Joaquim Alberto de Carvalho e Oliveira, 1.º anno de matematica.
 Antonio Francisco Teixeira, 2.º anno de direito,

- Antonio Tomaz da Silva Coelho, 3.º anno de medicina.
 Francisco A. Homem Abranches Brandão, 1.º anno de matematica.
 Abilio Correia da Silva Marçal, 4.º anno de direito.
 Armando de Sousa Chaves, 1.º anno de matematica.
 Emidio Gomes, 3.º anno de medicina.
Virgilio Afonso da Silva Poiães, 1.º anno de medicina.
 Claudio Paes Rebelo, 3.º anno de medicina.
 Francisco Cardoso de Lemos, 2.º anno de matematica.
 Manuel Ventura dos Santos Reis, 4.º anno de filosofia.

REMEMBER

Publicamos hoje o celebre manifesto de 1890 por dois motivos: a) porque sendo o anniversario da proclamação da Republica no Brazil, é tambem o anniversario da sua publicação; b) e porque o momento que a sociedade portugueza atravessa quer politica quer moralmente é um periodo de crise angustiosa, significativo e retumbante, donde só poderemos sair pela implantação do sistema republicano.

As camarilhas do Paço, ou intriguistas andorinhas como lhes chamou o sr. João Arroio, aliadas aos bandos politicos que fizeram do Terreiro do Paço uma sucursal da Serra-Morena, vão pouco a pouco estancando as energias nacionaes, transformando este paiz num cemiterio longo e doloroso, sem flores e sem gorjeios de aves...

Propugnadores do poder pessoal do rei, quer ostensivamente e criminosamente como o sr. Hintze Ribeiro, quer com palavras doces e mascaras de liberdade como o atual sr. João Franco, quer com manhas de rapoza velha como o sr. José Luciano, os partidos da monarchia, enfeudados numa descentralisação despótica, e guardados pelas armas dos pretorianos, pelos sabres da policia e pelas delações dos bufos á ordem do juiz Veiga, têm vindo numa attitude de saltadores, roubando o tezouro, engrandecendo o Paço e amordagando a soberania Nacional.

Falhos absolutamente de vergonha, sem consciencia reta e sem dignidade civica, os politicos da monarchia, todos eles, sem excepção d'um só, vão passando a riqueza do thesouro publico para os bolsos do casaco real.

E enquanto a certa de D'Carlos se recheia, a industria nacional atraz-se, a agricultura morre, a instrução definha, o Povo agonisa.

Que inglorio triumpho para um rei, e que triste decadencia para um povo!

Ou seja com tratados subversivos, com empréstimos escandalosos, com impostos fraudulentos, ou seja com eleições roubadas e acutilamentos nas ruas, a dinastia de Bragança não tem feito mais que explorar, explorar e explorar sempre!

A piolheira nacional é um bando de idiotas e de parvos que pagam e não bufam, que arrancam da terra o pão que o diabo amassára, e que sustentam uma familia parasitaria, inutil, perigosa.

Desde o parlamento que é constituido exclusivamente, de facto, pela vontade regia (camara dos pares) e pela vontade do ministerio do reino (camara electiva) até ao poder judicial que é, de facto, um serventuario da realza, nós

encontramos apenas a absorção e a exploração palaciana.

A vontade regia é tudo; ella pode tudo, desde a escolha dos ministros até á expulsão dos legitimos representantes do paiz.

A vontade nacional? Que irrisão! Que póde ella perante o desprezo soberano de D. Carlos com gramatica de menos e virgulas de mais, se a mordaza vem de longe, desde a opposição tenaz e afrontosa a Velasco de Gouveia em 1641, até á dissolução da junta nacional em 1823?

Que poderá a vontade nacional perante a escura organização dinastica, perante a sistematica corrupção dos governos?

Que póde ella perante o regimen, este regimen que segue os processos maquiavelicos do principe de Kenitz que vão desde a intimidacão á submissão e á simulação?

E a monarchia portugueza que começára a seguir esses processos, simulando com a Carta, intimidando primeiro em 1828 (miguelismo) depois, desde 1842 a 1847 (Cabral e intervenção estrangeira) e submetendo-se em 1834 e 1836 (triumpho de D. Pedro e Revolução de Setembro), descobre mais outro modo de vida, em 1851, com a entrada no ministerio, de Rodrigo da Fonseca Magalhães.

Esse novo modo de vida é o da corrupção sistematica.

Veja-se o caminho da politica actual, e digam-nos se não são ainda hoje esses os metodos governativos da monarchia.

Com os dois partidos rotativistas, a monarchia intimidada e corrompe; com a chamada de João Franco ao governo, a monarchia submete-se e simula.

A monarchia vive de expedientes. Ella é um estendal de miserias e de crimes, de baixeza e degradações. E' preciso acabar com ella.

O manifesto de 1890, agora reeditado, foi um grito de revolta.

Era de hontem o ultimatum e o convenio de 20 de Agosto.

O povo sentira na face a bofetada da Inglaterra e presença á traição do governo.

D. Carlos continuava fazendo a Avenida, saboreando os seus charutos e passeando a sua obesidade.

Os estudantes republicanos de então, arautos do movimento que em 31 de janeiro havia de transformar-se em tragedia gloriosa para os vencidos e em opprobrio para os vencedores, resolveram lavar o seu protesto.

Protesto altivo e consciente, elle está ahi a atestar a indiferença da mocidade d'hoje.

Mas se mostra a sua indiferença, demonstra tambem a sua cobardia. O exemplo foi grande. Os nomes dos signatarios ficaram.

E sendo hoje esse manifesto, para os renegados, a documentação da falta de carater, a mocidade actual não se arrisca...

Quem o assina? Um punhado de homens que apelavam para a revolução. Eles eram «despidos de interesses mesquinhos e egoistas, com a autoridade dos caracteres sem macula que nem se compram nem se vendem.»

Como o futuro foi triste! Como se enganaram os honestos d'esse tempo! Alguns ficaram, mas muitos desertaram.

Se Antonio José d'Almeida, João de Menezes, Afonso Costa, João de Freitas, Augusto Barreto, para não citar mais, continuaram fieis ao seu credo, outros todavia

mostraram os seus «interesses mesquinhos e egoistas, sem a autoridade dos caracteres sem macula que não se compram nem se vendem».

Eles são conhecidos, esses renegados sem vergonha, que rasgaram o manifesto assinado, e que foram lançar-se aos pés da realza, quer no meio tumultuario da capital, quer no socego da provincia.

Todos nós os vemos, satisfeitos e felizes, passeando a sua infamia, arrogantes malandrins sem dignidade moral, enxovalhadores da consciencia familiar, escarrando na propria alma.

Eles apelaram para a Revolução, mas vieram a apelar para a barriga.

Não se deixavam comprar nem se vendiam, mas foram comprados e venderam-se!

As suas consciencias são mais sujas que os trapos dos barris de lixo. Não são homens que corem deante d'estas palavras? Que importa? Ellas não deixam de ser menos verdadeiras por isso. Antes pelo contrario. Se corassem, tinham vergonha.

Eles são: Agostinho de Campos, atual diretor de instrução publica, agarrado ás abas de João Franco, vivendo á custa da realza, pregando monarchismo;

Cunha e Costa, ás ordens de Silva Graça, o traidor, de Silva Graça que corrompe e explora o publico com o seu doutrinarismo pifio das colunas do *Seculo*;

Mario Monteiro, deputado furioso e inutil, berrando e gesticulando como arlequin vadio;

Alberto d'Oliveira, vivendo á custa da diplomacia, sem se preocupar com a «exploração da dinastia de Bragança»;

E, dos outros, ainda ha a destacar tres que estão escondidos na provincia, calladinhos como ratos, mas como ratos dentro de queijo.

Fortunato Jorge Guimarães, saboreando as paisagens do Minho, bem se importa elle agora que seja precisa ou não a Revolução; e Guimarães, a antiga cidade, a patria do sabio Martins Sarmiento, até essa deu logo dois que não puzeram escrupulo em assinar um manifesto revolucionario para terem de rasgar-o quando a sua falta de carater se impozesse triunfante.

Antonio Vicente Leal Sampaio, atual delegado do ministerio publico, rebolando-se vermelho e oleoso, pardal satisfeito e farto; e Antonio Batista Leite de Faria, medico e proprietario, curando dos corpos e das vinhas, mas deixando na miseria e na doenca o paiz que a «dinastia de Bragança explora».

Outros ha. Desculpem-nos elles a omissão. Estes bastam. E' o numero sufficiente para demonstrar a corrupção moral a que a monarchia nos levou, impudicamente e vergonhosamente.

Esse manifesto é o sintoma duma epoca, e o castigo da indignidade de alguns.

Como sintoma de uma epoca, elle mostra a efervescencia produzida pelos atentados da monarchia, e a revolta contra os actos duma dinastia criminosa e baixa; como castigo da indignidade de alguns, elle aponta-os á execração publica, como traidores e como infames!

Dr. Antonio José d'Almeida

Tem estado doente este nosso illustre correligionario e por isso não tem podido assistir ás sessões da camara.

Desejamos-lhe um rapido e completo restabelecimento.

Estab. Ind. Pharm. "Souza Soares,"

(NO BRAZIL E NA EUROPA)

Devidamente legalizado em Portugal e distinguido com um premio de Honra de 1.ª classe e cinco medalhas de Ouro, na America de Norte, Franca e Brazil, pela perfeita manipulação e eficacia dos seus productos medicinaes:



PEITORAL DE CAMBARÁ

(Registado)

(Marca registada)

Cura prompta e radicalmente as tosses ou rouquidões; Cura a laringite; Cura perfeitamente a bronchite aguda ou chronica, simples ou astmatica; Cura a tísica pulmonar, como o provam numerosos attestados medicos e particulares; Cura incontestavelmente a asthma, molestia difficil de ser debellada por outros meios; Cura admiravelmente a coqueluche, e, pelo seu gosto agradável, é apete-cido pelas creanças. Frasco, 1\$000 réis; 3 frascos, 2\$700 réis.

PASTILHAS DA VIDA

(Registado)

Combatem o fastio, a azia, a gastralgia, as náuseas e vomitos, o enjôo do mar, o mau halito, a flatulencia e a dilatação do estomago. São de grande eficacia nas molestias do utero e da pelle, na fraqueza dos nervos e do sangue. Caixa, 600 réis; 6 caixas, 3\$240 réis.

36 Remedios Especificos em pilulas saccharinas

(Registados)

Estes medicamentos curam com rapidez e inoffensividade: Febres em geral; Molestias nervosas, da pelle, das vias respiratorias, do estomago, dos intestinos, dos orgãos urinaes; Molestias das senhoras e das creanças; Dores em geral; Inflamações e congestões; Impurezas do sangue; Fraqueza e suas consequencias. Frasco, 500 réis; 6 frascos, 2\$700 réis.

Consultem o livro — O Novo Medico — pelo Visconde Souza Soares, á venda nos depositos dos remedios do auctor. Preço: brochado 200 réis, encadernado 500 réis.

Medicamentos homeopaticos garantidos, avulsos e em caixas de diversos tamanhos

1 Tubo com globulos 200 réis; duzia 2\$160.
1 Frasco com tintura 3.ª ou 5.ª 400 réis; duzia 4\$320.
1 Dito com trituração 3.ª 700 réis; duzia 7\$560.
Vêde os preços correntes, o Auxilio Homeopatico ou O Medico de Casa e a Nova Guia Homeopatica, pelo Visconde Souza Soares.

Estes productos vendem-se em Coimbra na drogaria de Rodrigues da Silva & C.ª — Rua Ferreira Borges, 36. Deposito geral em Portugal — Porto, rua Santa Catharina, 1503.

Aviso importante

O Estabelecimento tem medico habilitado, encarregado de responder gratuitamente a qualquer consulta por escripto, sobre o tratamento e applicação destes remedios.

Ferragem para toldo

Vende-se uma para tres portas. Merceria Avenida. Largo do Principe D. Carlos, 51 — Coimbra.

Companhia de Seguros Reformadora

A unica que em Portugal efetua seguros postaes, para todas as cabeças de districtos e comarcas.

Correspondentes: Gaito & Canas Coimbra

Sumo do Alemejo

Recebeu mais uma remessa da maxima qualidade, de que é uma revendedora em Coimbra, a Merceria Luzitana.

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portuguezes, á venda na

Merceria LUZITANA (Depósito unico em Coimbra)

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA NA Merceria LUZITANA

PAPELARIA CENTRAL

Rua Visconde da Luz — Coimbra

Pianos GAVEAU

Recebidos directamente de Paris, vendem-se nesta casa pelos preços da fabrica e recebem-se pianos em troca. — pedir catalogos e condições de venda. Um completo sortimento d'aparelhos e todo o material preciso para a fotografia, que recebe dos principaes fabricantes e vende pelos preços mais baratos.

Grande edição de bilhetos postaes illustrados

De Coimbra, Vizeu, Aveiro, Castelo Branco, Covilhã, Amarante, Beja, Mirandela, Serra d'Estrela, etc.

Papelaria Borges

COIMBRA

A CONSTRUTORA

ESTRADA DA BEIRA

COIMBRA

MADERAS nacionais e estrangeiras: riga, flandres, mogno, vinhático, pau preto, nogueira, castanho, plátano choupo, eucalipto e pinho em todas as dimensões. Têlha marselha e portugueza, tijoulos, louza para coberturas e em todas as suas applicações. Cimentos de diversas marcas, cáil idráulica e jesso. Louças sanitarias. Azulejos. Manilhas de grés e barro. Ferragens para construcções civis, pregaria, ferro, chumbo, zinco, estanho e ferro zincado etc. Laca Japoneza, tinta de esmalte para ferro e madeira. Oleos, tintas, vernizes, pinceis, asfalto, etc.

Fabrico de ladrilhos poles

processos mais modernos

Encarrega-se de construcções completas ou pequenas reparações

Executam-se todos os trabalhos em carpintaria, marcenaria e serralharia, para o que tem sempre pessoal devidamente abilitado.

Alugão-se aparelhos para elevár materias até ao peso de 3:000 kilos. Vigamento de ferro. Concertos em pulverizadores. Tubos, discos, cones, esféras e todos os artigos em borracha proprios para pulverizadores de diversos autôres. Mangueiras em lona e borracha de todas as dimensões. Deposito de cofres á provas de fogo e logões de ferro.

CASA MEMORIA

SUCURSAL EM COIMBRA

Rua Visconde da Luz, 1

Praça 8 de Maio, 10

Esta casa continúa a fornecer ao público as suas acreditadas máquinhas de costura Memoria. Têm todos os modelos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que é mais perfeito.

Ninguem cempre sem vizitar esta antiga e acreditada casa, para se certificar da qualidade e preços destas máquinhas que nenhuma outra se pôde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a Memoria com tantas outras que por aí se vendom. Vendem-se a prestação e a pronto pagamento. Aceitão-se máquinhas usadas em troca pelo seu justo valôr.

Pianos

Esta casa acaba de receber importantes remessas de pianos alemães e francezes que vende a pronto pagamento por serem importados directamente dos fabricantes; vendom-se ao público em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitão-se pianos em trocas e comprão-se pianos usados.

A sempre quantidades de piano para alugar.

CONSULTORIO DENTARIO

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

Herculano de Carvalho

Médico pela Universidade

Consultas das 9 horas da manhã ás 4 horas da tarde, em todos os dias uteis,

PASTELARIA E CONFETARIA TELLES

150 Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

Doces de ovos com os mais finos recheios. Doces de fructa de diversas qualidades, açoos e cristalizados. Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especialmente os de folhado.

Galantines diversas. Tête d'Achar. Patê de Lievre e Foie.

Sauçisses. Pudings de diversas qualidades, visto-samente enfeitados. Pão de ló, pelo sistema de Margatide.

Especialidade em vinhos generozos e licore finos das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos productos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32

CAÇADORES

O mais importante estabelecimento de espingardas, carabinas, revolveres e munições, é o de JOAO GOMES MOREIRA, rua de Ferreira Borges — Coimbra — Sucursal na Figueira da Foz (em frente ao Casino Mondego).

ARMAS EM DEPOSITO

Espingardas ideaes — da manufatura de Saint-Etienne, Ga and Elite, Francesa, Francotts, Remington, Bernard, manufatura Liegel aus Carabinas — La Francott, Popular, Winchester, Colts, etc.

Revolveres — Galand, Saint-Etienne, Smith Werson, Vello-Doges, etc., etc.

Pistolas — Mauzer, Browing, Gaulcis, etc., etc.

Munições de todos os calibres e qualidades

Mandam-se vir armas de qualquer fabricante, como por exemplo: Holland & Holland, Puy, Dierrdsen, Grecur, etc.

A NACIONAL

Companhia portugueza de seguros sobre a vida humana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital — 200.000\$000 réis

Seguros de vida inteira. Temporarios. Mixtos. Praso Fixo. Combinados e supervivencia, com ou sem participação nos lucros da Companhia.

Capitacs differidos e Rendas vitalicias immediatas, differidas e temporarias, com ou sem contra-seguro.

Agencias nas cidades e principaes villas do pais.

Para informações e tarifas dirigi-se á sede:

Praça do Duque da Terceira, 11-13 — LISBOA

Agencia de Coimbra:

Travessa de Mont'Arroio, 35 ou na Praça do Comercio, 58.

Repara Lê

Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipações, bronquites, rouquidões, asma, tosses, coqueluche, influenza e outros encomodos dos orgãos respiratorios.

Se atenuão sempre, e curão as mais das vezes com o uso dos Sacarolides d'alcatrão, compostos (Rebuçados Milagrosos) onde os efeitos maravilhosos do alcatrão, jenuinamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidencião em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons resultados obtidoa com uso dos Sacharolides d'alcatrão, compostos (Rebuçados Milagrosos) são confirmados, não só por milhares de pessoas que os teem usado, mas tambem por abalizados facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lazaro

PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

"RESISTENCIA"

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno..... 2\$700
Semestre..... 1\$350
Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 2\$400
Semestre..... 1\$200
Trimestre..... 600

Brasil e Africa, anno..... 3\$600
Ilhas adjacentes, 3\$000

Numero avulso 40 réis

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto 50%.

Comunicados, cada linha..... 40
Réclames, cada linha..... 60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa esta jornaal for honrado.

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redacção e administração — RUA FERREIRA BORGES

Officina tipographica

12 — Rua da Moeda — 14

N.º 1458

COIMBRA

Domingo, 18 de novembro de 1906

12.º ANNO

O nosso correligionario conselho João Franco

Vae um grande pavor na monarchia. Mintze — out' ora tão aprumado — inclina como coluna mal segura e já impropria a prevenir desabamentos.

José Luciano ora distrae a vista pelas terras da Anadía, ora aparece no terreno de Mira, sorrindo do canto, naquele prazer d'alma pequena em maré de pagar agravos — assim é laia de quem confronta as pernas lassas com os membros frouxos da monarchia exangue.

E no entretanto João Franco, perdida aquela força arremete que lhe documentou os ultimos combates antes do poder ou transige ou tergiversa.

Como porém sucede que é indomável a força unica da nacionalidade portugueza — a acção do partido republicano — ali desatam todos a caramunhar que o que se passa um escandalo, que o atual presidente do conselho apressa a revolução, e é hoje quem mais em Portugal serve a Republica.

Orá isto é verdade.

Mas póde dizer-se privilegio do atual chefe do governo este serviço?

De modo nenhum.

Em Portugal, disse ha muito alguém, são os monarchicos quem mais promovem a Republica.

João Franco mais que todos, de certo, porque preside a um ministerio de prova — chamado para tentar salvação.

Está experimentado. — Liquidou. — Os esperaçados inteiramente.

Sabem hoje o que vale a liberdade na boca e na acção monarchica.

Quanto a João Franco republicano, ainda não.

Reste que expurgue de si os velhos preconceitos monarchicos — que volta a Suíssa e veja em geral no estrangeiro a utilidade e valor do governo do povo pelo povo.

De resto, que ponha de lado o velho sofisma constitucional aposto a uma casa privilegiada.

No catholicismo exige-se confissão e bem contrita para entrar na comunhão espiritual da ideia religiosa.

Assim na ideia republicana — religião da patria.

Ainda naquella hypothese — a do catholicismo — os seus apóstolos recomendam cuidado para o caso sempre provavel duma morte proxima.

Tambem no caso do sr. Franco lembramos a hypothese duma queda ministerial ou morte proxima — de que porventura resuscitará para a ideia Nova.

Sim, a queda é certa e provavelmente breve.

Oxalá João Franco não liquide em peccado mortal que o iniba de ser iniciado na era nova que começa a abrir-se-lhe.

Partido Republicano

Reuniu em assembleia geral no domingo transacto, ás 7 horas da tarde, o partido republicano desta cidade. Presidiu o cidadão Angelo Fonseca.

Foi dada como ordem do dia — prestação de contas da antiga gerência do centro.

Foi nomeada uma comissão, composta de sete membros destinada a emitir parecer sobre as contas apresentadas.

O partido volta a reunir-se hoje ás 8 horas da noite.

Antes e depois da ordem do dia fallaram varios oradores sobre questões de recenseamento eleitoral, nova instalação do centro, assistencia medica e judiciaria, etc., etc.

Foram dados plenos poderes á Comissão Municipal para, em nome do partido local, enviar duas mensagens: uma aos deputados republicanos pelo modo como têm desempenhado o seu mandato no parlamento, exhortando-os a uma campanha cada vez mais violenta, e outra de congratulação aos republicanos do Porto pelo triumpho alcançado pelas ideias democraticas na ultima eleição camarária.

A sessão começou ás 9 e meia horas da noite.

CORONEL FREIRE DE ANDRADE

Um acontecimento emocionante acaba de enlutar a cidade — a morte inesperada de Freire de Andrade.

O facto foi acolhido por toda a gente com surpresa — destas surpresas que nos entristecem, quando vemos partir os homens que mais se empenham pelo desenvolvimento e progresso da nossa terra.

O reconhecimento de Coimbra á memoria deste cidadão, ha de patentear-se dentro em pouco na praça publica, quando o seu sonho se tiver efetivado — sonho que infelizmente não chegou a realizar-se durante a sua vida. Então, as linguas viperinas não de concordar comosito e dizer: se não fôra a audacia, o trabalho metódico e persistente do coronel Andrade, Coimbra nunca teria um sistema moderno de tração, que incontestavelmente a vae colocar em condições economicas exceciones.

Então, quando alguém pretender cobrir-se com loiros, sefremos á estacada entregando a palma á memoria do extinto benemérito.

Como é vergonhoso reconhecer em nome da verdadeira justiça, quanto sobrelava a obra, que é puramente individual, deste homem, quando a confrontamos com a dos fraldiqueiros da governação politica local!

E que Coimbra tem sido sempre, sempre ludibriada pelos politicos caseiros e cobardemente desprezada pelos altos funcionarios do Estado.

Tanto é certo isto, quanto mais realça o nome do coronel Andrade.

Lastimando deveras o seu triste passamento, daqui enoviamos o nosso cartão de pezames á familia enlutada.

Associação das artes graficas

Reuniu na quinta-feira, em sessão ordinaria, a comissão organizadora desta novel coletividade, que tão bem acolhida tem sido por todos os graficos, o que atesta o número de admissões que todas as sessões se fazem, e que já se elevam a perto de 100, resolvendo seadur á Liga das Artes Graficas, de Braga, pela sua reorganização, e promover os meios de angariar donativos para a aquisição de mobiliario, afim de proceder á sua instalação.

DE LISBOA

14 de novembro

Ante-hontem de manhã ao abrir a janella do meu quarto um ventosinho aspero, cortado duma chuva impertinente e fria veio dar-me um arrepio prolongado.

O ceu estava coberto de pesadas nuvens d'agua, como d'algodão que a chuva empasse em cinza e, na rua, por entre a treva fôca de fog londrino o impreciso dos vultos movediços, das carruagens que passavam, esparrinhando alto a lama das rodas, tinha o quer que fosse de arrepiante e de transido, como o aspêto limoso dum charco que apodrece.

Foi com esta impressão que eu saí para me dirigir á camara alta, onde estava anunciado um discurso sensacional do sr. João Arroio. Ao subir a rampa que conduz ao velho convento beneditino fugi, quasi ce, para não ser atropelado pela carruagem dum ministro que a subia tambem, com o correo choutando atrás numa pileca triste. Fiquei salpicado de lama e ao entrar na galeria da camara já no meu espirito as ideias se baralhavam e perante os meus olhos, velados da nevoa espessa e viscosa do dia, as coisas tomavam um aspêto uniforme, sujo, sem recorte e sem liandidez.

A penumbra triste da sala, o tom escuro da mobilia, a lividez das fisionomias daquella porção de sombras que enchia o hemisclio, aumentou ainda mais a minha perturbação.

A sessão não abria ainda. Cochichava-se baixinho, em varios grupos, nos recantos mais escuros e um zumbir insistente, continuo, monotono subia lá de baixo até aos meus ouvidos. E foi então que, por uma curiosa obsessão dos sentidos, na especie de somnolência amodorrante em que fui aos poucos caindo, me pareceu ver no tapete da sala uma ligeira camada de lama, da mesma lama que na rua vira, ir-se ilustrando, alastrando como uma maré lenta que sobe.

Das paredes lama escorria em fio lento que engrossava aos poucos e, ao voltar os olhos para as portas, eu vi uma onda avassaladora de lodo viscoso e negro avolumar, encher, irromper a subnas na sala; inundando tudo, cobrindo tudo, as carteiras, os vultos dos parés, os degraus da tribuna, até ao quadro de oleo que ao fundo, sobre o estrado da presidencia, representava um vulto indeciso sobre um fundo escuro, a que apenas distinguia o contorno dum manto vermelho descendo-lhe dos hombros até aos pés.

E — extranho poder da illusão! — logo á meus olhos os vultos negros de ha pouco se transformaram em rês enormes que mergulhavam de pincles, refastelando-se, contentes e buliçosas, no alto mar de lama que crescia.

Uma delas, a maior de todas, destacou-se das outras, coxando mais alto, assustando todas as demais, fazendo-as refluir esporavidas, como se um perigo as ameaçasse.

E o motivo do panico era que, á medida que o coxar da rã mais gorda se tornava mais impertinente, o quadro do fundo, representando o vulto do manto e do sceptro, oscillava, estremecia, ameaçava aluir com estrondo, esmagando as sob o seu peso enorme. E neste momento um alto alarido de terror se levantou. Algumas fugiram aodadas, no pavor da catastrofe.

Parecia-me entende-las a pedir á oradora: não digas mais! não falees mais! se continuas desaba o quadro e nós morreremos todas!

E então a rã mais gorda, a mais viscosa, a que mais se enchea da lama em que falava, calou-se.

Não poudé suportar mais tempo a

alucinação e num esforço para me libertar do pesadelo saí.

Só cá fora poudé reflectir, coordenar ideias, colher informações e desfeita a illusão vi que afinal assistira simplesmente a um discurso do sr. João Arroio na camara alta e que toda aquella fantasmagoria de rês, de lama, do quadro que ameaçava desabar não era mais que uma sessão do parlamento portuguez, nas ultimas horas da agonia dum regimen.

E como quer que, apesar de tudo, ainda não me refizesse por inteiro da emoção, perdoem os meus leitores se eu me fico por aqui e não lhes dou noticias do que por cá haja de interessante.

Ficará isso para a proxima carta.

GAVROCHE.

ÉCOS

AMBROSIO DAS MERCÊS

Este nosso colega do *Illustrado*, distinto deputado da maioria governamental e incontestavelmente um dos mais prometedores talentos literarios da Beira Baixa vae em breve publicar, editado pela conhecida livraria do nosso amigo França Amado, um romance intitulado *Amidal Soares*, com o substituto *memorias dum videirinho*, que é esperado ansiosamente no nosso meio literario por se saber o amoroso cuidado com que o tratou o seu autor e a sua absoluta identificação com o seu personagem.

A *Era Nova*, jornal da concentração que serve na imprensa para os alivios de bexiga do sr. José Luciano, diz, num dos seus ultimos numeros, que a concentração tem por seu lado os mais valiosos elementos da nação.

E' verdade. Todos aquelles que ou por degenerescencia mental abandonarem os seu principios ou por insufficiencias de caracter abdicaram de propósitos honestos, lá estão.

E nós conhecemo-los bem.

O *Diario Illustrado*, comovido com o discurso do sr. João Franco, que quer pôr em dia as dividas da casa real, chama que o presidente do conselho falou com a fê dum *iluminado*.

Nós entendemos que quem deve iluminar é a casa real que (a pobre da dação) se limita a estar quasi eliminada pela successão de esbanjamentos á sua custa.

O sr. conselheiro João Franco afirmou que vae pôr em dia as dividas da casa real.

Em dia, não. Em annos é que deve ser!

Ambrosio das Mercês, cumprindo aquelle frete de elogiar o presidente do conselho, a proposito de tudo, diz que a fala do sr. João Franco foi dum estadista moderno.

Não ha duvida, o sr. José Luciano sempre é mais velho!

Oreche

O sr. Bispo-Condé, enviou á Creche o donativo de 20000 réis.

O sr. visconde d'Alverca tambem ofereceu a esta sympathica instituição a quantia de 190300 réis, importância do concerto produzido pelos estragos feitos á sua carruagem, por um cocheiro da alquitaria Porfírio, quando este guiava um carro.

O *Diario do Governo* publica hoje a portaria, mandando abrir á exploração o caminho de ferro da Louzã,

ILHA DO PRINCIPE

Ex.^{ma} sr. redator. — Cumpre-nos agradecer a v. ex.^{ma} o bom acolhimento que se dignou dispensar-nos dando inserção no seu denodado jornal á nossa correspondencia ultima que alguma coisa de benéfico trouxe para esta maldadada ilha.

A digna vereação municipal, atendendo á nossa reclamação, affixou editos nos quaes torna publico que precisando a camara de mudar o tribunal e mais repartições para casa conveniente e apropriada, se recebem propostas para esse fim, na secretaria da mesma camara, até ao dia 15 do corrente.

Até aqui muito bem.

Mas... parece-nos que a ex.^{ma} vereação não toma as suas resoluções com cordura e bom senso.

Notamos um quanto ou tanto de levandade nas suas deliberações, que demandam mais estudo e circumspecção.

Até hoje, para ajudar a viver, aquelle advogado de sorriso aversalhado e cara alvar de que já nos ocupamos, e a que o nosso antecessor nestas crónicas chamava «Rosa do Monte», alojava-se a camara e dependencias, tribunal e anexados, curadoria e conservatoria, numa casa de madeira, especie de barraca de feira, com cinco compartimentos. Agora exige a camara, dos senhores proprietarios, uma casa onde se instalem «devidamente» todas aquellas repartições, em compartimentos separados, e mais... as escolas do sexo feminino e masculino!

Foram d'um polo ao outro estes senhores vereadores.

Ou será para que não apareça casa nas condições exigidas e o bom do nosso advogado continue recebendo os taes 600000 réis por mez de renda da sua barraca?

Tudo é possível nesta terra de favortismos quando demaia o amheiro esbanjador não é nosso.

Ganhou tambem a «patria amada» com aquella nossa correspondencia. O nosso bom amigo «Patunha» deixou de ter predileção para a Maria Cachuchas e passou a assobiar o «Hino da Restauração» com todas as notas e repençados.

O caro e illustre dr. juiz municipal deixou tambem aquelle seu sar de fazedor e a sala do tribunal de ser cartorio e gabinete de s. ex.^{ma}

Conservam-se ainda os cortinados flamejantes mas o tribunal já só abre as suas portas em dias de serviço.

Quem perdeu o socego foi o tal maledicente Francisco José de Lima e Sousa. O pobre do homem tem visões. Sonha de noite com a *Resistencia* e em tudo vê á catanada que apanhou para emendar e pôr cobro na lingua viperina.

A nós diz, segundo nos informam, que ha de cortar a mão direita, depois... os braços, as pernas, a cabeça, finalmente o bocado maior que tencionava deixar-nos são as orelhas.

Vamos pôr a vida no seguro. Faleceu no mez findo o sr. Antonio Pinto Guimarães, administrador da importantissima roça «Futuro», do ex.^{ma} sr. Francisco Antonio Moreira, digno chefe da delegação aduaneira d'esta ilha.

O infeliz rapaz, que contava pouco mais de 30 annos, perdeu aos estragos d'um tetano, sendo baldado todos os esforços empregados para o salvar.

Ha muito que tinhamos as relações cortadas com o finado, que nunca foram muito estreitas, mas isso não nos impede de lamentarmos tão triste acontecimento.

Militávamos em campos contrarios, é certo; ele era esclavagista, ou pelos esclavagistas, nós contra; ele era contra os pretos, a quem abominava, nós a favor. Isso nos separou.

E afinal, vejamos os acasos da natureza, lá repousa perpetuamente o desventurado moço no meio d'aquelles a quem tanto odiou e a quem tanto mal fez! Que descanse em paz.

E aproveitando o falar em mortos occorre-nos dizer alguma coisa sobre o cemiterio d'esta vila.

V. ex.^{ca}, sr. redator, por muito que fantasia, não pôde, nem por sombras, fazer ideia do que seja o cemiterio da cidade de Santo Antonio, da ilha do Principe.

E o que é mais: nós tambem não sabemos dizer-lho porque nos falta competencia para descrever o quanto de criminoso ha no procedimento de quem deixa chegar a estado tão lastimoso o lugar que todos estamos sujeitos a ir habitar até a consumação dos seculos.

Ha dias mandamos enterrar uma servical da roça a nosso cargo, e como não fosse de corpo á terra, mas sim dentro d'um caixão, não coube no coval que lhe tinham destinado.

E quer V. Ex.^{ca} saber como resolveram o caso? obrigaram os serviços, portadores do cadaver, a abrir nova cova, ou a alargar a já feita, isto é, «quererem sepultar o corpo», como declarou o respetivo guarda, ao portador da licença!

Não é este um caso isolado, muitos outros se praticam de igual jeaz.

Mas o que mais repugna é o abandonado em que se conserva tal lugar pelo qual se não nutre o menor respeito. Permite-se que dentro do cemiterio, o respetivo guarda cultive bananas, mandioca, mamão, milho, etc.; que o capim medre livremente, transformando o «Campo Santo» numa pequena roça.

Não se lembrarão os senhores edis da ilha do Principe que ainda podem ir «alimentar» com os saes, carboné e hidrogenéo, de que são compostos, as bananas do senhor guarda do cemiterio?

Chamamos a atenção de suas ex.^{ccas} para este assunto, e estamos certos que prontas providencias se adotarão no sentido de se melhorar tal estado de coisas, havendo em vista que a estrada que va da cidade ao cemiterio, precisa ser, pelo menos, capinada, afim de que sem embaraços por ali se possa passar, o que agora se torna quasi impossível.

Alguns reparos vem merecendo ha já tempos a repartição do correio desta ilha, da qual nos não temos occupado por simples referencia para com o sr. director do mesmo, que merece a nossa consideração pela maneira independente como nesta terra se tem guiado. Porém, os serviços taes quaes estão não podem continuar porque não correspondem, como deviam, aos sacrificios do publico em geral, acarretando-lhe serios e graves transtornos.

Não é difficil entrarem neste porto, no mesmo dia, dois paquetes, um vindo do norte e outro do sul, e muito mais facil é ainda ficar o publico sem correspondencia nesse dia, quer dum, quer doutro, salvo aquelles que têm a liberdade de ir á cidade, ou quem lá mandem, ou os que ali habitam. D'ahi o não se poder responder pela mala no porto, ás cartas recebidas, e quantas vezes essa falta não traz prejuizos incalculaveis á muita gente.

Sabemos que o pessoal do correio é diminuto e o quanto é de estúpido o serviço em dias de paquete, alem de fatigante! Por infelicidade nossa já fomos empregados nessa repartição. Não culpamos por esse facto, e neste ponto, o sr. director, mas é certo que ha ali um distribuidor, que, afinal, não distribue nada.

Tambem somos contra a leitura das cartas na chegada dos vapores. Isso dá occasião a que, na balburdia, uns recebam ás cartas dos outros e que se esqueçam de as entregar. E' talvez por esse motivo que estamos a ouvir queixas constantes de faltas de correspondencia, mormente jornaes.

Tambem votamos contra a entrada a dentro do lugar reservado do correio a individuos estranhos a essa repartição. Bem será que tal uso acabe para... não haver que dizer.

O sr. governador do distrito, com toda a sua influencia, podia bem crear as caixas definitivas, teimar na vinda de um-fiel, regularmente remunerado, continuar um distribuidor, mas que distribuia; acabar com a tal leitura por impropria e inconviniente, dando assim ao sr. Picaluga margem a bem gerir o serviço a seu cargo.

Esperamos que assim aconteça final-

dos nos bons officios do sr. Ferreira dos Santos, que sempre mostrou certo interesse em bem governar.

Permita-me, por ultimo, ex.^{ca} sr. redator, que rectifique uma frase da nossa ultima e primeira correspondencia. Aonde se lê: — «um lobo e um galego» deve ler-se: — um lobo e, etc.

Não podiamos por principio algum deixar fóra d'aquelle ramalhete semelhante animalejo. Que nos perdoe o interessado a falta involuntaria.

Principe, 15 de setembro.

Urbano Junior.

Folha do Povo

Reapareceu este jornal que tinha suspenso por ter mudado de empreza.

Felicitemos a Folha do Povo pelo seu reaparecimento e pela sua nova orientação.

A Folha do Povo é o jornal successor do Trinta e o mais antigo do partido republicano. Tem tradições que não pôde esquecer e a sua orientação deve moldar-se politicamente pela que lhe imprimiu Cecilio Sousa.

Se assim fizer readquirirá o prestigio que gozou no tempo em que, numa campanha formidavel, evitou que Lourenço Marques, fosse entregue á Inglaterra.

Literatura

Sabemos que o sr. visconde de Vila-Moura, já conhecido nas letras portuguezas, anda trabalhando numa obra de critica e de doutrina que brevemente sahira á luz.

D'este lugar, e porque muito prezamos quem estuda e quem quer ser alguma coisa, lhe pedimos a cedencia d'algum excerpto d'esse seu futuro livro, pelo que muito lhe agradecemos e muito nos agradecerão os leitores que por obras de espirito se interessam.

A sua brochura A Moral na Religião e na Arts é a demonstração d'um espirito culto e claré e a garantia de que do seu cerebro pôdem sair obras de valor.

Nesta época de improdutividade de obras sãs e uteis, é uma alegria podermos encontrar alguém que vive trabalhando e estudando.

Livros novos

Da acreditada casa editora, de Lisboa — Guimarães & C.^{ca}, recebemos os volumes III a VI, das obras do primoroso escritor Alexandre Dumas — Memorias dum medico — que é mais um alto e poderoso testemunho da sua individualidade literaria.

Este romance, já conhecido por toda a parte, como uma obra de leitura empolgante, está publicando a primeira parte que se intitula — José Balsamino.

Constituem as Memorias dum medico uma magnifica coleção que se pôde adquirir pela modica quantia de 200 réis cada volume.

A mesma casa tambem nos enviou mais dois volumes da — Coleção Horás de Leitura.

São elles: Um concheiro de solteiro, de Balzac, tradução de Beldemónio; Sapho, de Alfonso Daudet, tradução de Eugenio Vieira, respectivamente os n.ºs 32 e 33 desta coleção que é muito interessante e bem o prova a grande popularidade obtida, e que muito aproveitará a quem a ela recorrer.

Esta importante casa é digna de todo o auxilio do publico pelos relevantes serviços que tem prestado e promete continuar a prestar á literatura, pois que as duas coleções a que nos acabamos de referir, formam uma importante e proveitosa biblioteca, por um preço relativamente insignificante, pois que cada volume custa apenas 200 réis.

Esta conceituada casa tem para breve a publicação de mais alguns volumes, que farão parte desta coleção, figurando entre elles o conhecidissimo romance em segunda edição — A dama das camelias — de Dumas (filho), que tão grande successo tem obtido.

Os pedidos de qualquer volume destas duas coleções, podem ser feitos á casa editora de Guimarães & C.^{ca} — Rua de S. Roque, 58 a 70 — Lisboa, ou em Coimbra, á conhecida Agencia de Publicações, do sr. Pinto dos Santos.

MENSAGENS

Aos cidadãos

Dr. Antonio José d'Almeida

Dr. Afon Costa

Dr. Alexandre Braga

Dr. João de Menezes

(Deputados por Lisboa)

Porque desde o principio da legislatura corrente, o Partido Republicano vê em vós a guarda avançada do regimen que hoje todos desejam, e porque nos actos que a vossa intelligencia serve e determina, tendes posto o melhor da vossa honestissima vontade, deliberou o povo republicano de Coimbra representado pelos corpos eleitos, patentear-vos a sua adesão á causa abraçada por todos os que merecem o nome de portuguezes — e que vós muito assignaladamente comprehendeis e servis.

Esta mensagem é a expressão das afidelidades que a nós nos unem. Mais do que isso uma colaboração sentida por parte de quem hoje vos dá o seu apoio moral e vos promete para amanhã serviço efectivo incondicional no labor do regimen a começar.

Não nos prestamos a encarecer o alto serviço da vossa palavra no parlamento — onde até agora em geral tem entrado o favor, a transigencia e a veniaga — na pessoa dos nulos ou ambiciosos — ferretados com a designação de monarchicos.

De facto, a vós se deve o grito levantado d'uma intransigencia nova — garantida pela autoridade d'um passado honesto e d'uma ação que não tergiversa.

Esta ação compete, é claro, com interesses velhos — e d'ahi o panico e odio monarchico por vossa e nossa causa. E' que a cremação começa, e não se vê de bons olhos a labareda esterilizante que opomos a esse corpo apodrecente que se chama monarchia.

Seja como for continuas, porque em vós pomos, nesta hora, o melhor da nossa adesão — certos como estamos da valia do vosso talento e esforgo na causa que a todos abraça.

Saude e fraternidade.

Coimbra, 17 de novembro de 1906.

O cidadão presidente da comissão municipal republicana, Angelo Fonseca.

Ao cidadão presidente da nova camara municipal do Porto

O povo republicano de Coimbra, representado pelos corpos eleitos resolveu votar uma mensagem de adesão e aplauso á gorença que a futura direção municipal se propoz.

Porque o povo republicano de Coimbra acredita no programma independente que tracejastes e ainda mais vê e conclue da vossa eleição — expressão livre do voto consciente da cidade no arranjo de uma Corporação que pôde dizer sua, como representante que é das suas aspirações e vontade.

De facto, desde muito que o Porto geralmente conhecido como o berço das liberdades portuguezas precisava ainda mais do que melhoramentos utilitarios que em occasões apertadas os governos lhe prometiam, do saneamento moral que vos seguir-se e que estava reservado á vossa autoridade e trabalho.

Não esquece sobretudo o partido republicano a significação que têm os nomes dos nossos correligionarios a que a cidade deu ingresso — aquilitando de certo na pessoa d'eles o valor do regimen por que trabalhamos.

E' em todo o caso na pessoa do illustre cidadão, muito digno presidente escolhido d'uma tão honesta quão esperançosa Corporação, que depomos esta mensagem de adesão e tambem de reconhecimento para a cidade que representaes.

Vae nela o melhor do nosso aplauso pelo intuito generoso e digno que transparece do nosso programma e de que o nosso nome e passado são rubrica bastantemente abonatoria.

Saude e fraternidade.

Coimbra, 17 de novembro de 1906.

O cidadão presidente da comissão republicana municipal de Coimbra, Angelo Fonseca.

Julgamento

O julgamento dos supostos autores do crime de assassinato de Antonio Mano, que começou na sexta-feira, ainda não estava concluido á hora que hontem o nosso jornal entrava na machina.

Correspondencia de Gouveia

ARCOZELO — Como este jornal noticiou realizou-se na passada quarta feira 7, nesta freguezia, a inauguração d'uma aula noturna, para adultos, promovida pela comissão parochial republicana e auxiliada pelo nosso presente correligionario, sr. Cassiano Ribeiro, de Coimbra.

Ao acto, que revestiu uma solennidade pouco vulgar em aldeias, assistiram mais de trezentas pessoas e falaram, entre outros, os membros da comissão parochial, srs. Joaquim d'Almeida Nunes Lobo e João Alves Saraiva.

Pelo sr. Lobo foi dito que aquele curso tinha por fim derramar a instrução no seio do povo, sem que este dispenda coisa alguma, e tudo o mais que para este fim precisasse; que a realisação d'este curso se devia ao cidadão Cassiano Ribeiro, por quem tinha sido perfilhada a ideia da sua realisação, não se poupando mesmo a sacrificios.

Em seguida falou o sr. João Saraiva, que num belo improviso demonstrou o valor da instrução popular, exortando o povo a aprender a ler, agora que tinha ao seu alcance os meios precisos.

Referindo-se depois ás utilidades que d'ali lhes adviriam, incitou-os a inscreverem os seus nomes e a frequentarem o curso com assiduidade, apresentando-lhes em seguida o seu professor, sr. Francisco Augusto Mendes Cabral, a quem tecerem justos e merecidos elogios.

O orador terminou levantando um caloroso viva ao cidadão Cassiano Ribeiro, que foi entusiasticamente aplaudido pelos assistentes.

E assim terminou esta festa, sempre em fraternal conviço e no meio do maior entusiasmo, mostrando o partido republicano que está disposto a lutar pelo bem do povo, que é tambem o da sua causa, e a levar a luz precisa ao espirito de todos, por meio da instrução.

São pois dignos dos maiores louvores os iniciadores de tão simpatica ideia e oxalá o povo saiba corresponder á sua espetativa.

O numero de alumnos inscritos até hoje sobe a 75, continuando porém a inscreverem se ainda mais.

A escola está funcionando numa parte da loja onde se acha instalado o estabelecimento do nosso amigo e correligionario sr. Joaquim d'Almeida Nunes Lobo, que da melhor vontade a cedeu para tal fim, sendo por isso digno dos maiores elogios.

Tração eléctrica

Já partiram da Alemanha os materiais para a montagem da tração eléctrica em Coimbra. As obras começam em janeiro.

Consta-nos que o edificio destinado á installação das maquinas é feito em cimento armado.

Sabemos tambem que os materiais encomendados são superiores aos existentes hoje em Lisboa e Porto.

Pediu licença, com subsidio, para ir a Berlim fazer o curso de aperfeiçoamento, em harmonia com o novo projecto da direção geral de instrução publica, o sr. Antonio Avelino, distinto professor de instrução primaria em S. Silvestre.

Desejamo-lhe uma feliz viagem e muito aproveitamento.

O conselho superior de obras publicas, vae brevemente emitir parecer sobre a conclusão de dois pavilhões, no pateo do museu da Universidade.

Diario da Tarde

Era d'este nosso prezado colega o artigo que publicámos no nosso jornal n.º 1:156, com o titulo Georges Clemenceau.

Almanach ilustrado

do jornal pedagogico EDUCACAO NACIONAL PARA 1906

A' venda em todas as livrarias e na livraria editora de Figueirinhas Junior, Porto. Preço 320 réis.

Carta do Rio de Janeiro

23-X-906.

(Continuada do numero 1156)

Chegado á Detenção o delegado incumbido do inquerito, fez logo arrolar as joias apreendidas, guardando-as para serem apresentadas ao seu proprietario sr. Jacob Fuoco, cumplice na horripilante tragedia da rua da Carioca.

Chegado mais tarde aquelle, o dr. Caetano Junior resolveu ouvir-o junto do Roca, que ia do novo ser interrogado.

Roca encarou com desprezo o sr. Jacob Fuoco.

A' medida que era inquerido, respondia, accentuando e frisando bem as suas frases.

— O senhor conhece o sr. Jacob Fuoco?

— Conheço, sim, como cumplice deste crime, comprador conhecido de contrabandos. Eu mesmo já lhe vendi muitos.

O sr. Jacob empalidece.

— Mentos!

— Minto eu! Olhe bem para mim e veja se me não reconhece! Não se lembra mais do relógio de ouro que lhe vendi? Dos 800 relógios de nichel, que recebi para lhe entregar? Sr. dr., este homem é conhecido na roda como comprador de contrabandos.

Depois de uma serie de perguntas, a autoridade intertraga-lhe se estava arrependido do que fizera.

Roca responde:

Arrependido! Por certo, se eu já estou perdido... Agora é esperar pelo resto. Eu só tomo o que me sahera aqui. Até agora nada comi...

Carleto, Roca e Epitacio, eis a quadrilha que operou!

José de Melo, mais conhecido por José Epitacio, por ter sido ha tempos ordenança do sr. dr. Epitacio Passos, então ministro do interior, é um pardo de trinta e poucos annos bem parecido, falando com facilidade, revelando alguma intelligencia.

José Epitacio, tendo dada baixa da brigada policial, entrou para a roda de maíandragem, tornando-se mais de uma vez criminoso.

Dando-se com gestunos e ladrões de todos os generos de trabalhos, José Epitacio emprestava-lhes mão forte para a execução do trabalhos sem, contudo, se filiar a certo e determinado genero de ladroagem.

Assim, tanto ele era batedor de carteiros como passador de moeda falsa, contrabandista e arrombador de portas. José Epitacio, preso quando passava uma cedilha falsa, foi condemnado a tres annos de prisão, cumpriudo a pena.

Na casa de Correção durante o tempo em que ali esteve recolhido teve occasião de ainda mais relacionar-se com toda a casta de malfeteiros, aperfeiçoando-se completamente no crime, em todas as modalidades e relacionando-se com os mais celebres ladrões existentes nesta capital, ali tambem detidos.

Obtendo á liberdade, José Epitacio uniu-se a «Carleto», um seu ex-companheiro de prisão e um dos mais temiveis ladrões arrombadores e sanguinarios, constituindo-se então uma quadrilha composta desses dois e mais de Eugenio Roca.

Homens intelligentes e corajosos, elegiam, ora como contrabandistas-ladroses do mar, ora como arrombadores de casas e bancos.

Mais de um produtivo e onusto assalto esta quadrilha operou, sendo isto um dos mais importantes o do roubo praticado na rua da Alfandega n.º 77, pertencente á firma Aloidios Barbosa & C.^{ca}

Proximo a Roca, os «reporters» falaram sobre o processo da fotografia da retina, dizendo que, na prova fotografica, nos olhos de Paulino havia aparecido o retrato de «Carleto». Roca, interrompendo a conversa, declarou:

Qual retina, nem moças retinas! Isso não aprova; pois, do contrario, o retrato que devia aparecer nos olhos de Paulino era o meu, porquanto estive em cima dele, encarando-o bastantemente, quando o estrangularam, isso cerca de uns 10 minutos, já vê...

A policia agora envia todos os esforços para capturar «Carleto», o outro sinistro heroe da tragedia.

Para S. Paulo, seguiram os inspetores Reis, Machado e Antenor, além do cumplice José «Epitacio», afim de procurar «Carleto», adl-ze-tribu-a epom

Estab. Ind. Pharm. “Souza Soares,”

(NO BRAZIL E NA EUROPA)



Devidamente legalizado em Portugal e distinguido com um premio de Honra de 1.ª classe e cinco medalhas de Ouro, na America do Norte, Franca e Brazil, pela perfeita manipulação e efficacia dos seus productos medicinas:

PEITORAL DE CAMBARÁ

(Registado)

Cura prompta e radicalmente as toases ou rouquidões;
Cura a laringite;
Cura perfectamente a bronchite aguda ou chronica, simples ou asthmatica;
Cura a tísica pulmonar, como o provam numerosos attestados medicos e particulares;
Cura incontestavelmente a asthma, molestia difficil de ser debellada por outros meios;
Cura admiravelmente a coqueluche, e, pelo seu gosto agradavel, é appetido pelas creanças.
Frasco, 1\$000 réis; 3 frascos, 1\$700 réis.

PASTILHAS DA VIDA

(Registado)

Combatem o fastio, a azia, a gastralgia, as nauseas e vomitos, o enjoo do mar, o mau halito, a flatulencia e a dilataçao do estomago. São de grande efficacia nas molestias do utero e da pelle, na fraqueza dos nervos e do sangue.
Caixa, 600 réis; 6 caixas, 3\$240 réis.

36 Remedios Especificos em pilulas saccharinas

(Registado)

Estes medicamentos curam com rapidez e inoffensividade:
Febres em geral;
Molestias nervosas, da pelle, das vias respiratorias, do estomago, dos intestinos, dos orgaos urinaes;
Molestias das senhoras e das creanças;
Dores em geral;
Inflamaçoes e congestoes;
Impurezas do sangue;
Fraqueza e suas consequencias.
Frasco, 500 réis; 8 frascos, 2\$700 réis.

Consultem o livro — O Novo Medico — pelo Visconde Souza Soares, 4 vendas nos depositos dos remedios do auctor. Preço: brochado 500 réis, encadernado 500 réis.

Medicamentos homeopaticos garantidos, avulsos e em caixas de diversos tamanhos

Tubo com globulos 200 réis; duzia 2\$160.
Frasco com tintura 3.ª ou 5.ª 400 réis; duzia 4\$320.
Diuo com trituracao 3.ª 700 réis; duzia 7\$560.
Vede os preços correntes, o Auxilio Homeopatico ou O Medico de Casa e a Nova Guia Homeopatica, pelo Visconde Souza Soares.

Estes productos vendem-se em Coimbra na drogaria de Rodrigues da Silva & C.ª — Rua Ferreira Borges, 36.
Deposito geral em Portugal — Porto, rua Santa Catharina, 1503.

Aviso importante

O Estabelecimento tem medico habilitado, encarregado de responder gratuitamente a qualquer consulta por escripto, sobre o tratamento e applicação destes remedios.

Ferragem para toldo

Vende-se uma para tres portas.
Merceria Avenida, Largo do Principe D. Carlos, 51 — Coimbra.

Companhia de Seguros Reformadora

Única que em Portugal effectua seguros postaos, para todas as cabeças de districtos e de comarcas.

Correspondentes: Gaito & Canas

Coimbra

Fumeiro do Alemtejo

Recebe mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedora em Coimbra, a Merceria Luzitana.

União Vinicola do Dão

Parozia de lavradores dos melhores vinhos portuguezes, á venda na

Merceria LUZITANA

(Deposito unico em Coimbra)

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

Merceria LUZITANA

PAPELARIA CENTRAL

Rua Visconde da Lus — Coimbra

Pianos GAVEAU

Recebidos directamente de Paris, vendem-se nesta casa pelos preços da fabrica e recebem-se pianos em troca, pedir catalogos e condições de venda. Um completo sortimento d'aparelhos e todo o material preciso para a fotografia, que recebe dos principaes fabricantes e vende pelos preços mais baratos.

Grande edição de bilhetes postaos illustrados

De Coimbra, Vizeu, Aveiro, Castelo Branco, Covilhã, Amarante, Beja, Mirandela, Serra d'Estrela, etc.

Papelaria Borges

COIMBRA

A CONSTRUTORA

ESTRADA DA BEIRA

COIMBRA

MADEIRAS nacionais e estrangeiras: riga, flandres, mogno, vinhático, pau preto, nogueira, castanho, plátano choupo, eucalipto e pinho em todas as dimensões. Têlha marseilha e portugueza, tijoulos, louza para coberturas e em todas as suas applicações. Cimentos de diversas marcas, cáil idrúlica e jêsso. Louças sanitárias. Azulejos. Manilhas de grés e barro. Ferragens para construcções civis, pregaria, ferro, chumbo, zinco, estanho e ferro zincado etc. Laca Japoneza, tinta de esmalte para ferro e madeira. Oleos, tintas, vernizes, pinceis, asfalto, etc.

Fabrico de ladrilhos pelos processos mais modernos

Encarrega-se de construcções completas ou pequenas reparações

Executam-se todos os trabalhos em carpintaria, marcenaria e serralharia, para o que tem sempre pessoal devidamente habilitado.

Alugão-se aparelhos para elevár materias até ao peso de 3.000 kilos.

Vigamento de ferro. Concertos em pulverizadores. Tubos, discos, cônes, esféras e todos os artigos em borracha proprios para pulverizadores de diversos auctres. Mangueiras em lona e borracha de todas as dimensões.

Deposito de cofres á prova de fogo e ogdes de ferro.

CASA MEMORIA

SUCURSAL EM COIMBRA

Rua Visconde da Lus, 1
Praça 8 de Maio, 10

Esta casa continúa a fornecer ao público as suas acreditadas máquinhas de costura Memoria. Tem todos os modelos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que é mais perfeito. Nieguem comprar sem visitar esta antiga e acreditada casa, para se certificar da qualidade e preços destas máquinhas que nenhuma outra se pôde igualar na perfeição de seu maquinismo. Não confundir a Memoria com tantas outras que por ali se vendem. Vendem-se a prestação e á pronto pagamento. Aceitam-se máquinhas usadas em troca pelo seu justo valor.

Pianos

Esta casa acaba de receber importantes remessas de pianos alemães e francezes que vende a preço pago em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se pianos em troca e comprão-se pianos usados.

A sempre quantidades de piano para alugar.

CONSULTORIO DENTARIO

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

Herculano de Carvalho

Medico pela Universidade

Consultas das 9 horas da manhã ás 4 horas da tarde, em todos os dias uteis.

PASTELARIA E CONFITARIA TELLES

150 Rua Ferreira Borges 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, haconso a venda a mais variado e completo sortimento de todos os artigos consoantes a estabelecimentos desta natureza.

Doces de ovos com os mais finos recheios.

Doces de fructa de diversas qualidades, doces e cristallizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, propria para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especialmente o de folhado.

Galantines diversas. Têto d'Achar. Patê de Lievre e Foie.

Sauçisses. Pudings de diversas qualidades, vintamente enfeitados. Pão de lé, pelo sistema de Margaride.

Especialidade em vinhos generozos e liciores finos das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos productos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Courça de Lisboa, 32

CAÇADORES

O mais importante estabelecimento de espingardas, carabinas, revolveres e munições, é o de JOÃO GOMES MOREIRA, rua de Ferreira Borges — Coimbra — Sucursal na Figueira da Foz (em frente ao Casino Mondego).

ARMAS EM DEPOSITO

Espingardas Ideaes — da manufactura de Saint-Etienne, Ga and Elie, Francesa, Francotts, Remington, Bernard, manufactura Liegalas Carabinas — La Francott, Popular, Winchester, Colts, etc. Revolveres — Galand, Saint-Etienne, Smith Wesson, Vallo-Doga, etc., etc. Pistolas — Mauser, Browning, Gauleis, etc., etc.

Munições de todos os calibres e qualidades. Mandam-se vir armas de qualquer fabricante, como por exemplo: Holland & Holland, Puy, Diehrssen, Grecur, etc.

A NACIONAL

Companhia portugueza de seguros sobre a vida humana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital --- 200.000\$000 réis

Seguros de vida inteira, Temporarios, Mixtos, Fraso Fixo, Combattidos e Supervivencia, com ou sem participacao nos lucros da Companhia.

Capitaes differidos e Rendas vitalicias immediatas, differidas e temporarias, com ou sem contra-seguro.

Agencias nas cidades e principaes villas de Portugal.

Para informaçoes e tarifas dirigit-se á sede:

Praça do Duque da Terceira, 11-1. LISBOA

Agencia de Coimbra: Travessa de Mont'Arroio, 35 ou na Praça do Comercio, 58.

“RESISTENCIA,”

CONDICÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no ranço

Anno 2\$160

Semestre 1\$080

Trimestre 680

Sem estampilha:

Anno 2\$400

Semestre 1\$200

Trimestre 800

Brazil e Africa, anno 3\$600

Ilhas adjacentes, anno 3\$000

Numero avulso 40 réis

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os conhoes assintantes, desconto 50%.

Comunicados, cada linha, 40 réis

Réclames, cada linha, 60 réis

Anunciam-se gratuitamente todos os publicidades com cuja redacção este jornal se honra.

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Officina tipographica

12 - Rua da Moeda - 14

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redacção e administração - RUA FERREIRA BORGES

N.º 1159

COIMBRA - Quinta-feira, 22 de novembro de 1906

12.º ANNO

Na camara dos deputados Sessão memoravel

O thesouro publico a saque! Os serventuarios do regimen pretendem abafar o grito alarmante dos legitimos representantes do povo! João Franco tira a mascara hipocrita com que tentou ludibriar a opinião publica! O inicio da revolução! O povo aclama a causa da REPUBLICA! Os deputados Afonso Costa e Alexandre Braga são expulsos do parlamento pela força armada! A corja franquista arma-se de ferraduras, ulula, mas não consegue abafar o grito sincero dos nossos representantes.

«Soldados! Lembrae-vos que sois cidadãos. Vamos para a Revolução. Com essa meia duzia de baionetas e com a minha voz, atravessando a cidade, poderemos fazer o resgate d'um povo inteiro, promovendo a gloria de uma patria nova.

«Sr. presidente do conselho; a monarquia teve hoje a sua morte moral. A agonia começou hontem, no Forte de Caxias, quando exaustaram os marinheiros, que bem podiam ter sido perdoados. Não o foram, porque a mão real, que tem assinado amnistias para os saltadores de urnas, não quiz cumular a pena dos marinheiros.

«Sr. João Franco: as baionetas que hoje expulsaram Afonso Costa, meu camarada, meu amigo, não estarão muito tempo ao lado de V. Ex.ª e ao lado do rei. Em breve ellas virão para nós. E se não vierem, nós as arrancaremos da mão do regimen e lh'as enterraremos no peito.

«A Liberdade, a verdadeira Liberdade, que hade chegar até nós trazida nas armas da Revolução, vem a caminho! No dia em que ella chegar, uma patria nova chegará, esplendida e luminosa, á mesma hora em que pela barra fóra, no navio de exilio, vilipendiado, vexado e despresado, fór seguindo a sua derrota o sr. D. Carlos, esse criminoso real que não soube nem honrar, nem amar o paiz que o tem tolerado!»

Antonio José d'Almeida.

«Ainda outro dia o sr. D. Carlos na Sociedade de Geografia affirmou que era preciso ao paiz uma administração seria e honesta, e ainda nesse momento não tinha entrado nos cofres publicos com os dinheiros que d'elles havia desviado — que especie de autoridade tem este homem?»

«Sr. presidente — O dever do governo é exigir da casa real, inclusivamente por meio das accções competentes, arrestos, penhoras, etc., a restituição immediata das quantias indevidamente em poder d'ella, com os juros legais de 5 por cento ao anno, se outros mais elevados não tiver pago o Estado em qualquer estabelecimento de credito, onde tenha dado aval a qualquer pessoa da familia real. Depois cabe ao governo lembrar ao chefe d'essa familia, que é tambem o chefe do Estado, que os exemplos têm de vir de cima, isto é, que a unica satisfação possível a dar ao pobre povo portuguez, esmagado, miseravel, doente, ruído da tuberculose, sem instrução nem pão, é, não confessar erros, — mas pagar e retirar-se d'este paiz... para não ser recolhido a uma prisão, em nome da lei!»

«Sr. presidente — Por muito menos crimes do que os que tem cometido o rei D. Carlos, falou no cadafalso, em França, a cabeça de Luiz XVI.

Afonso Costa.

Digamos as coisas com a quebra rude e nobilitada coragem, que segra a ver-

dade e dignifica os homens que a professam.

«A, nenhum hoje é licito duvidar de que os ultimos annos do constitucionalismo em Portugal, representam um episodio de aventureiros, sem as plumas romanticas, as espadas aurifugentes, o cavalheirismo garboso e a cor pitoresca e local da Serra Morena.

«Se alguém, até ha pouco ainda, podia ter duvidas, esse alguém, a não ser um idiota, perdeu-as necessariamente.

«Este governo tem vivido da systematica demencia de crimes, de extorsões, de abusos, de latrocinios patricios pelos seus antecessores.

«Em todos os ramos da administração publica — sabemos-lo hoje — tem campeado infrene, a mais torpe, a mais desbragada, a mais dissoluta corrupção.

«Esta discussão de agora sobre a reforma da contabilidade publica traz á supuração, pela boca dos proprios membros da maioria, as mais infamantes suspeições, enxovalhando tudo e todos, desde os ministros, os magistrados do tribunal de contas, até aos mais humildes e obscuros funcionários do Estado.

«E' uma plena maré de lama que tudo emporcalha, é a suspeita universal cuspindo todos os caracteres, é um desabar de regimen que faz colera e nojo e indignação e até apiedada tristeza.

«A administração monarchica em Portugal está definitivamente julgada. O chefe da quadrilha recebe adiantamentos por baixo de mão, nesta Falperra de manto e corda...»

Alexandre Braga.

?

Neste momento de extraordinaria agitação produzida pela maudita violencia praticada contra os deputados republicanos pelo governo de João Franco e pela sua maioria de ineptos a proposito do esclarecimento logico e justo dos adiantamentos á Casa Real, não temos a serenidade bastante para friamente analisarmos os factos e para friamente julgar.

Sae da nossa boca um grito de protesto, e a nossa alma, em impetos de revolta, abraça o odio eterno que se tem accumulado d'ha annos a esta parte, e, seguindo as manifestações d'esse odio, leva ao pelourinho da indignação popular a pessoa do rei e a ineptia dos seus ministros.

O homem que habita o Paço que é nosso, que pisa os tapetes caros comprados á nossa custa,

que se vê nos espelhos ricos adquiridos á custa do nosso dinheiro, é bem o impenitente que se está a rir das miserias do povo que o tolera.

O seu scetro não é já «o rolo de tabaco» de que falou o sr. Luciano Monteiro, é mais alguma coisa...

A dinastia de Bragança que teve o seu inicio num poltrão submetido ás ordens e á vaidade de uma mulher, liquida hoje, oferecendo á Europa o mais vergonhoso dos espectaculos.

O caso dos adiantamentos á casa real é um caso tipico e demonstrativo de toda a vilania e de toda a falta de moralidade que tem sido a orientação da marcha administrativa dos governos com o fim de enriquecer o paço roubando o povo.

Ele vem justificar as acusações que se têm feito á monarchia, todos os combates que lhe temos oferecido e todas as palavras de indignação com que temos denominado e caracterizado os seus actos.

Por mais que queiramos velar o nosso pensamento, por maior serenidade que queiramos ter perante os ultimos acontecimentos, não podemos deixar de reconhecer que todos, desde o rei ao ultimo dos seus vassallos, tem responsabilidades que é urgente apurar.

D. Carlos cerca-se de lacaios submissos que se prestam a todas as subservencias e a todos os desacatos á moralidade e á honradez, quer sejam Hintze Ribeiro, o palaciano maluco e vaidoso, José Luciano, idiota e fraidiqueiro, ou João Franco, o tiranete sem escrúpulos e o galopim avariado.

Estes, por sua vez, lançam a rede pelo paiz á busca de idiotas e malvados, e forjam a maioria parlamentar que pelo berreiro e pelo couce ha de cobrir todos os crimes e todas as patifarias.

A maioria actual que tão indecentemente se tem portado, barafustando e berrando, contem parvos como Gaspar d'Abreu, renegados como Martins de Carvalho, Tavares e Ambrosio das Mercês.

Tavares, o do capelo e borla, que em 1890 apelava para a revolução e designava o rei como o causador de todos os nossos males, está agora burlescamente a desempenhar o papel de histrião de feira a

quem se paga e em quem se escarrega. Martins de Carvalho que insultou João Franco, que lhe chamou idiota e imbecil, está agora ao seu lado, disposto a colaborar com esse imbecil, com esse idiota de 1896, na ruina do paiz e no encobrimento de quem mais directamente e afrontosamente o roubou. E Anibal Soares, que ha pouco tempo ainda deixou esta cidade, onde assinou manifestos revolucionarios combatendo o regimen e a sua podridão, lá está tambem, infame e baixo, a tomar assento numa cadeira que lhe não pertence, numa cadeira que foi roubada.

E no meio d'essa collerie de artuaceiros, o sr. João Franco pontifica estupidamente, nevrálgico e exaltado, como nas feiras provincianas, o charlatão dentista apregoa o elixir milagroso que tira dentes sem dó e calos sem sacrificio...

Ele bem sabe que o paiz não o acompanha, que o paiz não quer nada com quem estabeleceu praticamente e ostensivamente o poder pessoal do rei e agora tenta encobrir esses adiantamentos que em beneficio do rei foram praticados.

E no meio d'esta desorientação geral, não sabemos o caminho que as coisas tomarão. Para onde iremos nós, neste momento de dissolução natural, nesta hora unica de derrocadas e violencias?

Aproximar-se-á a liquidação final?

Quererá o paiz tomar a direcção dos negocios publicos, expulsando quem o tem roubado e aclamando quem o defende, convidando o rei a tomar outro rumo?

Quer o povo fazer uma visita aos paços regios para ver em que se tem empregado o seu dinheiro, esse dinheiro que era da sua instrução, da sua industria, da sua agricultura, da sua saude?

Quer o povo mostrar que prescinde de anjos-de-caridade espectaculosos e caros e de generalissimos sem gramatica?

Quer o paiz demonstrar a verdade proclamada por Teofilo Braga que os reis pertencem hoje ás cartas de jogar?

Quer o paiz, enfim, num esforço ultimo de dignidade enxovalhada, numa visão santissima de vida honesta, destruir a monarchia e proclamar a Republica?

Não o sabemos. Não podemos preve-lo. Mas uma esperança ideal e pura se forma em nós. A nossa alma levanta-se em indignações altivas e canta a Revolução que parece aproximar-se soberana e justa. O nosso coração palpita fremente e entusiasmado na ancia poderosa d'uma vida nova. E os nossos braços erguem-se, indignados e fortes, para derrubar o tronco que nos tem explorado e oprimido.

Mensagem enviada hontem aos deputados republicanos

Senhores Deputados Republicanos. — Os abaixo assinados, num impeto de indignação pela escandalosa violencia com que os mercenarios do regimen pretendem estrangular as vozes da justiça dos verdadeiros representantes do povo portuguez no parlamento, protestam contra a mancomunação dos traidores e prestam o seu apoio fervoroso á acção patriótica e corajosa dos demolidores desta abominavel mistificação constitucional.

Tentamos lutar dentro da ordem; mas, se a isso fomos compelidos, saberemos defender os nossos direitos até onde fór preciso, á custa de todos os esforços e todos os sacrificios.

Coimbra, 21 de novembro de 1906.

Bernardino Machado, A. A. Gonçalves, F. J. Fernandes Costa, Eduardo Vieira, Rodrigues da Silva, José Bastos dos Santos, Francisco d'Oliveira Martins, Julio da Fonseca, Gaspar Santos, Justiniano da Fonseca, Joaquim Saraiva, Fernando Baeta Biscaia Barreto Ross, Angelo da Fonseca, Alfredo Pimenta, Manuel Antonio da Costa, Antonio Augusto da Costa Martins, Francisco da Fonseca Figueiredo, Frederico Pereira Graça.

Amilcar de Sousa Ramada Curto, José M. de Vasconcelos, Francisco José da Costa Ramos, Alvaro Ferreira, Manuel Antunes Pereira Junior, Alberto Gonçalves Cunha, Francisco da Cruz, José Domingos do Serrado, João Augusto Simões Favas, Tiberio Augusto Fernandes, Antonio José da Fonseca, José Lopes da Fonseca, Antonio José Vaz Teixeira, J. Rodrigues Macedo, José Simões, Manuel J. Fernandes Costa, Alberto Nogueira Lobo, Julio José Fernandes Costa, Francisco A. Madeira Junior, Antonio Pereira de Carvalho, José da Costa Carvalho.

José Abel da Silva Martins de Carvalho, Manuel Pereira Marques, Joaquim Mendes d'Abreu, Antonio dos Santos Sá, Manuel Roque dos Reis, José Marques Baptista, Carlos Ribeiro, Cassiano Ribeiro, João Gomes Moreira, José Pinto Alves Guimarães, Jeronimo Viana, José A. dos Santos Basto, José Gonçalves, Herculano de Carvalho, Augusto dos Santos Xale, Joaquim Duay

DE LISBOA

20 de novembro

te Lopes, José Correia, Augusto d'Almeida, Manuel José Teles, Gonçalo Nazaret, Napoleão Elizeu, José Henriques Pedro, Francisco Vilaça da Fonseca, João Simões da Fonseca Barata, Joaquim Antonio de Moura.

Polaco & Cambes, Alexandrino dos Santos, José d'Ascenção Gomes, Antonio Francisco de Brito, Manuel Carvalho, Manuel José Teixeira d'Abreu, José Sebastião d'Almeida, Antonio José de Sousa, Manuel Neves Barata, Antonio d'Almeida-Mortagua, Antonio José Gonçalves, Antonio José d'Abreu, José da Silva Carvalho, Manuel Antonio de Carvalho, Bernardino Anjos de Carvalho, Antonio Caiano, Manuel Joaquim de Miranda, Bernardo Martins, Joel de Sá Macedo Marques, Leopoldo Gustavo Durão, Ernesto Lopes de Moraes, José Simões Serrano.

Antonio Marques de Seabra, Antonio Anastacio Gonçalves, Manuel Mattias, José Rodrigues da Cunha, Carlos Augusto Louzada, Lourenço Silva, Manuel Rodrigues Braga, João Dias Lopes, Vicente Martins Belmonte de Lemos, Francisco Simões da Silva, Joaquim Marques Cordeiro, Joaquim Rodrigues da Silva Leite Pereira, Candido Augusto Nazaret, José Alves dos Santos, Julio Dias da Costa.

José Montez, J. A. P. de Vasconcellos, Jaime Lopes Lobo, Guilherme Barbosa, A. Oliveira Marques, Antonio Emilio Peixoto, José Correia Amado, Antonio Teixeira da Cunha, Francisco dos Santos, Manuel Alves, Manuel Domingos da Costa Leite, Leandro José da Silva, José Lucas Ferreira, Damiano José Ferreira, Joaquim d'Azavedo, Manuel Bernardes, Augusto da Silva, Manuel Augusto da Silva, José Maria Teixeira Fanzeres, Joaquim Carvalho da Silva, José d'Almeida Teixeira, José Pereira da Mota, Antonio Duarte Craveiro Junior.

José Ramos, Evaristo José Carneira, João Serio Veiga, João Carvalho, João Gomes Ferreira, João Pedro de Jesus, Joaquim Gonçalves Rama, João Ferreira Carneiro, Adriano Ferreira da Cunha, Virgílio Pereira, José Pinheiro, Antonio d'Oliveira, Antonio Leonardo, Cesar Cabral, José Antunes de Oliveira Santos, Augusto Pinto Amado.

Luiz Batista Duarte, Antonio da Silva Braga Junior, Ernesto Mercier de Miranda, José Mota, Domingos Dias da Cruz, Guilhermino Dias da Conceição, Manuel da Silva Carvalho, Joaquim Lopes Gandarez, Antonio Joaquim Neto, Caetano Rocha, Carlos Melo, Luciano dos Santos, Luiz Augusto Teixeira, Antonio Antunes dos Santos, Edgard de Moura Eloi, Panticão Augusto da Costa.

Luiz de Sá, Abel de Carvalho, Luiz Gonzaga de Sousa Carvalho, Luiz Ribeiro Pereira de Menezes, Justino Carvalho Neves, João Correia da Costa, Julião Antonio d'Almeida, Antonio Maria da Cunha, Manuel Maria da Costa Leal, Jacinto da Silva Lizardo, João Gomes dos Santos, José Branco de Carvalho, Antonio José da Silva, Adriano Brandão, José Manuel Ferreira.

Tiago Ferreira d'Albuquerque, Antonio Pimenta Reis, Eduardo Gomes, Manuel José Gomes Braga, José Joaquim de Menezes, Joaquim Albano da Costa, João Mendes, Antonio Seica, Manuel dos Reis Gomes, Basilio Augusto Diniz, Adelino Ferreira Mateus, Joaquim Simões, Francisco Maria da Fonseca, Manuel d'Oliveira Amaral, Antonio Maria da Conceição, José Custodio Nogueira, Alfonso de Macedo Ferraz.

Francisco Borges, Adriano de Sousa e Melo (1.º anno de Direito), Adolfo Pinto de Sousa, Antonio Ferraz Pereira, Lamartine Mendes Pimentel, Aurelio Marques Guedes, Constancio Abilio Louzada, Ernesto Gomes Ferreira, Antonio dos Santos Fonseca, Custodio dos Santos, João Marques da Fonseca, Ventura Batista d'Almeida, Aires Fernandes Ventura, José da Costa Braga, Augusto Cesar Raposo, Manuel Nunes Ferreira, João Garcia da Fonseca, A. Andrade.

José Joaquim da Costa, Joaquim Cardoso Marques, Antonio José da Conceição, José Fernandes de Mesquita, Manuel Lourenço d'Oliveira, Afonso de Barros, Antonio Inacio de Sousa, Antonio Francisco da Silva, Augusto de Jesus Lopes, Viriato Valeriano Teixeira, José da Costa Braga, José Maria Rito, Luiz Alves, Manuel Antunes da Costa Nazaret, Benjamin Neves, (4.º anno de direito), Miguel Marcelino Ferreira de Moura, (2.º anno de filosofia), Ramiro de Barros Lima, (5.º an-

no de filosofia), Joaquim José de Souza (5.º anno de filosofia), Raul d'Almeida Leitão (3.º anno do liceu), José Oliva Mendes da Fonseca (5.º anno de filosofia), Antonio Julio Neves (5.º anno de teologia), Alberto Tavares (4.º anno de filosofia), Joaquim Saldanha (2.º anno de direito), Julio Marques Canario, Octavio Marques Cardoso.

Telegramas

O Centro Republicano Academico, quiz enviar hontem aos deputados republicanos o seguinte telegrama:

O Centro Republicano Academico, sauda deputados republicanos pela sua attitude d'hontem, e protesta contra a violencia de que foram vitimas, pondo-se ao seu dispor para qualquer ação necessaria.

Como a censura não deixasse passar, os academicos redigiram outro, concebido nos seguintes termos:

O Centro Republicano Academico, sauda calorosamente os deputados republicanos pela sua enérgica attitude d'hontem.

Ainda assim não lhes foi dada a certeza de poder ser integralmente transmitido.

A comissão municipal enviou tambem o seguinte telegrama:

A comissão municipal de Coimbra, sauda os deputados republicanos e protesta contra as violencias da presidencia e da maioria governamental.

Angelo Fonseca.

Esteve nesta cidade o sr. José da Silva Fonseca, presidente do Centro Republicano José Falcão, da Figueira da Foz, vindo delegado por aquelle Centro convidar os srs. conselheiro Bernardino Machado, dr. Fernandes Costa e dr. Angelo da Fonseca para a qualidade de membros do Directorio, comissões distrital e municipal republicanas irem assistirem á inauguração dos retratos dos deputados republicanos, que aquella florescente agremiação politica va realisar no sabado, 1.º de dezembro.

O sr. Fonseca obteve do sr. conselheiro a promessa da sua ida á Figueira naquêlle dia, bem como dos outros cavalheiros a quem se dirigiu, esperando-se que desta cidade vão muitos membros do partido republicano assistir áquella festa, que promete ser brilhante.

A *Resistencia* far-se-ha representar.

O caminho de ferro de Coimbra á Louzã, ha pouco concluido e aprovado superiormente, só será inaugurado depois de regularizadas umas questões pendentes, suscitadas por concessões alheias á sua exploração.

Consta, so que parece, que o horario dos comboios sofrerá modificações, mantendo-se, no emtanto, as clausulas do contrato estabelecido entre as companhias proprietaria e Real Portuguesa, que a explorará, as quaes consistem em haver um comboio ascendente e descendente.

Eleições

Co passado domingo realisaram se as eleições na Associação de Socorros Mtuos União Artistica Conimbricense, para os corpos gerentes no anno de 1907, ficando eleitiss os seguintes srs.:

Assembleia geral — Presidente, Manuel dos Santos Fonseca; vice-presidente, Antonio Francisco Mendes Alcantara; secretario, Joaquim Ribeiro da Silva; dito, Lourenço Augusto Esteves Martins; vice-secretario, João Branco Ribeiro; dito, Antonio Martins Veilndio.

Directão — Presidente, Adolfo Teles; vice-presidente, Domingos Francisco da Costa; secretario, Antonio Maria Correia; vice-secretario, Augusto Amado Ferreira; thezoureiro, Eduardo de Andrade Ruas; vogal, José Bento Correia; dito, Vitorino d'Oliveira Figueiredo; suplente, Manuel Gonçalves; dito, Alfredo da Cunha Melo.

Conselho fiscal — Benjamin Ramos, Joaquim de Matos, Joaquim Maria de Jesus, suplente, Abel Augusto Costa; dito, Antonio da Silva Rocha.

E' debaixo duma das maiores impressões que tenho experimentado que eu hoje lhes escrevo.

Venho de assistir á sessão na camara dos deputados e, nunca pensei me fosse dado presenciar, a um tempo, um espectáculo tão grandioso, tão empolgante e ao mesmo tempo tão repugnante e tão triste. Pode parecer um paradoxo o que acabo de afirmar, mas não é.

Já decerto conhecerão; á hora em que me lerem, o que acaba de se passar na camara e a brilhante, a extraordinaria attitude assumida pelos quatro deputados republicanos em face da cainçalha sem vergonha e sem dignidade, da horda de imbecis e de nulos que constitue o rebanho de Panurgio ás ordens do politiquero João Franco.

Ah! meus amigos, como aquelas quatro consciencias falaram alto em frente de todos aqueles estomagos famintos!

Para quem assistiu á sessão de hoje, não podem ter ficado duvidas sobre o que, a nós todos resta fazer.

Um esforço, um empurrão dado com alma e a carcassa da monarchia ruirá de vez, deixando o paiz desafiado e limpo, apto então a enveredar por uma nova senda ao fim da qual o esperará decerto, a situação que lhe compete, pelo seu passado, pelo que vale o seu presente e pelo muito amor que nós todos, portuguezes sem mescla de Bragança e de Gotha, enternecidamente lhe votamos.

Eu queria descrever-lhes o que foi aquella scena, mas nestas notas febris, lançadas ao papel, á mesa dum café, ainda debaixo da extraordinaria impressão que me sacode os nervos, não conseguiria dar-lhes sequer uma palida ideia do que se passou.

A' entrada da força na sala, quando Antonio José d'Almeida, formidavel na grandeza comovida da sua ardente fé republicana, de pé sobre uma carteira, se dirigiu aos soldados, uma atmosfera extranha, preenche de revolta contida prestes a desencadear-se, pesou sobre todos aqueles que, das galerias, o escutavam.

Na boca de Afonso Costa e de Alexandre Braga nunca, decerto nunca, a palavra humana, posta ao serviço d'um grande talento, ditada pela justiça d'uma grande causa, atingiu um mais alto poder de comunicação, de vibração e de verdadeira belleza.

Até a jolda franquista que uivava furiosamente, tendo á frente a safada e estúpida figura do renegado Mascarenhas Gaivão, recuou um momento como matilha de fraldiqueiros que la drincham e que um chicote, subito, ameaça.

Quando os quatro eleitos do paiz, dando os braços, esperavam serenos, apenas ligeiramente palidos, no meio da horda regougante, que a força viesse a expulsar los da sala, posso dizer, sem receio que me desmintam, que aquella scena, era qualquer coisa que nunca mais se spaga da historia dum povo, quando esse povo quer viver e continuar a ter historia.

Como no *facies* livido daquêles monarchicos, estava impressa a raiva impotente que têm sempre os bandoleiros denunciados pelas vozes honestas!

Encobridores de ladrões, consentidores de ladrões, cúmplices de ladrões, o latigo ia colhe-los em cheio nas faces estanhadas, amarra-los perpetuamente ao desprezo da Historia, á repugnancia das consciencias honradas, ao asco dos que mais tarde lhes recordarem os nomes e as proezas.

Nas galerias, ao encerrar a sessão, nas escadarias do edificio, junto á sala dos Passos Perdidos, quando por toda a parte se ouviam vivas á Republica e á Patria, havia muitos olhos de que corriam lagrimas, muitos braços que se estendiam de punhos cerrados, como a procurar qualquer coisa que lhes permitisse varrer a vergonhosa feira.

E ás coronhadas dos soldados, brutalmente, infamemente, os nossos queridos eleitos lá foram expulsos do logar onde só eles, de direito, podiam estar.

Sobre a cidade paira desde esta tarde a mesma atmosfera de que acima falei.

E' uma atmosfera inquietante, ameaçadora, que nos tem os nervos numa vibrção constante, quasi dolorosa.

Aqui, neste café de que lhes escrevo, cheio até á porta, conversa-se, mas conversa se baixo, quasi em segredo — e a espaços fazem se grandes silencios que pesam formidavelmente e, mesmo desconhecidos, surpreendemos a olharmos uns para os outros.

O que sairá de tudo isto? — é a interrogação que todos fazem.

Agora mesmo passa, em frente á porta, uma força de infantaria, espingardas ao hombro, marchando cadenciadamente...

Ha muitos olhos que a seguem, as conversas cessaram como por encanto e nos olhares que acompanham os nossos valentes soldados ha uma simpatia de quem confia, de quem espera...

O que sairá de tudo isto?

Gattecho.

Testamento de um cristão

Ha tempos faleceu em Sens o maior reformado Noel, deixando um testamento precioso, o qual, segundo a sua vontade foi lido á beira da sepultura. Diz assim:

«Este é o meu testamento religioso. Será lido á beira da minha sepultura, a fim de que não condemnem minha mulher por executar as minhas ultimas vontades.»

«Eu abaixo assinado, No-1 Augusto José Estanislau, chefe d'esquadrão reformado, declaro: Crer em Deus, ser da religião de Jesus Cristo, em consequencia do que;

1.º Não assistirá nenhum padre á minha inhumação, pois que o padre é um sacrificador e não pôde haver sacrificio depois do de Cristo que remiu todos os homens;

2.º Não pôdem resar orações por mim (como pelos outros), pela razão de que antes d'elas chegarem ao Eterno, já terei sido julgado, e que Deus, o unico infalivel, não reconsidera nos seus julgamentos, que são sabios. Em quanto vivo, pratiquei o bem e o mal. Deus é o juiz d'esses atos;

3.º O meu enterro será o mais modesto possivel; a ostentação, neste ato é ditada pelo orgulho das familias. Portanto será chamado para me conduzir ao campo do repouso o carro dos pobres;

4.º Serão convidadas as menos pessoas possiveis para o meu enterro, pois que é preciso não distrair os vivos das suas occupações por causa dos mortos;

5.º Não quero agua benta nem perpetuas. De ambos os lados ha nisso charlataneria;

6.º A minha viuva é livre de trajar luto por mim, mas fará melhor não o usando, porque é tão ridiculo fazer exposição da sua dor como resar em logar publico. Muitos hypocritas vestem luto; é preciso evitar, apesar da moda, a semelhança com tal gente.

Feito em Sens, a 15 de setembro de 1882, tendo oitenta annos em plena saude de corpo e de espirito. — (Assinado) Noel.»

«O Norte»

Suspendeu temporariamente a sua publicação este nosso presado colega do Porto.

Têm agradado bastante os quadros exhibidos no cinematografo, que está funcionando num magnifico barracão, ao Caes.

Acham-se doentes os nossos correligionarios, srs. Evaristo José Cerveira e Antonio Duarte Craveiro Junior, aos quaes desejamos rapidas melhoras.

O sr. Eduardo Ferreira Arnaldo, mudou o seu escritorio de Agencia do contribuinte e negocios forenses, para a rua Visconde da Luz, onde continua prestando os seus serviços.

O sr. Eduardo Ferreira Arnaldo acaba de instalar o seu escritorio— Agencia do Contribuinte — na rua do Visconde da Luz, 55, 1.º andar, por cima da mercearia Aurora.

Passou na terça-feira o 31.º aniversario natalicio do nosso estimado correligionario, de Santa Clara, sr. Manuel Antonio da Conceição. Sinceros parabens.

Literatura e arte

Camilo Castelo Branco

II

Nos estudos criticos que precedem a ultima tiragem do *Amor de Perdição* é Camilo apreciado por Chagas, Orúgão e Teofilo Braga.

Pendo ao primeiro estudo. Ramalho Orúgão é bastante detencoso, mas á parte o esmalte do estilo que é bem d'ele, fica-se em curiosidades de limitada applicação.

Fez, não ha nega-lo, uma digressão de valor sobre a sociedade coeva de Camilo; sobre a literatura e personagens em voga. Mas tudo isto tem de desligar-se, afinal, da lida litteraria do grande romancista. De facto, ainda em Camilo somos pela «extemporaneidade e exotismo», a que o mesmo critico alude, e que estabelece em regra nas individualidades litterarias e scientificas de maior destaque.

Contrariando o brilhante critico, parece-me que o romancista está longe de acompanhar as scenas e processos contemporaneos. Muito menos representa a vida do seu tempo. Carlicatrou-a. De resto só tardia, mesmo muito raramente, devia senti-la.

Melhor será restabelecer a regra de que portiou, como nenhum outro, em combate-la. No emtanto se a linguagem pode caracterizar uma obra e batizar o que a escreveu, então, tambem convenho em que foi o escritor mais legitimamente portuguez que temos tido.

Comtudo, ainda neste caso, devemos estudar-lhe os livros, menos pelo seu tempo, que pela alta craveira da velha unidade classica, por elle ajustada entre Vieira e Bernardes.

Incontestavel lhe, é tal gloria.

Do eminente pensador Teofilo Braga quero recortar o que mais de perto interessa: — «O quadro traçado por Camilo Castelo Branco, diz, fica eterno pela emoção que exprime e no futuro deparará a favor da individualidade mal conhecida, porque se dispendeu na obra negativa de uma epoca de transição, tendo o poder de construção dos genios eleitos.»

Isto explicado diz: — «O espirito de Camilo perdeu-se nas formas satiricas da Arte — formas que fez prevalecer nos quadros da vida burguezia.»

Melhor, ou mais claro: — Camilo perdeu-se, naquêlla opinião, por falta de propositos filosoficos. O seu espirito sem processos disciplinados, naufragou numa litteratura toda de paixões, de encontro ao escolho da sociedade burguezia que, afinal, serviu.

Tal deve ser o desenvolvimento critico daquêlle juizo. Na alçada positiva do eminente escritor reduz-se a Arte a simples auxiliar da Sciencia.

Aquella desaparecerá quando este a licencie.

A Arte em si é «obra negativa», bem que pese a Herculano, Garrett e Castillo, identicamente processados na Historia do Romantismo. A todos faltou, no dizer de Teofilo Braga, um ideal superior que os orientasse.

Qual seja este ideal não o diz o illustre filosofo — e daí muitas duvidas sobre o meio de aquilatar trabalhos. Admitamos, no emtanto, o mais compreensivel — que Teofilo Braga deseja que toda a obra litteraria se libere em utilitarismo no campo das applicações sociologicas. Aceitemos este campo. Deverá, porventura, taxar-se de negativa toda a obra historica, critica e filologica de Camilo?

De nenhuma forma. Reportamo-nos primeiramente e sobretudo, áquella mesma obra que nos dá a elocução opulenta á luz dos velhos textos e tradições; por outro lado á sciencia historica que resume dos seus livros menos como incidente ou esqueleto de romance á maneira de W. Scott — do que como averiguação cuidada do pensar, do sentir e do praticar de uma epoca.

«A aliança da poesia com a filosofia, diz Teofilo Braga na *Visão dos Tempos*, é o ponto de partida da ultima fase da Arte, encetada pelo seculo 19.»

Seja assim. Que é, de facto, a filosofia sem a historia?

Uma abstração inaceitavel. Ora, quem melhor do que o magistral escritor subsidiou aquella mesma filosofia?

Não foi elle que, patientemente, mais se deu a esgravatar inéditos, arrancando ao misterio do tempo, as tra-

PASTELARIA E CONFETARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se a venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

Dóces de ovos com os mais finos recheios.
Dóces de fructa de diversas qualidades, secos e cristalizados.
Fabricam-se grandes peças de fantasia, próprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especialmente os de folhado.

Galatinas diversas. Tété d'Achar. Patê de Lievre e Foie.

Saneisses. Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. Pão de ló, pelo sistema de Margaride.

Especialidade em vinhos generozos e licores finos das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos productos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal efétua seguros postaes, para todas as cabeças de districtos e de comarcas.

Correspondentes: Gaito & Canas
Coimbra

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portuguezes, á venda na

Mercearia LUSITANA
(Depósito unico em Coimbra)

Estab. Ind. Pharm. “Souza Soares,”

(NO BRAZIL E NA EUROPA)

Devidamente legalisado em Portugal e distinguido com um premio de Honra de 1.ª classe e cinco medalhas de Ouro, na America do Norte, França e Brazil, pela perfeita manipulação e eficacia dos seus productos medicinaes:

PEITORAL DE CAMBARÁ

(Registado)

(Marca registada)

Cura prompta e radicalmente as tosses ou rouquidões;
Cura a laringite;
Cura perfeitamente a bronchite aguda ou chronica, simples ou asthmatica;
Cura a tísica pulmonar, como o provam numerosos attestados medicos e particulares;
Cura incontestavelmente a asthma, molestia difficil de ser debellada por outros meios;
Cura admiravelmente a coqueluche, e, pelo seu gosto agradavel, é appetido pelas creanças.
Frasco, 1\$000 réis; 3 frascos, 2\$700 réis.

PASTILHAS DA VIDA

(Registado)

Combatem o fastio, a azia, a gastralgia, as nauseas e vomitos, o enjôdo do mar, o mau halito, a flatulencia e a dilatação do estomago. São de grande eficacia nas molestias do utero e da pelle, na fraqueza dos nervos e do sangue.
Caixa, 600 réis; 6 caixas, 3\$240 réis.

36 Remedios Especificos em pilulas saccharinas

(Registadas)

Estes medicamentos curam com rapidez e inoffensividade:
Febres em geral;
Molestias nervosas, da pelle, das vias respiratorias, do estomago, dos intestinos, dos orgãos urinaes;
Molestias das senhoras e das creanças;
Dóres em geral;
Inflamações e congestões;
Impurezas do sangue;
Estaqueza e suas consequencias.
Frasco, 500 réis; 6 frascos, 2\$700 réis.

Consultem o livro — O Novo Medico — pelo Visconde Souza Soares, á venda nos depositos dos remedios do auctor. Preço: brochado 200 réis, encadernado 500 réis.

Medicamentos homeopaticos garantidos, avulsos e em caixas de diversos tamanhos

1 Tubo com globulos 200 réis; duzia 2\$160.
1 Frasco com tintura 3.ª ou 5.ª 400 réis; duzia 4\$320.
1 Dito com trituração 3.ª 700 réis; duzia 7\$560.
Vêde os preços correntes, o Auxilio Homeopatico ou O Medico de Casa e a Nova Guia Homeopatica, pelo Visconde Souza Soares.

Estes productos vendem-se em Coimbra na drogaria de Rodrigues da Silva & C.ª — Rua Ferreira Borges, 36.
Deposito geral em Portugal — Porto, rua Santa Catharina, 1503.

Aviso importante

O Estabelecimento tem medico habilitado, encarregado de responder gratuitamente a qualquer consulta por escripto, sobre o tratamento e applicação destes remedios.

Os armazens GRANDELA & C.ª

RUA DO OURO, 115 — LISBOA

mandam catalogos e amostras do seu colossal sortimento a quem as pedir.

Vendem para as provincias pelos mesmos preços que para Lisboa

Pagam o porte das encomendas cuja factura pode ser satisfeita no correio na occasião de as receberem

Mandam amostras a todos que as pedirem para que as confrontem com as das outras casas.

Não têm agentes em parte alguma, tratam todos os seus negocios directamente com o publico de todo o paiz, e é por isso que vendem mais barato que ninguém.

O catalogo geral de verão com 116 paginas e 1050 gravuras é enviado de graça a quem o pedir a

Grandela & C.ª

Rua do Ouro, 115 — LISBOA

CASA MEMORIA

SUCURSAL EM COIMBRA

Rua Visconde da Luz, 1
Praça 8 de Maio, 10

Esta casa continua a fornecer ao publico as suas acreditadas máquinas de costura Memoria. Têm todos os modelos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem visitar esta antiga e acreditada casa, para se certificar da qualidade e preços destas máquinas que nenhuma outra se pôde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a Memoria com tantas outras que por aí se vendem. Vendem-se a prestação e a pronto pagamento. Aceitam-se máquinas usadas em troca pelo seu justo valor.

Pianos

Esta casa acaba de receber importantes remessas de pianos alemães e francezes que vende a pronto pagamento por serem importados directamente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se pianos em troca e comprão-se pianos usados.

A sempre quantidades de piano para alugar.

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifico qualidade, de que é uma revendedora em Coimbra, a

MERCEARIA LUSITANA

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA.

Mercearia LUSITANA

Machinas fallantes

Deposito completo de aparelhos das principaes marcas e para todos os preços a partir de 140000

Variada collecção de discos e cylindros com musicas e cantos executados pelos mais notaveis artistas.

Vendas pelos preços de Lisboa e Porto.

Depositarios da Companhia de Gramophone, da Edison National Phonograph, C.ª de New-York, e dos Grandophones «Odeon».

TELLES & C.ª

R. Ferreira Borges, 152, 1.ª

COIMBRA

A NACIONAL

Companhia portugueza de seguros sobre a vida humana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital --- 200.000\$000 réis

Seguros de vida inteira. Temporarios. Mixtos. Frase Fixo. Combinados e Supervivencia. com ou sem participação nos lucros da Companhia.

Capitales differidos e Rendas vitalicias immediatas, differidas e temporarias, com ou sem contra-seguro.

Agencias nas cidades e principaes villas do pais.

Para Informações e tarifas dirigi-se á sede:

Praça do Duque da Terceira, 11-1.ª — LISBOA

Agencia de Coimbra:

Travessa de Mont'Arroio, 35 ou na Praça do Comercio, 58.

CAÇADORES

O mais importante estabelecimento de espingardas, carabinas, revolvers e munições, é o de JOAO GOMES MOREIRA, rua de Ferreira Borges — Coimbra — Sucursal na Figueira da Foz (em frente ao Casino Mondego).

ARMAS EM DEPOSITO

Espingardas (Ideas) — da manufatura de Saint-Etienne, Ga and Elite, Francesa, Francotts; Remington, Bernard, manufatura Liegel as Carabinas — La Francott, Populair, Wimscheter, Collé, etc.

Revolvers — Galand, Saint-Etienne, Smitt Werson, Vello-Doges, etc., etc.

Pistolas — Mauzer, Browing, Gaulcis, etc., etc.

Munições de todos os calibres e qualidades

Mandam-se vir armas de qualquer fabricante, como por exemplo: Holland & Holland, Puy, Dierrssen, Grecur, etc.

PAPELARIA CENTRAL

Rua Visconde da Luz — Coimbra

Pianos GAVEAU

Recebidos directamente de Paris, vendem-se nesta casa pelos preços da fabrica e recebem-se pianos em troca, — pedir catalogos e condições de venda.

Um completo sortimento d'aparelhos e todo o material preciso para a fotografia, que recebe dos principaes fabricantes e vende pelos preços mais baratos.

Grande edição de bilhetes postaes illustrados

De Coimbra, Vizeu, Aveiro, Castelo Branco, Covilhã, Amarante, Beja, Mirandela, Serra d'Estrela, etc.

Papelaria Borges

COIMBRA

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 165, 1.ª

Tomam-se seguros de predios mobilis e estabelecimentos contra o risco de incendio.

Repara... Ló...
Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipações, bronquites, rouquidões, asma, tosses, coqueluche, influenza e outros encomodos dos orgãos respiratorios.

Se atenção sempre, e curá-lo as mais das vezes com o uso dos Saccharolides d'alcairão, compostos (Rebuçados Milagrosos) onde os efeitos maravilhosos do alcairão, juninamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidenciam em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons resultados obtidos com uso dos Saccharolides d'alcairão, compostos (Rebuçados Milagrosos) são confirmados, não só por milhares de pessoas que os toem usado, mas tambem por abalizados facultativos.

Pharmacia Oriental, rua de S. Lazaro

PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

Ferragem para toldo

Vende-se uma para tres portas. Mercearia Avenida. Largo do Principe D. Carlos, 51 — Coimbra.

“RESISTENCIA”

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno..... 2\$700
Semestre..... 1\$350
Trimestre..... 680

Sem estampilha:

Anno..... 2\$400
Semestre..... 1\$200
Trimestre..... 600

Brasil e Africa, anno..... 3\$000
Ilhas adjacentes, 3\$000

Numero avulso 40 réis

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto 50%.

Comunicados, cada linha..... 40

Réclames, cada linha..... 60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal for honrado.

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Officina tipographica

12 - Rua da Moeda - 14

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redacção e administração - RUA FERREIRA BORGES

N.º 1160

COIMBRA - Domingo, 25 de novembro de 1906

12.º ANNO

O bloco monarchico

Sempre que um regimen gasta, em vespéras de morrer, se sente atacado por elementos progressivos, dá-se um rebate nas suas forças moribundas, e conjugam-se as suas decadentes energias para uma defesa última, para um ato de extrema resistencia. Na complexidade da luta pela vida e nas consequências normaes da seleção, os elementos divergentes e ás vezes antagonicos, mas que encerram, todavia, um laço comum, apoiam-se todos nesse laço e tornam-se convergentes e harmonicos. Como no mundo biologico, no campo politico, as instituições decadentes e atrasadas, perante a invasão das novas instituições cheias de força e animadas do espirito progressivo, chamam á unificação todos os seus elementos até ahí dispersos e preparam-se para lutar. Este facto que se tem observado sempre que analisamos as instituições na sua marcha historica, é comprovado, actualmente, pela orientação dos partidos da monarchia portugueza. Quando depois da Edade-Media, começou a dar-se a dissolução do regimen catolico-feudal, viu-se que perante o desenvolvimento das doutrinas criticas e perante a influencia do protestantismo, a instituição catolica chamou em seu auxilio o poder da realza para obstar ao triunfo das novas ideias. A dissolução espontanea dada nos seculos XIV e XV e provocada pela separação dos poderes temporal e espirital que o Catolicismo tinha imposto, torna-se vagamente sistemática até ao seculo XVII em que esse espirito de sistematização se caracteriza com a influencia dos philosophos Spinoza, Hobbes e Bayle. O protestantismo, no seculo XVI, tomara os dogmas que o catolicismo defendera, e, sobre eles baseado, deu um impulso notavel á dissolução do antigo regimen, impulso que teve a sua ultima manifestação nos fins do século XVIII com a independencia dos Estados Unidos. E então, o Catolicismo ou os abandonou ou os deturpou. Para exemplo, basta citar o dogma da independencia nacional que o Catolicismo primeiro apregoara e que, agora, pela voz do cardeal Bellarmino considerava como principio peccador e injustificavel. A realza e o Catolicismo perante as manifestações concretas das novas teorias uniram-se para a defesa comum. D'essa união saiu mais tarde a ficção do constitucionalismo onde se pretende harmonisar os dois poderes antagonicos: a hereditariedade regia e o poder de origem divina (característica da realza) e a soberania popular nos parlamentos (característica da democracia). Precisamente o mesmo se dá, actualmente, entre nós. A monarchia constitucional que appareceu como regimen tran-

sitorio entrou logo num periodo de dissolução espontanea por não se adaptar já ao estado da nação que manifestára em 1820 a sua opinião e a sua orientação. Essa dissolução espontanea manifestou-se principalmente no reinado de D. Maria II e começa a transformar-se em dissolução sistemática no reinado de D. Luiz com a organização do partido republicano e com as campanhas por ele promovidas, de que são típicas a campanha contra a venda de Lourenço Marques e o Centenario de Camões. Compreende-se bem o que seja uma e outra dissolução. A dissolução espontanea provem da propria organização do regimen, da falta de harmonia entre os seus elementos, da corrupção em que vivem, e do espirito antagonico que contém. A dissolução sistemática origina-se na influencia disciplinada de novas ideias que tentam substituir-se ás velhas. Com a desorganização do partido republicano causada pela atitude dos metafisicos revolucionarios da *Internacional*, a monarchia respirou e descansou. Os attentos contra a soberania nacional continuavam até que em 1890 chegaram ao seu limite mximo. Mas a monarchia respirava ainda. O partido republicano encontrava-se fragmentado, as suas opiniões eram isoladas, e depois da revolta de 31 quasi se não fez ouvir. Em 1900 com a presença dos tres deputados republicanos no parlamento, a monarchia alarmou-se. Alarime momentaneo porém. A quebra do gabinete progressista arrastando a dissolução das côrtes marca o ponto fundamental e inicial da defesa da monarchia. De então para cá o fim unico da realza é matar o partido republicano, roubando-lhe as eleições, creando uma lei eleitoral criminosa e degradante, promovendo campanhas de descredito pessoal. Mas nada podia vencer já a marcha vitoriosa das novas ideias. Lisboa republicani-sava-se admiravelmente, apesar do partido neo-regenerador, em passeios pelo paiz, declarar que ainda havia salvação dentro do regimen. Ninguém o acreditou, pelos pessimismos antecedentes do seu chefe, o ditador João Franco. Foi ele quem, em 1896, declaradamente estabeleceu o sistema do poder pessoal do rei; fora ele o creador das leis de excepção infamissimas, como a de 13 de fevereiro, e o organisador do código administrativo que escravizava o poder central, as autonomias dos concelhos. Por isso o partido republicano se ia fortalecendo, principalmente em Lisboa, nessa Lisboa do Paço e dos ministerios. Desse fortalecimento é manifestação bem frisante o envio dos quatro atuais deputados republicanos. E chegamos assim ao momento actual. Perante a exaltação pública produzida pelas medidas rigorosas de Hintze Ribeiro, a monarchia cedeu, submeteu-se. Chamou João Franco e o seu partido,

Ele prometia liberdade, moralidade e legalidade. O paiz que andava ha tanto tempo a pedir liberdade de imprensa, de reunião e de pensamento, moralidade e legalidade na administração e na marcha dos negocios publicos, ia tel-as. A realza ia transigir com o espirito publico, ia reconhecer a soberania nacional. Surge a questão das cartas do rei, levantada na camara dos pares. Dessa questão resalta a ignorancia e o espirito jesuitico do monarca, e a baixeza, o servilismo e a falta de vergonha de Hintze Ribeiro. Mas essa questão é a seguir abafada na camara dos pares, e, perante a intervenção de João de Menezes, abafada na camara eletiva. Eis a liberdade de João Franco. Vem depois o actual caso dos *adeantamentos* á Casa Real. É o proprio presidente do conselho quem levanta claramente a questão. Ele afirma terem-se feito *adeantamentos* ilegales ao Paço. Naturalmente, os deputados republicanos inter-vêm; e intervêm porque João Franco se nega a apresentar as contas, e porque se percebe haver no seu espirito a ideia de legalisar esses *adeantamentos* ilicitos, ou para não nos servirmos de eufemismos politicos, de justificar roubos praticados e escandalosamente encobertos. E porque falaram claro no uso legitimo de um direito e no cumprimento de um dever, são expulso do parlamento por 30 dias dois deputados republicanos. Eis a moralidade, a legalidade e a liberdade de João Franco. É nesta altura que aparece a formação do bloco monarchico.

Perante o ataque do partido republicano e a disposição geral do paiz, quer dizer perante a manifestação clara de uma orientação nova num caso concreto, e a marcha progressiva de novas doutrinas, a monarchia chama a si as suas forças dispersas e prepara-se para resistir. Diante do risco que corre a monarchia, Hintze Ribeiro, o laçoi, faz declarações terminantes em que presta todo o seu apoio ao governo actual. Só lhe pede que não fale no Passado. Não lhe ponha a calva á mostra o governo, não o apresente legalmente como um criminoso, que ele, Hintze Ribeiro, o apoiará e o defenderá. E João Franco aceita. José Luciano, com quem João Franco anda de braço dado, vergonhosamente e impudicamente, apesar de todos os insultos e de todas as campanhas passadas, faz eguaes declarações. E assim o partido franquista que nascera para combater o rotativismo, depois de se ter ligado a um partido rotativo, aceita o apoio do outro. Essa concentração monarchica appareceu para uma obra de sanidade, para uma obra progressiva que espiritos doentios e retrogrados combatiam, como succedeu em França, quando da união republicana contra os partidos realista e catolico? Não. A concentração monarchica fez-se em Portugal para sancionar um roubo.

Foi para obstar a que esse roubo fosse exposto claramente que os partidos da monarchia se ligaram. A concentração monarchica fez-se unica e exclusivamente para impedir que se descobrissem as responsabilidades. Aplicando o principio atraz exposto, facilmente se justifica essa concentração. A monarchia sente-se moribunda. Os seus elementos antagonicos e com programas teoricos diversos, o elemento regenerador, da extrema direita, e o partido do governo com garatujões de radicalismo, desprezaram os insultos mutuos, puzeram de parte a sua vaidade ofendida e os interesses proprios, e juntaram-se para a defender. Ha hoje, assim, declaradamente, em Portugal, dois partidos politicos: o partido monarchico e o partido republicano. As divisões que o primeiro apresenta em época de calma, desaparecem, quando sentem a base comum atacada. É logico, é natural. Cumplidos dos mesmos crimes, de responsabilidade solidaria nos mesmos attentos á integridade da nação, esquecem as suas inimizades, os pontapés que se pregaram e os socos com que se esmurraram, e apparecem transformados num partido unico não para defender o paiz mas para cobrir o rei. O rei é tudo. Ele escarnece-os, despreza-os, chama-lhes nomes feios, ri-se deles, mas os partidos monarchicos vão sempre rasteiros e batendo a cauda, cães medrosos e cobardes, lamber-lhe as botas que os pontapearam, lamber-lhe as mãos que os chicotearam, lamber-lhe o rosto que lhes escarrou.

A luta está travada; dum lado a monarchia desorientada, vexada, criminosa; do outro, o partido republicano representando o paiz e a soberania nacional. Já não pode haver ilusões e ingenuidades. Quem estiver na monarchia, é pelo crime e pela infamia. Que a monarchia saia; se o não fizer, o povo a escorraçará.

Dr. Teixeira de Carvalho

De volta do estrangeiro chegou ao Bussaco o nosso querido amigo e presumoso correligionario dr. Teixeira de Carvalho.

Ha muito que a *Resistencia* estava sentindo a falta do seu illustre director, mas felizmente que agora tudo vae ser compensado.

Já estamos saboreando naquêl bello estilo de filigrana, tão maleavel que na arte segue com a maior suavidade o traçado delicado dum desenho e na polemica fere certo e gnergico a peito descoberto, a leitura das notas e impressões colhidas na longa viagem de estudo que o nosso bom amigo empreendeu.

O conselho superior de obras publicas vae brevemente emitir parecer acerca da construção da estrada de ligação com a estrada distrital 115, neste distrito.

Foi apresentado na igreja do Espirito Santo, do Furadouro, concelho de Camanhô, o sr. Antonio Maria dos Santos Campos.

A revolução russa e a luta de classe

A questão da tática eleitoral occupa na Russia um lugar muito particular.

Os partidos politicos que existem actualmente estão extremamente divididos; têm o seu espirito de classe, suas exigencias, a sua maneira d'encarar os factos conforme a politica governamental e tem tambem os seus pontos estrategicos.

Quando por exemplo o partido constitucional democrata tomou na ultima luta eleitoral uma notavel parte o que lhe permitiu de se constituir em uma fracção importante do poder publico, seguiu a sua tática que é essencialmente diferente das dos outros partidos da direita e da extrema esquerda.

Existe naturalmente entre os constitucionales democraticos e os partidos socialistas uma diferença essencial no que diz respeito á forma do poder publico.

Em quanto os primeiros estão sempre prontos a sustentar a consuição tal como a receberam das «santas mãos» do tzar autocrata, os outros querem lutar até á morte pela patria martyr, conquistando com toda a força o regimen verdadeiramente parlamentar com o sufragio universal no qual tem direito o povo russo. Eis ahí o sulco profundo que divide em duas partes a sociedade russa, ambas oppostas ao absolutismo dos Romanoffs.

Depois que a dissolução da Duma, depois que o governo das forças creou novas dificuldades na vida nacional, a tática eleitoral tornou-se uma questão seria e que é preciso examinar de perto.

Com effeito: como deve lutar-se para mostrar ao governo do tzar que o povo entregue já ha muito a esta «querela diabólica» é uma potencia e não uma entidade inativa e desprezível? A logica e a historia dos povos inglezes e francezes affirmam que a força da revolução ejo seu exito certo estão na união dos partidos oposicionistas e revolucionarios.

Compreende-se bem que esta união deve ser temporaria, sem garantia previa do regimen futuro; mas com a grande admiração de todos os paizes occidentales que conquistaram por grandes ou pequenas revoluções a sua liberdade, que acudiram o jugo do absolutismo — esta união indispensavel não se faz e a Russia revoltada contra o regimen atroz do governo despotico fica dividida em mais partidos politicos, proseguindo á parte uns e outros a sua missão revolucionaria.

Já dois ou tres annos antes de rebentar a revolução russa, alguns partidos socialistas, sobretudo o partido socialista revolucionario, fizeram as primeiras tentativas para coordenar todas as forças revolucionarias, e, numa conferencia especial, estabeleceram accordo com a burguezia liberal, conhecida pelo nome de partido constitucional democratico.

Este pacto previo tinha o fim de dirigir as forças ativas ou passivas dos partidos oposicionistas e revolucionarios, quer dizer as suas manifestações pelos greves politicas, pela insurreição parcial ou pelas proclamações e protestos da imprensa lançados no fim comum — a destruição do regimen actual.

Este primeiro passo para a aliança das forças revolucionarias, coincidindo com os ultimos crimes do poder autocratico — fuzilamentos, massacres, execuções em massa das forças revolucionarias, parecia conduzir a uma união mais estreita, mas as intrigas da burguezia liberal, ordidas quasi a seguir á conferencia, tornaram-na irrealisavel.

A burguezia liberal não tem um programa fixo, nitido e claro, porque é

um partido que tem sempre para com o governo, qualquer que seja a sua forma, uma politica de contemplação; é por esta razão que os partidos socialistas que contam nos seus recenseamentos innumeráveis correligionários artístas, paisanos, como também intelectuaes, não podem entender-se com ela.

Se quizermos um bom exemplo ançemos um olhar retrospectivo sobre a evolução do partido constitucional democrático depois que surgiu como força politica organizada.

Antes que a Duma fosse eleita, antes que as liberdades quasi constitucionaes fossem promulgadas, este partido apparecia sobre um terreno quasi exclusivamente revolucionario. Apresentava reivindicações democraticas e mesmo sociaes, ele ameaçava o poder absoluto de não prover ás necessidades do Estado como classe encarregada das funções publicas e dirigindo a vida da nação.

Desde então a situação anterior do paiz não mudou nem politica nem economicamente, e não ha razão alguma de depôr as armas revolucionarias mesmo a titulo de tregua. E todavia já o partido constitucional-democrata abandonou no periodo da primeira luta eleitoral as suas reivindicações mais ou menos revolucionarias e não solicitou mais reformas urgentes deste governo, que violava as liberdades e os direitos adquiridos pela primeira Duma.

A seguir ao espectáculo vergonhoso do governo, quando foi da dissolução da Duma, os constitucionaes democraticos votaram no extraordinario congresso de Viborg uma resolução, que por o sentido e por as consequências, pode ser considerada como um dos maiores actos revolucionarios praticados pela nossa burguesia liberal durante a sua aparição official na vida politica. Mas apenas passou a primeira emoção deste golpe inesperado, o governo fez de novo pelos labios traidores de Stypine, mil promessas, que levaram o partido constitucional-democrata a abandonar de novo o caminho revolucionario, dando até ordem para suspender a execução da resolução de Viborg. (1)

Nós não queremos criticar aqui as decisões dos constitucionaes-democraticos, eles proprios saberão bem a maneira de se comportar para obter a conquista das liberdades politicas, mas nós devemos consignar os factos e mostrar as divergencias entre a tatica d'este partido e dos outros partidos revolucionarios.

Estes ultimos como condutores das ideas ultra-democraticas no que diz respeito a reformas politicas e a liberdade economica do povo não podem seguir a tatica da burguesia liberal; antes pelo contrario é a burguesia liberal que deve fazer as concessões necessarias para chegar a entender-se com eles.

A segunda batalha eleitoral principiou já na Russia e d'esta vez será ainda mais renhida, mais corrompida pelas manobras policiaes do governo.

Por outro lado a luta das classes sociaes torna-se também consideravel, porque depois d'uma vida parlamentar curta os representantes da extrema esquerda comprehendem que entre os representantes do capital e os do trabalho existe um abismo.

Assim, a segunda campanha eleitoral torna-se um longo campo de batalha onde se vão encontrar os partidos politicos com programas diferentes e onde cada um d'estes partidos procurará fazer triunfar os seus votos e as suas ideas politicas e sociaes.

E' assim que deveria desenvolver-se a Revolução russa neste momento difficil?

Por certo que não. Uma vez mais a luta decisiva entre o povo e o tzarismo, entre a liberdade nascente e o absolutismo moribundo, deve rebentar e são os partidos da opposição que deverão fixar o momento tragico.

E' preciso não esquecer que o inimigo comum não foi dissipado, está forte ainda, emprega todos os meios angustiosos para se salvar, procura meios novos que talvez encontre nesta luta de classes que agora começa a despotar.

Não pregamos a união politica em forma de bloco á moda franceza, mas repetimos que é preciso coordenar as

forças revolucionarias por uma harmonia estabelecida sobre a base da conquista das liberdades elementares, sem as quaes nenhuma outra reforma ou seja a famosa questão agraria ou seja o melhoramento economico do povo não podera ser tentada.

Todos os partidos tanto os constitucionaes democraticos como os socialistas devem transformar a eleição dos representantes á Duma sob o regimen autocrata em eleições para a assembleia constituinte que proclamará a morte do absolutismo. A assembleia constituinte é agora o *mot d'ordre*, o mais urgente, o mais aceitavel que deve reunir os partidos opposicionistas revolucionarios.

Nowremennik.

LEIAM! LEIAM! ÉCOS

83 contos para arranjarr uma casa de jantar — 138 contos para outra — 61:055\$000 réis para arranjos dum guarda roupa — E o resto.

Leiam os que têm fome. E não só os que têm fome.

Leiam os que sofrem incomodos, privações e amarguras, para pagar as suas contribuições.

Leiam os que já algum dia se viram executados pelo Estado por não poderem pagar alguma contribuição.

Leiam, enfim, todos que pagam impostos que tão iniquamente graves são para a maioria.

Num documento official enviado ao deputado João de Menezes, apparecem estas verbas:

Reparação da sala de jantar no palacio da Ajuda, **83 contos.**

Construção dum terceiro andar no guarda roupa de D. Maria Pia, **réis 14:972\$000.**

Acréscamento do mesmo guarda roupa, **25:983\$000 réis.**

Modificação no mesmo guarda roupa, **10 contos e cem mil réis.**

Arranjos nos compartimentos contiguos aos aposentos do sr. D. Carlos, **42:464\$000 réis.**

Construção da sala de jantar de gala no Paço das Necessidades, **réis 138:400\$000.**

Tudo isto o paiz pagou!

Um velho guarda roupa da sr.^a D. Maria Pia, de tres andares, custou só em acrescetes e arranjos, **65 contos e cincoenta e cinco mil réis.**

Para se preparar uma sala no Palacio da Ajuda gastaram-se **83 contos.**

Com a sala de jantar no Paço das Necessidades gastaram-se **réis 138 contos e quatro contos mil.**

Em arranjos nos compartimentos contiguos — notem bem: nos compartimentos contiguos! — dos aposentos do sr. D. Carlos, gastaram-se **42 contos e quatro contos mil réis.**

Vejam bem estes roubos e calculem quantas escolas ou quantos hospitales se poderiam construir com elles, quantas estradas se poderiam crear, quantos pobres se poderiam socorrer, quantos invalidos se poderiam amparar...

E digam se acreditam que fosse aquella a applicação efectiva do dinheiro — se os 51 contos poderiam ser gastos num guarda roupa, os 138 numa casa de jantar, os 83 noutra, e os 42 em compartimentos...

Não, não foram, não podiam ser! E' uma mentira grosseira.

Por muito á larga que se gastasse em tudo aquilo, não se poderia gastar nada que se oacresse.

Não.

Aquellas obras, como tantas outras, eram pretextos indecentes para se roubar o paiz.

Fóra com os ladrões!

Está melhor da doença que o acometeu o sr. Francisco eos Santos Lucas, estimado empresario do teatro Principe Real.

Fazemos votos pelo seu pronto restabelecimento.

O sr. governador civil participou á

repartição do commercio que já se acha instalado o conselho regional.

Protesto nacional

As commissões municipal e parochias reunidas hontem á noite em sessão extraordinaria resolveram pôr á assinatura do publico de Coimbra o seguinte protesto:

Os sinatarios, cidadãos portuguezes, protestam contra a expulsão e suspensão dos deputados Afonso Costa e Alexandre Braga, como um atentado á soberania nacional e um meio illegítimo de embaraçar a livre e honrada fiscalisação dos interesses do paiz.

O *Jornal da Noite*, de 19 deste mez, refere-se á *Resistencia* a proposito dum eco neste jornal publicado sobre um *distincto* deputado que ainda não falou.

O sr. Ambrosio das Mercês autor do livro a publicar — *Anibal Soares* — deitou os bracinhos de fóra e veiu dizer uma piada que não lhe pertence. O sr. Ambrosio das Mercês errou o tiro. Quem pretendia ferir está a estas horas bem longe de nós e não pensa talvez no Ambrosio ratão... Não se trata aqui de quadros, livros ou estatuas. Trata-se simplesmente do sr. Ambrosio. Talvez fosse melhor estar calado.

APALPADEIRAS

O sr. João Franco intimado por pessoa competente para pagar aos professores do curso sanitario de Coimbra, respondeu: não pago.

Mas esses professores, redarguiu alguém, trabalharam e estão desembolsados do seu dinheiro, verba aliás escrita no orçamento.

— Nada tenho com isto, responde o dictador, o dinheiro foi para pagar ás *apalpadeiras*.

PAU DE DOIS BICOS

O sr. João Franco mandou ao Porto emissarios encarregados de lançar em publico o boato de que se formava contra elle uma conspiração palaciana.

Tal conspiração era o produto do seu governo de moralidade, de justiça, etc., etc., e que portanto, para conter o rei, era necessario que do Porto lhe enviassem uma mensagem d'apoio.

Eis a origem e significação do documento que o *Diario Ilustrado* está dando á publicidade!

Este João sempre tem coisas! Nem o geral dos jesuitas o excede. Sempre em jogo de fadista, na sua politica é a intriga que domina.

Desacredita o rei para armar á popularidade, e bate no povo para agradar ao rei.

Pois sr. João, d'aqui lhe profetisamos — hade sair do poder de mal com o rei, por causa do povo; e de mal com o povo, por causa do rei.

Juri comercial

A'manhã, pelas 11 horas da manhã, ha de efectuar-se na sala do tribunal do commercio d'esta cidade, a eleição d'este juri.

Dada a importancia d'este acto para o commercio, é de esperar que a ele concorram todos os interessados.

A comissão dos explosivos foi de parecer que o pedido que o pirotechnico desta cidade, sr. Francisco Berardo d'Andrade, fez para construir uma fabrica de polvora no Ingote, deve ser enviado ao inspector de artilharia da circumscrição do centro, para este informar.

O sr. José Augusto Nogueira de Sá, general-comandante da 5.^a divisão militar, saíu para Aveiro em visita aos quartéis militares daquela cidade.

D'O Mundo:

Consta ao *Popular* que a sr.^a D. Maria Pia, tenciona visitar, ainda este anno, seu sobrinho o rei Victor Manuel.

Temos quarto andar no guarda-roupa. E' pela certa,

Literatura e arte

Camilo Castelo Branco

III

Assim o estudou em parte o meu querido amigo, conego de Sena Freitas E muito bem. O *Perfil de Camilo Castelo Branco*, tal como o escreveu, é documento.

Se a alma de um escritor pode reflectir-se e reviver na obra de um confrade que lhe recebeu com as impressões o poder de aumentá-lo, comentando-o, é aquêlle o processo. Quer estudando o homem quer o escritor, é inimitavel.

Ha, no entanto, embargos a articular. Mas, antes destes, vá um retalho do *Perfil*. (Expediente do biografo desconfiado, que se condoe do bocejar de quem lê).

Quero reportar-me ao paralelo que Sena Freitas estabelece entre Herculano e Camilo:

«Alexandre Herculano, diz, admirava e louvava pouco, por que era pouco generoso, e era pouco generoso porque era pouco amovavel e pouco humilde. Homem de uma honestidade integerrima e de um caracter intemerato, o seu temperamento, todavia, fôra amassado com bilis; falava de dentro de um capuz de cartuxo, e na sua fisionomia arabe, cenobiticamente magra, aferrolhada para o sorriso, misterioso como um interior de cortiço, emoldurada superiormente por uma caixa ossa que parecia ter sido feita para arrombar paredes, havia como a petrificação da autoridade em que se envolveu o fakir indiano. Não foi debalde que elle postou uma tarde inteira deante de mim, em uma viagem que fizemos juntos, de Santarem para Lisboa.»

«Entre o habitante de S. Miguel de Seide e o ex-anacoreta de Vale de Lobos, vae maior distancia do que entre as provincias respeitivas do Minho e da Extremadura, em que se encontram as residencias de ambos. Camilo não é difficil na admiração, nem mesmo no louvor. Vê com o olhar desanuviado de uma intelligencia a quem não tolde o fumo vil da inveja, nem tonteia o vago das soberbas mesquinhas. Poucos serão os literatos portuguezes de merito a quem não tenha consagrado uma palavra, uma frase, uma pagina de applauso, de apreço ou pelo menos de admiração. Chega a comprazer-se em fazelo, pois que a não poucos segundou os encomios que uma vez lhes tecu. Mas por isso mesmo que é capaz de encomiar é também capaz de verberar. Vide *Cancioneiro Alegre* e *Noites de Insomnia*, espéttro dos Josquins.»

Isto é perfeito. Sobretudo o retrato de Herculano saíu admiravel no traço, como na sombra.

Vamos aos embargos. Primeiro ponto: — O capitulo IV do *Perfil* é sobre as crencas de Camilo. Pretende provar-se si a religiosidade do romancista. Sena Freitas pôde declinar nas reticencias daquêlle grande espirito o caminho poído de uma educação christã, colhida em bons annos de convivencia com um tio padre. Santo homem devia elle ser, a termos de medi-lo pelas referencias do sobrinho. Inferiu dali o illustradissimo biografo o seu melhor desejo. Que o romancista foi catolico, a despeito de varios protestos e muitos caprichos, embora com intervalos de duvida. Escudou para mais a opinião em passagens varias da obra do grande escritor, onde de facto a afirmação de religiosidade pode instruir-se.

Ora o *Perfil* foi escrito em 1888, quando Camilo ainda vivia. Vale, ainda, no entanto, aquêlle ponto. A' face da opinião exposta, o subsidio de Camilo Castelo Branco depara-se nos um acto anormalissimo, inesperado, e por demais contrario á vida, temperamento e sentir do grande escritor.

Aqui o reparo. Quants a nós, poucos annos lhe excedeu a fé — a companhia do tio padre.

No geral respeitou a religião que o tinha batizado, e a que o ligava as tradições de familia, os primeiros estudos, as recordações de um passado com que viveu sempre.

Mas a religião tem misterios que de muito brigaram com a sua liberdade de pensador.

Ah! o misterio é a mair arma do ateismo. Se pudessemos vêr o ceu como uma planta de colizeu, e disputar então a entrada a extremos de sacrificio, de ha muito o Escorial de Belzebut, no

outro mundo, teria posto escritos...

Certo é que o grande romancista viu quasi sempre na religião um preconceito.

No entanto, como succedesse encontrar também misterios na sciencia porquanto deixava a religião — voltava de quando em quando a scariciar esta, na versatibilidade extrema de um espirito a todo o ponto filiigrnado e maleavel.

A intervalar as extremas destes estados violentos, apparecia também a duvida.

Foi regra muito tempo naquêlle espirito sempre anciado, e, sobretudo, ansioso de tocar a Verdade.

Convenho em que desejasse crêr, mas não podia; não pôde. As suas obras religiosas são tentativas de fé. A razão ao serviço do desejo: mais nada. E' certo que não raro lembrava a Providencia, mas quasi sempre para a culpar. Lembremos o trecho de uma carta a Sena Freitas:

«A mulher do meu filho Nuno, escrevia, morreu; morreu-lhe também a filha unica. Meu filho Jorge sempre mentecapto. Nesta casa desaguam torrentes de infelicidade dos manancias divinos.»

Isso não é um apelo a uma potencia em que se crê. Muito menos o desabafo de um resignado. E o desespero confidenciao a um sacerdote amigo — na forma ironica, mas educada, de um protesto real.

Imagino-o no delirio daquêlla dôr imensa, a inquirir de Deus a responsabilidade de tal sofrimento, entre a rememoração amargurada de crencas passadas e a blasfemia daquêlla dôr. Longe devia estar da Fé.

Provavelmente culpou Deus naquêlla hora, mais, talvez, para deixar escancar o eminente pensador Teofilo Braga, velho emulo dos seus refregas...

(Continua.)

Visconde de Villa-Moura.

E' indispensavel o inquerito

Do Mundo:

O *Diar. o Ilustrado*, orgão do sr. João Franco, explicava assim hontem os successos do Terreiro do Paço:

«Desde os apedrejamentos de Alcantara, a policia recebeu ordens terminantes para não consentir manifestações senão nas garas e recintos fechados. Nas ruas não as pode permitir, de modo que, para as evitar, não consente ajuntamentos.

«Foi em execução dessas ordens que a policia hontem não permitiu que se formassem grupos, obrigando o pequeno magote de populares que se juntou á porta do ministerio de reino, a dispersar.

«Alguns desses individuos recusaram-se a obedecer; d'ahi a sua prisão, como se vê, perfeitamente justificada.

«Eis ao que se resumiu a oocorrencia de hontem.»

E' redondamente falso — tão falso como as versões a que deu publicidade a imprensa regeneradora, por ocasião do 4 de maio — que a policia prendesse *desobedientes*.

O que ella prendeu — tanto no Terreiro do Paço como no teatro Principe Real — foram cidadãos que aclamaram deputados portuguezes legitimamente eleitos — embora illegitimamente expulsos.

E se o sr. João Franco manda fazer um inquerito por gente seria e inauspita, ele hade demonstrar que não houve *desobediencia*, como diz o *Ilustrado* e a parte falsa da policia.

Por todos os motivos, o sr. João Franco tem que ordenar esse inquerito, tão necessario como o que ele reclamou para os acontecimentos de 4 de maio.

Ou ficará muito mais emporcalhado do que já se encontra.

Mais emporcalhado do que se encontra este pantomineiro! E' impossivel. Toda a lama das baixas imundas do paiz não representa a quarta parte da porcarias que hoje cobre a alma corrupta deste politiquero de almoeda!

Á alfandega de Lisboa chegou uma caixa com artigos sanitarios para o hospital da Universidade.

Foi autorisada transferencia ao aluno João Henriques d'Oliveira, do liceu de S. Domingos para o desta cidade,

(1) Ver a resolução do ultimo congresso do partido C. D. em Helsingfors.

PASTELARIA E CONFITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

Doces de ovos com os mais finos recheios.

Doces de fructa de diversas qualidades, secos e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Tête d'Achar. Patê de Lievre e Foie.

Sauceiros. Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. **Pão de ló**, pelo sistema de Margaride.

Especialidade em **vinhos generozos e liceres finos** das principaes mareas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Conraça de Lisboa, 32

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal afétna seguros postaes, para todas as cabeças do districto e de comarcas.

Correspondentes: **Gaito & Canas**
Coimbra

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portuguezes, á venda na

Mercearia LUSITANA
(Depósito unico em Coimbra)

Estab. Ind. Pharm. “Souza Soares,”

(NO BRAZIL E NA EUROPA)

Devidamente legalizado em Portugal e distinguido com um premio de Honra de 1.ª classe e cinco medalhas de Ouro, na America do Norte, França e Brazil, pela perfeita manipulação e eficacia dos seus productos medicinaes:



(Marca registrada)

PEITORAL DE CAMBARÁ

(Registrado)

Cura prompta e radicalmente as tosseas ou rouquidões;
Cura a laringite;
Cura perfectamente a bronchite aguda ou chronica, simples ou asthmatica;
Cura a tísica pulmonar, como o provam numerosos attestados medicos e particulares;
Cura incontestavelmente a asthma, molestia difficil de ser debellada por outros meios;
Cura admiravelmente a coqueluche, e, pelo seu gosto agradável, é apete-cido pelas creanças.
Frasco, 1\$000 réis; 3 frascos, 2\$700 réis.

PASTILHAS DA VIDA

(Registrado)

Combatem o fastio, a azia, a gastralgia, as nauseas e vomitos, o enjôo do mar, o mau halito, a flatulencia e a dilataçao do estomago. São de grande eficacia nas molestias do útero e da pelle, na fraqueza dos nervos e do sangue.
Caixa, 600 réis; 6 caixas, 3\$240 réis.

36 Remedios Especificos em pilulas saccharinas

(Registrados)

Estes medicamentos curam com rapidez e inoffensividade:
Febres em geral;
Molestias nervosas, da pelle, das vias respiratorias, do estomago, dos intestinos, dos orgaos urinaes;
Molestias das senhoras e das creanças;
Dôres em geral;
Inflamações e congestões;
Impurezas do sangue;
Fraqueza e suas consequencias.
Frasco, 500 réis; 6 frascos, 2\$700 réis.

Consultem o livro — *O Novo Medico* — pelo Visconde Souza Soares, á venda nos depositos dos remedios do auctor. Preço: brochado 200 réis, encadernado 500 réis.

Medicamentos homeopaticos garantidos, avulsos e em caixas de diversos tamanhos

1 Tubo com globulos 200 réis; duzia 2\$160.
1 Frasco com tintura 3.ª ou 5.ª 400 réis; duzia 4\$320.
1 Dito com trituracao 3.ª 700 réis; duzia 7\$560.
Vede os preços correntes, o *Auxilio Homeopatico* ou *O Medico de Casa* e a *Nova Guia Homeopatica*, pelo Visconde Souza Soares.

Estes productos vendem-se em Coimbra na drogaria de Rodrigues da Silva & C. — Rua Ferreira Borges, 36.
Deposito geral em Portugal — Porto, rua Santa Catharina, 1503.

Aviso importante

O Estabelecimento tem medico habilitado, encarregado de responder gratuitamente a qualquer consulta por escripto, sobre o tratamento e applicação destes remedios.

Os armazens GRANDELA & C.ª

RUA DO OURO, 115 — LISBOA

mandam catalogos e amostras do seu colossal sortimento a quem as pedir.

Vendem para as provincias pelos mesmos preços que para Lisboa

Pagam o porte das encomendas cuja factura pode ser satisfeita no correio na occasião de as receberem

Mandam amostras a todos que as pedirem para que as confrontem com as das outras casss.

Não têm agentes em parte alguma, tratam todos os seus negocios directamente com o publico de todo o paiz, e é por isso que vendem mais barato que ninguem.

O catalogo geral de verão com 116 paginas e 1050 gravuras é enviado de graça a quem o pedir a

Grandela & C.ª

Rua do Ouro, 115 — LISBOA

CASA MEMORIA

SUCURSAL EM COIMBRA

Rua Visconde da Luz, 1
Praça 8 de Maio, 10

Esta casa continua a fornecer ao publico as suas acreditadas máquinaz de costura *Memória*. Têm todos os modelos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que é mais perfeito.

Ninguem compre sem vizitar esta antiga e acreditada casa, para se certificar da qualidade e preços destas máquinaz que nenhuma outra se pôde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por aí se vendem. Vendem-se a prestação e a pronto pagamento. Aceitam-se máquinaz usadas em troca pelo seu justo valor.

Pianos

Esta casa acaba de receber importantes remessas de pianos alemães e francezes que vende a pronto pagamento por serem importados directamente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se pianos em troca e compram-se pianos usados.

A sempre quantidades de piano para alugar.

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedora em Coimbra, a

MERCEARIA LUSITANA

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA
Mercearia LUSITANA

Machinas fallantes

Deposito completo de aparelhos das principaes marcas e para todos os preços a partir de 14\$000

Variada collecção de discos e cylindros com musicas e cantos executados pelos mais notaveis artistas.

Vendas pelos preços de Lisboa e Porto.

Depositarios da *Companhia de Gramophone*, da *Edison National Phonograph*, C.ª de New-York, e dos *Grandophones «Odeon»*.

TELLES & C.ª

R. Ferreira Borges, 152, 1.ª

COIMBRA

A NACIONAL

Companhia portugueza de seguros sobre a vida humana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital --- 200.000\$000 réis

Seguros de vida inteira, Temporarios, Mixtos, Praso Fixo, Combinados e Supervivencia, com ou sem participação nos lucros da Companhia.

Capitaes differidos e Rendas vitalicias immediatas, differidas e temporarias, com ou sem contra-seguro.

Agencias nas cidades e principaes villas do pais.

Para informações e tarifas dirigir-se á sede:

Praça do Duque da Terceira, 11-1.ª — LISBOA

Agencia de Coimbra:

Travessa de Mont'Arroio, 35 ou na Praça do Comercio, 58.

CAÇADORES

O mais importante estabelecimento de espingardas, carabinas, revolveres e munições, é o de **JOÃO GOMES MOREIRA**, rua de Ferreira Borges — Coimbra — Sucursal na *Figueira da Foz* (em frente ao Casino Mondego).

ARMAS EM DEPOSITO

Espingardas (Ideaes) — da manufatura de *Saint-Etienne, Ga and Elie, Francosa, Francolls, Remington, Bernard*, manufatura *Liege & ais*

Carabinas — *La Francoll, Popular, Winchester, Colts*, etc.

Revolveres — *Galand, Saint-Etienne, Smith Werson, Vello-Doger*, etc., etc.

Pistolas — *Mauzer, Browing, Gaulcis*, etc., etc.

Munições de todos os calibres e qualidades

Mandam-se vir armas de qualquer fabricante, como por exemplo: *Holland & Holland, Puy, Dietrichsen, Grecur*, etc.

PAPELARIA CENTRAL

Rua Visconde da Luz — Coimbra

Pianos GAVEAU

Recebidos directamente de Paris, vendem-se nesta casa pelos preços da fabrica e recebem-se pianos em troca, — pedir catalogos e condições de venda.

Um completo sortimento d'aparelhos e todo o material preciso para a fotografia, que recebe dos principaes fabricantes e vende pelos preços mais baratos.

Grande edição de bilhetos postaes illustrados

De Coimbra, Vizeu, Aveiro, Castelo Branco, Covilhã, Amarante, Beja, Mirandela, Serra d'Estrela, etc.

Papelaria Borges

COIMBRA

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 105, 1.ª

Tomam-se seguros de predios imobilis e estabelecimentos contra o risco de incendio.

Repara Lê

Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipações, bronquites, rouquidões, asma, tosse, coqueluche, influenza e outros encomodos dos orgaos respiratorios.

Se atenção sempre, e ouço as mais das vezes com o uso dos *Sacharolides d'alcastrão, compostos (Rebuçados Milagrosos)* onde os glicton maravilhosos do alcastrão, genuinamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidenciam em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons resultados obtidos com uso dos *Sacharolides d'alcastrão, compostos (Rebuçados Milagrosos)* são confirmados, não só por milhares de pessoas que os tomam usado, mas tambem por abalizados facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lazaro

PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

Ferragem para toldo

Vende-se uma para tres portás. *Mercearia Avenida*. Largo do Principe D. Carlos, 51 — Coimbra.

“RESISTENCIA,”

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno 2\$700
Semestre 1\$350
Trimestre 680

Sem estampilha:

Anno 2\$400
Semestre 1\$200
Trimestre 600

Brasil e Africa, anno 3\$600
Ilhas adjacentes, 3\$000

Numero avulso 40 réis

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os señores assinantes, desconto 50%.

Comunicados, cada linha 40
Réclames, cada linha 60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com oja remessa este jornal por honrao.

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redacção e administração — RUA FERREIRA BORGES

Officina tipographica

12 — Rua da Moeda — 14

N.º 1161

COIMBRA — Quinta-feira, 29 de novembro de 1906

12.º ANNO

Um saque sobre a sr.^a D. Maria Pia protestado pelo Banco Commercial

A liquidação franquista

Não ha duvida que o partido franquista vive presentemente de meros expedientes.

Mau processo de vida é este que o sr. João Franco adota e que os seus subditos acatam e valorizam como pedra preciosa.

Na liquidação partidaria acontece sempre assim: os trapos caseiros, exhibem-se á ventilação deshonesta dos comediantes interessados, no descarnamento do ultimo osso governamental.

O caso é significativo e digno de menção.

No parlamento sentiu-se o despotismo falto de ideias, e como politico temperamento ingenuo duma parte da população, por outro sabedor da cambada de idiotas que infelizmente por ahi vagueia, mandou subrepticamente papeletos para assinar, sob a forma de mensagem, no intuito de exhibir popularidade! talvez encontre parvos que lh'os assinem, ao lado de caciques que imponham e comprem assinaturas.

Os taes papeletos apparecem nos estabelecimentos commerciaes, nas repartições publicas e até nas escolas!...

Eles rolam por cima das mezas do Lyceu com a indignação do professorado, que ainda ha pouco recebeu um insulto do governo.

Eles seguem nos bolsós de emissarios que partem do governo civil, de casa d'alguns caciques, e até os ha oriundos da Cumeada, duma capela celebre dum tal Santo Antoninho de Padua!

Pobres empregados, a quem tem sido apresentado o tal documento com intimativa — ou assiniis ou... não nos atrevemos a dizer o resto!

Os taes do governo são filhos da monarchia, e portanto espazes de tudo.

As intimidações e ameaças são o lema da sua propaganda. Esta, uma das faces da sua tatica. A outra manifesta-se no engodo de promessas vãs, entre as quaes sobre-se a celebre redução no imposto da lei de salvação publica!

Os empregados, pobres diabos, mirando a ação patriotica dum governo atravez duns miseros cobres coados pela mão cinica dum neuropata, que num paiz honesto estaria num manicomio ás ordens de Julio de Matos, dão-lhe, em marés de fome, um ar da sua graça.

Alguns, poucos, porque o maior numero conscientes do papel que representam na sociedade, dos direitos inherentes aos seus cargos, olhando sobranceiramente essa coroa de miseraveis, que acobertam impudicamente os taes adiantamen-

tos desta «Falperra de manto e corôa», sabem escorraçar com humildade e altivez tal canalha exploradora.

O resto, uns vergam-se sabujamente ás imposições dos mandatarios; outros despem na arena a sua crendice e ficam com um sorriso alvar á espera de melhores dias.

Fortes patetas!

O telegrama de Salmeron

MADRID, 26, n.º — Directorio Republicano — Lisboa. — Respondendo ao vosso afetuoso telegrama, a minoria parlamentar afirma que a gloriosa independencia da nação portugueza é sacratissima para todos os republicanos hespanhoes que considerarão um absurdo e abominavel atentado qualquer expressão que possa afetar os nobres e vigorosos sentimentos da democracia lusitana pela indestrutivel soberania da sua luminosa patria. — Salmeron.

São os seguintes os professores aprovados para a regencia provisoria, no actual anno letivo, no liceu central de Coimbra: Armando Leal Gonçalves e Francisco Miranda Martins de Carvalho, 7.º grupo; Carlos Acioli Freire Temudo, dr. Bernardo Aires e dr. Eusebio Tamagnini de Matos Encarnação, 6.º grupo; dr. Augusto de Arzila Fonseca e Antonio Maria de Matos Cordeiro, 5.º grupo; Joaquim Pereira Gil de Matos e dr. José Joaquim de Oliveira Guimarães, 1.º, 2.º e 4.º grupos; Carlos de Melo Leitão, 3.º grupo; Mario Correia de Carvalho Aguiar, 1.º, 2.º e 4.º grupos; Pedro Mascarenhas de Lemos, Antonio Sara da Cunha, Agapito Pedroso Rodrigues e Antonio Couceiro Martins, 5.º grupo; José Alberto Pereira de Carvalho, 6.º grupo; Albino Candido Pinheiro de Castro, inglez e alemão; dr. Luciano Antonio Pereira da Silva, José Cipriano Rodrigues Diniz, Alberto Leuschner, Frederick Charles Jarrold, Antonio Mesquita de Figueiredo, 3.º grupo.

A Nacional

Acaba de ser nomeado agente da companhia de seguros de vida A Nacional o nosso amigo sr. João Gomes Moreira, negociante n'esta praça.

A Nacional é a unica companhia portugueza de seguros sobre a vida motivo bem sufficiente para a recomendar-mos aos nossos leitores.

Recebemos os seus estatutos e sobre elles diremos alguma coisa nos numeros seguintes.

Para breve:

A MENTIRA MONARQUICA

Publicação do Centro Republicano de Coimbra.

Do Mundo:

Ha dias recebemos aqui a informação de que, pelo Banco Commercial, fôra apresentada a protesto uma letra da sr.^a D. Maria Pia. Fomos informar-nos do que havia.

O que ha é o seguinte: Em Carlsbad (Bohemia), o sr. A. Klein sacou um cheque de 5202,75 francos sobre a sr.^a D. Maria Pia, rainha de Portugal, endossando-o ao Bohonische Escompte Bank Filiale Carlsbad. Este Banco, por seu turno, endossou-o ao Banco Commercial de Lisboa.

O Banco Commercial mandou receber ao paço.

Ali, foi dada a resposta sacramental: — Fossem receber ao ministerio da Fazenda onde se respondeu que — não se pagava, não havia ordem.

Em vista disto, o Banco Commercial protestou a letra que está no Tribunal do Comercio.

A noticia, tal como a temos, é esta. E vá que não é insignificante, nem inoportuna!

Ella é, antes de mais nada, a confirmação dos boatos correntes, de que diariamente estão aparecendo contas do estrangeiro.

Ella confirma tambem que a frase de ordem nos paços para taes contas é esta: — no ministerio da Fazenda que paguem.

E systematicamente tem-se pago. Assim se têm feito os adiantamentos, na frase do sr. João Franco; as despesas de representação, na frase do sr. Hintze; e as despesas com visitas e viagens regias, na frase do sr. José Luciano. Assim se tem saqueado o tesouro; assim se tem roubado o paiz.

Mas, desta vez, não se pagou — gritará triunfante, a moral franquista que toda se indigna de que se fale em roubos do passado.

Sim, desta vez, não se pagou este adiantamento; deixou-se fazer o protesto.

Mas ha-de pagar-se. Se ha-de! E vamos ver. De duas uma: ou o adiantamento se faz, ou a sr.^a D. Maria Pia é executada. Não haja duvidas. Quem não paga é a sr.^a D. Maria Pia. Não paga contas destas, á sua custa, a rainha-mãe. Não paga por falta de dinheiro, não paga por orgulho. E havia de ter graça que a obrigassem a pagar ali no Tribunal do Comercio! Não o admite o orgulho d'essa grande rainha que, em catecismo ensinou a seu filho a doutrina dominante: *Il n'y a que des princes et des choses*. — Eu, rainha de Portugal, a ser executada por beleguins do meu paiz, e a pagar? Não tenho mais que fazer! Antes mil vezes antes o escândalo, para escarneio dos subditos que querem rainhas e não as sabem ter. — Assim, seguramente, terá falado a velha e magestática viuva de D. Luiz.

Por consequente, não haja duvidas: o cheque será pago por nossa conta. Isto é, vai se, emfim, fazer um adiantamento, deante de nós todos. Vão nos tirar a carteira, dando nós por isso.

E nós, contribuintes, e nós, povo, que fazemos?... Pagamos e calamos?!...

A proposito, perguntam-nos que diabo seria que a nossa rainha encomendou na Bohemia.

Quer-nos parecer que o negocio de s. m. com o sr. Klein não deve ter sido senão rendas.

Ha-as muito bonistas na Bohemia. E — vamos — foi economica desta vez a sr.^a D. Maria Pia: fazer uma encomenda de rendas só até um conto e pico, chega a ser uma miseria.

A lista civil na Republica Franceza

Com este titulo publica a *Folha de Coimbra* uma coleção interessante de dislates.

Podiamos deixar passar taes asneiras sem reprimenda, mas, o conceito em que temos este colega obriga-nos a dizer alguma coisa sobre o caso.

O presidente da Republica Franceza não tem um milhão e duzentos mil francos de ordenado. Tem antes, mais correctamente, 600 mil francos d'ordenado e 600 mil francos destinados a representação. Tomando o cambio exagerado da *Folha de Coimbra* e não o par, equivalem as verbas acima designadas a 120 contos d'ordenado e 120 contos de representação (casa civil e militar, etc.). A mãe, as tias, os tios, os primos, os irmãos, as irmãs, a mulher, os filhos, os netos, o sogro ou a sogra do presidente não ganham nem cinco réis.

O estado francez dá ao seu presidente uma casa que adquiriu proposadamente para esse fim, porquanto os antigos paços reais estão hoje convertidos em museus — que, nacionaes e estrangeiros, ricos e pobres, proletarios e burguezes, robes, militares, mulheres e creanças podem todos os dias visitar. São do estado e para regalia do povo.

As obras do paço do presidente são autorizadas pelo parlamento — e como a *Folha de Coimbra* pôde verificar facilmente, não se gastam lá na sala de jantar 83:000\$000 réis, mais noutra sala de jantar 138:400\$000 réis, em aposentos contiguos aos do chefe de estado 42:400\$000 réis, em acrescentos e arranjos de guardas roupas 51:055\$000 réis!! etc., etc.

A familia real portugueza ganha — na tal lista civil, fóra adiantamentos — 525 contos de réis.

A casa militar e civil da familia real é paga pelos cofres do estado.

Por consequente, a comparação estabelece-se da fórmula seguinte: emquanto que o governo francez dá ao presidente da republica de ordenado 120 contos, nós os portuguezes exportulamo-nos com a insignificante verba de 525 contos, fóra os taes adiantamentos, em cuja materia o nosso colega é sabio e perito.

Agora mais duas palavrinhas; compare a *Folha de Coimbra* a verba dispendida com a chefia do estado em França e Portugal com os respetivos orçamentos do estado.

O orçamento portuguez é de aproximadamente 60:000 contos de réis e o orçamento francez é de 3.000.000:000 francos, ou em moeda do nosso paiz 600:000 contos de réis.

Isto é Portugal tem um rendimento dez vezes menor do que a França.

Portanto, se Portugal pagasse ao seu representante na proporção da França devia dar ao sr. D. Carlos, mulher, irmão, mãe e filhos a verba anual de 12 contos réis de ordenado e em seguida devia riscar no orçamento as despesas de representação, casa civil e militar, dando mais para este fim outros doze contos de réis.

Em ultima análise; se o nosso colega quizer estabelecer paridade entre os dois paizes de harmonia com as respetivas forças monetarias, tem de dar á familia real portugueza 12 contos de ordenado e 12 contos para representação — e seguidamente enclausurar na cela duma penitenciaria aquelles que por baixo de mão, defraudando os cofres do povo, fizerem adiantamentos,

obras espectaculosas, guardas roupas e muitas outras coisas que ainda se não sabem, mas que certamente o nosso colega, como bebe do fino, já conhece.

De resto, as verbas que a França dispende com o presidente do senado, com o presidente da camara dos deputados e com os proprios deputados nada têm que ver com o chefe do estado.

Recebem mais do que cá, assim como um professor da Universidade de Paris tem de ordenado 25:000 francos, cinco contos de réis, enquanto que um lente da Universidade de Coimbra ganha liquido 800\$000 réis!!! E na Inglaterra ainda estes ordenados são superiores.

Os deputados vencem em França 25 francos diarios. E achamos muito bem. O que não comprehendemos é este regimen de deputados de graça que só permite acesso ao parlamento aos individuos que têm fortuna.

Um operario, evidentemente sem recursos monetarios, não pode ser deputado, porque a bolsa lhe não permite uma estada em Lisboa durante a epoca legislativa.

Vê portanto a *Folha de Coimbra* que mesmo sob este aspeto, que aliás nada tem com as dotações do chefe do estado e respetiva familia, a França está muito adiante desta pilheira — como lhe chama o sr. D. Carlos.

Não vale comparações, caro colega... E a respeito de *grand rabais* veja se o seu patrono João Franco, levantando um pouco a mangedoura, torna isto mais barato.

Escolas de direito em Lisboa e Porto

O sr. João Franco na reforma de instrução publica que tenciona apresentar ao parlamento, cria duas escolas de direito — uma no Porto e outra em Lisboa.

Ateneu Commercial

Por esta antiga associação, a unica que se tem sustentado nesta cidade e a que mais tem lutado pelas justas regalias dos caixeiros, foram enviados no passado dia 26 os telegramas seguintes:

João de Menezes — Lisboa. — Ateneu Commercial Coimbra pede V. Ex.^a insista approvaçõ projeto descanço semanal.

Presidente Camara Deputados — Lisboa. — Ateneu Commercial Coimbra pede a V. Ex.^a apresente discussõ projeto descanço semanal e interceda sua approvaçõ.

Tambem por um grupo de 56 caixeiros foi enviado o seguinte:

Conselheiro João Franco — Lisboa. — Caixeiros Coimbra reunidos pedem a V. Ex.^a interceda perante Camara Deputados imediata discussõ projeto lei descanço dominical.

Mais foram enviados pelos mesmos caixeiros telegramas aos srs. dr. Antonio José d'Almeida, Oliveira Matos, dr. Carlos Lopes, Hintze Ribeiro, José d'Alpoim, João Arroio, Dantas Baracho, Melo e Sousa e presidente da camara dos deputados, pedindo-lhes o seu apoio ao projeto de lei do descanço semanal, que já foi aprovada pela comissõ de legislaçõ civil e que brevemente devera ser discutido na camara dos deputados e dos pares.

LHA DO PRINCIPE

5—XI—906.

Ex.^{mo} sr. redator.—Numa das nossas ultimas crônicas diziamos a v. ex.^{ta} que nos constava ia ser exonerado do governo d'esta ilha o capitão sr. Ferreira dos Santos, boato que infelizmente, se não confirmou. E dizemos infelizmente pelo facto que passamos a expor e que mais vem confirmar as accusações por nós até aqui formuladas contra s. ex.^{ta}, que pôde ser um brioso militar, muito bom homem, nunca um regular governador.

E para o caso chamamos a atenção do illustre titular da pasta da marinha certas que s. ex.^{ta} porá cobro aos desmandos d'este «Trepoffosinho» arte nova cheio de nervosismo e doçãs correlativas.

O facto não se dá com um nosso amigo; a vítima é um homem que nos é extranho mas que merece no entanto a nossa consideração e a de toda a gente honrada e digna.

Não abordamos mesmo o acontecimento dos comentarios que nos acodem para nos não julgarem interessados no assunto.

Limitamo-nos a relatar a prepotencia para que o mundo saiba ao que estão sujeitos todos aquellos que nestas paragens caem no desagrado d'este ou d'aquelle intriguista, d'este ou d'aquelle aulico.

O sr. Francisco Lucas é tenente do Quadro Auxiliar de Officiaes da Armada Portuguesa. Assentou praça no dia 7 de junho de 1877 e serviu no corpo de marinheiros até 3 de junho de 1898 com exemplar comportamento. Nessa data foi promovido a guarda-marinha e a tenente em 3 de maio do corrente anno.

E' condecorado com as medalhas de prata: de «Comportamento exemplar», e de «Bons serviços» e de «serviços no ultramar». Tem além d'isto diversos louvores cuja innumeração nos parece superflua, sendo no entanto digno de registro um diploma de louvor que lhe foi conferido pelo Real Instituto de Socorro a Naufragos por serviços prestados á humanidade, com perigo da propria vida, por occasião de um naufragio na barra da Fuzeta, aonde o mesmo sr. era delegado marítimo.

Como prova da sua capacidade e honradez, e dos bons serviços prestados á patria por este cidadão, pôde-se apontar: ter sido, como sargento, encarregado de fazenda, material de guerra, etc., cargos que sempre desempenhou a contento dos seus superiores. Como official foi delegado marítimo na Fuzeta, em Sines, e capitão dos portos em Olhão.

Atualmente é delegado marítimo nesta ilha e antes de assumir este logar prestava serviço na primeira repartição da direcção geral de marinha,

cargo que deixou a pedido do seu superior, e intimo amigo, o mlogrado capitão tenente Annorja, então subchefe d'aquelle repartição, que ao ser nomeado capitão dos portos da provincia, o instou para seu delegado nesta ilha.

A tudo isto agrega o sr. Lucas uma vida privada sem maculas.

E' pae amantissimo e marido extremoso.

Pois este homem, ex.^{mo} sr. redator, ha 15 dias que se encontra preso como sentinela á vista no quartel d'esta ilha, sem lhe terem fornecido ainda a nota do castigo, por ordem do sr. Ferreira dos Santos.

Motivos: Pelo ultimo vapor vindo de S. Tomé, chegou a esta vila a correcção ao julgado que se hospedou na fortaleza atual residencia do governador do distrito.

Como as communicações entre a cidade e aquele ponto sejam feitas por mar, mandou verbalmente, o sr. governador, dizer ao delegado marítimo que pozesse á disposição dos funcionarios de justiça em correcção todos os botes e embarcações a estas necessarios.

O sr. Lucas com muita razão, achou a ordem pouco atenciosa e menos digna, respondendo ao proprio de s. ex.^{ta} que estava pronto a cumprir essa ordem quando lhe fosse legalmente transmitida, apoiando-se, para tal exigir, no art.^o 6.^o do Regulamento da Capitania dos Portos da Provincia de 26 de dezembro de 1885, publicado no Boletim official n.^o 25, de 19 de Junho de 1886, que diz assim:

«A capitania dos portos e a delegação na ilha do Principe fornecerão as embarcações que forem necessarias para o serviço das diversas autoridades e repartições da provincia sempre que legalmente lhe forem requisitadas.»

Não ha mais troca de palavras ou notas.

Segue-se uma ordem á força armada que manda apresentar o sr. tenente Lucas no quartel, aonde ficará preso com sentinela á vista, até ulterior resolução!!!

Nós sabemos que o acto de força do sr. governador foi impensado e é filho do seu feitiço irrequieto.

Mas será por isso menos digno de censura?

Já uma vez dissemos a s. ex.^{ta} que quem tem nervos não aceita cargos de governador ou os deixa no gabinete do ministro que o nomeia e hoje voltamos a repetir-lho.

Sua ex.^{ta} ha de vir a arrepender-se, quando lhe passar o nervoso, de ter sujeito o sr. tenente Lucas a tal vexame. E de que servirá isso?...

Já ninguém o livra do exovalho, nem de ter estado metido num serra-

lho que outra coisa não é «aquilo» a que nesta terra se chama quartel.

Um homem, exemplar pae de familia e irreprehensivel cidadão, não deve ser assim tão inconscientemente obrigado a abdicar da sua dignidade.

Ou não tem s. ex.^{ta} conhecimento que o sr. tenente Lucas tem do lado da sua cela, do sul, como ele diz, a concubina do comandante do destacamento, que lhe serve de carcereiro, do norte a do impedido do mesmo senhor, na ré a do respectivo sargento e nos porões, nas suas frascas maritimas, uma de cada soldado?

Quem nos ler ha de dizer: um governador que procede por tal fórma, que se atreve a sugar a prisão tão rigorosa um official de patente quasi igual á sua, com 30 annos de bons serviços, só pela razão de não lhe atender uma ordem verbal que o desconsiderava o que a lei diz dever ser escrita, deve ser um homem... superior a tudo.

Ele, de facto, s. ex.^{ta} é socio do sr. José Luciano de Castro mas não sabemos se só na roça «Cadão» se tambem na immaculidade.

Do que temos conhecimento, e o sr. Lucas muito mais do que nós, é que um parente do sr. Ferreira dos Santos, governador d'este distrito, que está empregado nos terreiros da roça «Esperança» recebe dos cofres publicos: como faroleiro d'esta ilha, 36000 réis por mez; como escriptão da delegação maritima 12000 réis, idem; e como barbeiro (!), do hospital, 5000 réis, tambem por mez!...

Dizem-nos que o sr. Lucas vai citar estes casos na reclamação que vai formular ao castigo que lhe foi imposto se antes não fôr... fuzilado.

Mas como tudo se pôde vir a «abafar» e nós não somos bahu de ninguém, trazemos a publico estes casos que nos parecem anormaes para conhecimento do illustre governador da provincia e do sr. Anjos d'Ornelas.

Um inqueritosinho; não valerão um inquerito estas prepotencias e... poucas vergonhas?...

— Acabamos de receber noticias da Europa, e com o coração partido vimos que se finou Heliodoro Salgado, um dos fachos que mais alto, nos picaros revolucionarios, tinha ido assentar arraiaes iluminando d'ai a Esperança e a Fé pela noite tenebrosa do futuro que ele sabia ser de redenção para este pobre Portugal.

Amavamos o mestre com um afeto de filho e ao termos conhecimento que tomou para sempre na terra mãe uma dôr imensa nos dilacerou a alma.

Que repose em paz o honrado cidadão e que a sua vida sirva de exemplo a todos aqueles que nesta vida lutam pela verdade contra a ipocrisis, pela liberdade contra a reacção.

Principe, 5 de novembro de 1906.

Urbano Junior.

(24) Folhetim da "RESISTENCIA",

Madame Robert Halt

ANTONIA

— Tu não tens senão dois, ao passo que eu tenho oito! respondeu Prudencia com firmeza.

Não foi possível demove-la; o volume ficou, portanto, onde estava.

Antonia chorava silenciosamente, porque depois reconhecia que qualquer explicação ou rogo seria inutil com taes creaturas, e que mais facil lhe seria comover e interessar as duras pedras, falando-lhe dos laços e comocões que a prendiam ao livro, do que fazer-se escutar daquelles que a cercavam.

Prudencia Goblot examinava attentamente o choro da creança, quando a porta se abriu e por ella entrou o pae Dinot.

— Vinha vêr a creança, que desde logo correu para elle.

— Será tambem herdeiro?

Os olhares, cruzando-se, dirigiram-se mutuamente esta pergunta.

Depois de ter lançado os olhos para o monte dos moveis e fitado as diversas personagens, o pae Dinot poz a mão sobre o hombro de Antonia e disse:

— Pelo que vejo, as cousas por aqui correm bem. A creança não vos disse ainda que foi ella quem amou e tratou da Fortunata como se fosse sua filha,

que lhe cerrou os olhos, que lhe ornou de buxo e flores o templo, e que por todos estes motivos assim como pelo desejo da falecida é ella a sua unica herdeira?

— Ha algum documento? perguntaram os dois Goblot, muito corados.

— Existe algum documento? perguntaram os outros dois.

A estas palavras, que resolviam de pronto a questão, o pae Cardinet não teve forças para continuar.

Abanou a cabeça, e com ar pensativo, poz se a examinar os pobres moveis.

Prudencia, pensativa tambem, voltou a fitar Antonia dos pés á cabeça como se pretendesse tirar-lhe a medida com exactidão; depois, adoptando o olhar, atraiu-a para si, e, em voz baixa, perguntou-lhe:

— Quantos annos tens?

— Onze.

— Sabes cosinhar?

— Sei.

— E tratar do arranjo da casa? e das compras?

— Tambem.

— Bom.

Aproximou-se do ouvido do marido e disse-lhe:

— Não abras bico, deixa-me tratar do assunto.

E a seguir, em voz mais alta, e apontando o velho, acrescentou:

— Ele tem razão. E' preciso pensar na pequena. Vamos, Odilia, queres que a tiremos á sorte, jogando as palhinhas?

Odilia recnou.

— Está bem. Encarregar-me-hei eu dela; tenho oito filhos; mas um a mais ou um de menos pouco importa.

E os seus olhos, só comparaveis em agilidade com as suas mãos, voavam do rosto do pae Cardinet para o da creança.

— Vá, Antonia, responde, disse o pae Cardinet.

Antonia, chorando, agstrou-se a elle por um momento como ao seu ultimo amigo, depois aprumou-se e levantou a cabeça.

Sabia bem que o homem do retiro, tão velho, tão pobre, o sogro da terrivel Veronicá, que o socorria, não podia conservar-la em sua companhia, e num supremo esforço, murmurou:

— Papá Dinot, eu vou com eles tambem, sim?

O velho nada respondeu; mas os olhos afogaram-se-lhe em lagrimas; e a sua mão, que tinha travado da mãozinha de Antonia, apertou-lha com paternal doçura, prestando assim um terno assentimento aquella resolução que vinha ferir-lhe no seu coração bondoso e dedicado.

— Qual é o vosso nome? perguntou elle, fitando frente a frente o rosto de Prudencia—que, apesar de tudo, não lhe parecia muito mau.

— Prudencia Goblot, de Sempleux. E aqui tendes o meu marido, Amavel Goblot.

Apontou-lhe para o capote cõr de borra de vinho e que ameaçava rebentar as costuras. Goblot, escancarando

ANNUNCIOS

COMPANHIA GERAL DE CREDITO Predial Portuguez

AVISO

Previnem-se os ex.^{mos} srs. acionistas, obrigacionistas, mutuários e quaesquer outras pessoas, que tenham transações com esta Companhia, que a Agencia nesta cidade se acha instalada na Praça 8 de Maio, n.º 33 a 37, e que o escritorio está aberto das 10 horas da manhã ás 3 da tarde.

Lembra-se aos srs. juristas que durante o mez de dezembro terão que apresentar as suas relações de juros á fim de poderem receber em janeiro proximo.

Coimbra, 29 de novembro de 1906.

O Agente,

Antonio Nunes Correia.

Perdeu-se uma mala de mão com dinheiro e varios objéto. Dão-se alviçaras a quem a entregar no Hotel Avenida.

5000 REIS SEMANAES

Podem ganhar homens e mulheres, trabalhando em sua casa por nossa conta ou propria. Maravilhosa invenção; artigo novidade, facil, util, lucrativo para todos, nunca visto.

Procuram-se em cada paiz pessoas e representantes que desejem colaborar e representar este admiravel invento.

Manda-se franco ao domicilio elegante mostruario e explicações. Franquear resposta.

Sociedade Italiana Calle Universidad — 6, Barcelona.

11 DE LONDRES 11

Impermeáveis contra a chuva. Casaco por 25 shillings! Capas por 27 shillings!

Corte inglez, qualidade garantida.

The English Supply Co. Representante em Coimbra

A INTERMEDIARIA

O grande catalogo, mostruario e modelos, está á disposição dos ex.^{mos} clientes. Basta dirigir bilhete postal indicando a morada á Intermediaria, rua Eduardo Coelho, 44-1.^o

CRIADAS

Que dêem boas referencias, precisam-se. Dirigir á Intermediaria, rua Eduardo Coelho, 44, 1.^o

ARREMATACÃO

(1.ª publicação)

No dia 16 do proximo mez de dezembro, pelas 11 horas da manhã, á porta do tribunal judicial desta comarca se hão de vender pelo maior lanço oferecido os seguintes bens:

Uma terra com vinha e arvores de fruto no sitio da Estrada, limite e freguezia de S. Martinho do Bispo, que vai á praça em 500000 réis.

Uma terra de sementeira no sitio da Baralha, no mesmo limite e freguezia, que vai á praça em 100000 réis.

Uma terra de sementeira no sitio da Barroca, ou Porto do Meio, no Campo, no dito limite e freguezia, que vai á praça em 100000 réis.

Uma leira de vinha, no sitio do Pateiro, ou Porto de Pé de Cão, no mesmo limite e freguezia, que vai á praça em 300000 réis.

Estes predios são vendidos pela execução de sentença comercial que David de Sousa Gonçalves, desta cidade, move contra Joaquim Candeias Ferreira e mulher, pela quantia de 3220640 réis.

São citados para assistirem á praça quaesquer credores incertos.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Ribeiro de Campos.

O escriptão do 4.^o officio,

Artur de Freitas Campos.

CURSO DE INGLEZ

Gustaf Adolf Bergström, antigo professor de ensino livre em Lisboa, Figueira da Foz e Coimbra, e com especialidade na Lingua Ingleza, que ensinou em Lisboa no Novo Colegio Inglez, dirigido por Mr. Charles Clift, acaba de abrir um curso especial, essencialmente pratico para o ensino desta lingua.

Usa por isso de um metodo inteiramente seu, com que garante rapido e seguro aproveitamento.

Recebe, com o fim de assegurar um mais rapido e eficaz aproveitamento, alunos internos, para o que tem casa espaçosa aos Arcos do Jardim, 52, onde os interessados poderão colher as informações que desejarem.

VENDE-SE

Um plano vertical BORD em bom uso, na rua da Matematica, 2.

sinhas de ao pe da porta e foi até á herdade de Védastine que a abraçou com ternura.

O pae Cardinet acompanhava-a. No momento preciso de se separarem, a creança gritou em soluços:

— Ah! papá Dinot! papá Dinot! Adeus, minha filha, visto que não posso ficar contigo...

Nada mais pôde dizer; os soluços embargaram-lhe a voz na garganta, e os olhos não podendo conter as lagrimas, deixaram que ellas lhe molhassem a face rugosa.

A creança subiu para a carroça com os herdeiros e a herança. Uma vez todos em cima, abslaram para Sempleux.

Ao fundo, onde a tinham empoleirado sobre os bancos da cama como a um pobre pardal, viu desaparecer o casebre sem telhado, sem moveis, sem a sua querida Fortunata, depois o retiro onde pae Cardinet agora ficava sózinho, e ainda lá em baixo, já longe, o cemiterio onde dormiam suas duas mães, deitadas uma ao lado da outra, e que se falaria sem duvida da creança que tanto tinham amado. Emfim o Gravois tambem desapareceu.

Adeus! Adeus!

Debaixo do toldo da carroça reinava um silencio grande; só se ouvia o roçar das mãos em busca dos moveis, da roupa ou do cesto para os apalpar e acariciar.

(Continua.)

PASTELARIA E CONFITARIA TELLES

150 - Rua Ferreira Borges - 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se a venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

- Dóces de ovos com os mais finos recheios.
- Dóces de fructa de diversas qualidades, sécos e cristalizados.
- Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindes.
- Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.
- Galantines diversas. Tête d'Achar. Patê de Lievre e Foie.
- Saneisses. Pudings de diversas qualidades, vistosamente anfeitados. Pão de ló, pelo sistema de Margaride.
- Especialidade em vinhos generozos e licores finos das principaes marcas.
- Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal efetua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos e de comarcas.

Correspondentes: Gaito & Canas
Coimbra

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portugueses, á venda na

Mercearia LUSITANA
(Depósito unico em Coimbra)

Estab. Ind. Pharm. "Souza Soares,"

(NO BRAZIL E NA EUROPA)

Devidamente legalizado em Portugal e distinguido com um premio de Honra de 1.ª classe e cinco medalhas de Ouro, na America do Norte, França e Brazil, pela perfeita manipulação e eficacia dos seus productos medicinaes:



(Marca registada)

PEITORAL DE CAMBARÁ

(Registado)

- Cura prompta e radicalmente as tosses ou rouquidões;
 - Cura a laringite;
 - Cura perfeitamente a bronchite aguda ou chronica, simples ou asthmatica;
 - Cura a tísica pulmonar, como o provam numerosos attestados medicos e particulares;
 - Cura incontestavelmente a asthma, molestia difficil de ser debellada por outros meios;
 - Cura admiravelmente a coqueluche, e, pelo seu gosto agradável, é appetido pelas creanças.
- Frasco, 1\$000 réis; 3 frascos, 2\$700 réis.

PASTILHAS DA VIDA

(Registado)

Combatem o fastio, a azia, a gastralgia, as nauseas e vomitos, o enjô do mar, o mau halito, a flatulencia e a dilatação do estomago. São de grande eficacia nas molestias do utero e da pelle, na fraqueza dos nervos e do sangue.

Caixa, 600 réis; 6 caixas, 3\$240 réis.

36 Remedios Especificos em pilulas saccharimas

(Registados)

- Estes medicamentos curam com rapidez e inoffensividade:
- Febres em geral;
 - Molestias nervosas, da pelle, das vias respiratorias, do estomago, dos intestinos, dos orgãos urinaes;
 - Molestias das senhoras e das creanças;
 - Dóres em geral;
 - Inflamações e congestões;
 - Impurezas do sangue;
 - Fraqueza e suas consequencias.
- Frasco, 500 réis; 6 frascos, 2\$700 réis.

Consultem o livro — O Novo Medico — pelo Visconde Souza Soares, á venda nos depositos dos remedios do auctor. Preço: brochado 200 réis, encadernado 500 réis.

Medicamentos homeopaticos garantidos, avulsos e em caixas de diversos tamanhos

- 1 Tubo com globulos 200 réis; duzia 2\$160.
 - 1 Frasco com tintura 3.ª ou 5.ª 400 réis; duzia 4\$320.
 - 1 Dito com trituração 3.ª 700 réis; duzia 7\$560.
- Vêde os preços correntes, o Auxilio Homeopatico ou O Medico de Casa e a Nova Guia Homeopatica, pelo Visconde Souza Soares.

Estes productos vendem-se em Coimbra na drogaria de Rodrigues da Silva & C.ª — Rua Ferreira Borges, 36.
Deposito geral em Portugal — Porto, rua Santa Catharina, 1503.

Aviso importante

O Estabelecimento tem medico habilitado, encarregado de responder gratuitamente a qualquer consulta por escripto, sobre o tratamento e applicação destes remedios.

Os armazens GRANDELA & C.ª

RUA DO OURO, 115 — LISBOA

mandam catalogos e amostras do seu colossal sortimento a quem as pedir.

Vendem para as provincias pelos mesmos preços que para Lisboa

Pagam o porte das encomendas cuja factura pode ser satisfeita no correio na occasião de as receberem

Mandam amostras a todos que as pedirem para que as confrontem com as das outras casas.

Não têm agentes em parte alguma, tratam todos os seus negocios diretamente com o publico de todo o paiz, e é por isso que vendem mais barato que ninguem.

O catalogo geral de verão com 116 paginas e 1050 gravuras é enviado de graça a quem o pedir a

Grandela & C.ª

Rua do Ouro, 115 — LISBOA

CASA MEMORIA

SUCURSAL EM COIMBRA

Rua Visconde da Lús, 1
Praça 8 de Maio, 10

Esta casa continúa a fornecer ao público as suas acreditadas máquinhas de costura Memoria. Têm todos os modelos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem visitar esta antiga e acreditada casa, para se certificar da qualidade e preços destas máquinhas que nenhuma outra se pôde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a Memoria com tantas outras que por aí se vendem. Vendem-se a prestação e a pronto pagamento. Acceitam-se máquinhas usadas em troca pelo seu justo valor.

Pianos

Esta casa acaba de receber importantes remessas de pianos alemães e francezes que vende a pronto pagamento por serem importados diretamente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condições do Porto ou Lisboa. Acceitam-se pianos em troca e comprão-se pianos usados.

Á sempre quantidades de piano para alugar.

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedora em Coimbra, a

MERCEARIA LUSITANA

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA

Mercearia LUSITANA

Machinas fallantes

Deposito completo de aparelhos das principaes marcas e para todos os preços a partir de 14\$000

Variada collecção de discos e cylindros com musicas e cantos executados pelos mais notaveis artistas.

Vendas pelos preços de Lisboa e Porto.

Depositarios da Companhia de Gramophone, da Edison National Phonograph, C.ª de New-York, e dos Grandophones «Odeon».

TELLES & C.ª

R. Ferreira Borges, 152, 1.ª

COIMBRA

A NACIONAL

Companhia portugueza de seguros sobre a vida humana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital --- 200.000\$000 réis

Seguros de vida inteira, Temporarios, Mixtos, Praso Fixo. Combinados e Supervivencia, com ou sem participação nos lucros da Companhia.

Capitales differidos e Rendas vitalicias immediatas, differidas e temporarias, com ou sem contra-seguro.

Agencias nas cidades e principaes villas do paiz.

Para Informações e tarifas dirigi-se á sede:

Praça do Duque da Terceira, 11-1.ª — LISBOA

Agencia de Coimbra

Travessa de Mont'Arroio, 35 ou na Praça do Comercio, 58.

CAÇADORES

O mais importante estabelecimento de espingardas, carabinas, revolvers e munições, é o de JOÃO GOMES MOREIRA, rua de Ferreira Borges — Coimbra — Sucursal na Figueira da Foz (em frente ao Casino Mondego).

ARMAS EM DEPOSITO

Espingardas (Ideas) — da manufatura de Saint-Etienne, Ga and Elite, Francesa; Francotts, Remington, Bernard, manufatura Liege e as Carabinas — La Francott, Popular, Winchester, Colts, etc.
Revolvers — Galand, Saint-Etienne, Smitt Werson, Vello-Doges, etc., etc.

Pistolas — Mauser, Browing, Gaulcis, etc., etc.

Munições de todos os calibres e qualidades

Mandam-se vir armas de qualquer fabricante, como por exemplo Holland & Holland, Puy, Diehrsdien, Greut, etc.

PAPELARIA CENTRAL

Rua Visconde da Lur — Coimbra

Pianos GAVEAU

Recebidos diretamente de Paris, vendem-se nesta casa pelos preços da fabrica e recebem-se pianos em troca — pedir catalogos e condições de venda.

Um completo sortimento d'aparelhos e todo o material preciso para a fotografia, que recebe dos principaes fabricantes e vende pelos preços mais baratos.

Grande edição de bilhetes postaes illustrados.

De Coimbra, Vizeu, Aveiro, Castelo Branco, Covilhã, Amarante, Beja, Mirandela, Serra d'Estrela, etc.

Papelaria Borges

COIMBRA

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 155, 1.ª

Tomam-se seguros de predios mobiliars e estabelecimentos contra o risco de incendio.

Repara... Lê...
Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipações, bronchites, rouquidões, asma, tosses, coqueluche, influenza e outros encomodos dos orgãos respiratorios.

Se atenção sempre, e cuido as mais das vezes com o uso dos Saccharolides d'alcatrão, compostos (Rebuçados Milagrosos) onde os efeitos maravilhosos do alcatrão, genuinamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidencioem em toda a sua salutar eficacia.

E tanto assim, que os bons resultados obtidos com uso dos Saccharolides d'alcatrão, compostos (Rebuçados Milagrosos) são confirmados, não só por milhares de pessoas que os tomam usado, mas tambem por abalizados facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lázaro

PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis; pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis.

Ferragem para toldo

Vende-se uma para tres portas.
Mercearia Avenida. Largo do Principe D. Carlos, 51 — Coimbra.

"RESISTENCIA,"

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno 2\$700
Semestre 1\$350
Trimestre 680

Sem estampilha:

Anno 2\$400
Semestre 1\$200
Trimestre 600

Brazil e Africa, anno 3\$600
Ilhas adjacentes, 3\$000

Numero avulso 40 réis

ANUNCIOS

Cada linha, 30 reis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto 50%.

Comunicados, cada linha 40
Réclames, cada linha 60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa esta jornal for honrado.

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redacção e administração — RUA FERREIRA BORGES

Officina typographica

12 — Rua da Moeda — 14

N.º 1162

COIMBRA — Domingo, 2 de dezembro de 1906

12.º ANNO

1.º DE DEZEMBRO DE 1640

Esta data gloriosa porque assinala mais uma vez a vitalidade de um povo, que através da historia tem affirmado a sua existencia como um agregado natural resurgindo sempre com as mesmas aspirações e características sociais após cada convulsão que momentaneamente o fez desaparecer na constante remodelação dos povos, perdeu de todo a significação em Portugal por falta de educação civica que a converteu num expediente de luta monarchica, arvorado sem convicção na esteril luta que tem caracterizado sempre o parlamento monarchico em Portugal.

O 1.º de dezembro, o hino da restauração têm sido arrastados como um dos ridiculos nacionaes, como a bandeira das quinas e outras fases que a retorica parlamentar tornou vazias de sentido.

E todavia não ha data mais gloriosa do que esta, não por afirmar a nossa vitoria sobre um povo que foi nosso companheiro d'armas e de combates e com quem temos andado em confraternidade secular de sciencia, de arte e de literatura; mas sim porque demonstrou a vitalidade da nossa raça, a persistencia das qualidades que têm determinado através da historia a nossa existencia como povo independente.

A evolução acaba com os odios de raça, e a democracia, a suprema aspiração das sociedades modernas, procura estabelecer uma nova era de paz e de amor que reuna a humanidade sob a soberania da liberdade e da justiça.

O odio é na civilização contemporanea a unica coisa odiosa e desprezível.

E a democracia tem, como mostram exemplos recentes, sabido dominar odios hereditarios em nome do progresso e da civilização.

Celebrando esta data gloriosa, não queremos converte-la em grito de combate contra um povo que é nosso companheiro de aventuras e desfortunos, nem queremos por um orgulho absurdo afirmar que o nosso grau de civilização é superior ao de esse heroico povo que sob o jugo de uma monarchia corruptora, apesar da luta de todos os dias contra o dominio religioso, se mostra de vida artistica, literaria e scientifica, absolutamente admirada mesmo pelos povos que não são da nossa raça, e que apesar dos esbanjamentos de uma pessima administração monarchica lucha vitoriosamente com as nações mais adeantadas na transformação dos velhos centros de trabalho.

No combate contra a monarchia, na lucha pela conquista de um ideal moderno, admiramos e respeitamos os hespanhoes e por mais de uma vez temos saudado com gritos de entusiasmo os seus triunfos.

A cada nova vitoria, que faz prever proximo o triunfo da republica em Espanha alegra-se nos o coração; porque mais proxima a vemos tambem em Portugal.

Um paiz não segue na verdade na curva da evolução politica simplesmente por influencias internas, determinado pela unica atividade do seu povo; ao lado dessas a influencia das causas externas, da evolução dos paizes proximos.

A forma republicana em França e Hespanha determinaria fatalmente a implantação da republica em Portugal.

Só por isso mesmo, independentemente da confraternidade que liga todos os democratas na mesma obra de paz e de justiça, os republicanos portuguezes admiram os republicanos hespanhoes como companheiros de combate, comovem-se por os ver trabalhando heroicamente na libertação de povos irmãos.

Para nós são eles os que anunciam ao mundo uma Hespanha nova e triunfante.

Por isso compreendemos bem que o que se passa na nossa patria por igual os comova e entusiasme.

Em Portugal ninguem encontra á celebração da Restauração uma significação monarchica.

O povo não se batia heroicamente para gloria do timido D. João IV, personagem historica apagada, de ação politica hesitante e por vezes de patriotismo tão duvidoso.

Não foi para conservar a corôa a Afonso VI de tão ridicula memoria que os portuguezes morreram gloriosamente.

Emquanto o povo se batia, os reis, que os retratos da epoca nos mostram de couraça e espada, andavam longe dos campos de batalha em aventuras que a historia estigmatizou.

Triste historia a d'esta dinastia de Bragança, cujos reis se sucedem como exemplares de patologia mental, numa lição demonstrativa do que póde ter de prejudicial para o governo dos povos o preconceito monarchico da hereditariedade.

O 1.º de Dezembro não é uma data de odio, assinalando uma vitoria entre inimigos de raça, nem uma data de triunfo de uma monarchia.

D. João IV foi obrigado a aceitar um lugar que não desejava, e pôr-se á frente de um movimento de libertação que procurou impedir.

Esta data gloriosa val como affirmação historica da existencia de um povo que os vicios seculares de uma administração monarchica não conseguiram anular.

Como tal a saudamos.
E de todo o coração!

OS REPUBLICANOS E O IBERISMO

Discurso de Antonio José d'Almeida na Camara dos Deputados

(Em toda a sala — nas galerias e no hemicycle — faz-se um grande silencio; muitos deputados vão tomar lugar proximo do nosso querido amigo e vigoroso tribuno.)

Começa por declarar que na moção do sr. Moreira Junior ha um pleonasmo e que nos discursos dos oradores que o precederam ha um equívoco.

Ha um pleonasmo na moção do sr. Moreira Junior porque esperar que os deputados republicanos façam afirmações patrióticas é uma coisa dispensavel, porque eles representam um partido que de longo tempo as vem fazendo.

Ha um equívoco nas opiniões emitidas pelos oradores precedentes, porque se tem confundido aquilo que representa uma simples saudação de cordialidade com aquilo que traduz uma intervenção da vida lutiva da patria.

Saudações são legitimas e é nobre aceita-las, como é generoso envia-las. A humanidade tem progredido. O espirito de solidariedade é imenso sobre a terra. Os corações confraternizam, neste momento alto da civilização, através das fronteiras ainda que elas estejam erigidas de baionetas e bordadas de metralhadoras.

A historia contemporanea assim o mostra. E' uma conquista inolvidavel que está feita para a civilização; os corações amam-se acima das formulas, fraternizam para além das convenções.

E' a historia de todos os dias, é a historia de todos os momentos. Rapsodia amorosa de ternura universal, feriu a nota de camaradagem na tecla de todos os corações.

Ha tempos, quando em Lisboa se soube que Maximo Gorki tinha a cabeça genial sentenciada á guilhotina, um movimento de pavor angustioso fez trepidar todos os corações. Uma onda de amorosa piedade extrayvou de todas as almas. Professores, deputados, homens de letras, estudantes, tudo se reuniu numa sessão que ficou celebre e de ahí partiu um maravilhoso grito humano, que para sempre enobreceu o espirito generoso da nossa terra.

De outras partes do mundo, soltando-se de peitos igualmente generosos, saíram brados identicos de fraternidade. Gorki não foi guilhotinado. A sua nobre cabeça em que tanta ideia magna tem espiralado a nevrotica ancia de um generoso ideal, continuou sobre os hombros masculos do famoso revolucionario.

Ninguem, por isso, ofendeu a autonomia da Russia. Ninguem atentou contra a integridade da sua vida nacional.

Na Inglaterra, quando a Duma foi dissolvida, logo uma anciedade forte e tenaz de que só é suscetível aquela terra de brejeiros inabalaveis, se reuniram lords, comuns, homens do povo e homens fidalgos para mandarem á Russia uma saudação sobria mas veemente, proclamando, de encontro á tirania do imperio, o prestigio luminoso de liberdade.

A Russia ficou onde estava, na algeride do seu terror imperialista, embora a causa da liberdade sofresse no coração desfalecido a transfusão magnanima da solidariedade britanica.

Ha entre a França e a Alemanha uma rivalidade tremenda, que 36 annos, lentos e minazes, não conseguiram aplacar. Uma chaga accessa, a cada mo-

mento estimulada, separa os dois povos que mutuamente se sentem um odio que parece não admitir clemencia.

Os partidos socialistas dos dois paizes têm estendido, por sobre a fronteira aggressiva, as mãos tremulas que acompanham, nos movimentos da opressão, os peitos anciosos.

Tem-se adoptado os costumes, as asperezas do trato, as brutalidades da convivencia.

A campanha de odios que os germanismo alimentava como um padrão nacional recuou perante a propaganda humana do socialismo franco-germanico.

No entretanto as fronteiras continuam impenetraveis e artilhadas, marcando a separação inacessivel das duas patrias.

Pode haver guerra, lutas loucas, implacaveis, porque, no momento do perigo, os socialistas francezes serão sómente da França e os alemães, mais do que nunca, se ligarão á sua velha Germania.

E' certo isto.

E' certo e acho bem.

Não aceitar saudações feitas em termos delicados que apenas traduzem a concordancia moral dos espiritos, que se batem na mesma estacada, em defeza do mesmo ideal, é um acto de cobardia moral e de pavor civico que nem eu nem os meus correligionarios somos capazes de praticar. Mas como nós sabemos que em Hespanha ainda passa, com uma miragem, em alguns cerebros a ideia da união iberica, logo nos puzemos de sobreaviso.

E mal da nação visinha chegaram os primeiros telegramas anodinos de saudação á nossa attitude, o directorio do partido republicano se reuniu com as pessoas mais gradas do mesmo partido e na comprehensão correcta, mas severa, da sua missão expediu para os jornaes a seguinte nota que foi largamente publicada:

O Directorio e os deputados republicanos portuguezes tendo conhecimento dos telegramas de saudação, recebidos de alguns membros do partido republicano hespanhol, registam com satisfação essa prova de fraternidade democratica, tão perfeitamente compativel com o sentimento de amor profundo e radicado do partido republicano portuguez pela autonomia da patria e da vida politica nacional.

O partido republicano ficou tranquillo.

Nada mais tinha a fazer para manter a velha linha da immaculada intransigencia, adoptada, sem interrupção, perante os defensores da união iberica. Mas hontem de noite chegaram a Portugal telegramas de excecional gravidade que todos os jornaes de grande circulação espalharam por muitos milhares de leitores.

O deputado Lerroux havia, no Congresso hespanhol, defendido a união iberica. A palavra veemente e tantas vezes vitoriosa do famoso caudillo fôra, mesmo, mais longe. Dissera que nas duas nações da Peninsula corria em todas as direcções esta opinião comum: — a união iberica.

O sr. Lerroux tem uma alma de fogo e, crepitando como uma lavareda dentro do peito um coração heroico. Não ha duvida. E, por isso mesmo, é de crer que as suas palavras arrebataadas não traduzam perfeitamente o seu pensamento.

Mas que assim fosse, a responsa-

bilidade de tão graves afirmações pertence apenas ao sr. Lerroux.

Reuniu-se o Directorio do partido republicano e deliberou tomar uma attitude tão clara, que, com a evidencia de sempre, ficasse fóra de toda a suspeita o severo, inabalavel, e incorredouro amor que, em todos os republicanos portuguezes, ha pela independencia da velha terra de Portugal.

O orador venera e ama o velho Salmeron. O grande republicano é uma figura de outras eras. A sua arquitectura moral suprende pela grandiosidade das linhas e pela solidez do equilibrio. Maior do que o seu genio, só o seu coração — aquele coração magnanimo que o levou a tombar da presidencia da republica para não assinar uma pena de morte.

O orador tem um grande desvanecimento na sua vida: o ter recebido de Salmeron, um dia na «gare» de Coimbra um abraço, que foi quasi paternal, tal a efusão com que o famoso revolucionario hespanhol lh'o deu.

Nunca mais lhe falou, nunca lhe escreveu, mas de longe tem seguido sempre a orbita gigantesca d'esse nobilissimo astro.

Mas em face de taes motivos de consideração, o orador não viu razões que o inibissem de, perante Salmeron, perante toda a Hespanha e perante todo o mundo, protestando contra a inconveniencia censuravel de estrangeiros se intrometerem na nossa vida e virem riscar com o lampejo das suas palavras a trajetoria que, no entender d'elles, deveria seguir a velha nação portugueza.

O directorio, pois, ouvindo, ainda, como lhe competia, em tamanho assunto, varias pessoas de bom conselho, que abundam no partido republicano, deliberou enviar os seguintes telegramas para Madrid, indo o proprio orador com Guerra Junqueiro, transmitilos á estação telegraphica:

Madrid (Congresso) — D. Nicolas Salmeron.

O directorio do partido republicano portuguez chama a attenção de v. ex.ª, como mui digno chefe do partido republicano hespanhol, para as palavras de Lerroux, que tão profundamente agravam os nossos sentimentos de amor pela autonomia da patria, indestrutivelmente radicados no coração e no espirito da democracia portugueza.

Madrid (Congresso) — D. Alexandre Lerroux.

O directorio do partido republicano portuguez, agradecendo as suas palavras de simpatia pelos nossos queridos deputados não pode deixar de repelir, solene e categoricamente, a grave ofensa, por v. ex.ª feita aos nossos indestrutíveis sentimentos de amor, sem limites, até ao ultimo sacrificio pela absoluta autonomia da patria portugueza, quer na peninsula, quer no mundo.

Eis tudo. Ninguem de boa fé poderá dizer que o partido republicano não manteve, neste lance, a mais energica, veemente e expressiva attitude que tem sido dado ostentar a portuguezes.

Primeiramente o Directorio, e com elle todo o partido, limitara-se a agradecer efusivamente, mas com precaução, as saudações inofensivas que lhe foram enviadas pelos republicanos hespanhoes.

uma condição: os portugueses não se refeririam a Hespanha, os hespanhoes não se refeririam ao governo de Portugal.

E assim se fez, e no teatro de Badajoz, na mais extraordinária manifestação republicana a que temos assistido, com toda a solenidade duma grave assembleia, os republicanos portugueses denunciaram a monarquia como o fator da decadencia de Portugal e os hespanhoes hespanhoes flagelaram a administração monarchica em Hespanha.

E os dois povos reconheceram-se bem irmãos no infortunio, bem eguaes na esperanca.

Com o cavalheirismo tradicional hespanhol nenhum republicano deixou de acentuar que ali estavam portugueses que trabalhavam por constituir Portugal como republica independente.

Na acta do congresso ficaram registados todos estes factos.

Em Portugal, porém, não convinha que assim corresse e, aproveitando o trabalho do dr. Emigdio Garcia, estudo científico, feito sem conhecimento dos republicanos que souberam dele durante a viagem, apresentou-se o congresso republicano como ameaça da perda da independencia de Portugal.

Com a habilidade que o caracteriza, Emigdio Navarro preparou a publicação do documento e analisou-o como lhe pareceu.

Não examinaremos o caso. Emigdio Navarro morreu e na sua obra há muito da atividade generosa de um alto espirito para se perdoar a sua memoria a lembrança do que fez de mal.

O trabalho do dr. Emigdio Garcia foi retirado; porque os republicanos portugueses não quiseram que pudesse levantar-se no espirito nacional a minima suspeita a nobreza das suas instruções.

Todos os republicanos fizeram além disso as mais resgadas afirmações do seu patriotismo.

Reproduzimos hoje noutro logar o artigo que então escrevemos, sem alteração de uma frase.

A campanha monarchica não deu resultado e nós fomos recebidos com vivas e musicas nas estações no nosso regresso a Portugal.

O povo conhecia já bem o que vale o patriotismo monarchico.

O sr. João Franco reeditou as calunias velhas numa sessão parlamentar, com a maxima leviandade, sem procurar obter dos factos informação official, numa irritabilidade que nada fez socego.

E' facil a explicação.

O sr. João Franco quiz começar quando os republicanos voltaram de Badajoz, a era de perseguições que iniciava mais tarde com a demissão do nosso amigo dr. Cerqueira Coimbra e com as censuras aos professores republicanos.

Tudo queria fazer. De tudo ficaria com inteira responsabilidade.

A Badajoz tinham ido varios professores e empregados do estado; o sr. João Franco queria castigar.

Disse-se, ao tempo, que influencias estranhas obstaram ao desvio da irritavel gloria do Alcaide.

Quando lhe falam por isso no Acto de Badajoz o sr. João Franco irrita-se.

O sr. João Franco tem remorsos. Um remorso de bandido...

O remorso de não ter levado a cabo uma vil acção!

Coimbra em 1640

Dias de festa aqueles!

Nunca entusiasmo tão alegre se viria nem mesmo em tempos do sr. D. Antonio.

Os largos e paços da cidade estavam coalhados de gente e, se proximo havia alguma igreja não faltavam pregadores a subir ao pulpito e a falar na patria por que todos deviam combater.

Todos riam. Até os officaes do Santo Officio tinham perdido o ar desconfiado e se chegavam aos grupos a rir e a falar alto como os outros.

No largo de Sansão então!...

Ahi era o poder do mundo a gritar e a aclamar os que vinham das aldeias, em danças de bombo e gaitero, praavam um instante no largo e depois lá iam seguidos de povo a gritar alegre-

mente até ao terreiro das Escolas, de cujas varandas se não tiravam o reitor e os lentes a aplaudir e a gritar como os que chegavam de novo.

Andava tudo tão contente que nem mesmo a vista de um hespanhol fazia torção naqueles rostos alegres.

E passaram aquelles dias sem a morte de um hespanhol em terra em que tantos havia!

Mas, onde a animação era maior, era no largo de Sansão, o mais vasto da cidade, iluminado pelo sol doce e dourado daquelles belos dias do começo de dezembro.

O convento de Santa Cruz tinha sempre as portas abertas e os altares iluminados em festa.

Quem entrasse para a missa primeira não tornava a sair.

Os frades não desamparavam o orgão e ao som de instrumentos de corda cantavam as melhores vozes do convento motetes a uma e mais vozes que o povo em baixo ouvia atento, de boca aberta, os olhos a rir. Algum mais impulsivo aplaudia mesmo antes de acabarem os versos e logo se levantavam vozes de protesto e a copla patriótica acabava no meio de um silencio a que os aplausos ruidosos punham fim, quando o frade acabava e se debruçava do orgão para o publico, que em baixo aplaudia e o saudava.

Acabava a copla, cessavam por instantes as musicas e os conegos regrantes de Santa Cruz metiam-se pelo povo a pedir novas e a contar os casos estranhos, que ha tempos se passavam junto do tumulo de D. Afonso Henriques, e todos formavam roda para ouvir e no fim ficavam-se a olhar para o rendilhado tumulo de pedra do altarmór, os olhos marejados de lagrimas.

No convento nunca houvera, em verdade, grande amor aos Filipes.

Fôra ali que se creara D. Antonio, o prior do Crato, e o convento armara-se para defender contra os Filipes o pretendente.

Não lhes faltaram sustos depois... Porisso intrigaram sempre e, quando havia caso que lhes parecia poder levantar o povo, vinham dizer cá fóra que do tumulo de D. Afonso Henriques saiam rumores estranhos e que um frade á hora da nõa ouvira vozes de ira contra a inercia criminosa dos portugueses.

Contava-se que uma vez que no altar-mór entre grandes personagens se discutia a desgraça de Portugal e se dizia que não havia mais que sofrer com paciencia; porque o mal era sem remedio, o escudo e a espada de D. Afonso Henriques, que os conegos tinham proximos, dependurados em grande veneração, se haviam desprendido sem ninguem lhes tocar e haviam cahido com tal estrondo que muito tempo se ouvira ecoar por aquellas abobadas um brado de colera e desespero.

O povo ouvia estas e outras e, se algum não acreditava, iam chamar algum dos frades mais velhinhos, dos que já nem mentir sabiam, e eles, contavam que no seu tempo, um dia que estava com outros no cõro, se tinham posto em pé a todos os cabelos da cabeça ao verem passar uma figura alta de guerreiro que entrara pela igreja dentro, sem que ninguem lhe abrisse a porta, fôra até ao altar mór, levantara a tampa do tumulo de D. Afonso Henriques e se metera dentro da arca de pedra deixando cair sobre ella a lousa muito de vagar.

Tinham ficado muito tempo em duvida sem saber explicar aquele extranho caso, até que novas de uma batalha grande que os portugueses tinham levado de vencida, espalharam que ao lado dos nossos soldados pelejára, montado num cavallo branco, um esforçado cavaleiro, vestido de forte e rica armadura, de feitio que já se não usava.

E não havia ninguem que tivesse visto a sua espada forte, faiscando como o relampago que se não lembrasse dela.

Um dia que ao convento chegára um soldado que recolhia a casa, ao ver a espada de D. Afonso Henriques caiu sem fala a chorar.

Quando voltou a si, disse que fôra aquella forte espada que combatera pelos portugueses.

E assim se soube que a figura misteriosa que interrompera os cantos sagrados, gelando de medo os conegos, fôra a do D. Afonso Henriques que recolhia de combater.

Hoje ha quem se ria d'isto,...

Eu não. Eu respeito sempre os que vêem o mundo pela alucinação de uma grande e generosa ideia.

Quando no convento paravam um momento, o povo impaciente vinha para o largo de Sansão a rir a falar alto e a gritar, na luz dourada d'aquelle sol de inverno que lhes dava uma alegria nova.

Mas pouco se demoravam; porque vinham logo chamar, a dizer que subia ao pulpito um frade de fama e que quem quizesse ouvi-las boas dos Filipes fosse ouvir; porque todos sabiam o que o frade dizia sem medo, mesmo no tempo da usurpação.

E lá ia tudo, e, ao sair, havia sempre no exercito de Portugal mais de um soldado novo que corria a alistar se, movido do que ouvia.

Fosse eu contar tudo!

Muitas coisas ninguem as acreditava agora...

Outras fariam rir os que não respeitavam a loucura sagrada do patriotismo.

Mas ha uma... Essa vai!

Era nos primeiros dias da revolução. A Coimbra chegára a grande nova, ao tempo, em que havia armado em Sansão, um teatro em que representava uma companhia de comediantes hespanhoes.

Chegou a hora do spettacolo e no teatro não se percebia movimento de representação.

O povo vinha alegre para o largo e ficava parado, até que um rapaz mais animoso foi dentro e veio dizer que os hespanhoes não queriam representar, que se fossem todos embora.

Bem quiz o povo ouvir! Fez vir todos os comediantes fóra, aplaudiu-os e fê-los representar.

A razão dizia-a em voz muito alta um popular que subira ao tablado para falar aos comicos.

E' tão grande, dizia êle para os comicos no meio de aplausos geraes, a alegria de Portugal, que até um hespanhol que cá esteja não pode deixar de estar contente.

E os comicos, alegres da volta que o caso levava riram-se daquela hespanholada, e começaram a representação.

Nunca tiveram tantos aplausos como naquele dia de festa...

A' «Folha de Coimbra»

Respondendo

A *Folha de Coimbra* vem affita com uma local publicada no ultimo numero da *Resistencia*, que diz assim:

O sr. João Franco na reforma de instrução publica que tenciona apresentar ao Parlamento, cria duas escolas de direito — uma no Porto e outra em Lisboa.

Chama-lhe «galga» e depois de lhe apreciar o «calibre», convidamos a dizer os fundamentos de tal noticia.

Os fundos da local não são dificeis de encontrar e como estamos em marés de convites — convidamos a *Folha de Coimbra* a ler a 7.ª columna da 4.ª pagina do n.º 8:954 do jornal *O Seculo*, onde encontram os taes fundamentos da noticia, que não é galga nem cadeia, mas simplesmente a expressão correcta da verdade.

De resto, temos só a pedir á *Folha de Coimbra* que nos lance a sagrada absolvição pela heresia por nós cometida — lendo o jornal *O Seculo*.

Quer não, que desta vez sempre valeu a pena fazer o peccadito.

E acerca da tal mensagem não aperte comosco — senão temos roupa suja no caso.

Vá fazendo o seu negociossinho e cale-se que é mais sensato.

A' «Folha de Coimbra»

A *Folha de Coimbra* cita umas palavras de Pi y Margal que dão a perceber que houve no partido republicano quem defendesse a união-iberica. E como a *Folha de Coimbra* parece advertir como fundamentada a opinião de Pi y Margal, e como de Teofilo Braga se trate, ao caso, nós intimamos o orgão do franquismo a declarar onde é que Teofilo Braga defende a união-iberica. Seja a *Folha de Coimbra* clara e terminante, respondendo á nossa pergunta: quando é que Teofilo Braga se coloca ao lado dos Braganças, querendo a transformação de Portugal numa provincia hespanhola?

Nota

Por absoluta falta de espaço temos de retirar hoje o final do artigo do sr. visconde de Vila Moura sobre Camilo Castelo Branco, um artigo de Campos Lima sobre a lei de 13 de fevereiro e outro da redação sobre a despropositada circular do sr. diretor geral de instrução publica aos professores do liceu.

Retomando hoje a direção da *Resistencia*, agradeço aos que tão generosamente tomaram o meu encargo durante a minha estada no estrangeiro.

Por o que me custa a mim sei bem avaliar o sacrificio que fizeram de tão boamente os meus amigos e que para credito da *Resistencia* e proveito do partido republicano, bom fóra que continuasse.

O sr. dr. Angelo da Fonseca soube durante a minha ausencia congregar á volta da *Resistencia* os mais novos que, ao lado do professor tão admirado pelo seu saber como respeitado pelo seu carater, deram ao nosso jornal brilho e mocidade que eu não posso dar-lhe.

A todos agradeço comovidamente, como aos que, na minha saída ou no meu regresso ao reino, me dirigiram palavras de imerecido louvor.

Teixeira de Carvalho.

Obras de ALEXANDRE DUMAS

Memorias dum medico

PRIMEIRA PARTE

JOSÉ BALSAMO

VOLUME VI

CASA EDITORA DE GUIMARÃES & C.
R. de S. Roque, 68 a 70 — Lisboa

ANNUNCIOS

TRESPASSE

Trespasa-se a loja da rua do Visconde da Luz, n.º 99, 101 e 103, com ou sem fazendas.

COMPANHIA GERAL

DE

Credito Predial Portuguez

Aviso

Previnem-se os ex.ººº srs. acionistas, obrigacionistas, mutuarios e quaesquer outras pessoas, que tenham transacções com esta Companhia, que a Agencia nesta cidade se acha instalada na Praça 8 de Maio, n.º 33 a 37, e que o escritorio está aberto das 10 horas da manhã ás 3 da tarde.

Lembra-se aos srs. juristas que durante o mez de dezembro terão que apresentar as suas relações de juros afim de poderem receber em janeiro proximo.

Coimbra, 29 de novembro de 1906.

O Agente,

Antonio Nunes Correia.

Perdeu-se uma mala de mão com dinheiro e varios objectos. Dão-se alviçar a quem a entregar no Hotel Avenida.

Consultorio de clinica dentaria

MARIO MACHADO

Praça 8 de Maio, 8

Tratamento de doenças da boca

colocação de dentes artificiaes

Consultas das 9 horas da manhã ás 4 da tarde

ARREMATACÃO

(2.ª publicação)

No dia 16 do proximo mez de dezembro, pelas 11 horas da manhã, á porta do tribunal judicial desta comarca se hão de vender pelo maior lançaõ oferecido os seguintes bens:

Uma terra com vinha e arvores de fruto no sitio da Estrada, limite e freguezia de S. Martinho do Bispo, que vai á praça em 500000 réis.

Uma terra de sementeira no sitio da Baralha, no mesmo limite e freguezia, que vai á praça em 1000000 réis.

Uma terra de sementeira no sitio da Barroca, ou Porto do Meio, no Campo, no dito limite e freguezia, que vai á praça em 1000000 réis.

Uma leira de vinha, no sitio do Pateiro, ou Porto de Pé de Cão, no mesmo limite e freguezia, que vai á praça em 3000000 réis.

Estes predios são vendidos pela execução de sentença commercial que David de Sousa Gonçalves, desta cidade, move contra Joaquim Candeias Ferreira e mulher, pela quantia de 3223640 réis.

São citados para assistirem á praça quaesquer credores incertos.

Verifiquei a exatidão.

O Juiz do Direito,
Ribeiro de Campos.

O escriptivo do 4.º officio,
Artur de Freitas Campos.

Loteria do Natal

Santa Casa da Misericordia de Lisboa

200.000\$000

Extração a 22 de Dezembro de 1906

Bilhetes a 80\$000 réis
Vigessimos a 4\$000 réis

A comissõ administrativa da loteria, incumbe-se de remeter qualquer encomenda de bilhetes ou vigessimos, logo que ella seja acompanhada da sua importancia e mais 75 réis para o seguro do correio.

Quem comprar 10 ou mais bilhetes inteiros tem uma comissõ de 3 p. c. Os pedidos devem ser dirigidos ao secretario.

Remetem-se listas a todos os compradores. Lisboa, 2 de novembro de 1906.

O secretario — José Murinelo.

5\$500 REIS SEMANAES

Podem ganhar homens e mulheres, trabalhando em sua casa por nossa conta ou propria. Maravilhosa invenção; artigo novidade, facil, util, lucrativo para todos, nunca visto.

Procuram-se em cada paiz pessoas e representantes que desejem colaborar e representar este admiravel invento.

Manda-se franco ao domicilio elegante mostruario e explicações. Franquear resposta.

Sociedade Italiana Calle Universidad—6, Barcelona.

CURSO DE INGLEZ

Gustaf Adolf Bergström, antigo professor de ensino livre em Lisboa, Figueira da Foz e Coimbra, e com especialidade na Lingua Inglesa, que ensinou em Lisboa no Novo Colegio Ingles, dirigido por Mr. Charles Clift, acaba de abrir um curso especial, essencialmente pratico para o ensino desta lingua.

Usa por isso de um metodo inteiramente seu, com que garante rapido e seguro aproveitamento.

Recebe, com o fim de assegurar um mais rapido e eficaz aproveitamento, alunos internos, para o que tem casa espaçosa aos Arcos do Jardim, 52, onde os interessados poderã colher as informações que desejarem.

PASTELARIA E CONFITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

- Dóces de ovos com os mais finos recheios.
- Dóces de fructa de diversas qualidades, sécos e cristalizados.
- Fabricam-se grandes peças de fantasia, próprias para brindes.
- Variada pastelaria em todos os generos, especialmente os de folhado.
- Galantines diversas. Tête d'Achar. Patê de Lievre e Foie.
- Sauces, Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. Pão de ló, pelo sistema de Margaride.
- Especialidade em vinhos generozos e licores finos das principaes marcas.
- Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos productos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal effectua seguros postaes, para todas as cabeças de districtos e de comarcas.

Correspondentes: Gailo & Canas
Coimbra

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portuguezes, á venda na

Mercearia LUSITANA
(Depósito unico em Coimbra)

Estab. Ind. Pharm. "Souza Soares,"

(NO BRAZIL E NA EUROPA)

Devidamente legalizado em Portugal e distinguido com um premio de Honra de 1.ª classe e cinco medalhas de Ouro, na America do Norte, França e Brazil, pela perfeita manipulação e efficacia dos seus productos medicinaes:



(Marca registada)

- Cura prompta e radicalmente as tosses ou rouquidões;
- Cura a laringite;
- Cura perfeitamente a bronchite aguda ou chronica, simples ou asthmatica;
- Cura a tísica pulmonar, como o provam numerosos attestados medicos e particulares;
- Cura incontestavelmente a asthma, molestia difficil de ser debellada por outros meios;
- Cura admiravelmente a coqueluche, e, pelo seu gosto agradável, é apetecido pelas creanças.

Frasco, 1\$000 réis; 3 frascos, 2\$700 réis.

PASTILHAS DA VIDA

(Registado)

Combatem o fastio, a azia, a gastralgia, as nauseas e vomitos, o enjô do mar, o mau halito, a flatulencia e a dilatação do estomago. São de grande efficacia nas molestias do utero e da pelle, na fraqueza dos nervos e do sangue. Caixa, 600 réis; 6 caixas, 3\$240 réis.

36 Remedios Especificos em pilulas saccharinas

(Registados)

- Estes medicamentos curam com rapidez e inoffensividade:
- Febres em geral;
- Molestias nervosas, da pelle, das vias respiratorias, do estomago, dos intestinos, dos orgãos urinaes;
- Molestias das senhoras e das creanças;
- Dôres em geral;
- Inflammações e congestões;
- Impurezas do sangue;
- Fraqueza e suas consequencias.

Frasco, 500 réis; 6 frascos, 2\$700 réis.

Consultem o livro — O Novo Medico — pelo Visconde Souza Soares, á venda nos depositos dos remedios do auctor. Preço: brochado 200 réis, encadernado 500 réis.

Medicamentos homeopaticos garantidos, avulsos e em caixas de diversos tamanhos

- 1 Tubo com globulos 200 réis; duzia 2\$160.
- 1 Frasco com tintura 3.ª ou 5.ª 400 réis; duzia 4\$320.
- 1 Dito com trituração 3.ª 700 réis; duzia 7\$560.

Vêde os preços correntes, o Auxilio Homeopatico ou O Medico de Casa e a Nova Guia Homeopatica, pelo Visconde Souza Soares.

Estes productos vendem-se em Coimbra na drogaria de Rodrigues da Silva & C. — Rua Ferreira Borges, 36. Deposito geral em Portugal — Porto, rua Santa Catharina, 1503.

Aviso importante

O Estabelecimento tem medico habilitado, encarregado de responder gratuitamente a qualquer consulta por escripto, sobre o tratamento e applicação desses remedios.

Os armazens GRANDELA & C.ª

RUA DO OURO, 115 — LISBOA

mandam catalogos e amostras do seu colossal sortimento a quem, as pedir.

Vendem para as provincias pelos mesmos preços que para Lisboa

Pagam o porte das encomendas cuja factura pode ser satisfeita no correio na occasião de as receberem

Mandam amostras a todos que as pedirem para que as confrontem com as das outras casas.

Não têm agentes em parte alguma, tratam todos os seus negocios directamente com o publico de todo o paiz, e é por isso que vendem mais barato que ninguem.

O catalogo geral de verão com 116 paginas e 1050 gravuras é enviado de graça a quem o pedir a

Grandela & C.ª

Rua do Ouro, 115 — LISBOA

GASA MEMORIA

SUCURSAL EM COIMBRA

Rua Visconde da Lús, 1
Praça 8 de Maio, 10

Esta casa continúa a fornecer ao publico as suas acreditadas máquinhas de costura Memoria. Têm todos os modelos mais recentes, tais como: vibrantes, escolantes e bobine central, o que é mais perfeito.

Ninguem compre sem visitar esta antiga e acreditada casa, para se certificar da qualidade e preços destas máquinhas que nenhuma outra se pôde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a Memoria com tantas outras que por aí se vendem. Vendem-se a prestação e a pronto pagamento. Aceitam-se máquinhas usadas em troca pelo seu justo valor.

Pianos

Esta casa acaba de receber importantes remessas de pianos alemães e francezes que vende a pronto pagamento por serem importados directamente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se pianos em troca e compram-se pianos usados.

A sempre quantidades de piano para alugar.

Fumetro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedora em Coimbra, a

MERCEARIA LUSITANA

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA

Mercearia LUSITANA

Machinas fallantes

Deposito completo de aparelhos das principaes marcas e para todos os preços a partir de 14\$000

Variada colleção de discos e cylindros com musicas e cantos executados pelos mais notaveis artistas.

Vendas pelos preços de Lisboa e Porto.

Depositarios da Companhia de Gramophone, da Edison National Phonograph, C.ª de New York, e dos Grandphones «Odeon».

TELLES & C.ª

R. Ferreira Borges, 152, 1.ª

COIMBRA

A NACIONAL

Companhia portugueza de seguros sobre a vida humana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital --- 200:000\$000 réis

Seguros de vida inteira, Temporarios, Mixtos, Praso Fixo, Combinados e Supervivencia, com ou sem participação nos lucros da Companhia.

Capitales differidos e Rendas vitalicias immediatas, differidas e temporarias, com ou sem contra-seguro.

Agencias nas cidades e principaes villas do paiz.

Para informações e tarifas dirigit-se á sede:

Praça do Duque da Terceira, 11-1.ª — LISBOA

Agencia de Coimbra:

Travessa de Mont'Arroio, 35 ou na Praça do Comercio, 58.

CAÇADORES

O mais importante estabelecimento de espingardas, carabinas, reвольveres e munições, é o de JOÃO GOMES MOREIRA, rua de Ferreira Borges — Coimbra — Sucursal na Figueira da Foz (em frente do Casino Mondego).

ARMAS EM DEPOSITO

- Espingardas (Ideas) — da manufatura de Saint-Etienne, Ga and Elite, Francesa, Francolls, Remington, Bernard, manufatura Liege e as
- Carabinas — La Francott, Popular, Winchester, Colts, etc.
- Reвольveres — Galand, Saint-Etienne, Smith Werson, Vello-Doges, etc., etc.
- Pistolas — Mauser, Browning, Gaulcis, etc., etc.

Munições de todos os calibres e qualidades

Mandam-se vir armas de qualquer fabricante, como por exemplo: Holland & Holland, Puy, Dierrsdorf, Greener, etc.

PAPELARIA CENTRAL

Rua Visconde da Luz — Coimbra

Pianos GAVEAU

Recebidos directamente de Paris, vendem-se nesta casa pelos preços da fabrica e recebem-se pianos em troca. — pedir catalogos e condições de venda.

Um completo sortimento de aparelhos e todo o material preciso para a fotografia, que recebe dos principaes fabricantes e vende pelos preços mais baratos.

Granda edição de bilhetes postaes illustrados

De Coimbra, Vizeu, Aveiro, Castelo Branco, Covilhã, Amarante, Beja, Mirandela, Serra d'Estrela, etc.

Papelaria Borges

COIMBRA

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 165, 1.ª

Tomam-se seguros de predios mobilias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

Repara . . . Lê . . .

Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipações, bronquites, rouquidões, asma, tosses, coqueluche, influenza e outros encomodos dos orgãos respiratorios.

Se atenuão sempre, e curão as mais das vezes com o uso dos Sacarolides d'alcairão, compostos (Rebuçados Milagrosos) onde os efeitos maravilhozos do alcairão, jenuinamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidencião em toda a sua salutar efficacia.

E tanto assim, que os bons resultados obtidos com uso dos Sacharolides d'alcairão, compostos (Rebuçados Milagrosos) são confirmados, não só por milhares de pessoas que os toem usado, mas tambem por abalizados facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lazaro

PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

Ferragem para toldo

Vende-se uma para tres portas. Mercearia Avenida. Largo do Principe D. Carlos, 51 — Coimbra.

"RESISTENCIA,"

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno	2\$700
Semestre	1\$350
Trimestre	680

Sem estampilha:

Anno	2\$400
Semestre	1\$200
Trimestre	600

Brasil e Africa, anno 3\$600
Ilhas adjaacentes, 3\$000

Numero avulso 40 réis

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto 50%.

Comunicados, cada linha 40
Reclames, cada linha 60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal se honra.

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redacção e administração — RUA FERREIRA BORGES

Officina typographica

12 — Rua da Moeda — 14

N.º 1163

COIMBRÁ — Quinta-feira, 6 de dezembro de 1906

12.º ANNO

DITADURA

A entrada dos deputados republicanos no Porto foi, mais do que se esperava, um verdadeiro triunfo.

Naquella terra que o sr. João Franco dizia que o apoiava, fiado em algumas centenas de assinaturas arditosamente arrancadas á ingenuidade ou á imbecilidade, appareceram aquella noite gloriosa milhares de cidadãos aplaudindo os deputados republicanos expulsos e condenando no maior e mais entusiastica manifestação, toda a obra do desconhecido homem político que está vivendo em Portugal das intrigas e expedientes hipocritas de uma politica indigna.

Sem elevação de ideias, sem orientação de vontade, sob o dominio da irritabilidade nervosa de uma organização inferior, o sr. presidente do conselho tem mostrado a incapacidade para se saber decidir ou pelas necessidades internas da nação, ou pelas influencias externas que finge todavia conhecer e admirar.

Enquanto na Espanha as situações se depuram e os intrigantes desaparecem escorraçados, vendo-se o rei obrigado a arvorar um regimen liberal, uma aspiração de progresso social; quando na Espanha o parlamento sofre a influencia da rua e se vitalisa ao contacto forte e generoso do povo, o sr. João Franco manda espadeirar o povo, expulsa os deputados republicanos, procura manter a camara sob o jugo de uma creança; porque o é o sr. Tomaz Pizarro que tem toda a sua vida vivido longe dos homens e das ideias, no uso de uma intelligencia, que, por muito grande, se julgou sempre dispensada de cultura, o sr. Franco vae preparando a ditadura.

Porque é necessario accentua-lo para evitar surpresas: o sr. João Franco caminha para a ditadura, tentando conservar-se assim no poder contra as camaras e contra a opinião publica.

E nesse empenho o ajudam alguns inventores de pavorosas.

Os ultimos acontecimentos do Porto, a expulsão dos deputados republicanos, as palavras de irritação que grita para as minorias que lhe admiram os dislates como grandes medidas administrativas, são propositadamente feitos para estabelecer a falsa opinião de que os parlamentos não deixam levar a cabo a obra grandiosa de restauração nacional a que elle meteu os seus hombrinhos fracos de gloria abortada da politica nacional.

A mensagem será como que uma censura ás côrtes e tentará dar a impressão falsa de que o paiz aplaude incondicionalmente a obra do illustre estadista, obra que aliás ninguém logra ver, apesar de ser um rasto luminoso de sol na noite caliginosa da nossa administração publica!

AO PAIZ

Manifesto do Directorio do Partido Republicano Portuguez

O directorio do partido republicano portuguez, identificado com o sentir geral dos seus correligionarios, vem perante o paiz protestar formalmente contra os propositados agravos que, desmentindo as suas sonoras declamações liberes teatraes de liberalismo, o actual governo acaba de fazer aos direitos inviolaveis dos legitimos representantes e sinceros defensores do povo no parlamento.

A monarchia parece não querer desenganar-se de que os tempos mudaram completamente. Ainda até ha pouco, o chefe do estado podia, a seu talante, adiar, encerrar e dissolver impunemente a camara dos deputados, sem que esses enxovalhos alastrassem para fóra do campo monarchico, porque a eleição se convertera por toda a parte numa ficção ou numa burla e os deputados eram-no ignominiosamente só dos governos, que, com o mesmo arbitrario desprante com que os nomeavam, assim os suspendiam ou demittiam em meio da glacial indiferença publica. Mas agora, cautela! em volta dos nossos deputados está cerradamente unido todo o eleitorado republicano, na plena segurança de que, para os desafrontar, conta ao seu lado com o decisivo apoio indestrutivel da grande massa independente da nação. Com elles levámos emfim ao parlamento uma fiel representação nacional, em que se concentram e se revêem as nossa mais impacientes esperanças, e expulsa-los de lá é pretender calar e abafar as angustiadas queixas e reivindicações da alma popular. Não o suportaremos!

Imaginava o actual presidente do conselho de ministros que, confessando a monarchia os seus erros e crimes, logo arrancaria á nossa ingenuidade ou á nossa indolencia civica forças bastantes para nos ferir e esmagar? Premeditou com essa confissão, aparentemente franca, ludibriar a benevolencia excessiva ou facil da nação, captando arditosamente para todo o regimen aquillo que, por eguaes traças, elle proclama e alardeia haver alcançado para si, o perdão, a amnistia, e até novamente a confiança da opinião? Semelhante provocação aos nossos bríos exigia um correctivo condigno, e infligiram-lho altivamente os deputados republicanos na memoravel sessão de 20 de novembro! Não! a nação portugueza não é composta de estultos ou de cobardes, como os nossos adversarios, inimigos della, sleivosamente precisam, que se deixem assim ilaquear e entorpecer por vãs promessas de emenda e rehabilitação. Não negamos a ninguém a sua regeneração; com inteira fé nas energias emanentes da alma humana, estamos prontos a resutuir aos arrependidos de qualquer categoria a nossa estima, á medida que eles nos forem atestando por convincentes provas a genuidade da sua conversão. Mas o que não nos é licito, é confundir relaxadamente o bem com o mal; e attribuido á confissão um poder absolutorio e um estado de graças misteriosas, tolerar que os maus, sem a minima reparação das suas culpas, continuem triunfantes, usurpando os altos postos de maior responsabilidade social, cingidos dos diademas e cercados dos cumprimentos e homenagens que só aos bons, aos melhores servidores da patria pertencem de direito. Prolongar-lhes a autoridade e o mando é ainda peor do que nivelar o bem com o mal, é dar ao vicio a supremacia sobre a virtude, é atacar no seu amago toda a obra de educação e de redenção nacional. Fala-nos muito agora a monarchia pela voz do chefe do estado e do seu primeiro ministro em multiplicar escolas; mas para que, se não é capaz de fazer de qualquer delas uma escola moral, porque a sua propria permanencia no poder envolve a mais dissolvente lição de todos os principios de justiça? Estudar, trabalhar, temperar o caracter, quem se importará com isso numa sociedade onde não são o saber e a dedicação, onde não são os meritos que seleccionam e elevam os homens no conceito dos seus concidadãos?

Não! a antiga confiança da nação nas instituições monarchicas dissipou-se para sempre; e não ha hoje nada no espirito publico, nada no coração das multidões que a faça reviver, chegou mesmo a ser para todos, entre nós, um dever sagrado não a ter. Quem acredita que as mãos que desalmadamente semcaram pelo paiz tanto odio, tanta miseria e tanta iniquidade, vão passar de golpe, milagrosamente, sem nenhum apprendizado do sacrificio, a servir idoneamente e lealmente o direito, a economia e a fraternidade? Quem ha de mesmo aceitar delas, com honra, os seus serviços — quem, simples cidadão ou funcionario civil ou militar, quem de dentro ou de fóra do paiz — sem parecer conivente dos inexpressos desmandos, sem se manchar com o sangue ainda não lavado das suas cruentas arruaças policiaes?

A destituição da realeza impõe-se, e não só a do seu actual titular, porque não havemos de apelar loucamente para a aventura dinastica da abdicção, isto é, para o governo dum menor, que se está formando, não no saudavel convívio do povo, entre as emorigeradoras dificuldades da existencia, mas longe das nossas cancelas e penas, no pernicioso meio politico do paço, onde mal entra e se respira o ar livre dos nossos comicios e discussões e com elle o puro espirito de amor e de recidão da nossa gente. A experiencia já tem sido demasiada.

A monarchia não possui no seu seio elementos bastante viaveis de regeneração. O fiasco dos neo-regeneradores ali está patente para definitivo escaimento. O seu mero simulacro liberal agigou-se um jogo tão arriscado aos chefes dos dois antigos partidos monarchicos, que ambos, outro dia na camara dos pares, vibraram ao actual presidente do conselho a sua reprimenda. «Tenha juizo!» «Nada de loucuras!» disseram-lhe, um solenemente, outro paternalmente. E o presidente do conselho penitenciou-se, cheio de humildade, collocand-se sob a protecção dos dois graves paladinos do trono.

Com quem ha de, pois, governar o novo dinasta? Onde encontrará os seus colaboradores? O nosso remedio não está nos privilegios de nenhuma familia, mas unicamente na emancipação da nação inteira. E a nação, essa é que não mais fará acto algum de abdicção seja em quem fór; ella, que é maior, compreende já agora com perfeita nitidez que, para precaver o futuro, necessita de assumir integralmente a sua soberania, tornando-se duma vez para sempre senhora absoluta dos seus destinos.

Para nos salvarmos, não ha senão uma solução e um recurso: implantar sem demora a Republica. Só depois de havermos conquistado a nossa independencia e autonomia, pondo á frente dos negocios publicos magistrados todos da nossa eleição, vingaremos assegurar ao paiz a ordem, hoje tão ameaçada pela deflagração dum sem numero de resentimentos acumulados, e, com a ordem, o prestigio historico do nome portuguez, infelizmente quasi de todo empalidecido pelas depravações dos nossos governantes.

Proseguiremos, portanto, impertinente e processado que instaurámos á monarchia até ao seu julgamento e condemnação final. Ella que, pela fraude e pela violencia, frustrára escandalosamente por tanto tempo a nossa fiscalisação, que a apavorava, viu-a imminente e tentou impedi-la pela fraude e pela violencia parlamentar. Mas nada lhe valerá. Havemos de lutar no parlamento como lutamos cá fóra. Havemos de desmascarar todas as suas mistificações; não lhe consentindo que, com os seus falsos rebates de contricção, se esquive á nossa implacavel sindicancia de todos os seus abusos, todas as suas extorsões e todos os seus ultrages. E, fortes da nossa organização partidaria, cada dia mais cordial e mais solida e vigorosa — congreguem-se muito embora contra nós num só bloco as hostes monarchicas — estamos preparados para conter e repellar com hombridade todos os seus atremessos brutaes. Não vamos encarniçadamente para lances sangrentos, mas não lhes fugimos nem nos renderemos punca. Queremos que todos os cidadãos portuguezes sejam homens livres e todos os seus dirigentes sejam, como elles, homens de bem. Como não havemos de vencer?

A revolução, que tudo anuncia para breve, tão necessaria, até por decoro ao saneamento da nossa vida politica, não a faremos só nós, republicanos; ha de fazê-la comnosco varonilmente a nação inteira.

Comicio

No dia 8 deve realizar-se em Leiria um comicio republicano, achando-se inscriptos já Antonio José d'Almeida, Alexandre Braga e Brito Camacho.

De Coimbra irão tomar parte no comicio o sr. dr. Bernardino Machado e os estudantes republicanos Carlos Olavo e Ramada Curto.

Marcos postaes

Os marcos postaes do largo de São-são e da Praça Velha estão ha largo tempo fechados, com grave inconveniencia do publico que tem de ir ao correio geral ou servir-se dos marcos postaes da Portagem, Calçada ou Sophas.

Do reconhecido zelo do sr. director dos correios e telegrafos de Coimbra

esperamos providencias para que acabe esta situação que é verdadeiramente prejudicial para o commercio.

No dia 8 deve reunir-se a assembleia geral da Associação de socorros mutuos da Imprensa da Universidade, para a eleição dos corpos gerentes para 1907.

A DESMASCARAR-SE

Ha sempre nas situações politicas portuguezas uma frase que se repete constantemente e que as caracteriza.

Nas situações rotativistas, anteriores á do sr. João Franco, que não é mais de que uma formula só aparentemente nova das antigas situações monarchicas, o estribilho, a frase que vinha a cada novo ato administrativo e que por profundamente verdadeira muito se repetia no nosso gasto e corrompido formulario politico era sempre: Os ministros comprometem a corôa...

A cada facto de administração do sr. João Franco repete-se agora: O sr. João Franco desmascara-se...

E diz-se isto desde os primeiros passos do seu governo.

Desde então, desde o começo, o sr. João Franco se desmascara, e através da mascara de falso liberalismo, que pôs com medo do povo e para o enganar, vê-se o seu rosto antipatico e amarelo de maliao em que se lê claramente um despotismo obsoleto e a incapacidade mental que espera triunfar pela intriga, pela mentira, pela hipocrisia e pelo servilismo.

Os factos sucedem-se, encadeiam-se e sempre o mesmo espirito de intolerancia, a mesma ausencia de orientação e de principios modernos, a mesma linguagem postiza de falso liberalismo, o mesmo fingido amor á causa da liberdade e do povo.

As ameaças e as perseguições á imprensa, de cuja tolerancia tem vivido a sua administração, apenas moderna nas palavras que grita e atrás das quaes leva, como os charlatães de feira, apenas os ingenuos que se deixam iludir pelos seus partidarios que vêem contar maravilhas dos seus saber e elixires, junto do seu carro de dentista, são como as expulsões dos deputados republicanos, os acontecimentos sanguinarios do Porto, actos que fisiologicamente se explicam pela ferocidade atavica da sua organização de degenerado inferior.

O sr. João Franco tem hoje e mesmo lema antigo, que pela admiração de um homem de talento, mas sem caracter nem na sua obra, nem na sua vida, se enraizou na sua cabeça esteril, como uma herva deninha e má na fenda de um rochedo.

As viagens, a convivencia, emprestaram-lhe uma linguagem que nele é vasia de sentido e que os seus actos traem a todo o momento.

Engrandecer o poder real — é a sua frase favorita.

E ha ingenuos que pensam que, levantando o rei acima de todos, lavando-o dos crimes que lhe têm sido assacados por todos os bandos monarchicos de opposição como cumplice, senão organisador de todas as ladrocinhas infames em que se tem ido o nosso dinheiro, a nossa honra e o nosso credito, o rei poderia ter ainda no nosso paiz uma função preponderante, se lhe voltasse o respeito que a monarchia julga afastado d'elle apenas pelas suas manobras politicas imprudentes!...

Hoje, o sr. João Franco preconiza como a salvação d'um regimen condenado, o desequilibrio de funções que o aniquillaria de vez, se a queda da monarchia não fosse hoje já um facto consumado na consciencia nacional.

Hoje, quando tanto em monarchias como em republicas, o chefe de estado é apenas um conciliador de vontades, sem personalidade politica dominante ou de destaque.

No actual momento historico em que na eloquencia do sr. João Franco, azeda e insignificante como o sumo dum limão seco vem insistentemente a cada momento, á esquerda de cada situação da sua politica tortuosa, o grito de que está governando como a Inglaterra, de

que está seguindo o exemplo da França, a grande orientadora da nossa racial...

E' hoje, que o sr. João Franco volta a gasta ideia do engrandecimento do poder real.

E diz imitar a Inglaterra monarchica, inspirar-se na França republicana!

Dr. Angelo Fonseca

Foi nomeado facultativo extraordinario dos hospitaes da Universidade, este nosso amigo e correligionario.

A Resistencia, que deve ao sr. dr. Angelo Fonseca sempre o aplauso e incitamento, alem do sacrificio de tantas horas em que poz ao seu serviço a sua pena de lutador experimentado, felicita-se por esta nomeação que será proposita para os doentes e para o ensino.

Dr. Alexandre Braga

Demorou algumas horas em Coimbra, no regresso a Lisboa da sua triumphal ida ao Porto, este notavel tribuno democratico, que nesta cidade deixou tão viva tradição de independência e patriotismo.

Ninguém sabia da estada do illustre caudico, quando á noite começou a correr que estava no Café Central, mais conhecido por Café Marques Pinto, do nome do seu proprietario, tão conhecido como estimado neste cidade.

Formaram-se quasi instantaneamente grupos na Baixa, que tomaram uma desusada animação e por fim irromperam pelo café em ruidosas vivas e aclamações, abrindo as duas largas portas que não mais se puderam tornar a fechar durante mais de tres quartos de hora que durou a entusiastica manifestação.

O dr. Alexandre Braga, surpreendido, sorria alegremente, levantando-se por fim para agradecer naquela palavra doce e acariciadora, em que, como na voz do mar, se ouve, um rugido de ameaça, pronto a levantar-se o eco da colera popular.

Em volta tudo ouvia silenciosamente, de pé. Os ultimos subiam as cadeiras para ver e ouvir e no café parou instantaneamente todo o movimento comercial.

As palavras em que exaltou a força das ideias republicanas, os seus colegas que as defendiam no parlamento, o povo portueguez que as gritava nas ruas, eram a todos os momentos interrompidas por gritos e aplausos, que no final se converteram numa calorosa ovação que se prolongou pela praça na multidão que estacava, sem poder ver nem ouvir o prestigioso tribuno.

Quando saiu, a carruagem que bateu á desfilada, foi seguida a correr por estudantes e populares, e a ovação continuou pela rua da Calçada e Visconde da Luz, em que se tinham postado grupos animados de populares e academicos, a quem outros mais felizes, contavam as palavras que tinham ouvido.

Para evitar manifestações, não mais significativas, mas mais ruidosas, o dr. Alexandre Braga saiu de noite para Lisboa, apesar do automovel não estar completamente reparado.

A isto chama naturalmente o sr. João Franco as provocações dos republicanos...

"O Lavrador"

O numero de Dezembro do popular jornalinho gratuito O Lavrador vem de veras interessante.

Ensina muitos serviços d'esta epoca do anno, taes como: escolha de videiras americanas, cuidados com os vinhos, emprego de adubos, etc.

Traz artigos de Duarte de Oliveira, Batalha Reis, Bento Cerqueira, Palma de Vilhena, Pedro Bravo, Gonçalves de Sousa, Adolfo Moller e Rodrigues Chico.

Quem quizer receber O Lavrador peça-o ao nosso collega O Comercio do Porto.

Heliodoro Salgado

No proximo dia 8, o da Imaculada Conceição, deve realizar-se em Lisboa uma manifestação em honra daquella nosso malogrado correligionario, que tem um papel tão preponderante na luta que em Portugal se vem travando contra a reacção.

CUIDADOS DE INSTRUÇÃO

A circular do sr. João Franco aos reitores do liceu é a demonstração fríante da falta de capacidade administrativa do illustre presidente do conselho, cujo amor pela instrução é aliás recente e posterior á sua decantada viagem á Suíssa.

Para o sr. João Franco, toda a reforma de instrução secundaria se resume em ter um reitor vigilante, convivendo com os alumnos, tratando-os paternalmente.

O sr. João Franco parece ignorar que os liceus têm instalações viciosas e insuficientes, comprometendo gravemente a saúde dos alumnos; mostra pouco interesse em reformar a mobilia e o material escolar; obriga os professores a um ensino teórico, não lhes dando facilidades de ensino experimental, impossivel por falta de instalações proprias e por carencia absoluta de aparelhos, instrumentos de ensino, e dotação especial que permita realizar o ensino pratico, como aliás é hoje exigencia moderna, em toda a parte acatada.

Não; longe disso, o sr. João Franco acha que a exacta observação de regulamentos ineptos, a vigilancia pela frequência, e pelo comportamento dos alumnos é a base da reforma da nova educação nacional.

O criterio dum retardado padre-mestre de latim!

Por isso mandou fazer a circular a todos os reitores do liceu, indistintamente, porque alguns se davam faltas de assiduidade da parte dos professores.

E o sr. Agostinho de Campos, antigo professor do liceu, não duvidou, para cumprir as ordens do seu chefe politico, vir pôr sob uma mesma suspeita uma classe inteira a que pertencem.

Se, como afirma a circular, alguns professores do liceu andam afastados da regencia activa das suas cadeiras, perdendo habitos docentes, prejudicando o estudo materialmente, e forçando a substituições que além de dispendiosas, nem sempre conseguem garantir a proficiência do ensino ministrado, o que havia naturalmente a fazer era, não mandar uma circular vexatoria a todos os liceus, mas sim aproveitar a ocasião de dar um grande exemplo de moralidade e de justiça, mandando processar e castigar os professores delinquentes.

Mas não. O sr. João Franco tem apenas a lei e o exemplo para satisfação do odio e da vaidade propria.

Na instrução bastou-lhe a perseguição e o castigo do sr. conselheiro Abel de Andrade...

O que o sr. João Franco propõe para os professores provisórios, não os admitindo a novo concurso quando tenham dado provas da falta de assiduidade, autorizando mesmo o conselho escolar a reunir-se para promover a sua exoneração e substituição, deveria o sr. João Franco mandá-lo fazer aos professores efetivos que faltam ao cumprimento dos seus deveres.

E só s'esses!
E nunca deveria fazê-lo com injuria grave, como a da desgraçada circular. Na circular afirma, na verdade, o sr. Agostinho de Campos, ou antes o sr. João Franco que a mandou escrever, que o procedimento dos professores de ensino superior se avanteja aos do ensino secundario, sendo raros os lentos que por motivo de doença se torne necessario substituir. Mais uma fórmula reveladora daquele espirito baixo de intriga que, a cada novo acto de administração, vem afirmar a incapacidade, aliás conhecida e proverbial do sr. João Franco.

O facto é aliás verdadeiro, e todos tiveram occasião de admirar a solicitude com que os srs. drs. Teixeira d'Abreu e José Joaquim Tavares se furtavam aos afazeres e comodidades da sua vida de Lisboa para virem com tanto incomodo reger as suas cadeiras, substituindo-se um ao outro numa camaradagem sempre admirada e da mais salutar influencia sobre os alumnos, cuja alma, como bem diz a circular, se vae formando menos talvez pela doutrina que pelo exemplo.

E neste ultimo empenho a circular regulamenta as lagrimas e as manifestações de dôr por morte dos professores.

Em casos taes, as aulas só se poderão interromper no ultimo tempo letivo diario.

As manifestações de luto só são permitidas na ultima hora. Em tudo se revela o sr. João Franco um homem de espirito...

Mas no que o sr. João Franco mostra a sua absoluta ignorancia da questão vital do ensino entre nós é, além do erro capital de considerar a instrução secundaria como a base de toda a reforma da instrução nacional, o papel preponderante que quer dar aos reitores do liceu, papel que se pode ajudar a acção politica e corrutora dos governos monarchicos que terão neste espia assalariado a base para todas as perseguições politicas, vem prejudicar a acção dos conselhos escolares, unica entidade capaz de resolver com proveito as questões de ensino.

De tres em tres mezes o reitor informará sobre mestres e alumnos e não deixará de desenvolvidamente expôr as insuficiências ou as faltas que julgue encontrar na educação domestica.

Não são informações de ordem geral, são a exposição detalhada e desenvolvida da vida de mestres e alumnos no liceu e em casa.

E' a regulamentação da espionagem, a delação obrigatoria.

Até aqui, as faltas dos professores eram substituidas num ato louvavel de camaradagem por um colega do liceu; agora, nos liceus de mais de 400 alumnos, naqueles em que taes logares possam ser ambicionados, o sr. João Franco cria uma categoria de professores contratados pelo reitor, sem concurso, nem precificação de formalidade alguma, professores-corvos encarregados de substituir os que faltam á ultima hora, e que pelos corredores do liceu andam a farejar a doença ou a morte.

Escusado será dizer que esta nova qualidade de professores-galhinas, recrutados pelo reitor, isto é pelo governo, são uma forma de fabricar concursos dando mais tarde preferencias que poderão não ser bem justificadas.

Não ha nesta circular nada que possa justificar-se, que é bem nos moldes do sr. João Franco desde o final da ameaça até ao começo que abre com a frase de amargura que ha de ficar como caracteristica da insuficiencia cerebral deste eterno descontente.

O sr. João Franco que quiz acreditar-se como Messias, liquidou em Jeremias sem grandes arrebatamentos de profeta.

O sr. João Franco não administra, o sr. João Franco chora os desmandos dos outros e os seus, que o trazem descontente.

Não ha portaria, projeto de lei, discurso parlamentar ou converso em que o sr. João Franco não deixe marcado o seu descontentamento.

Na circular aos reitores do liceu, o sr. João Franco manda comunicar o desprezo com que vê os professores afastar-se do ensino, nos mesmos termos com que nas circulares do verão contra o jogo accentuava o seu desgosto por não ver cumpridas as suas instrucções.

E' de poucos recursos o sr. João Franco.

A mesma linguagem para batotas e liceus.

Oh! Que unidade na vida vasia d'este politico sem ideias e sem ideaes...

Theatro Principe Real

Amanhã sobre a scena nesta casa de espéculos a engraçada comedia em 3 actos Nono... não desejadas e o prologo dramatico Amanhã, que foi muito apreciado na primeira representação.

Pela confiança que todos depositam nos seus interpretes que são Adelaide Coutinho, Sofia, Augusto Cordeiro, Luciano de Castro etc., é de crer que haja grande concorrência do publico.

A comissão organisadora da Associação de Classe das Artes Graficas, resolveu na sua ultima sessão congratular-se pela organização da liga congenere de Braga, agradecer á Associação dos Bombeiros Voluntarios a cedencia que até agora lhe tinham feito das suas salas para as suas sessões e realiza-las para o futuro na sede do Centro Republicano.

A MENSAGEM

Numa armadilha a incautos andam creaturas habilidosas promovendo a assinatura de uma mensagem ao sr. João Franco, que se diz sem carater politico.

Claro que a mensagem ao chefe de um partido aplaudindo o seu governo, e incitando-o a continuar, é uma mensagem politica que nenhum cidadão, mesmo monarchico, pode dignamente assinar, logo que não batalhe nas fileiras do sr. João Franco.

O documento começou a assinar-se antes dos ultimos acontecimentos e, apesar disso, não tem tido o êxito que esperavamos que andaram a colher assinaturas para obedecer ao sr. João Franco que vê bem que precisa de um acto que aparentemente lhe dê força perante a opinião que lhe foge e o condena, dentro e fóra do parlamento.

O documento porem val; porque os monarchicos que o assinam confessam, por isso mesmo, que têm até agora auxiliado os governos em expedientes de lações, louvando o sr. João Franco apenas pela confissão publica do seu passado.

E' cristão!...

A mensagem é a condensação do regimen, com singular inconsciencia, pelos signatarios que pretendem salva-lo.

A mensagem foi assinada por alguns professores que esqueceram depressa os insultos feitos pelo sr. João Franco ao professorado da Universidade, as portarias anti-liberaes aos professores republicanos, o desprezo de todas as regalias universitarias, a demissão de Cerqueira Coimbra...

E vemo-nos obrigados a confessar que é necessario ter bojo para isto e para esquecer tudo o mais.

Na ocasião em que o sr. João Franco, para satisfazer ambições e vaidades de um correligionario irrequieto, tenta o desmantelamento da velha instituição universitaria, criando duas escolas de direito, quando deixa á mingua e sem recursos de ensino os tres institutos medicos que ha no paiz...

Houve tambem professores do liceu que assinaram, lembrando-se apenas das suas ideias politicas, quando o sr. João Franco numa circular do sr. conselheiro Agostinho de Campos em que o seu nome é gritado com cuidado mau esmolar biblico ao dar a esmola, insultava o professorado liceal com insinuações deprimentes e comparações tão talsas como descabidas.

A mensagem do sr. João Franco, distribuida e solicitada por êle em todo o paiz, é o velho expediente de todos os tiranos, — o falso plebiscito.

O sr. João Franco vê que lhe não é possivel ter nas camaras a apparencia de solidariedade com os partidos monarchicos que poderia ainda iludir sobre a estabilidade da sua situação, vê que fóra do parlamento a opinião publica se afasta d'êle e que dia a dia se accentua o mau estar perigoso que o sr. João Franco julgou poder afastar com promessas vãs o falso liberalismo.

O sr. João Franco quer a ditadura; porque sem ela o poder lhe fugirá.

A mensagem é por isso um acto criminoso porque pretende autorisala.

A ditadura, porem, será a condenação final da monarchia...

Nunca se viu festa assim; a do altar, já se vê.

O novo altar

Nunca se viu festa assim; a do altar, já se vê. Tem mais que novena. A igreja está constantemente cheia de gente que vae admirar a obra de João Machado e felicitar o modesto artista que tanto poz nela do seu amor á arte, e que fez voltar os olhos do paiz inteiro para o lavôr coimbrão em pedra, tão elogiado em pleno renascimento, visto com tanta admiração e louvor quando Portugal estava em plena gloria e em intensa vitalidade artistica, e que mais tarde acabou na decadencia de que João Machado o soube levantar para honra e gloria sua e dos artistas desta terra de quem é exemplo respeitado e admirado pelos que, no nosso paiz, são capazes de admiração e de respeito.

O altar está sendo dourado por Antonio Elisau nas linhas decorativas e destaca na graciosidade das linhas da Renascença sobre o veludo vermelho-escuro que lhe serve de fundo.

E' uma deliciosa obra de arte, a que nos referiremos no proximo numero com o cuidado que está nas tradições do nosso jornal.

RECENSEAMENTO ELEITORAL

Formulas do requerimento
Requerimento por saber ler e escrever

Ex.º sr. secretario da camara municipal de Coimbra:

F... de... annos, (casado, solteiro ou viuvo), (profissão), morador na rua de..., freguezia de..., sabendo ler e escrever, requer a sua inscrição no recenseamento eleitoral.

E. R. M.
Data.
Assinatura.

Requerimento de inscrição por pagar decima

Ex.º sr. secretario da camara municipal de Coimbra:

F..., filho de F... e de F..., natural de..., de... annos de idade, (estado e profissão), morador na rua de..., n.º..., freguezia de..., desejando a sua inscrição no recenseamento eleitoral, visto ser colétado por contribuições directas do estado em quantia superior a 500 réis, segundo o n.º 1 do art. 1 e n.º 2 do art. 21 do decreto de 29 de agosto de 1901,

Pede a V. Ex.ª se digne manda-lo inscrever na relação dos eleitores da sua freguezia.

E. R. M.
Data.
Assinatura.

A's quartas e domingos ás 8 horas da noite encontra-se aberto o centro eleitoral republicano José Falcão para os cidadãos que desejam reconhecer os documentos necessarios para o recenseamento eleitoral.

Faculdade de direito

Sabemos que o presidente da Associação Commercial de Coimbra pediu informações para Lisboa sobre o boato que correu, com balão d'ensino no Seculo, de que o governo, na reforma de instrução superior, ia desdobrar em Lisboa e Porto os estudos d'esta faculdade.

As informações recebidas são de molde a deixar em sobresalto todos os espiritos amantes de Coimbra. O governo não fará por agora o desdobramento d'aquelles estudos, mas nas altas regies do poder pensa-se muito nisso.

E' questão de ocasião ou oportunidade.

Servem-se do argumento velho de que o aumento de alumnos desta faculdade aconselha semelhante medida. E' um ardid grosseiro, tal nada aconselha ou justificaria um tal expediente. Antes pelo contrario.

Mas não nos surpreende a intenção. E' manha velha d'um vendido politico, escorraçado da Universidade, que merece e a seu tempo ha de ter o premio das suas virtudes.

O que nos indigna é que não haja dinheiro para dotar o primeiro estabelecimento scientifico do paiz com os melhoramentos que de ha muito o ensino vem reclamando, e se pense em crear duas conexas em Lisboa e Porto, sem nenhuma vantagem ou necessidades do ensino, mas só para satisfazer ambições e vaidades.

Mas não iria ás primeiras. O assunto tem abrolhos e Coimbra não se deixaria expoliar facilmente. Queimava o ultimo cartuxo.

O presidente da Associação Commercial mostrou mais uma vez o cuidado que lhe merecem os interesses desta cidade, no desempenho do seu cargo, colhendo informações seguras para pautar o procedimento da importante coletividade que dirige. Bem haja.

O perigo está afastado por agora, mas é bom estar prevenido contra as surpresas.

O sr. Luiz Moreira dos Santos, apontador, apresentou-se ao serviço na direcção das obras publicas de Coimbra.

Foram concedidos 30 dias de licença ao sr. Antonio de Sousa Fontes, primeiro aspirante da repartição de fazenda de Coimbra,

Literatura e arte

Camilo Castelo Branco

(Conclusão)

Também sempre pisou Camilo por grande scético. E foi-o, de certo. Não lhe quadra bem inferir futuros prosperos das misérias contemporâneas. Mais um ponto fraco, segundo muitos. Fatalidade do temperamento, inferimos nós.

Os scéticos são os honestos vencidos. Geralmente os bons são os felizes da vida. Os outros são os maus vencidos — verdadeiros apóstolos da religião do mal — creaturas relapsas ao sabor das necessidades e expediente de cada dia ou hora.

O sceticismo do eminente romancista ainda anteveiu, em boas clareiras de esperança, o segundo estado. Procurou-o nas crenças religiosas — foco infinito duma felicidade perdurável. Não vingaram.

Estas mesmas tentativas religiosas tiveram apreciação divergente no campo bem espiado da sua dignidade. Era ainda a faina das incoherências e contrastes.

De facto, ninguém foi mais rigoroso em repelir menoscabos. Sobretudo em desforços literarios, que levava ao extremo da maior susceptibilidade.

Foi um verdadeiro cavaleiro da literatura peninsular. A sua obra como a sua alma viviam ao de cima — num plano superior. A sociedade, o meio, mais propriamente o mundo de relação — eram o incidente em que a Arte a custo estadeava, pronta a librar-se.

Dacia, mas de olhos fitos nos labores artisticos. E descia forçado. Vejamos: — Quando uma princeza pretenhosa por cá passou á *vól d'oiseau* (vê o francês, sem exemplo) permitindo-se a liberdade nada senhoril e menos educada de chasquear das nossas pessoas e letras — á conta de um temperamento escandecido ao brazeiro da ideia novíssima — Camilo saiu logo pela sua e nossa dignidade. Correu mundo a primeira edição do opusculo — *A Senhora Ratazzi*. Veiu a lembrança de uma segunda tiragem, encarecida pelo sucesso da primeira.

No entanto soube-se da irritação da victima. Chardron não cedeu o lance da reprodução do correctivo. Não curou de saber a razão da solidude do livreiro. Ajustou-se nova edição com intercalações e mais sangrentos comentarios á vida e letras da indiscreta escritora.

E no entretanto, Camilo, ameaçado pelo desafio do marido da victima, escrevia dest'arte ao editor:

"Meu amigo: — De Lisboa diz-me que o terceiro marido da Ratazzi vem ao Porto desafiar-me. Antes que elle chegue (se é que tem de vir) é preciso que a 2.ª edição do folheto seja conhecida, etc..."

"Apreste o meu amigo a publicação. Bem sei que a tem demorada porque provavelmente ainda restam exemplares da primeira; mas é de esperar que a venda da 2.ª supra esse prejuizo, se o houver. Provavelmente lá me tem por estes dias. Mande imprimir o fragmento junto, que hade entrar onde eu disser nas provas."

"Do seu am.º ob.º — C. C. B."

Belo documento a reproduzir, como prova da maior isenção pessoal, ante o dever literario. No balanço do seu criterio o desforço pelas letras era tudo. Arriscar a vida ao capricho do «terceiro marido» da insultada — que bem podia ser um eximio duelista — era nada. «Apreste o meu amigo a publicação», dizia a Chardron. Isto ponderando, talvez, a probabilidade de um mau desenlace em revindita da provocada, deixando em aberto um capítulo importante do testamento a cerrar.

Finalmente, certo é que na alçada civilizador deste início de seculo, vingou ser percebido, e até de alguma forma premiado — o genio do immortal escritor. Era tempo. Felicitamo-nos e com tanto maior prazer, quanto é certo termos duvidado, ainda ha pouco, que alguma coisa se fizesse (1).

(1) Vid. — «A Moral na Religião e na Arte», do mesmo autor. (Casa edit. de França Amado, 1906).

Oxalá a boa cruzada não cance. O entusiasmo pelas grandes memorias tem, por vezes, inesperadamente a sua baixa-mar.

Haja em vista Castilho de muito adormecido no esquecimento deste periodo — a despeito de ser uma gloria incontestavel da literatura — onde serviu com uma vocação rara, um vasto distrito das letras.

Tambem para Camilo não é bastante a comemoração em programa. Esta é na occasião o realisavel. Com o tempo surgirá, de certo, melhor justiça — que não melhor proposito.

Então, é possivel que d'entre os bons dramaturgos que já temos, haja quem se abalance a immortalisar-se pelo drama que bem poderá chamar-se — Camilo — onde destaca a individualidade e figura primacial do escritor. Ahi deverá ferir-se bem, ante o publico «aquela formidável corda de lagrimas e aquella formidável corda de risos» que um apaixonado amigo do Romancista destacou na lira inimitavel da sua alma de sonhador e artista.

E que grande poema podia ser a trama dos seus infortunios...

Emfim, a Camilo bem pode aplicar-se o dito do padre Bernardes para com o doutissimo Abulense: «Foi arvore não no campo, mas no bosque, de onde claramente se infere que cresceu muito».

Ha, por isso mesmo, muito ainda a dizer e a estudar sobre o extremado escritor.

Douro — Ancêdo, fevereiro, 1906.

Visconde de Vila-Moura.

CARREIRAS DE AUTOMOVEIS

Vão estabelecer-se carreiras de automoveis, regulares, entre a Alta e a Baixa, por iniciativa do distinto sport man, sr. dr. Tavares de Melo, devendo naturalmente começar nos dias 7 a 10 do corrente.

As carreiras serão feitas por dois automoveis estofados, com todo o conforto moderno; e os preços serão os que atualmente se pagam nos americanos — 50 reis.

Os omnibus têm 18 logares: 16 dentro e 2 sobre a plataforma atrás. A entrada faz-se pelo topo da retaguarda.

Os detalhes da construção, a mais moderna, são: motor a valvulas comandadas e alumage por magnéto, funcionando a essencia de petroleo ou alcool, sem mudar absolutamente nada no carburador; transmissão por cardans ao diferencial; freios, um a maxillas metálicas comandado por um pedal atuando sobre o diferencial; dois extra-poderosos, em rolamento sobre tambores das rodas motoras; uma disposição mecânica especial inibe o vehiculo de recuar, seja qual fór a inclinação, sem um comando expresso do condutor; o pezo regula por 2.750 kilogramas e as velocidades por 6, 15 e 25 kilometros á hora; as rodas são em cauchout massico e elas são, sobre tudo nas de traz, porque são constituídas por duas bandas paralelas as quaes cada uma de per si são formadas por blocos de cauchout de modo a poder fazer-se a substituição pouco dispndiosa de cada um d'elles em separado.

E' claramente mais uma comodidade, importando um melhoramento que não podemos deixar de aplaudir.

Por falta de pagamento aos empregados estão suspensas as obras da Escola Central de Santa Cruz.

O sr. João Franco pensa todavia no aumento da lista civil...

E farta-se de dizer que a questão é de ensino!

Estão começando os trabalhos de assentamento da cupula do novo pavilhão para venda de peixe no mercado de D. Pedro V.

ASTRO

O sr. João Franco abraçado, em pleno fogo de artifício retorico; disse no parlamento:

A gerencia do governo é um rasto luminoso de sol na noite caliginosa da nossa administração publica.

O' estrella cadente! Cadente e a cair...

ESCOLA LIVRE

Obra de educação & solidariedade

Ensino integral

A subscrição aberta pelo Grupo da Escola Livre tem tido, como era de prevêr, um bom acolhimento da parte das pessoas que se interessam pela educação popular. Atingiu rapidamente a quantia de 26.091 réis e pela nota dos subscritores a cotação mensal é deste mez em diante de 40.000 réis. Estão tambem em projeto alguns sa-raus que reverterão em favor desta subscrição, devendo em fins de janeiro a quantia depositada no Banco ter atingido a importancia de 300.000 réis. Poderemos pois esperar que dentro dum anno se fará a instalação da Escola Livre, primeira affirmacão a serio do ensino integralista em Portugal.

O Grupo da Escola Livre conta já adesões valiosas, indício bem claro de que esta ideia vae interessando a parte culta do paiz. Assim no sarau que em janeiro deverá realizar-se em Coimbra além de Campos Lima, que exporá o plano de educação da Escola Livre, teremos como oradores Manuel d'Arriaga e Alexandre Braga.

E' esta a nota relativa á subscrição começada em fins d'outubro:

OUTUBRO

Receita: — Cobrança dirêta 6.350.
Despeza: — Impressão de circulares e recibos 5.100, 200 envelopes 300 réis; total 5.400; saldo 1.109.

NOVEMBRO

Receita: — Saldo do mez anterior 1.109, cobrança dirêta 4.700, cobrança pelo correio 19.145, representação da Ceia dos pobres (duas noites) 4.000; total 28.845 réis.

Despeza: — Estampilhas de 5 réis para as circulares 300 réis, postaes 100 réis, selos forenses para alguns recibos 50 réis, selos para cobrança pelo correio 1.480. Saldo 26.915.

Este saldo foi depositado na Delegação de Coimbra da Caixa Economica Portuguesa, a 3 de dezembro, sendo o depósito registado com o n.º 4623 no livro 18 a folhas 265.

As contas feitas discriminadamente e os respêtivos documentos podem ser examinadas durante todo o mez no estabelecimento do sr. Afonso de Barros, rua Ferreira Borges — Coimbra.

Toda a correspondência e importancias devem ser dirigidas a Campos Lima, quintanista de direito, Palacios Confusos, n.º 8 — Coimbra.

Contrastes

A proposito da solução liberal da crise espanhola e da condenação aberta feita pela nação vizinha a uma politica de intriga e falso liberalismo escreve o *Jornal do Comercio*:

As sessões das ultimas semanas, e em especial dos ultimos dias, nas duas camaras portuguezas mostram-nos espectaculos absolutamente opostos e sobretudo nunca vistos no parlamento portuguez.

Não só está sendo de ha muito desastada a Cart Caonstitucional, com que se não importam os que mais e melhor a deveriam conhecer, exalçar e defender, mas tambem estão sendo calçados aos pés o regimento das camaras e os privilegios e direitos dos eleitos do povo.

Regressámos pois aos tempos cabralinos ou á época ominosa de Pina Manique.

Não podemos comparar-nos com a Hespanha onde o parlamento tem a autoridade moral dos que obedecem a principios e não a interesses, prontos por isso mesmo a reagirem com energia ao primeiro atropelo.

A curva da evolução politica sobre na Hespanha e desce em Portugal: eleva-se lá para o liberalismo, declina cá para o absolutismo.

Não pôde haver a este respeito duas opiniões diferentes.

Não ha duas opiniões. Mesmo a do sr. João Franco é suspeita.

Assim vae morrendo a monarchia em Portugal.

Funeral

Na segunda-feira passada, realizou-se o funeral da pequenina Alice, filhinha adorada do nosso correligionario sr. Antonio Dias, guarda-livros da fabrica de bolacha da viuva do sr. José Francisco da Cruz.

Sentidos pezames.

O sr. dr. Manoel Barata, notario na Figueira da Foz pediu a concessão para o estabelecimento de viação, tanto para passageiros como para mercadorias por *transways* sobre rails, movidos por tracão animal ou electrica.

Partirá o trajeto da estação do caminho de ferro seguindo pela ponte sobre o Mondego, servindo Lavos, Paião e outras povoações da outra margem, e seguindo sempre pela via publica, até uma das gares do caminho de ferro de Oeste, sem sair porém do concelho da Figueira, podendo, quando muito, estender-se até ao Lourical.

No pitoresco logar do Borsalo, proximo desta cidade, realiza-se no domingo a festividade á Nossa Senhora da Conceição, constando de fogo, danças e filarmônica das tres figuras.

O conselho superior de obras publicas vae dar parecer sobre a reparação da estrada n.º 49 do distrito de Coimbra.

Cooperativa de pão A Conimbricense

Responsabilidade limitada

A comissão instaladora convida os srs. associados a reunirem em assembleia geral no dia 9 do corrente, pelas 10 e meia horas da manhã, na sala da Associação dos Artistas.

Ordem dos trabalhos

Eleição dos corpos sociaes que devam gerir os negocios desta Cooperativa no anno de 1907, que serão assim constituídos:

Assembleia geral — presidente, vicepresidente, primeiro secretario, segundo secretario e dois vice secretarios.

Dirção — presidente, secretario, tesoureiro, dois vogaes e tres vogaes suplentes.

Conselho fiscal — presidente, secretario, relator e dois vogaes.

Para que os socios possam votar e ser votados é necessario que tenham liberado, pelo menos, uma accção, devendo ter tambem pelo menos dois mezes d'associados.

No escritorio da Cooperativa — Largo da Feira, n.º 22 — acha-se patente todos os dias, das 7 ás 10 horas da noite, até ao dia da eleição, a lista dos que podem votar e ser votados.

Coimbra, 1 de dezembro de 1906.

O secretario,
Abel Simões de Carvalho.

Comissão instaladora convida os srs. associados a reunirem em assembleia geral no dia 9 do corrente, pelas 10 e meia horas da manhã, na sala da Associação dos Artistas.

ANNUNCIOS

EDITAL

O Doutor Alvaro da Costa Machado Vilela, provedor da Santa Casa da Misericórdia de Coimbra.

Faço saber que tendo a Mesa da Santa Casa da Misericórdia de proceder ao provimento de dotes a orfãs pobres do concelho de Coimbra na forma do seu Compromisso e regulamento, resolveu reunir-se em sessão especial no dia 31 do corrente mez, pela hora do meio dia, afim de receber as petições de dotes, que devem ser entregues pessoalmente á Mesa pelas proprias orfãs que pretenderem ser dotadas nos termos dos §§ unicos dos arts.º 113 e 118 do dito regulamento.

Taes petições devem ser instruidas com os seguintes documentos: — 1.º Certidão d'idade; 2.º Certidão d'orbito de pac; 3.º Atestado de bom comportamento, e 4.º Certidão do competente juiz dos orfãos que mostre a sua pobreza e na sua falta atestado do paroco. E para constar se passou o presente que será afixado no logar do estilo.

Secretaria da Misericórdia de Coimbra, 1 de dezembro de 1906.

O provedor,
Alvaro da Costa Machado Vilela.

Potes de lata para azeite

Vendem-se tres quasi novos, sendo um de 1500 litros e dois de 1300.
Para ver e tratar na rua Sá da Bandeira, 54.

COMPANHIA GERAL

DE Credito Predial Portuguez

AVISO

Previnem-se os ex.ºs srs. acionistas, obrigacionistas, mutuarios e quaesquer outras pessoas, que tenham transacções com esta Companhia, que a Agencia nesta cidade se acha instalada na Praça 8 de Maio, n.º 33 a 37, e que o escritorio está aberto das 10 horas da manhã ás 3 da tarde.

Lembra-se aos srs. juristas que durante o mez de dezembro terão que apresentar as suas relações de juros afim de poderem receber em janeiro proximo.

Coimbra, 29 de novembro de 1906.

O Agente,
Antonio Nunes Correia.

Consultorio Medico - Cirurgico

— DE —
Alvaro Roxanes

Marco da Feira, 8 — COIMBRA

Consultas das 10 ás 12 e das 2 ás 4

(Residencia — R. de Tomar, 11)

CAIXEIRO

Precisa-se com pratica de fazendas brancas de 17 a 20 annos. Ou um rapaz de 14 a 16 annos de idade, com dois annos de pratica, a quem se dá ordenado.

Nesta redacção se diz.

AFINADOR DE PIANOS

José Lopes, afinador e construtor que foi da casa dos srs. Custodio Cardoso Pereira & C.ª, do Porto, chega a Coimbra no dia 7, tendo poucos dias de demora.

Quem precisar, deixe recado em casa do sr. Jaime Lopes Lobo — Praça do Comercio, 44 — Coimbra.

CASA COLOMBIO

Fornecedora da Casa Real

Visitem este estabelecimento e verão V. Ex.ª que ha vantagem.

Generos alimenticios das mais finas qualidades, em concorrência de preços com as cooperativas.

Vinho de meza e de Amarante, qualidades e preços sem competência.

Distribuição aos domicilios, sem aumento de preço.

GRATISS

Para tornar conhecida a nossa casa em Portugal, faremos ás pessoas que que quizerem enviar-nos uma fotografia qualquer, um retrato artistico de tamanho natural, absolutamente gratis, no prazo de 8 dias, sob a condição de recomendar nossa casa depois da recepção do retrato gratuito. Não ha obrigação de comprar um quadro ou qualquer outra coisa. A fotografia modelo será devolvida intacta com o grande retrato.

Sociedade Continental

de Retratos Modernos. Dept. U

1 — RUE VAUVENARGUES — Paris XVIIIª

ANNUNCIOS PARA JORNAES

João Ribeiro Arrobas, encarrega-se da publicação de annuncios em todos os jornaes do paiz, da afixação de cartazes, da distribuição de annuncios, prospectos, etc., em Coimbra.

Mont'Arroio, 15 — Coimbra.

PASTELARIA E CONFITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

FAZENDA COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontram-se a venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

- Dóces de ovos** com os mais finos recheios.
- Dóces de fructa** de diversas qualidades, secos e cristalizados.
- Fabricam-se grandes peças de fantasia**, proprias para brindes.
- Variada pastelaria em todos os generos**, especialmente os de folhado.
- Galantines diversas**, Têto d'Achar. Patê de Lievre e Fole.
- Sauzísses**. Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. Pão de ló, pelo sistema de Margarida.
- Especialidade em **vinhos generozos e licôres finos** das principaes marcas.
- Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás,** etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32

Companhia de Seguros Reformadora
A única que em Portugal effectua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos e de comarcas.
Correspondentes: Gaito & Canas
Coimbra

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portuguezes, á venda na **Mercearia LUZITANA** (Depósito unico em Coimbra)

Estab. Ind. Pharm. "Souza Soares,"

(NO BRAZIL E NA EUROPA)

Devidamente legalisado em Portugal e distinguido com um premio de Honra de 1.ª classe e cinco medalhas de Ouro, na America do Norte, França e Brazil, pela perfeita manipulação e efficacia dos seus productos medicinas:

PEITORAL DE CAMBARÁ

(Registado)

- Cura prompta e radicalmente as tosse ou rouquidões;
 - Cura a laringite;
 - Cura perfectamente a bronchite aguda ou chronica, simples ou asthmatica;
 - Cura a tísica pulmonar, como o provam numerosos atestados medicos e particulares;
 - Cura incontestavelmente a asthma, molestia difficil de ser debellada por outros meios;
 - Cura admiravelmente a coqueluche, e, pelo seu gosto agradável, é apeteido pelas creanças.
- Frasco, 13000 réis; 3 frascos, 23700 réis.

PASTILHAS DA VIDA

(Registado)

Combatem o fastio, a azia, a gastralgia, as nauseas e vomitos, o enjôo do mar, o mau halito, a flatulência e a dilatação do estomago. São de grande efficacia nas molestias do útero e da pelle, na fraqueza dos nervos e do sangue.
Caixa, 600 réis; 6 caixas, 33740 réis.

36 Remédios Especificos em pilulas saccharinas

(Registados)

Estes medicamentos curam com rapidez e inoffensividade:
Febre em geral;
Molestias nervosas, da pelle, das vias respiratorias, do estomago, dos intestinos, dos orgãos urinares;
Molestias das senhoras e das creanças;
Dóres em geral;
Inflamações e congestões;
Impureza do sangue;
Fraqueza e suas consequencias.
Frasco, 500 réis; 6 frascos, 23700 réis.

Consultem o livro — *O Novo Medico* — pelo Visconde Souza Soares, á venda nos depositos dos remedios do auctor. Preço: brochado 200 réis, encadernado 500 réis.

Medicamentos homeopaticos garantidos, avulsos e em caixas de diversos tamanhos

- 1 Tubo com globulos 200 réis; duzia 23160.
 - 1 Frasco com tintura 3.ª ou 5.ª 400 réis; duzia 43320.
 - 1 Dito com trituração 3.ª 700 réis; duzia 73560.
- Vede os preços correntes, o *Auxilio Homeopatico* ou *O Medico de Casa* e a *Nova Guia Homeopatica*, pelo Visconde Souza Soares.

Estes productos vendem-se em Coimbra na drogaria de Rodrigues da Silva & C. — Rua Ferreira Borges, 36.
Deposito geral em Portugal — Porto, rua Santa Catharina, 1503.

Aviso importante

O Estabelecimento tem medico habilitado, encarregado de responder gratuitamente a qualquer consulta por escripto, sobre o tratamento e applicação de es remedios.

Os armazens GRANDELA & C.

RUA DO OURO, 115 — LISBOA

mandam catalogos e amostras do seu colossal sortimento a quem as pedir.

Vendem para as provincias pelos mesmos preços que para Lisboa

Pagam o porte das encomendas cuja factura pode ser satisfeita no correlo na occasião de as receberem

Mandam amostras a todos que as pedirem para que as confrontem com as das outras casas.

Não têm agentes em parte alguma, tratam todos os seus negócios diretamente com o publico de todo o paiz, e é por isso que vendem mais barato que ninguem.

O catalogo geral de verão com 116 paginas e 1050 gravuras é enviado de graça a quem o pedir a

Grandela & C.

Rua do Ouro, 115 — LISBOA

CASA MEMORIA

SUGURSAL EM COIMBRA

Rua Visconde da Luz, 1
Praça 8 de Maio, 10

Esta casa continúa a fornecer ao público as suas acreditadas máquinãs de costura *Memória*. Têm todos os modelos mais recentes, tais como: vibrâtes, oscilantes e bobine central, o que é mais perfeito.

Ninguem compre sem visitar esta antiga e acreditada casa, para se certificar da qualidade e preços destas máquinãs que nenhuma outra se pôde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por aí se vendem. Vendem-se a prestação e a pronto pagamento. Aceitão-se máquinãs usadas em troca pelo seu justo valor.

Pianos

Esta casa acaba de receber importantes remessas de pianos alemães e francezes que vende a pronto pagamento por serem importados diretamente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitão-se pianos em troca a comprão-se pianos usados.

A sempre quantidades de piano para alugar.

Fumeiro do Alemtejo

Recobeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedora em Coimbra, a

MERCEARIA LUSITANA

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

MERCEARIA LUSITANA

Machinas fallantes

Deposito completo de aparelhos das principaes marcas e para todos os preços a partir de 14000

Variada colleção de discos e cylindros com musicas e cantos executados pelos mais notaveis artistas.

Vendas pelos preços de Lisboa e Porto.

Depositarios da *Companhia de Gramophone*, da *Edison National Phonograph*, C.ª de *New-York*, e dos *Grandophones* «Odeon».

TELLES & C.

R. Ferreira Borges, 152, 1.ª
COIMBRA

A NACIONAL

Companhia portugueza de seguros sobre a vida humana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital --- 200:000\$000 réis

Seguros de vida inteira, Temporarios, Mixtos, Fraso Fixo, Combinados e Supervivencia, com ou sem participação nos lucros da Companhia.

Capitaes differidos e Rendas vitalicias immediatas, differidas e temporarias, com ou sem contra-seguro.

Agencias nas cidades e principaes villas do paiz.

Para informações e tarifas dirigir-se á sede:

Praça do Duque da Terceira, 11-1.ª — LISBOA;

Agencia de Coimbra:

Travessa de Mont'Arroio, 35 ou na Praça do Comercio, 58.

CAÇADORES

O mais importante estabelecimento de espingardas, carabinas, revolvers e munições, é o de JOÃO GOMES MOREIRA, rua de Ferreira Borges — Coimbra — Sucursal na Figueira da Foz (em frente ao Casino Mondego).

ARMAS EM DEPOSITO

Espingardas Ideaes — da manufatura de *Saint-Etienne*, *Ga and Elite*, *Francesa*, *Francotts*, *Remington*, *Bernard*, manufatura *Liege* e as **Carabinas** — *La Francott*, *Popular*, *Wynschester*, *Colts*, etc.

Revolvers — *Galand*, *Saint-Etienne*, *Smith Werson*, *Vello Doges*, etc., etc.

Pistolas — *Mauzer*, *Browning*, *Gaulcis*, etc., etc.

Munições de todos os calibres e qualidades

Mandam-se vir armas de qualquer fabricante, como por exemplo: *Holland & Holland*, *Puy*, *Dierrassen*, *Greuc*, etc.

PAPELARIA CENTRAL

Rua Visconde da Luz — Coimbra

Pianos GAVEAU

Recebidos diretamente de Paris, vendem-se nesta casa pelos preços da fabrica e recebem-se pianos em troca, — pedir catalogos e condições de venda.

Um completo sortimento de *apparellhos* e todo o material preciso para a fotografia, que recebe dos principaes fabricantes e vende pelos preços mais baratos.

Grande edição de bilhetes postaes illustrados

De Coimbra, Vizeu, Aveiro, Castelo Branco, Covilhã, Amarante, Beja, Mirandela, Serra d'Estrela, etc.

Papelaria Borges

COIMBRA

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 165, 1.ª

Tomam-se seguros de predios mobiliarios e estabelecimentos contra o risco de incendio.

Repara... Lê...

Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipações, bronquites, rouquidões, asma, tosse, coqueluche, influenza e outros encomodos dos orgãos respiratorios.

Se atendo sempre, e ouço as mais das vezes com o uso dos *Sacharolides d'alcatrão, compostos (Rebuçados Milagrosos)* onde os efeitos maravilhozoes do alcatrão, janninamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidencião em toda a sua salutar efficacia.

E tanto assim, que os bons resultados obtidos com uso dos *Sacharolides d'alcatrão, compostos (Rebuçados Milagrosos)* são confirmados, não só por milhares de pesadaes que os tem usado, mas tambem por abalizados facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lazaro

PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis

pelo correio ou fora do Porto, 220 réis

Ferragem para toldo

Vende-se uma para tres portas.
Mercearia Avenida. Largo do Principe D. Carlos, 51 — Coimbra.

“RESISTENCIA,”

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno 23700
Semestre 13350
Trimestre 680

Sem estampilha:

Anno 25400
Semestre 13200
Trimestre 600

Brasil e Africa, anno 34600

lhas adjacentes, 34000

Numero avulso 40 réis

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto 50%.

Comunicados, cada linha, 40

Réclames, cada linha, 60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal for honrado.

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redacção e administração — RUA FERREIRA BORGES

Officina tipographica

12 — Rua da Moeda — 14

N.º 1164

COIMBRA — Domingo, 9 de dezembro de 1906

12.º ANNO

El-rei anda em fralda!

A obra do sr. João Franco! Ninguém a vê; mas não faltam os partidários a gritar que nunca político algum em Portugal fez obra como a d'elle.

Que obra? O que fez elle?... Cança-se a gente a perguntar, corre o *Diario do Governo*, lê os indigestos relatórios, entra nas secretarias de estado, procura nos governos civis, e não logra descobrir nada.

Em toda a parte porém gritam, sem mais explicações, que a obra politica do sr. João Franco remodelou completamente a sociedade portugueza e que a monarchia, de covil de ladrões que tem sido até agora, como o illustre chefe do governo afirma e está pronto a provar, se converteu na fonte pura de todas as graças e que dela correrá a felicidade de Portugal.

Mas o que fez tão excepcional homem politico? Que fez ele de tão admirado e que ninguém vê? E os partidários extaticos, os olhos alheados como quem vê obra excelsa, exclamam a toda a hora: O João Franco! Que homem! Os proprios republicanos não podem deixar de confessar que a sua obra de remodelação da sociedade portugueza é grande e fundamental...

E os republicanos entre-olham-se sem perceber, porque ainda não viram a obra tão gabada de tão gabado estadista.

O proprio sr. João Franco qualifica, num arrebatamento de extase, a sua obra de rasto, rasto de sol, o rasto de sol na noite caliginosa da nossa administração publica...

E correu de eco em eco a prestigiosa frase.

E o sr. Aristides da Mota pediu que nas igrejas se afixassem as palavras em que o sr. João Franco e os seus correligionarios politicos exaltam numa obra que ninguém vê.

E os meninos das escolas primarias, no ditado, escreverão em cursivinho, cursivo e bastardo aquela frase... o rasto luminoso de sol... a noite caliginosa...

Da obra politica do sr. João Franco ninguém dá porém fé.

Lembra este divertido caso o conto que fez o successo dum dos mais belos numeros de *As Farpas*.

E' a historia de um rei que quiz mudar de insignias que a corte lhe sujara.

Apareceu então um tecelão que prometeu fazer as vestes reaes de um tecido por tal fórma engenhoso que o não veriam senão as pessoas da mais alta capacidade e que para todos os estupidos o mesmo seria porem a sua vista naquella andaina de fato que olharem simplesmente para o puro ar atmosferico, sem ver o rasto luminoso que a obra do sr. João Franco deixa na noite caliginosa da nossa administração publica.

Mostrou-se o rei maravilhado e sujeitou-se á experiencia.

Os ministros, os grandes do reino, todos os homens importantes foram admirar, no cabide vasio, as vestes reaes que o tecelão com grandes gestos e melhores frases descrevia com palavras que os outros vinham repetir, com medo que alguém desconfiasse que elles não viam nada e passarem assim por estupidos.

O rei foi na rede com os outros, disse o que os outros repetiam e no dia em que devia mostrar-se aos seus vassallos, entregou-se nas mãos do intrujão que, fingindo vesti-lo com vestes que ninguém via e que todos gabavam em voz alta, acabou por dar pronta a tarefa, deixando-o apenas com a camisa que vestira.

E assim se mostrou á corte que o adolou e assim correu as ruas no meio de admiração até que do alto de um mastro, um rapazito gritou: El-rei vai em fralda!

O rei enfiou. O presidente do conselho tentou serena-lo, dizendo que era um garoto; mas a verdade triunfára e el-rei desatou a fugir, em fralda, sem gravidade nenhuma...

E' agora o mesmo o caso.

O sr. João Franco disse bem alto: o manto real é capa de ladrões. E'! Mas não levem a mal dizelo; porque eu tenho tambem culpas como os outros.

A corça de Portugal, gritou o sr. João Franco aos quatro ventos, é de pechisbeque!

As pedras finas são falsas!

O setro é de pau dourado!

Andou-o assim a gritar muito tempo até que um dia, depois de uma obra que ninguém viu, começou a dizer: vejam que manto real; olhem o brilho destas pedras, o setro é de ouro fino.

Mas manto, setro e corça estavam como o havia deixado os taes ladrões.

A principio calaram-se todos ao alarido que faziam os seus partidarios.

Depois veio um que disse ingenuamente: qual manto novo! Este é a mesmíssima capa de ladrões!

Outro gritou: a corça é de latal!

Este setro é de canal! gritavam outros reproduzindo uma fraze antiga do illustre estadista.

Como o outro, o sr. João Franco tenta socegar el-rei, diz que são garotos...

Mas a maré subiu e estalou na convulsão final do riso.

Era um côro enorme, vá a prosa das *Farpas*, immenso, infinito, de todas as vozes que pôde tomar o riso e a assuada. Era a casquinada, o guincho, o uivo. As imitações de todos os animaes: o grunhido, o berro, o zurro, o cacarejo e o relincho. Todas as vozes da natureza: o trovão, a carga d'agua, o silvo do vento e os bramidos do mar. Todas as invenções da troça: o assobio, a pateada, os nomes, os epitetos, a rela, o choçalho, o za-

bumba, os repiques nos tachos, nas panelas de lata, nas baterias de cobre das cozinhas; os pós, os estallos, os esguinchos d'agua, os busca pés e as bombas de fogo de estremalhar os curros.

E no meio d'este chariyari monstruoso, indiscriptivel, de ensurdecer o mundo, uma só palavra humana gritada por seis mil bocas: *Em fralda! El-rei vai em fralda! vai em fralda!* E em gargalhadas infinitas, inextinguiveis, todos gritavam: *Em fralda! em fralda!*

O sr. João Franco dissera então a grande fraze, que era afixada á porta das igrejas e das escolas: *a sua obra, que ninguém via, era um rasto luminoso de sol na noite caliginosa da nossa administração publica!*

E o paiz inteiro ria, ria...

Antonio Augusto dos Santos

Enterrou-se ontem este nosso correligionario, alma de eleição, vida simples e modesta, passada na dedicação de todas as horas e todos os instantes pela causa republicana sem um desanimo na hora da desesperança, sempre o primeiro a trabalhar alegre e de vontade no momento necessario, sempre pronto a expôr-se ao perigo na hora do combate.

Foi um trabalhador incansavel, modesto, sempre o primeiro a oferecer-se, sempre o primeiro a mostrar-se, arriscando-se sem vaidade, sacrificando-se sem jactancia.

Foi de todas as empresas republicanas de Coimbra, desde os primeiros annos até ao ultimo dia da sua vida.

A imprensa democratica prestou assinalados serviços em horas criticas e de perigo.

Foi da *Officina*, do *Defensor do Povo* e do *Alarme*, sacrificando a estes jornaes republicanos as horas da sua afadigosa vida.

Foi perseguido como republicano, despedido como republicano do trabalho por padrões monarchicos e intolerantes e como republicano, esteve na cadeia ás ordens do abuso da autoridade monarchica.

Descança emfim! E bem mereceu vida tão modelar o descanso em que acabou emfim no respeito de todos, na saudade eternizada de amigos e de correligionarios.

O enterro foi uma comovida cerimonia, um preito de homenagem, tão simples como justo e sincero.

No prestito fúnebre incorporaram-se o gremio do commercio e industria e o montepio coimbricense, além de numerosos amigos e correligionarios numa manifestação de respeito e admiração por aquella vida exemplar.

Alguns amigos e correligionarios compraram a concessão perpetua da terra em que repousa e vão erigir lhe um modesto monumento de fraternidade e de saudade no cemiterio.

Vão reunir as comissões paroquias republicanas de Coimbra para deliberar sobre este assunto.

A familia enlutada os nossos sentidos pezames.

O sr. dr. Carlos Henrique Lebre, guarda marinha medico, foi mandado adir á maioria general.

Festa republicana

Realizou-se hontem na Figueira da Foz no Centro Eleitoral Republicano José Falcão a inauguração dos retratos dos atuses deputados republicanos.

Presidiu á sessão o nosso amigo sr. dr. Fernandes Costa e usaram da palavra, além do sr. Luz, presidente do Centro, e do sr. dr. Fernandes Costa, os srs. dr. Angelo Fonseca, Carlos Olavo, Ramada Curto e Bissain Barreto, sendo todos entusiasticamente applaudidos pelo povo, que enchia não só o recinto da reunião como a rua proxima.

Foi propositadamente á Figueira para este fim, o nosso amigo Cassiano Martins Ribeiro.

Ao começar a reunião republicana, distribuiu-se o manifesto republicano academico.

A absoluta falta de espaço impedidos de dar mais desenvolvida noticia, como aliás o pedira a importancia da reunião e o entusiasmo como correu.

Bispo-Conde

No dia 7, pela manhã, resou-se na igreja de Santa Cruz, no altar que João Machado fez para a imagem da Senhora da Conceição, a primeira missa, em ação de graças pelo restabelecimento do sr. Bispo-Conde, cuja doença trouxe tanto tempo alarmados os seus amigos.

Ociou o sr. conego Prudencio, dignissimo deão da Sé de Coimbra.

Foi uma homenagem de delicada intenção esta consagração religiosa da obra de um artista que Coimbra mostra com justo orgulho, feita a um prelado que tem, na indiferença e ignorancia geral das altas classes portuguezas, seguido o grande exemplo dos gloriosos bispos coimbricenses, que em tempos de mais ventura e de mais crença, mostraram magnificencia rara na decoração dos templos de que eram pastores.

Não podia tambem ser mais bem escolhido o ecclesiastico que havia de celebrar este acto de justo reconhecimento.

O sr. conego Prudencio Garcia é a encarnação perfeita da bondade, vida simples passada a fazer bem, assinalando-se em toda a parte, pelo amor á instrução convertendo aldeias incultas em centros educativos, pela sua tolerancia, pela afabilidade desprestenciosa com que trata egualmente a todos, desde os mais humildes até aos mais altos, pelo cuidado que põe em não occultar, antes mostrar publicamente a todos a simpatia que lhe merecem os que neste mundo andam em empresas uteis, qualquer que sejam as suas ideias.

Foi por tudo, uma festa que arquivamos como homenagem justa ao prelado benemerente que tem sido um devoto protector das riquezas artisticas de seu bispado e que na empresa, a que ultimamente meteu hombros, — a da restauração do claustro da Sé Velha — prestou o maior beneficio á Coimbra, dotando a cidade com uma joia rara no rico tesouro artistico portuguez.

Não, que muitas vezes temos combatido o sr. Bispo-Conde, que não temos as mesmas ideias politicas, nem a mesma crença religiosa, felicitamo-lo hoje pela espontaneidade desta justa homenagem aos seus talentos e virtudes.

E fazemo-lo bem do intimo, bem do coração.

Reuje amanhã a Associação dos Engenheiros Civis Portuguezes de Lisboa para ouvir o elogio historico do engenheiro Pedro de Moura Coutinho d'Almeida Eça que será pronunciado pelo sr. conselheiro Adolfo Loureiro.

Foram solicitadas superiormente reparações na Escola Normal do sexo masculino de Coimbra.

O NOVO RETABULO

A restauração da igreja de Santa Cruz tentada e concluida, ha annos, sob a inspecção das obras publicas ficou longe de satisfazer a espétativa dos que desejavam ver-la resurgir integra e verdadeira na sua primitiva imponentia.

Principalmente o arco triumphal da capela mor nunca parecera tão mesquinho e extravagante de proporções, aberto na larga parede desgarrada.

Não ocorreu a lembrança de que elle fôra destinado a elevar-se d'entre os cadeirões do côro, que decerto completariam a sua função decorativa.

Foi por isso que muito depois de transportado o côro para o logar que hoje ocupa, os conegos rezantes (por 1590) entenderam corrigir a nudez de toda a superficie circundante com as ornamentações de estuque e madeira, que ladeavam o arco e lhe davam sumptuosidade a seu modo, bem ou mal apropriada.

Removidos os altares lateraes e a crosta ornamental, era unanimemente reconhecida a necessidade de qualquer embelezamento que poupasse ao espirito a impressão desolada e fria daquella penuria pasmada e irritante.

Foi assim que João Machado se incumbiu da execução dum retabulo em pedra, no estilo da Renascença, que naquella recinto palpita e resplandece, com as mais suggestivas afirmações da vitalidade e da opulencia de mais brilhante periodo historico da nacionalidade portugueza.

E é essa obra que acaba de ser inaugurada, entre os louvores incondicionaes do publico, que aplaude a sensatez da solução e honra, com justiça, os singulares recursos de intelligencia e de estudo que o autor nela evidencia.

Porque o trabalho de Machado não é um simples plagiato de elementos enfeitados, para a reconstituição dum pitoresco conjunto de imitação material. E' muito mais que isso — é a produção sentida e convicta duma elaboração intelligente e duma compreensão cheia de espontaneidade e de vigor dessa arte da renascença, tão ponderada e serena.

Porque o espirito deste artista achase por tal forma identificado com as normas essenciaes desta arte, que pode variar os termos decorativos e criar frases novas dentro dos apertados limites desta linguagem melindrosa, de formas delicadas.

E consegue realisar um facto aparentemente contradictorio: a sua obra, subordinada aos principios estritos da renascença coimbrã, tem, não obstante o seu caráter inconfundivel, uma feição de originalidade, como o poderia fazer a fantasia imaginaria dum mestre contemporaneo de Gregorio Lourenço, vector das obras de Santa Cruz, em tempos de D. Manuel.

E' por isso que será um processo falso de apreciação, pretender estabelecer confronto com obras antigas e notaveis, para da comparação concluir razões de louvor e superioridade.

Não. O retabulo de Machado vale por si, pelas suas qualidades intrinsecas e proprias. E' um trabalho de assimilação e esforço subjéctivo.

E' d'elle, resultante duma elaboração longa e feliz sobre os preciosos modelos que a região privilegiada de Coimbra conserva, como se fossem produções do seu solo e dos encantos naturaes da sua paisagem e do seu clima.

A execução da obra é perfeita e insinuante, dum esmero amoroso e doce. E' a alma delicada de Machado a deliciar-se em burlar minucias de iluminação.

Tal como está, apesar de colocado em condições de luz menos favoraveis, o efeito é duma impressão sorridente, inteiramente satisfatoria.

No retabulo, o unico defeito que se

critica meticolosa poderá notar é a superabundancia decorativa; mas essa mesma prodigalidade demonstra a fertilidade dos recursos, de que Machado dispõe.

Finalmente, para conceber e executar uma tal obra, é preciso possuir qualidades excepcionaes de vibratidade e de ingenho. Mas é preciso mais ainda; ser dotado duma grande elevação moral, duma consciencia limpida, dum coração cheio de bondade e de ternura.

É tal é a alma boa e pura, o caracter integro e honesto de João Machado. Porque, todos o sabem, não ha sensibilidade mais compadecida e generosa, comprehensão mais leal e afetuosa do dever e da dedicação.

Mais uma vez os seus altos meritos ficam brilhantemente affirmados. E no applauso geral, que acolhe a sua obra, vai incluido o devido preito á iniciativa persistente e inquebrantavel do digno prior de Santa Cruz, o sr. padre José Mendes Saraiva, aos membros da junta de paróquia e a todos os que concorreram para levar a efeito este empreendimento, que por tal maneira interessa e concita a adesão publica, sem discrepancia de opiniões.

A. G.

Manifesto academico

Depois do manifesto dos estudantes em 1890 é este o documento que vem historicamente marcar a acção sempre energica e vitalizadora da academia de Coimbra no movimento evolutivo da sociedade portugueza, ao lado da democracia.

Escreto na linguagem ardente e apaixonada da mocidade, traça o quadro historico de uma dinastia com rara felicidade e faz a apologia da democracia na mais vivida, sincera e ardente linguagem.

Belo pela altivez e desassombro com que é escrito, é tambem um documento consolador que nos mostra cheia de vida e de energias uteis uma parte dessa academia que consome o tempo de uma forma tão esteril e tantas vezes lamentada com amargura.

A Resistencia saudava os correligionarios que tanta vez tem encontrado, tão ardentes na luta republicana, por esta prova de solidariedade e de coragem civica, para admirar na vida de hipocrisia e de egoismo feroz e covarde a que a monarchia levou a sociedade portugueza e de que ela se vae levantando lenta e victoriosamente.

Realizou-se ontem a eleição dos corpos gerentes da Associação de socorros mutuos da Imprensa da Universidade, para 1907. Foram eleitos:

Assembleia geral - Presidente, dr. Francisco José de Sousa Gomes; secretarios, Carlos Maria Mesquita e Joaquim Correia dos Santos.

Direção - Presidente, Adelino Viariato de Costa e Almeida; secretario, Carlos Costa; tesoureiro, Albertino Gonçalves; vogaes, Antonio da Silva Rocha e Joaquim Maria Mesquita.

Conselho fiscal - Antonio Ferraz, Joaquim Teixeira de Sá, Francisco dos Santos; suplentes, Manuel Maria de Sá e Antonio Cordeiro Candeias.

Cemiterio

É na verdade para lamentar o estado em que se acha o cemiterio dos acatolicos de Coimbra, apesar das deliberações tomadas pela vereação e que aqui louvamos como aliás mereciam.

Recomendamos este assunto á solicitude da camara.

O jogo

Tinhamos sobre o assunto escrito um artigo, que retiramos, por sermos informados de que o sr. commissario de policia procedeu por fim energicamente, prohibindo-o em uma casa na Alta, onde se estava fazendo escandalosamente.

Continue o sr. commissario, que não lhe hão de faltar louvores.

Pela companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes foram propostas á approvação do governo as tarifas para o serviço de passageiros, bagagens e transportes de grande e pequena velocidade, interno ou combinado, na linha de Coimbra á Louzã que já não abre sem tempo.

Albano Bellino

Morreu em Braga este archeologo, cuja obra foi a principio muito discutida, mas que era um grande trabalhador, estudando com proveito a archeologia romana, e apaixonado pelas antiguidades da sua patria.

Albano Bellino reunira no seu museu um nucleo de antiguidades, que dizem importantes, e procurava congregar material e cooperações para um museu municipal que Braga não tem.

Na ultima reunião do Conselho dos Monumentos Nacionaes, em que por proposta do sr. Fuschini se fez o elogio do extinto que era seu vogal correspondente, foi lançado um voto de sentimento, o sr. dr. José de Figueiredo levantou a ideia de não deixar perder aquele nucleo importante para o estudo da archeologia local e propoz que se officiasse e camara de Braga lembrando lhe a conveniencia de adquirir a coleção Bellino a formar com ella o nucleo do seu museu municipal.

O sr. Leite de Vasconcelos foi encarregado de estudar o assumpto e de comunicar o resultado ao conselho.

Bom seria que o sr. Leite de Vasconcelos esquecesse por esta vez o seu modo de vêr absurvente e controlizador e o conselho conseguisse a criação do museu municipal, onde é o logar destas antiguidades de interesse regional.

Albano Bellino era tambem socio do Instituto de Coimbra.

A doença, que havia de vitimá-lo, atacou-o em circunstancias raras, e que mostram o enraizado amor que tinha aos restos tão despredados do nosso patrimonio artistico.

O ataque cerebral, que numa desorganização lenta o havia de aniquilar, acometeu-o no ultimo de novembro de 1905 ao darem-lhe noticia de que iam ser demolidos os velhos muros do antigo castelo da cadeia de Braga por cuja conservação tanto pugnara.

Foi uma vitima da furia destruidora que, na verdade, não é exceção entre nós.

Em França, apesar dos protestos da Sociedade para a Protecção das Paisagens, da representação do Touring Club e da decisão da comissão nomeada conforme a lei Beauquier, a camara municipal de Cahors autorizou ha pouco a demolição da velha ponte do seculo XIV que completava magnificamente a decoração da velha cidade, sem necessidade alguma que a determinasse.

Para evitar o abuso do exemplo da França, caro ao sr. João Franco acrescentaremos que o governo francez mandou incluir no novo inventario dos monumentos nacionaes, as construcções que andavam tóra dele por forma a protegê-las, e...

E mandou sair do palacio dos papas de Avignon as tropas que tornavam impossivel qualquer restauração.

Em Portugal, Alcaboga e Mafra são abandonadas á ignorancia dos soldados; Belem, transformou-se numa escola de sargentos...

Foi approvado pela camara e pela companhia concessionaria o contrato provisorio para a exploração da viação elétrica, que noutra logar publicamos.

Comissão de beneficencia

No dia 3 do corrente, na rua Fernandes Tomás, n.º 60, reuniram-se varios individuos desta cidade, resolvido constituir uma comissão de beneficencia, denominada - Comissão de Beneficencia de Coimbra - que tem por fim socorrer quanto possível a pobreza envergonhada d'esta cidade.

Para isso contam os membros dessa comissão angariar esmolas ou donativos, em generos, roupas ou dinheiro, que distribuirão a essa classe de pobres.

Essa comissão para mais facilmente atingir o fim a que se propõe, ficou constituída da seguinte forma:

Comissão executiva - Dr. Armando Augusto Leal Gonçalves, presidente; Vitor da Silva Feitor, secretario; João Maria d'Oliveira Carvalho, tezoureiro; e vogaes, os presidentes das comissões seguintes:

Comissão commercial - João Climaco Batista, João Vilaça da Silva, Vitor da Silva Feitor, Manuel Duarte Ralha e João Maria d'Oliveira Carvalho.

Comissão academica - Dr. José

Luiz dos Santos Moita, dr. Sergio Ferreira da Rocha Calisto, e Francisco de Freitas Preto.

Comissão operaria: - Antonio Francisco Mendes Alcantara, Manoel dos Santos Fonseca e Francisco Machado.

A Comissão de beneficencia assinou já uma circular assinada pela comissão commercial e pelo seu presidente solicitando donativos para esmolas em generos alimenticios que serão distribuidas exclusivamente por pobres envergonhados no dia de Natal.

As esmolas pôdem desde já ser entregues a qualquer dos signatarios da circular ou depositadas na respectiva caixa de esmolas na rua Fernandes Tomás, 60 (antiga redação do Ensinio), sede da Comissão.

Bem hajam os que tão generosamente procedem.

João Machado

Fez ante-hontem 44 annos este artista que todo o dia se viu rodeado dos seus amigos e da familia que o adora.

Ontem pela manhã baptizou a filha mais nova, cerimonia que foi celebrada pelo sr. Ribeiro de Vasconcelos que quiz dar ao ilustre artista mais um testemunho da sua estima e admiração.

Foram padrinhos o João e a Isabel, os dois filhos mais velhos de João Machado, que se mostraram competendos da gravidade das suas funções, apesar de lhes não faltar vontade de brincar com a irmãita que chorava, numa rabugem nada catolica e de muito mau exemplo para outros neofitos, que tinham vindo receber o que é de uso chamar as aguas lustraes.

O credo foi cantado ao orgão por amigos de João Machado, e houve repiques de sinos e foguetes, num barulho de ensurdecer.

Os nossos parabens a João Machado e os nossos votos pela sua felicidade e da familia de que tão amorosamente cuida.

O Jornal do Comercio do Rio de Janeiro abriu em tempos por iniciativa do sr. dr. Alberto de Carvalho uma subscrição para a restauração da capela em que jaz (!) Pedro Alvares Cabral na igreja da Graça em S. tarem.

A subscrição rendeu 700000 réis aproximadamente.

O Instituto Historico do Rio de Janeiro mandou esta quantia á Sociedade de Geografia de Lisboa com um officio pedindo-lhe para cia se encarregar da restauração.

A Sociedade de Geografia officiou ao sr. ministro das obras publicas pedindo a necessaria autorisação para levar a cabo as obras.

Estamos pois em presenca, de um perigo novo. A capela é uma joia muito admirada e que deve ser posta ao abrigo de restaurações inabecis.

A não ser que o Brazil, que já nos levou os ossos do ilustre descobridor, queira agora levar a capela deixando outra nova em seu logar...

Centro Republicano de Coimbra A MENTIRA MONARQUICA

(Analise do momento atual da politica portugueza).

POR ALFREDO PIMENTA

Preço 20 réis

Nas livrarias do paiz

O sr. Alvaro Quintino Fonseca, segundo sargento de infantaria 23, teve passagem para a sexta companhia dos reformados.

O distinto professor de chimica na Escola Industrial Brotero foi encarregado pelo sr. João Augusto da Silva Martins, proprietario da fabrica Afonso XIII de analisar as farinhas mandadas para esta cidade por aquela fabrica e que foram suspeitas de falsificadas.

A analise das amostras enviadas para Lisboa a pedido da autoridade dera a farinha como boa, o que aliás era corroborado pelas declarações de alguns industriaes de Coimbra que dela haviam usado com proveito.

RECENSEAMENTO ELEITORAL

Formulas de requerimento

Requerimento por saber ler e escrever Ex.º sr. secretario da camara municipal de Coimbra:

F... de... annos, (casado, solteiro ou viuvo), (profissão), morador na rua de..., freguezia de..., sabendo ler e escrever, requer a sua inscrição no recenseamento eleitoral.

E. R. M.

Data. Assinatura.

Requerimento de inscrição por pagar decima

Ex.º sr. secretario da camara municipal de Coimbra:

F..., filho de F... e de F..., natural de..., de... annos de idade, (estado e profissão), morador na rua de..., n.º..., freguezia de..., desajando a sua inscrição no recenseamento eleitoral, visto ser coligado por contribuições diréctas do estado em quantia superior a 500 réis, segundo o n.º 1 do art. 1 e n.º 2 do art. 21 do decreto de 29 de agosto de 1901.

Pede a V. Ex.ª se digne manda-lo inscrever na relação dos eleitores da sua freguezia.

E. R. M.

Data. Assinatura.

As quartas e domingos a 8 horas da noite encontra-se aberto o centro eleitoral republicano José Falcão para os cidadãos que deseja em reconhecer os documentos necessarios para o recenseamento eleitoral.

Camara da Louzã

A camara da Louzã enviou á de Coimbra um officio, incluindo a representação que fizera á Companhia Real dos Caminhos de Ferro contra os horarios aprovados para a nova linha de Coimbra á Louzã, e pedindo á vereação comimbricensê que junte o seu apelo ao dela no interesse comum das populações.

Na reclamação, faz notar á vereação da Louzã que os novos horarios apenas permitem uma demora de duas horas pela manhã em Coimbra, o que não é de vantagem nem para o publico nem para a companhia e propõe que o segundo comboio ascendente saia de Coimbra ás 3.30 da tarde, regressando a Coimbra ás 6 horas, deixando assim entre os dois serviços diarios um intervalo de cerca de 8 horas, bastante para qualquer transação commercial mais demorada.

A camara resolveu estudar o assunto com a atenção que merece.

Faleceu hoje repentinamente o sr. Antonino d'Oliveira Cardoso, alfaiate muito considerado desta cidade. Os nossos pesames á sua familia.

Pela nota dos fundos pertencentes á camara municipal de Coimbra apresentada na ultima sessão vê-se que o municipio tem, no momento actual, um saldo de 8.446.290 réis.

Foi distribuido finalmente, na camara dos srs. deputados o parecer da comissão de administração publica convertendo em projecto de lei a proposta autorizando á camara de Coimbra o emprestimo de 100 contos, cuja falta de realização tanto tem embaraçado a administração municipal e que, como os nossos leitores hão de estar lembrados se destina ao pagamento da compra feita á Companhia Comimbricensê de iluminação a gaz, a modificação na respectiva fabrica e canalisação, ao reservatorio de aguas em Santo Antonio dos Olivises e aquisição e montagem dos mecanismos respectivos.

O mesmo parecer é favoravel tambem á licença pedida pela camara para a construção do bairro do Penedo da Saudade, e á importação livre de direitos do material necessario para a viação elétrica quando não seja produzido pela industria nacional.

Projeto de contrato entre a Camara Municipal de Coimbra e a Companhia Carris do Ferro de Coimbra

Artigo 1.º - A Companhia Carris do Ferro de Coimbra fica tendo na parte applicavel os direitos e obrigações relativos á construção e exploração, com exclusão, das linhas ferreas, nas ruas da cidade de Coimbra e seus suburbios, por meio da tração electrica, consignados no contrato de 27 de julho de 1903, feito entre a Camara de Coimbra e o tenente-coronel do exército, Augusto Eduardo Freire d'Andrade, que trespassou, com approvação da mesma Camara, a sua concessão para a referida Companhia. Por isso o contrato de 27 de julho de 1903 faz parte integrante para os efeitos legais deste contrato.

Art. 2.º - A Camara concede á dita Companhia o subsidio annual de um conto de réis, que sómente começará a contar-se desde que seja inaugurada a tração electrica nas linhas a que se refere a condição primeira do contrato de 27 de julho de 1903.

§ 1.º - O trajeto para a tração electrica, porém, na parte alta da cidade, será pela Cerca dos Jesuitas, cimo da Couraça dos Apostolos, Arco do Bispo, ruas Sá de Miranda, S. Pedro, Trindade, Militares, Arco do Castelo, Arco de S. Sebastião, Penitenciaria, rua Conselho Pedro Monteiro (Arcas d'Agua), rua Lourenço d'Almeida e Azevedo, a entrar pelo Largo de D. Luiz, e na parte baixa será o das linhas actualmente existentes, com o acrescentamento da linha que parte do Largo do Principe D. Carlos e siga pela Estrada da Beira até ao Calhabé.

§ 2.º - A construção da linha para Santo Antonio dos Olivises será obrigatória, logo que se tenha aberto uma comunicação appropriada, quer seja em seguimento pela rua Lourenço d'Almeida e Azevedo, á Cumeada, quer seja por Celas.

§ 3.º - Do mesmo modo é obrigatória a ligação da linha do Calhabé com o Largo de D. Luiz, directamente pela rua Alexandre Herculano, quando esteja construída uma comunicação conveniente entre a Estrada da Beira e o Bairro de S. José.

Art. 3.º - O subsidio annual de um conto de réis durará unicamente pelos annos que decorrerem desde a data da inauguração da tração electrica até terminarem os trinta, porque foi feita a concessão para a tração animal.

Art. 4.º - A Companhia inaugurará a tração electrica nas linhas indicadas no § 1.º do artigo 1.º, até ao fim do anno de 1907, sob pena de perder o direito ao subsidio.

§ unico - O mesmo acontecerá se a Companhia não inaugurar a tração electrica nas linhas indicadas nos §§ 2.º e 3.º do artigo 2.º, dentro de dois annos depois de efetuadas as obras a que estes §§ se referem.

Art. 5.º - Instalada a tração electrica nos termos do artigo anterior, pôde a Companhia explorar-a durante quarenta annos a contar da data em que começou a exploração da primeira linha por meio da tração animal.

Art. 6.º - O subsidio, que em caso nenhum será superior a um conto de réis, será reduzido ao indispensavel para prefazer com a receita liquida o juro de cinco por cento do capital da installação primitiva e das ampliações feitas.

§ unico - Para os efectos deste artigo não se consideram como ampliações as substituições feitas nas installações durante o fornecimento, mas inherentes ao seu uso normal.

Art. 7.º - Quando a receita liquida, nos termos do artigo anterior, atingir cinco por cento, cessa inteiramente o subsidio e a Camara partilhará por equal na receita do excedente até perfazer o que liver abonado.

Art. 8.º - No fim da concessão, ou no caso de abandono, qualquer que seja a solução adotada nos termos da concessão, a Camara será considerada credora da Empresa por metade dos subsidios pagos, deduzindo o que tiver recebido nos termos do artigo anterior, e haverá o seu credito na proporção do ativo da mesma Empresa.

Art. 9.º - O fiscal a que se refere a condição decima sexta da concessão, e que será um dos vereadores escolhido pela Camara, exercerá junto da Empresa não só as atribuições que o artigo 178.º do Código Commercial confere aos agentes nomeados pelas corporações administrativas para fiscalisar as concessões feitas a sociedades anonimas, mas tambem outras

Carta do Rio de Janeiro

13—XI—906.

A composição da camara municipal do Porto, na sua maior parte composta de elementos republicanos é mais uma prova de quanto o povo portuguez se vao afastando da rotina monarchica, a despeito mesmo das pseudo-liberaes que vão apregoando os elixires do messias falido...

O resultado das eleições no Porto foi aqui recebido com manifesto entusiasmo e satisfação intima por quantos, apesar de distantes da patria, seguem com os olhos a vida politica que parece entrar desafiadamente pelo caminho triunfante da republica.

Tem sido asperamente comentada a crueldade do governo com os maribeiros que acompanharam o corpo queirido do sonhador obreiro da democracia, que em vida usou o nome jamais esquecido de Heliodoro Salgado.

Singular a ideia que em Portugal se forma do exorcito.

A já celebre «Carta do rei» tem sido publicada em diversos jornaes d' esta capital, e tem-se-lhe feito comentarios diversos.

Na sua edição illustrada do dia 11 do corrente o «Correio da Manhã» estampa os retratos dos quatro deputados republicanos portugueses.

Pelo portador d' esta deve seguir para Lisboa o sr. conde de Lagoaça, que retira em virtude da obegada do conselheiro sr. Camelo Lamprea.

Não causou boa impressão entre a nossa colonia a pena a que foi condemnado o 1.º tenente Hogan, que fez parte da officialidade da canhoneira «Patria» quando em viagem de visita aos portuguezes residentes no Brazil.

Mais um drama de sangue teve lugar no dia 9 do corrente, servindo de palco uma praça publica d' esta cidade, sem duvida a mais concorrida, pois que foi na Praça 15 de Novembro.

Foi ali que em pleno dia, quando o sol atingia o zenith, foi assassinado o padre Olympio Campos, senador pelo Estado de Sergipe.

Os autores do crime, foram dois rapazes filhos do falecido deputado Fausto Cardoso, morto ha mezes em Sergipe pela occasião do ultimo movimento ali occorrido em que aquelle deputado depoz o actual presidente do Estado Sergipano, e que com o auxilio das forças enviadas por ordem do governo na Republica, do novo foi reposto, cahindo varado por uma bala o deputado Fausto Cardoso, recaindo logo as suspeitas sobre o padre Olympio, como mandante.

O deputado moribundo pediu aos filhos o viúgassom...

Foi o que fizeram, matando a tiros de revolver o padre Olympio, que havia sido presidente d'aquelle estado, «tendo passado» o mandato a seu irmão, que continua.

Os criminosos presos em flagrante, estão na casa de detenção.

Pelo sr. D. Carlos foi enviado ao barão do Rio Branco, um grande pastel, pintado por S. M., tendo a seguinte dedicatória:

«Ao sr. barão do Rio Branco—ofereço Carlos, rei.»

O portador da oferta que foi o sr. Camelo Lamprea, já se desempenhou da missão.

Hontem, a diretoria da Real Benemerita Caixa de Socorros de D. Pedro V, fez celebrar uma missa em suffragio pela alma do seu augusto patrono S. M. D. Pedro V.

A este acto religioso compareceu grande numero de pessoas, entre ellas as nossas autoridades portuguezas nesta cidade.

Por tentar assassinar seus patrões foi preso o nosso patricio Alberto Vieira, de 22 annos de idade, solteiro.

Por motivo de desastro deram entrada no hospital onde se acham em tratamento os nossos patricios:

Joaquim Vieira da Silva, 43 annos de idade, solteiro, Miguel Bernardino do Nascimento, 15 annos, solteiro; Candido Luiz Malta; João d' Oliveira, 26 annos, casado; Manuel da Cruz, 40 annos, viúvo,

Suicidou-se, tomando uma quantidade de strigumina, a nossa compatriota Graçinda Branca, enfermeira do gabinete electro-therapim, no Hospital Nacional de Alienados.

Tal acto de desespero impressionou todos quantos conheciam a desditosa Graçinda, que tinha apenas 22 annos de idade e contava muitas pimpattas.

Trindade.

Na sexta-feira foram postos em praça os impostos indirectos das freguezias rurales, sendo arrematado o de Torre de Vilela por 207100; Brasfemes, 973100; Souzela, 953100; Vil de Matos, 153100; S. Marinho, réis 363100; S. Silvestre, 1013200; Arzila, 1133500; Ameal, 2033500; Taveiro, réis 503300; Ribeira de Frades, 1703100; Sernache, 1103300; Assafarge, 223200; S. Martinho do Bispo, 110000000; Antanhol, (1.º grupo) 203100; (3.º grupo) 163300; Santo Antonio dos Olivaes, 5633000; Torres, 1643000; Chão do Bispo, 703100; Tovim de Baixo, réis 1003700; Casal do Lobo, Deanteiro e Cova do Oiro, 183100; Portela, réis 333000; Camasão, Carvoeiro, Casal da Rosa, d' Alem, de Lourenço de Matos, Logo de Deus, Paredes, Penedos, Quinta do Cabeço, Quinta Grande, Rocha Nova, Rocha Velha, S. Paulo de Frades, Vale da Luz, Valeiro do Curral e Varzas, 303300; Carapinheira da Serra e Golpe, 193300; Conraria, 83400; Pereiros, Casal de S. João e Castello Viegas, 2133500; Ceira, (estabelecimentos confinantes com a estrada) 183100; (logar e outros povos) 1033500; Paço, Lameiro, Paul e Povos do Botão, 143700; Botão e Outeiro, 383500.

Ficaram por arrematar por falta de licitantes, Trouxemil, Lamarosa, S. João do Campo, Antuzede, Almalaque, e alguns logares das freguezias de Antanhol, Santo Antonio dos Olivaes, Portela, Eiras, Ceira e Botão.

AGRADECIMENTO

São decorridos cinco mezes e dir-se-ha que é tarde para cumprir um tão grande dever. Sim, será tarde, mas apesar disso é ainda com o maior sacrificio que lanço mão da pena, por ter de recordar os mais angustiosos momentos da minha vida. Além disse acesso a ver o meu nome em letra redonda, hesitei em vir a publico com estas mal ataviadas linhas, embora com palavras sinceras, que insignificantemente traduzem o meu sentimento da imensa gratidão; mas já que as circunstancias me obrigaram a vir a publico, noutro momento, para desmascarar a hipocrisia de um homem sem coração, cometeria uma falta imperdoavel se deixasse de manifestar publicamente o reconhecimento infinito que o meu coração agradeço ao Sr. Miguel José de Costa Braga e seus filhos a ex.ª sr.ª D. Luiza e Amadeu. Para todos a nossa gratidão será tão perduravel como a dor que nunca nos abandonará a alma pela morte desastrosa e perda de meu querido filho.

Reste-me a consolação de que o meu desditoso Carlinho faleceu rodeado dos maiores cuidados e disvelos dessa excelente familia, especializando o ex.ª sr. Miguel José de Costa Braga e seus filhos a ex.ª sr.ª D. Luiza e Amadeu. Para todos a nossa gratidão será tão perduravel como a dor que nunca nos abandonará a alma pela morte desastrosa e perda de meu querido filho.

Deixar de mencionar aqui uma pessoa, por que a sua condição social é modesta mas honrada, seria além de uma ingratitude um crime. Essa pessoa, essa nobre alma é o sr. Artur Marques, que no triste momento do desastre passava no Choupal e que além de nos auxiliar a sair debaixo do carro pegou imediatamente no meu filho ao colo e desinteressadamente o transportou com o maior cuidado e carinho até ao posto medico da rua da Calçada, não abandonando nunca a casa do sr. Miguel Braga enquanto o meu filho ali esteve com vida e recusando até uma gratificação que lhe queriamos dar. Que contraste o procedimento deste honrado cidadão com o desse monstro que nos recusou o seu carro ante tamanha desgraça e do cocheiro do veiculo que nos transportava, o qual vendo-nos todos caídos debaixo do carro e feridos, nma confusão medonha, foi acudir aos cavalos, tratando de os levantar, como viúcos, em vez de acudir aos passageiros!!!

A todas as pessoas que acompanharam a estação do caminho de ferro o cadáver do meu desditoso filho do nosso profundo agradecimento.

Porto, 5 de dezembro de 1906.

José Joaquim Ribeiro de Figueiredo.

ANNUNCIOS

Potes de lata para azeite Vendem-se tres quasi novos, sendo um de 1500 litros e dois de 1300. Para ver e tratar na rua Sá da Bandeira, 54.

II DE LONDRES II Impermeaveis contra a chuva. Casaco por 25 shillings! Capas por 27 shillings! Corte inglez, qualidade garantida.

The English Supply Co. Representante em Coimbra

A INTERMEDIARIA O grande catalogo, mostruario e modelos, está á disposição dos ex.ªª clientes. Basta dirigir bilhete postal indicando a morada á Intermediaria, rua Eduardo Coelho, 44-1.º.

PARA-RAIOS Telefones, campainhas, luz electrica e instrumentos cirurgicos em geral.

Para-raios, instalações garantidas desde 450000 a 1000000 réis, segundo o tamanho do edificio e natureza do terreno.

Telefones, postos a funcionar com audição nitida, até 1 kilometro, 80000 réis; cada kilometro a mais, 30000 réis, sem outras despesas.

Campainhas electricas e luz electrica, conforme a instalação, tanto para fabricas, como em casas particulares.

Lanternas electricas portatéis, que não se inutilizam sem uso, (ultima novidade garantida).

Oculos e lunetas de verdadeiro cristal de rocha, para não cansarem a vista, e de vidros finos em aros de ouro, tartaruga e metal, etc.

Microscopios e todos os mais artigos de optica.

Vinómetros de todos os autores para a gradação alcoolica do vinho.

Aerómetros para todos os líquidos e acidímetros para azeite, vinho, etc.

Instrumentos de fisica, em geral para escolas, etc.

Remetem-se catalogos, pedidos a RAMOS & SILVA - 63, Chiado, 65 - Lisboa.

Esta firma já tem instalado mais de mil e trezentos para-raios em todo o paiz, sendo em Coimbra 70, e os telefones da corporação dos bombeiros municipaes e muitos outros.

Numerosas instalações de luz electrica em fabricas, festas publicas e casas particulares, atestam os seus creditos.

Pode ser procurado em casa do sr. Caetano da Cruz Rocha - Rua Ferreireira Borges - Coimbra.

LAGAR D'AZEITE Abriu no dia 10 do corrente o lagar do Rangel, completamente restaurado, com vasa, ceiras e tarefas novas, o que garante a boa qualidade do azeite ali fabricado.

A maquia para o lagar será sempre inferior á estabelecida nos outros lagares, responsabilizando se o encarregado a mandar buscar a azeitona a casa dos freguezes e a levar-lhes o azeite e bagoço. Dirigindo o lagar está um mestre de reconhecida competencia. Quem pretender moer azeitona neste lagar dirija-se a Manoel Mendes dos Santos, em Santo Antonio dos Olivaeas.

Rol da roupa enviada á lavadeira Preço 120 reis

A' venda na typographia deste jornal.

Loteria do Natal Santa Casa da Misericordia de Lisboa 200:000\$000

Extração a 22 de Dezembro de 1906

Bilhetes a 50\$000 réis Vigessimos a 4\$000 réis

A comissão administrativa da loteria, incumbem-se de remeter qualquer encomenda de bilhetes ou vigessimos, logo que ela seja acompanhada da sua importancia e mais 75 réis para o seguro do correio.

Quem comprar 10 ou mais bilhetes inteiros tem uma comissão de 3 p. c. Os pedidos devem ser dirigidos ao secretario.

Remetem-se listas a todos os compradores. Lisboa, 1 de novembro de 1906. O secretario - José Murinelo.

PROFESSORA Ensina toda a qualidade de bordados; pintura de flores e foto-miniatura. Para tratar - rua da Figueira da Foz, 114.

CONSULTORIO DENTARIO Rua Ferrelra Borges - COIMBRA Herculano de Carvalho Medico pela Universidade

Consultas das 9 horas da manhã ás 4 horas da tarde, em todos os dias uteis. VENDE-SE Um plano vertical BORD em bom uso, na rua da Matematica, 2.

GRATIS Para tornar conhecida a nossa casa em Portugal, faremos ás pessoas que que quizerem enviar-nos uma fotografia qualquer, um retrato artistico de tamanho natural, absolutamente gratis, no prazo de 8 dias, sob a condição de recomendar nossa casa depois da receção do retrato gratuito. Não ha obrigação de comprar um quadro ou qualquer outra coisa. A fotografia modelo será devolvida intacta com o grande retrato.

Sociedade Continentale do Retratos Modernos, Dept. U 4 - RUE VAUVENARGUES - Paris XVIII

CASA COLONIAS Fornecedora da Casa Real Visitem este estabelecimento e verão V. Ex.ª que ha vantagem. Generos alimenticios das mais finas qualidades, em concorrência de preços com as cooperativas. Vinho de meza e de Amaranço, qualidades e preços sem competencia.

Distribuição aos domicilios, sem aumento de preço. CAIXEIRO Precisa-se com pratica de fazendas brancas de 17 a 20 annos. Ou um rapaz de 14 a 16 annos de idade, com dois annos de pratica, a quem se dá ordenado.

Nesta redacção se diz. Consultorio Medico - Cirurgico DE Alvaro Roxanes

Marco da Feira, 8 - COIMBRA Consultas das 10 ás 12 e das 2 ás 4

(Residencia - R. de Tomar, 11)

quaesquer que a Camara entenda conveniente conferir-lhe dentro dos limites das condições, e nomeadamente a verificação do custo da instalação primitiva e seus acrescimentamentos, bem como o exame da escrituração da receita e despeza.

Art. 10.º - O concessionario é obrigado a observar o disposto no regulamento aprovado por decreto de 28 do fevreiro de 1903, e quaesquer outros que venham a ser estabelecidos.

Art. 11.º - Os portes a colocar dentro da cidade, para a sustentação do cabo condutor, serão de ferro, e o referido cabo deve ter os necessarios resguardos para evitar o possivel e perigoso contacto pela queda de algum fio telefonico.

Art. 12.º - O carril a empregar será canelado e não do tipo vignol como atualmente, e serão estabelecidos desde logo desvios que, d'acordo com a camara, forem reputados necessarios para a boa regularidade do servico.

Art. 13.º - Haverá pontos certos de paragem obrigatoria, com aprovação da camara, devidamente indicados, e que devem ser o mais em harmonia possivel com as necessidades do servico e comodidades dos passageiros.

Art. 14.º - Entre as corridas, na linha principal, isto é, a que partindo do Largo do Principe D. Carlos pela actual, vae até á parte alta da cidade, pelo trajeto indicado na 1.ª parte do § 1.º do art. 2.º, não medará mais de um quarto de hora, durante as horas de mais concorrência. As corridas terão lugar, pelo meno, das sete horas da manhã, no verão, e das oito, no inverno, ás dez horas da noite.

Art. 15.º - Os preços continuarão a ser regulados por zonas, mas não deverá ser esquecida a Praça 8 de Maio, por ser alem de um dos pontos mais centraes da cidade, e onde tanta gente afflue, um ponto de convergência de linhas.

Art. 16.º - A energia electrica produzida, sómente poderá ser utilizada para a tração e iluminação dos carros e instalações, salvo quando a Camara entender que essa energia possa tambem ser utilizada para interesse publico ou particular, sem prejuizo do servico da municipalização do gaz.

Art. 17.º - A Companhia transportará nas suas linhas o carvão necessario para a fabrica do gaz e o coque destinado á exportação pelo preço maximo de 200 réis por tonelada, desde a estação do caminho de ferro até á fabrica do gaz e vice-versa.

Art. 18.º - A Companhia cederá á Camara 6 passes para os servicos municipaes.

Comicio de Leiria

Foi imponente o comicio que hontem se realisou em Leiria. Presidiu o sr. conselheiro Bernardino Machado e falaram os srs. Antonio José de Almeida, Brito Camacho, José Madcira Montez, Pinho Ferreira e outros.

Houve grande entusiasmo e valiosas adeseões.

Por absoluta falta de espaço não fazemos o seu relato podendo todavia constatar a sua importancia como manifestação que mostra bem claramente como o povo e as classes comercial e industrial estão com o partido republicano, de quem esperam a regeneração deste paiz.

O sr. Antonio Heitor, chefe da repartição de obras da camara mediu e levantou uma planta dos terrenos que poderiam aproveitar-se para edificações particulares na avenida projectada dos terrenos do parque de Santa Cruz.

O sr. Heitor propõe a venda dos terrenos não só para embelezamento da avenida como para a ella poder dar principio por aquelle lado até ao edificio de inspção dos incendios que em poucos mezes deve estar concluido.

Alguns dos lotes poderão ser já vendidos, outros não o poderão ser antes de construido o novo edificio da abegoaria e suas dependencias para remocção da actual.

São 5,562^{m²} que o municipio póde alienar sem prejuizo para construcções particulares, podendo já vender 4,509^{m²}.

O sr. Antonio Heitor faz notar que em 24 de agosto de 1905 vendeu a camara terrenos, muito inferiores aos attuaes ao sr. arceidiago José Maria dos Santos a 13200 réis.

A camara resolveu enviar o plano á aprovação do governo.

PASTELARIA E CONFITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

Dóces de ovos com os mais finos recheios.

Dóces de fructa de diversas qualidades, sécos e cristalizados.

Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brinde.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhado.

Galantines diversas. Tête d’Achar. Patê de Lievre e Foie.

Sauces. Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. Pão de ló, pelo sistema de Margaride.

Especialidade em **vinhos generozos** e **licores finos** das principaes marcas.

Amendoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Couraça de Lisboa, 32

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal effectua seguros postaes, para todas as cabeças de distritos e de comarcas.

Correspondentes: Gaito & Canas
Coimbra

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portugueses, á venda na

Mercearia LUZITANA
(Depósito unico em Coimbra)

Estab. Ind. Pharm. “Souza Soares,,

(NO BRAZIL E NA EUROPA)

Devidamente legalizado em Portugal e distinguido com um premio de Honra de 1.ª classe e cinco medalhas de Ouro, da America do Norte, França e Brazil, pela perfeita manipulação e efficacia dos seus productos medicinaes:

PEITORAL DE CAMBARÁ

(Registado)

Cura prompta e radicalmente as tosse ou rouquidões;
Cura a laringite;
Cura perfeitamente a bronchite aguda ou chronica, simples ou asthmatica;
Cura a tísica pulmonar, como o provam numerosos attestados medicos e particulares;
Cura incontestavelmente a asthma, molestia difficil de ser debellada por outros meios;
Cura admiravelmente a coqueluche, e, pelo seu gosto agradável, é apto para as crianças.
Frasco, 1\$000 réis; 3 frascos, 2\$700 réis.

PASTILHAS DA VIDA

(Registado)

Combatem o fastio, a azia, a gastralgia, as nauseas e vomitos, o enjô do mar, o mau halito, a flatulencia e a dilatação do estomago. São de grande efficacia nas molestias do utero e da pelle, na fraqueza dos nervos e do sangue.
Caixa, 600 réis; 6 caixas, 3\$740 réis.

36 Remedios Especificos em pilulas saccharinas

(Registados)

Estes medicamentos curam com rapidez e inoffensividade:
Febres em geral;
Molestias nervosas, da pelle, das vias respiratorias, do estomago, dos intestinos, dos orgãos urinaes;
Molestias das senhoras e das crianças;
Dóres em geral;
Inflammações e congestões;
Impurezas do sangue;
Fraqueza e suas consequencias.
Frasco, 500 réis; 6 frascos, 2\$700 réis.

Consultem o livro — O Novo Medico — pelo Visconde Souza Soares, á venda nos depositos dos remedios do auctor. Preço: brochado 200 réis, encadernado 500 réis.

Medicamentos homeopaticos garantidos, avulsos e em caixas de diversos tamanhos

1 Tubo com globulos 200 réis; duzia 2\$160.
1 Frasco com tintura 3.ª ou 5.ª 400 réis; duzia 4\$320.
1 Dito com trituração 3.ª 700 réis; duzia 7\$560.
Vêde os preços correntes, o Auxilio Homeopatico ou O Medico de Casa e a Nova Guia Homeopatica, pelo Visconde Souza Soares.

Estes productos vendem-se em Coimbra na drogaria de Rodrigues da Silva & C.ª — Rua Ferreira Borges, 36.
Deposito geral em Portugal — Porto, rua Santa Catharins, 1503.

Aviso importante

O Estabelecimento tem medico habilitado, encarregado de responder gratuitamente a qualquer consulta por escripto, sobre o tratamento e applicação destes remedios.

Os armazens GRANDELA & C.ª

RUA DO OURO, 115 — LISBOA

mandam catalogos e amostras do seu colossal sortimento a quem as pedir.

Vendem para as provincias pelos mesmos preços que para Lisboa

Pagam o porte das encomendas cuja factura pode ser satisfeita no correio na occasião de as receberem

Mandam amostras a todos que as pedirem para que as confrontem com as das outras casas.

Não têm agentes em parte alguma, tratam todos os seus negocios directamente com o publico de todo o paiz, e é por isso que vendem mais barato que ninguem.

O catalogo geral de verão com 116 paginas e 1050 gravuras é enviado de graça a quem o pedir a

Grandela & C.ª

Rua do Ouro, 115 — LISBOA

CASA MEMORIA

SUCURSAL EM COIMBRA

Rua Visconde da Luz, 1
Praça 8 de Maio, 10

Esta casa continúa a fornecer ao público as suas acreditadas máquinhas de costura *Memória*. Têm todos os modêlos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que á mais perfeito.

Ninguem compre sem visitar esta antiga e acreditada casa, para se certificar da qualidade e preços destas máquinhas que nenhuma outra se pôde igualar na perfeição de seu mecanismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por aí se vendem. Vendem-se a prestação e a pronto pagamento. Aceitão-se máquinhas usadas em troca pelo seu justo valor.

Pianos

Esta casa acaba de receber importantes remensas de pianos alemães e francezes que vende a pronto pagamento por serem importados directamente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitão-se pianos em troca e comprão-se pianos usados.

A sempre quantidades de piano para alugar.

Fumetro do Alemtejo

Receheu mais uma remensa da magnifica qualidade, de que é uma revendedora em Coimbra, a

MERCEARIA LUSITANA

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA

Mercearia LUZITANA

Machinas fallantes

Deposito completo de aparelhos das principaes marcas e para todos os preços a partir de 14\$000

Variada collecção de discos e cylindros com musicas e cantos executados pelos mais notaveis artistas.

Vendas pelos preços de Lisboa e Porto.

Depositaris da *Companhia de Gramophone*, da *Edison National Phonograph*, C.ª de *New-York*, e dos *Gramophones «Odeons»*.

TELLES & C.ª

R. Ferreira Borges, 152, 1.ª

COIMBRA

A NACIONAL

Companhia portugueza de seguros sobre a vida humana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital --- 200:000\$000 réis

Sede em Lisboa — PRAÇA DO DUQUE DA TERCEIRA, 11, 1.ª

Seguros de vida inteira. Temporarios. Mixtos. Praso Fixo. Combinados e Supervivencia, com ou sem participação nos lucros da Companhia.

Capitalas differidos e Rendas vitalicias immediatas, differidas e temporarias, com ou sem contra-seguro.

Seguros operarios a 20 réis semanacs

Para informações e tarifas dirigir-se ao agente em COIMBRA:

JOÃO GOMES MOREIRA — R. FERREIRA BORGES

CAÇADORES

O mais importante estabelecimento de espingardas, carabinas, revolvers e munições, é o de JOÃO GOMES MOREIRA, rua de Ferreira Borges — Coimbra — Sacursal na Figueira da Foz (em frente ao Casino Mondego).

ARMAS EM DEPOSITO

Espingardas Ideaes — da manufatura de Saint-Etienne, Galand Elite, Francesa, Francotts, Remington, Bernard, manufatura Liegea is
Carabinas — La Francott, Popular, Wmschester, Colts, etc.]
Revolvers — Galand, Saint-Etienne, Smitt Werson, Vello Doges, etc., etc.
Pistolas — Mauzer, Browing, Gaulcis, etc., etc.

Munições de todos os calibres e qualidades

Mandem-se vir armas de qualquer fabricante, como por exemplo: Hollan & Holland, Puy, Diezdaen, Grear, etc.

PAPELARIA CENTRAL

Rua Visconde da Luz — Coimbra

Pianos GAVEAU

Recebidos directamente de Paris, vendem-se nesta casa pelos preços da fabrica e recebem-se pianos em troca. — pedir catalogos e condições de venda.

Um completo sortimento de *apparellhos* e todo o material preciso para a fotografia, que recebe dos principaes fabricantes e vende pelos preços mais baratos.

Grande edição de bilhetes postaes illustrados

De Coimbra, Vizeu, Aveiro, Castelo Branco, Covilhã, Amarante, Beja, Mirandela, Serra d’Estrela, etc.

Papelaria Borges

COIMBRA

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 185, 1.ª

Tomam-se seguros de predios mobilis e estabelecimentos contra o risco de incendio.

Repara.... Lê....

Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipações, bronquites, rouquidões, asma, tosse, coqueluche, influencia e outros encomodos dos orgãos respiratorios.

Se atenuão sempre, e curão as mais das vezes com o uso dos *Sacharolides d’alcitrão*, compostos (**Rebuçados Milagrosos**) onde os efeitos maravilhozos do alcitrão, jenuinamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidencião em toda a sua salutar efficacia.

E tanto assim, que os bons resultados obtidos com uso dos *Sacharolides d’alcitrão*, compostos (**Rebuçados Milagrosos**) são confirmados, não só por milhares de pessoas que os tem usado, mas tambem por abalizados facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lazaro

PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

Ferragem para toldo

Vende-se uma para tres portas. *Mercearia Avenida*. Largo do Principe D. Carlos, 51 — Coimbra.

“RESISTENCIA,,

CONDIÇÕES D’ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno 2\$700
Semestre 1\$350
Trimestre 680

Sem estampilha:

Anno 2\$400
Semestre 1\$200
Trimestre 600

—*—

Brasil e Afrios, anno 3\$600
Ilhas adjacentes, » 3\$000

Numero avulso 40 réis

ANUNCIOS

Cada linha, 30 reis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto 50%.

Comunicados, cada linha..... 40
Réclames, cada linha..... 60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remensa este jornal se fornece.

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redacção e administração — RUA FERREIRA BORGES

Officina tipographica

12 — Rua da Moeda — 14

N.º 1165

COIMBRA — Quinta-feira, 13 de dezembro de 1906

12.º ANNO

OS COMICIOS

No proximo domingo, em todas as captaes do districto, celebrar-se-ão comicios republicanos de protesto contra a expulsão dos deputados republicanos do parlamento e contra a marcha geral do governo que se acentua e define na lei contra a liberdade de imprensa.

E' a continuação do protesto levantado a primeira vez no Porto e a que o sr. João Franco com as ferocidades da policia e os demandos da autoridade deu tão singular significação, e será em todo o paiz, como no Porto, um brado entusiastico contra o despotismo que pretende encobrir-se com a máscara de liberdade, contra a intolerancia que pretende passar por uso prudente da autoridade.

O sr. João Franco, que tem até agora procurado debalde adormecer a inquietação que se apossou definitivamente todos os espiritos ao saber os crimes de administração monarchica, que tem, em vão, procurado encobrir ou alterar os actos porque se manifesta bem claramente que é triunfante na consciencia nacional a ideia republicana, procura agora fazer calar de toda a voz da imprensa que lhe verberou os ataques á liberdade, e castigou, como devia, os crimes que praticou contra a segurança e ordem publicas.

O sr. João Franco, que á sombra de uma fingida tolerancia logrou impôr-se á ingenuidade de muito espirito conservador e por demais amigo da ordem, ou antes da tranquillidade propria, tem em ataques successivos á liberdade mostrado o seu espirito reaccionario, trabalhando pelo absolutismo e pela opressão, sempre á sombra dos dizeres favoritos sobre o liberal regimen inglez, e as determinações democráticas da França republicana.

E não ha lei em que se veja o tolerante espirito inglez, tão pratico, tão respeitador da opinião publico; não ha determinação que revele a força, o conhecimento da raça, as necessidades da consciencia moderna, que tão alevantadamente se notam nos actos do governo da grande Republica, sempre á frente do progresso, sempre a primeira nas grandes iniciativas generosas.

Não tendo até hoje, depois de tantos mezes de administração, feito nada que valha, o sr. João Franco que se vê obrigado a reconhecerlo desde que os brados da opinião pública fizeram calar a voz dos seus amigos e correligionarios que em toda a parte se mostravam admirados com obra que ninguém via, e deixavam de boca aberta a aplaudir, extaticos, os que são de crença facil e cerebro tardo, pretende fazer protestos justos, evitar reclamações que possam comprometer-lhe a estada no poder.

O sr. João Franco reconheceu, no mesmo discurso em que qualificou a sua obra politica de rasto luminoso de sol na noite caliginosa da nossa administração publica em Portugal, que nada tinha feito porque nada lhe deixavam fazer.

E em ambas as camaras lhe demonstraram que, se nada tinha feito é porque despresou os assuntos fundamentais e porque contra a lei tem preterido questões que se impunham não já numa remodelação modelar como o sr. João Franco dizia querer, mas na mais comestinha e vulgar administração inspirada apenas no respeito da lei, que o sr. João Franco tanto proclama, mas que despreza e ataca violentamente a cada determinação sua.

O primeiro ataque bem claro ás liberdades publicas foi a expulsão dos deputados republicanos da camara, cuja significação de violencia, e de manifesta opposição á vontade popular, acentuou com os espancamentos do Porto, e tomando a responsabilidade de um relatório que era contraditado pelos jornaes conhecidos pelo seu extrapartidarismo.

E' por isso justo o protesto contra a expulsão dos deputados republicanos, facto unico nos annos parlamentares portuguezes, colheido a camara de surpresa, e que debalde tentou repetir mandando expulsar da camara o deputado João de Menezes por uma creança, como o é o sr. dr. Tomaz Piazarro, de quem ninguém conhece nem trabalhos scientificos que indiquem o valor da sua intelligencia e o imponham ao respeito dos que trabalham no paiz pelo resurgimento intelectual da nossa patria, sem factos de dedicacão civica que o tenham colocado no numero dos que se esforçam pelo nosso levantamento politico.

O sr. João Franco fez acto de absolutismo com a expulsão, que provocou, dos deputados republicanos.

E o crime reveste as mais repugnantes circumstancias de aviltamento da dignidade do cidadão.

O sr. João Franco denunciou um crime da monarchia, isolando, como de um roubo, de adeantamentos ilegales á casa de Bragança.

Provocou assim de monarchicos e republicanos o pedido de informes sobre tão vaga accusação, de extraordinaria gravidade por ser trazida por o chefe de um gabinete, que assim vinha dar confirmação aos rumores que haviam corrido no publico e tinham orientado no mesmo sentido a consciencia nacional.

Os deputados republicanos extranharam que quem denunciara o crime, o não fizesse mais abertamente, não procurasse castigar os criminosos.

Nada mais natural, nem mais digno.

O sr. João Franco mandou expulsar pela força armada os deputados republicanos e tem em ses-

sões seguidas afirmado que só trará á camara os documentos, quando quizer.

E vêe forjando leis de opressão para arranjar oportunidade.

E' necessario protestar, e folgamos por ver que todo o paiz se levanta contra a obra nefasta deste homem.

Ha de recuar agora, como sempre.

Hade encolher as garras que é necessario cortar-lhe bem rentes, porque a sua marcha politica é cheia de perfidias e de traições.

E' necessario protestar e reconquistar mais uma vez a liberdade que debalde se querera oprimir e esmagar e que de cada novo ataque sairá mais forte e triunfante.

O descanço dominical

O «descanço dominical» pertence á categoria dos «dias santificados» e das «festas do calendario»; restos de uma epoca em que a sociedade civil existia sob a disciplina da Igreja, que assim sustentava a credulidade teologica, e dando á vida publica estas manifestações, desnte do confinamento da vida domestica.

Hoje a vida publica alargou-se, pela enorme extensão da actividade social, e ninguém pode sustar essa firme e larga e constante expansão de energias impreteríveis. Que os governos decretam ferias religiosas ou gias officias para os seus empregados, funcionarios e magistrados, é isso um caso de administração; mas não lhes é licito e é mesmo absurdo, que se atreva a decretar a apatia publica em determinados dias, aproveitando a feria religiosa do domingo ou o descanço do setimo dia, segundo a concessão mitica da velha Cosmogonia de Moisés, porque Deus, creando o mundo, descançou no setimo dia. Que a Igreja se mantenha na crença do mito irracional está na indole improgressiva do Dogma. O governo é que tem obrigação de ser progressivo e intelligente. Ha hoje serviços sociais impreteríveis; não podem suspender-se sem grandes perdas; ha necessidades inadiaveis que não dispensam o trabalho do domingo. Decretado o descanço dominical o governo como impôr essa obrigação? Pelas multas e prisão e dando á Igreja a fiscalização da lei e a denuncia das infrações? Até onde leva o absurdo.

E' certo que o homem na sua actividade precisa de um ritmo, de uma pausa transitoria, como renovação de energia.

Faculte-se em todos os contratos de serviço a livre escolha individual de um dia de descanço. Assim a descontinuidade desse feriado deixará de ser um acto de spatia geral, que induz ao desvaivamento de um ocio imposto que tem de se encher com divertimentos em que se exgota a bolsa e perde a saude.

Teoilo Braga.

A Ordem Terceira inaugurou hoje pelas 8 horas da manhã o retrato da sr.ª D. Maria José Augusta Barata da Silva, bemfeitora da casa.

Na igreja do Carmo se celebrou hoje tambem uma missa mandada rezar por esta senhora sufragando o passamento do sr. Antonio Maria Martins Coimbra.

Faleceu no dia 11 o sr. Antonio Augusto Turco, continuo da Agencia do Banco de Portugal e antigo continuo da Associação Academica.

Era geralmente estimado.

LIBERDADES

O sr. João Franco era, ao subir ao poder o homem de todas as liberdades: a liberdade de voto, a liberdade de reunião, a liberdade de pensamento e a liberdade de imprensa eram a todo o momento evocadas por este estadista que se dizia tambem o campeão de todas as responsabilidades.

O sr. João Franco faltou porém ao seu duplo compromisso de alargar as liberdades publicas e de tornar efetivas as responsabilidades dos que até hoje, por falta de uma lei especial, tem explorado impunemente o paiz.

Segundo o sr. João Franco, que neste ponto não fazia mais que copiar a linguagem dos republicanos, chegou do mesmo por um acto digno de admiração na sua obra de falsidade e hipocrisia a afirmar que caçava no mesmo campo, havia uma dupla causa para a crise de degenerescencia da vida politica de Portugal, a falta de liberdade e a falta de responsabilidade.

O sr. João Franco prometeu que consentiria todas as liberdades e que as garantiria, acabando com leis ominosas; fazendo uma legislação liberal e moderna que garantisse todos os direitos.

E assim foi que prometeu reformar a lei de 13 de Fevereiro que ele mesmo fizera e que na applicação se tornara, como ele mesmo não duvidou afirmar, coactante de todas as liberdades.

Reformou a lei de 13 de Fevereiro e fez-o, de harmonia, dizia, com a lei franceza.

A lei foi aprovada e da sua discussão se viu que, longe de imitar e seguir a franceza, se afastava dela nas garantias que furtava aos reus e aos seus advogados.

A lei franceza fóra apenas este estadista que se dizia liberal buscar o que as circumstancias d'este paiz tornavam necessario; mas que no nosso, por descabido, se pôde converter em abuso perigoso da autoridade, que não terá a cont-la as garantias de liberdade que a lei franceza dá ao reu e ao seu defensor.

A nova lei de imprensa é uma nova prova do espirito de intolerancia e do absolutismo que domina de todo o sr. João Franco e transparece em cada nova determinação sua.

Se a legislação era má, peor ficou, e a lei de imprensa do sr. João Franco está provocando os justos protestos de toda a imprensa da capital, que se vê apoiada pela do resto do paiz.

O sr. João Franco tem nas suas providencias legislativas mostrado apenas o empenho de acabar de todo com o pouco de liberdade que nos restava, com a esperança louca de fazer calar as vozes que de todo o paiz se levantam contra a ruinosa administração monarchica.

O sr. João Franco apregoa liberdade, mas quer apenas a liberdade de fazer o que quizer e garante pela lei o castigo de tudo o que possa ser rebeldia ou protesto contra o existente.

O sr. João Franco falseou de todo esta parte do seu programa.

No apuramento de responsabilidades o sr. João Franco tem sido discreto em dar os esclarecimentos que a opinião publica, meio alvorçada com as revelações com que quiz firmar o seu poder, exigia.

O sr. João Franco está disposto a informar o publico; mas julga-se juiz para decidir da oportunidade de o fazer.

Agora se entende o sr. João Franco. Falará quando tiver na lei de imprensa o meio, que julga certo de abalar as vozes de protesto.

E só então!

Para tornar efetiva a responsabilidade ministerial, o sr. João Franco fez uma lei que ludu a esperanca publica,

que dará a todos os ministros certificado da boa e honesta administração.

E, por uma velhacaria, muito propria do seu espirito de rábula e intriguista, tentou no mesmo golpe levantar contra a camara dos pares na opinião publica clamores que o autorissem a reformar esta corporação que tanto o tem encomodado, mostrando a vacuidade do seu cerebro de estadista, a insuficiencia da sua obra, a fraqueza da sua educação intelectual, a penuria da sua frase que vac até aos erros gramaticas mais elementares.

O sr. João Franco tem mostrado com efeito pelo exemplo proprio até onde vac a deficiencia de instrução em Portugal.

O sr. João Franco quer governar. Essa a sua suprema ambição. Governar á moda do seu temperamento, com despotismos, contra a liberdade.

E faz por isso. Nisso se resume a obra que os seus correligionarios andam a gritar que é de verdadeira remodelação do paiz.

A festa das creanças

Aproxima-se o Natal, a epoca tradicional dos mimos ás creanças, celebrada em toda a parte mesmo por os que não têm o preconceito religioso.

O Coimbra-Club prepara uma festa que terá sem duvida o brilho da que realizou o anno passado no dia do Anno Novo.

Para aplaudir seria que a Creche, que tanto bem tem merecido de todos os habitantes de Coimbra, aproveitasse a ocasião para reunir as creanças numa festa, e abrir ao publico aquela casa em que sem alarde se cuida tanto a peito dos interesses das classes desprotegidas da fortuna.

Ainda nos lembramos todos da que ha annos ali se realizou no meio das simpatias de toda a população e que deveria ter-se repetido todos os annos.

A arvore de Natal seria ainda a forma de nos collegios tornar menos dolorosa aos alunos, que fossem forçados a ficar, a ausencia nestes dias de festa familiar.

Tomou posse do seu logar o sr. dr. Albino Cabral Saldanha inspector da segunda circunscrição escolar.

Recolheu por isso já para Evora o sr. Augusto Claudino de Almeida que exercia interinamente este logar desde que pedira dele exoneração o sr. dr. Augusto Joaquim Alves dos Santos.

Automoveis

Ontem, á tarde, deu-se um desastre com um automovel que faz as carreiras para a Alta, ao Arco do Bispo.

O automovel ao subir para a Feira foi de encontro á parede da Sé e voltando ainda com esforço a subir a rampa, recuando ao cimo dela e vindo de novo bater contra a parede da Sé.

Não houve desgraças pessoas a lamentar e ficou apenas mais ferido o conductor, a cujo sangue frio se deve a salvacão duma creança que, louca de terror, se quiz atirar do automovel abaixo.

O chauffeur mostrou na ocasião, segundo nos informam, falta de sangue frio que, se é explicavel na sua idade, se não compadece porém muito com a profissão que exige sobretudo presença de espirito e serenidade.

As carreiras de automoveis ainda se não restabeleceram até á hora em que escrevemos.

A reitoria da Universidade requerem a isenção de direitos de aparelhos importados do estrangeiro para o seu museu de higiene e observatorio astrophisico.

RECENSEAMENTO ELEITORAL

Formulas de requerimento

Requerimento por saber ler e escrever

Ex.º sr. secretario da camara municipal de Coimbra:

F... de... annos, (casado, solteiro ou viuvo), (profissão), morador na rua de..., freguezia de..., sabendo ler e escrever, requer a sua inscrição no recenseamento eleitoral.

E. R. M.

Data.

Assinatura.

Requerimento de inscrição por pagar decima

Ex.º sr. secretario da camara municipal de Coimbra:

F..., filho de F... e de F..., natural de..., de... annos de idade, (estado e profissão), morador na rua de..., n.º..., freguezia de..., desejando a sua inscrição no recenseamento eleitoral, visto ser colatado por contribuições directas do estado em quantia superior a 500 réis, segundo o n.º 1 do art. 1 e n.º 2 do art. 21 do decreto de 29 de agosto de 1901,

Pede a V. Ex.ª se digne manda-lo inscrever na relação dos eleitores da sua freguezia.

E. R. M.

Data.

Assinatura.

Nos dias 18 e 19 do corrente (terça e quarta-feira) está no Centro Republicano das 8 ás 9 horas da noite o notario para reconhecer a letra e assinatura dos requerimentos.

PROTESTO

Os comicios a realizar no domingo prometem ter uma alta significação pois tomam parte nelle os vultos mais notaveis do partido republicano, assumindo a presidencia do de Lisboa Teofilo Braga, a maior intellectualidade da sciencia portugueza.

Na Guarda presidirá o sr. dr. Bernardino Machado.

O convite para este comicio é assinado pelos nossos correligionarios os srs. Arnaldo Bigote, Augusto Pissarra, Abel Ferreira d'Abreu, Francisco Pinto Balsemão, Fernando Antonio Patriçio, Francisco Antonio Ferreira, Izidro Melo, Jose de Lemos, José Augusto Ferreira, José Luiz Junior, João Antonio de Figueiredo, José Augusto de Castro, Manuel da Silva Coelho, nomes dos mais conceituados daquela laboriosa cidade.

A Covilhã irá Antonio José d'Almeida e José Montez.

Na Covilhã, nessa cidade do trabalho, a Manchester Portugueza, que ha muito é assolada por uma violenta crise industrial, onde a falta de trabalho é tão funesta para esses desgraçados operarios que lutam contra a fome e contra os rigores do frio, vae tambem fazer o seu comicio para protestar contra a expulsão dos verdadeiros representantes do povo da camara dos deputados e contra a politica de abandono com que é tratada aquella cidade.

As fabricas da Covilhã, que representam grandes esforços e sacrificios dos seus proprietarios, estão sem trabalho na sua maior parte e aquélas que ainda trabalham fazem-no em diminuta escala porque os seus produtos não têm o consumo que era para desejar e tiveram nos annos passados.

Qual a causa desta violenta crise? O impobrecimento do paiz e a miseria das populações ruraes que os governos da monarchia exploram reduzindo-as a miserias condições em que se encontram.

A Covilhã com as suas fabricas encontrava o consumo para os seus produtos nas classes menos favorecidas e encontrando-se estas no estado em que se encontram produzira pelo seu reatamento a crise violenta por que passa.

As classes mais abastadas já não querem as fazendas nacionaes e a importação de fazendas extrangeiras deu causa a que a crise se agravasse mais,

Urge olhar por este estado de coisas e por isso faz bem a Covilhã em protestar e em se afastar dos partidos monarchicos que nada têm feito em seu beneficio.

E' ver como a politica monarchica é feita naquella cidade. Só de odios e de retaliações que deprimem sem um acto que beneficie aquella cidade.

A Covilhã cuja situação é magnifica, com bélas aguas, ve estas inquinadas e morrer a sua população pelo tifo e outras doenças, devido tudo ao desleixo criminoso das suas autoridades. E pode-se afoitamente dizer que todos os partidos são culpados deste abandono.

Não tem canos de esgoto e não tem coisa alguma que a preserve de envenenamento.

Em Braga, o comicio será presidido pelo sr. dr. Eduardo d'Abreu.

Para Coimbra nada está determinado ainda esperando-se porém João Chagas, Alexandre Braga e Afonso Costa.

O protesto é o unico caminho honesto a seguir contra a marcha insidiosa do sr. João Franco, pretendendo impôr a toda a nação com leis execráveis o silencio.

O silencio seria porém neste caso a cumplicidade.

O protesto é o dever de todo o cidadão que prese a sua dignidade e a sua qualidade de homem livre.

Festa republicana

Com este titulo escreve o nos-o colega *Gazeta da Figueira*:

Como estava anunciado, teve logar sabado na séde do Centro Eleitoral José Falcão a solenidade da inauguração dos retratos dos deputados republicanos, a que assistiu grande numero de pessoas.

Dada a presidencia da festa ao sr. dr. Fernandes Costa, distinto advogado em Coimbra, convidou este senhor para secretarios os conceituados comerciantes desta praça srs. Adriano Barata Salgueiro e José da Luz.

Descerrados os retratos, usaram da palavra, aludindo ao ato, os srs. dr. Angelo da Fonseca, Carlos Olavo, Ramada Curto e Bissaya Barreto Rosa, distintos alunos da Universidade.

Todos os oradores, que por vezes chegaram a empolgar a assembleia, foram muito applaudidos, sendo os seus discursos bastas vezes cortados com calorosos vivas á Liberdade, á Patria, aos deputados republicanos, etc.

O presidente do Centro, sr. José Fonseca, leu um bem redigido discurso em que historiou as fases por que tem passado aquella prestante coletividade desde a sua fundação.

Propoz que se lançasse na ata um voto de louvor aos srs. Miguel dos Santos e José da Silva e Sousa, pelos desinteressados serviços que estes senhores têm prestado ao Centro.

Foram lidos telegramas dos deputados srs. drs. Antonio José d'Almeida e João de Menezes.

O sr. conselheiro Bernardino Machado não poude assistir por ter tomado parte no comicio republicano que nesse dia se realizou em Leiria.

Os srs. dr. Angelo da Fonseca e Carlos Olavo representaram, respectivamente, a Comissão Municipal Republicana de Coimbra e o Centro Republicano Académico da mesma cidade.

Tambem a Comissão Municipal Republicana de Ourique e as comissões paroquias do Coração de Jesus, Lisboa, e S. Bartolomeu de Messines, Algarve, se fizeram representar pelo sr. Batista Ribeiro.

Durante a festa foi profusamente distribuido um manifesto ao paiz, dos estudantes revolucionarios de Coimbra.

Que sabamos, achavam-se representados os jornaes republicanos *O Mundo, A Lucta, A Folha do Povo* e a *Voz Publica* pelos srs. José Fonseca, Antonio Cabral, Joaquim do Amaral e Assunção Martinho. Tambem se achava representada *A Epoca* pelo sr. Roque dos Reis, e a nossa folha.

Assistiu á sessão o honrado republicano comimbricense, sr. Cassiano Augusto Martins Ribeiro, que foi alvo duma carinhosa manifestação de simpatia por parte dos assistentes.

Os oradores regressaram a Coimbra no *tramway* das 10 horas da noite, sendo acompanhados á estação pela direção do Centro e varios republicanos,

Felicitemos o Centro Republicano José Falcão pela sua levantada iniciativa, fazendo votos sinceros pelas suas prosperidades, para poder prestar á causa que representa os melhores servicos.

Raiva

Foi ontem para Lisboa com sua esposa o nosso amigo sr. João Machado que vae acompanhar dois filhos seus mordidos por um cão danado.

O mesmo cão mordeu dezesseis pessoas que terão de ir a Lisboa sujeitar se ás respetivas inoculações.

Em todo o paiz tem havido ultimamente uma recrudescencia de raiva nos cães e não ha dia em que a imprensa não registre casos novos de pessoas mordidas.

Mais uma vez vem a pélo o fálarmos de uma ideia que nos é cara — a criação de um instituto bacteriologico que tirasse Coimbra da situação de inferioridade em que se encontra relativamente ao Porto e Lisboa e que é bem pouco compativel com a sua qualidade de terceira cidade do reino e séde do primeiro estabelecimento scientifico do paiz.

A camara municipal teve neste ponto uma iniciativa muito para louvar e que não foi bem comprehendida por os que guerrearam o seu simpatico empreendimento, que viria ser mais um estabelecimento de ensino para os estudantes da nossa Universidade.

A situação actual é, mesmo pondo de lado o problema do ensino, verdadeiramente intoleravel.

Não se podem obrigar sem trans-torno grave para os interesses individuais a irem a Lisboa todas as pessoas mordidas, nem este unico estabelecimento é capaz por si de tratar convenientemente, algumas vezes, todas as pessoas mordidas.

Em Coimbra estava naturalmente indicado um estabelecimento desta ordem não faltando gente com capacidade para o dirigir.

E' a Coimbra, é a Universidade que pertence a prioridade dos trabalhos sobre microbiologia em Portugal.

Foi em Coimbra, durante uma epidemia de febre tifoide que se fez a demonstração pratica da conveniencia dos laboratorios de microbiologia para combater o apacimento e a dissiminação das doenças contagiosas.

Foi a faculdade de medicina quem creou o primeiro laboratorio de microbiologia com muito trabalho e á custa de muito sacrificio.

Os governos porém a nada atendem e, quando foi necessario criar um instituto contra a raiva, crearam-o em Lisboa e desprezaram as boas vontades que se tinham evidenciado tantos annos com proveito da cidade e do ensino.

A iniciativa visava a um pouco mais que o tratamento preventivo da raiva e as epidemias que têm devastado os gados do distrito, sem os meios de as combater de que a sciencia moderna dispõe, mostraram e estão mostrando a vantagem de um instituto em que se preparem séros e vacinas.

A situação financeira da camara tem melhorado e bom seria que, embora com sacrificio, se realizasse o projecto da camara que viria evitar tantos sacrificios e encomodos aos municipes.

Foi aprovado superiormente o terceiro orçamento suplementar da camara municipal de Coimbra, na importancia de 8.772.868 réis.

Museu de antiguidades

Deu entrada neste museu uma série de esculturas do seculo XVI que devem ter pertencido a um agrupamento do enterro do Senhor.

São figuras em meio corpo, de uma escultura ingenua, mas curiosa sob mais de um ponto de vista.

Deviam ocupar o fundo e as duas paredes de um nicho ao longo do qual se estenderia a figura do Cristo morto que falta.

As figuras têm ainda em grande parte a policromia primitiva.

E' mais um grupo que veio augmentar a rica collecção de esculturas da Renascença que o museu de antiguidades possui.

Pediu licença disciplinar o sr. Aires Augusto Pereira Dias Junior, tenente ajudante de infantaria 23.

BIBLIOGRAFIA

PARA A VIDA, por Augusto Casimiro.

E' inegavel que este livrinho de versos é uma das mais felizes estreias do nosso tempo. Os assuntos tratados, os motivos e a forma litteraria destacam se bem na multidão anonima de todos os dias que, todos os dias, invade as livrarias e dá que fazer aos tipografos. Não é um livro perfeito. A idade e a orientação do autor não permitem que o seu sentimento vibre em formulas perfectas e se manifeste por emoções altas e imponentes. Mas se não é um livro perfeito, ele é a promessa de que bélos livros nos poderá dar, se quiser lançar se ao trabalho com energia e amor.

A Arte é absolutamente alheia a escolas, a principios de um dogmatismo rigido, porque ela é Arte. O seu fundo emotivo exteriorizado em formulas emotivas tambem toca todas as gr-mas e não pode cingir-se a ser uma coisa antes de outra, á vontade de pontifices de via reduzida que formam *colteries* e se isolam desceradamente. Comtudo, uma coisa ha que é o antecedente da Arte. E' a Inteligencia. Cada vez que o sentimento religioso se vae transformando dentro do individuo, num caminho de abstracção ascencional, marchando assim desde o mais rude fetichismo, ao mais idealista monotelismo ou á simples conceção racionalista do deismo, o sentimento estetico occupa o espaço deixado pelo afastamento desse sentimento e de tal maneira se nota esse facto que se prevé como certa a substituição completa, no futuro, do sentimento religioso pelo sentimento estetico. Isto justifica-se claramente, vendo o apoio que os religiosos têm procurado na Arte. A profeção que os principes e os papas dispensaram á Arte da Renascença só se explica no facto de ella, menos activa que a Sciencia, não perturbar a ordem das coisas e substituir, num regime de longa transição, o espirito preponderante até essa época. A instabilidade nociva das formulas da Arte será um facto, emquanto não entrarmos num regime de carateristicas positivas e afirmativas. O seu espirito progride, como não podia deixar de ser, mas a sua exteriorização torna-se indecisa, porisso mesmo que é influenciada pela acção do meio social. Assim como para que a Arte surgesse foi preciso uma educação previa e especial no publico, tambem para que as formulas da Arte se tornem, hoje, definidas, é necessario que o espirito publico se dirija harmonicamente, e não haja antagonismos e indecisões na acção individual. Como notou Augusto Comte, se o regime catolico-feudal tivesse persistido, a Arte daria manifestações mais bélas do que as que conhecemos, porisso mesmo que encontrava a harmonia nos individuos donde resultaria a sua acção harmonicamente dirigida. Assim, servindo o espirito religioso quando já o espirito religioso enfraquecia e servindo o espirito guerreiro quando a sua decadencia se manifestava, acontece que, sem ter fins a que dirigir-se, perturbou se e desorientou se. A arte pela arte é o symptoma gravissimo de desordem mental e afévia de um tempo. Depois de dada a preponderancia ás faculdades intellectivas e dirigidas estas por um criterio de sistematização positiva que ha de reflectir-se nas manifestações afévias e activas do homem, a Arte encontrará formulas definidas e acompanhará o progresso social.

O sr. Augusto Casimiro desconhece isto. Porisso as suas poesias estão impregnadas dum perigoso espirito metafísico que impedirá, permanecendo á dirigi-lo, a unidade da sua obra e a utilidade concreta dos seus esforços. Disciplinada a sua inteligencia e orientada por metodos decisivos e uteis, o seu sentimento estetico não vagueará ao sabor de impressões momentaneas e não se prenderá com problemas insolúveis, tornando se inutil.

Mas a Arte não tem só o seu fundo emotivo. Neste ponto tambem o poeta de que falamos tem defectos que hão-de desaparecer uma educação apurada do espirito que se adquire com a leitura consciente e prolongada dos mestres que em portuguez tão belamente trabalharam o verso. Anthero nos sonetos e Junqueiro no alexandrino atingiram a forma consagrada e são, por assim dizer, quem dá a medida plena que nos orienta. Que o sr. Augusto Casimiro estude, se discipline mentalmente e tenha gosto em aperfeçoar-se. Fazem-

do-o, conseguirá a harmonia e a unidade da sua obra; doutro modo, apenas nos dará promessas, embora valiosas como esta, mas que sendo promessas repetidas passam a desesperar.

Alfredo Pimenta.

Carta do Rio de Janeiro

16 — XI — 906.

Desassete annos conta a Republica dos Estados Unidos do Brazil. Desassete annos de regimen republicano, periodo de tempo ainda insufficiente para que os homons tenham entrado no verdadeiro caminho da democracia, sobretudo quando a mudança de instituições apparece sem ser esperada, por acaso de uma insurreicção militar.

Não admira pois, que durante tão curta existencia se apontem erros e hesitações, tantas vezes apresentados como crimes nacionaes, mas que nada mais não do que os efeitos da implantação de um regimen liberal num paiz anarquizado por uma longa e pessima administração monarchica e conservado fóra da corrente da civilização por um imperador que se dizia o mais intoligente dos reis, e era o mais admirado pelo seu amor á instrução.

Bem pequeno é o amor dos reis á instrução!

Tanto os erros como os crimes, de que por mais do que uma vez esta Republica se tem visto accusada, têm a sua explicação, e não necessidade de desculpa.

Já tive por mais de uma vez occasião de dizer que amo o Brazil como minha segunda Patria. As razões, quando as não tivesse particulares, constam da nossa propria historia. Desejo o bem da Republica do Brazil, como ambiciono a Republica Portugueza; e por este facto, quando vejo correr o sangue dos seus filhos, feridos pelo punhal do inimigo politico, embaileados pelas balas dos seus revolveros, sinto uma dor forte, porque esse sangue é falsamente vao salpicar o pavilhão da «Ordem e do Progresso».

O mal tem vindo a maior parte das vezes dos que se abrigaram á tolerancia da republica e que tentaram a mesma vida do represso, odios e crimes que assinalára a sua acção no regimen monarchico de que vinham e em que haviam sido os cooperadores mais em evidencia.

Foi festejado hontem o 17.º aniversario da proclamação da Republica. E findou tambem o seu mandato do presidente da mesma o sr. dr. Rodrigues Alves, que passou a presidencia ao sr. dr. Afonso Penna.

A nação Brazileira que deposita no sr. Afonso Penna inteira confiança, recebeu-o de braços abertos com verdadeiro regosijo, porque d'ele espera a sua intelligente cooperação para o bem da Patria.

Nós portuguezes acompanhamos as suas justas alegrias, já como irmãos, e tambem porque temos o prazer íntimo de ver na cadeira presidencial da Republica um cidadão de nobres qualidades, um filho de um portuguez do nascimento.

O dr. Afonso Penna nasceu no Estado de Minas no dia 30 de Novembro de 1847, na pitoresca cidade de Santa Barbara, sendo filho do nosso compatriota sr. Domingos José Teixeira Penna, de quem herdou a rigidez do seu carater, a energia do trabalho. De sua virtuda mãe D. Anna Moreira dos Santos Penna, herdou a acção compassiva e boa, o coração aberto a todos os sofrimentos.

Depois de 6. ex.ª ter assumido a presidencia da Republica, foi pelo sr. Camelo Lampreia lido um discurso de saudação a que o sr. dr. Afonso Penna respondeu:

«Sr. embaixador. — Nonhuma demonstração de estima poderia ser mais grata a mim e ao povo brasileiro, neste momento, que o da graciosa simpatia do vosso augusto soberano, de que é testemunho a Carta regia, que recobo de vossas mãos.

Portugal e Brazil foram no passado uma mesma expressão histórica, e hoje, herdeiros do glorioso povo portuguez na America, ciceram-nos nós ao genio dos nossos antepassados, tendo sido boa parte do nossa vida independentemente empregada em manter integra, pela força do direito ou pela força das armas, a imensidade territorial que nos foi legada e que, na época dos descobrimentos, não foi o fruto do acaso, mas a obra da consciencia e da vontade de Portugal, o esforço tenaz e fecundo dos seus estadistas e dos seus soldados e marinheiros, obra que permanece como imorredouro teste

munho da poderosa expansão da raça portuguesa.

Nós não ambicionamos maior gloria do que a de conservar intangível tão opulenta herança e de desenvolver neste hemisferio a civilização portugueza. E, se a distancia que nos separava da mãe patria nos trouxe, naturalmente a autonomia nacional, a separação dos dois reis nos não fez senão fortalecer a comunhão intima de afetos e de cultura, entre as duas nações, continuando os portuguezes no Brasil a contribuir poderosamente para o nosso progresso.

Sejam quaes forem as raças que se venham fundir conosco e proseguir na obra de civilização que aprendemos com Portugal, é ainda o genio portuguez que iluminará para sempre a nossa historia no futuro, porque as suas tradições hão de viver immortaes aqui, e a lingua portugueza será o eterno laço de simpatia e de amor dos homens de todas as origens nesta feliz porção de terra americana.

É com a expressão desses cordeos sentimentais que vos peço, sr. embaixador, de transmitir á sua magestade fidelissima o meu profundo reconhecimento pela alta demonstração da amizade que acaba de dar á nação brasileira o ao seu primeiro magistrado, demonstração que teve tão excelente interprete na pessoa de v. ex.ª, como todos os brasileiros, faço os mais vivos votos pela felicidade de s. m. elrei D. Carlos, pela da familia real e pela constante prosperidade da nobre nação portugueza.

Finda a cerimonia da apresentação das credenciaes, o sr. Lamproia, depois de haver mantido ligeira conversação com o presidente da Republica, foi pelo barão do Rio Branco apresentado aos secretarios de dr. Afonso Pena, retirando-se logo em seguida com as mesmas formalidades com que tinha sido recebido.

O embaixador de Portugal foi acompanhado pelo capitão Filote Pires Ferreira, prestando-lhe o 7.º batalhão de infantaria do exorcito as honras do estilo.

Trindade.

No proximo domingo pelas nove horas da manhã deve reunir-se na sede do Monte Pio Conimbricense Martins de Carvalho a assembleia geral da Associação Conimbricense para o sexo feminino para eleger os corpos gerentes no futuro anno de 1907.

Deve reunir hoje a assembleia geral do Instituto para eleição de socios e outros assuntos.

No dia 16, pelas 11 e meia da manhã, reúne a assembleia geral da cooperativa de pão A Conimbricense, na sala da Associação dos Artistas, para eleição dos corpos gerentes.

(25) Folhetim da "RESISTENCIA,"

Madame Robert Halt

ANTONIA

Quando a noite caiu pesadamente sobre a estrada, envolvendo-a no seu manto de trevas, o dono do largo capote adormeceu debaixo do longo e aguçado chapéu, fortemente balouçado pelos solavancos das rodas; sua mulher, a do rosto sardento, essa ressonava já, inclinada sobre o hombro. Antonia tambem, por sua vez, fechou os olhos.

Apertados um contra o outro os Goblots pareciam examinar o horizonte, onde a lua começava agora de aparecer; falavam-se muito baixo, mas com uma certa animação:

— Sim, nove filhos em vez de oito. — Cala-te, Amavel! disse energicamente o capitão: esta creança sabe de cosinha, do arranjo da casa; tratou da prima sem remuneração alguma; váe portanto aproveitar-nos como creada e até ao fim do anno proximo seremos nós que receberemos a soldada, os sete francos do governo; e por todas estas razões te asseguro que fomos nós que trouxemos o melhor quinhão.

XIII

Em Sempleux

Ao romper do dia seguinte, os oito Goblots, perfilados em semi-circulo, observavam a desconhecida que seus

Curso nocturno

A exemplo do que fez a comissão paroquial republicana de Arcozeiro (Gouveia) creou-se em Sampaio um curso noturno para adultos, regido pelo sr. Manuel Pereira Lima, cuja competencia todos reconhecem.

Este curso é frequentado por 40 individuos, que ali vão procurar a luz da instrução.

A ação do partido republicano no concelho de Gouveia, vae tomando um grande incremento, devido á ottima orientação que lhe imprimiram os seus dirigentes. Instruir o povo é arrancar os espiritos ao analfabetismo em que jaz, uma nobilissima missão; é compreender perfeitamente os deveres civicos, preparando consciencias e iluminando os espiritos que até hoje têm vivido nas mais densas trevas da ignorancia, ao dispor de todos os maus, de todos os astutos.

São poucos os louvores que se rendam aos benemeritos que assim com tanto altruismo cumprem o seu dever de bons republicanos.

A "Resistencia" presta a sua homenagem ás comissões republicanas de Sampaio e de Arcozeiro que podem apresentar-se como exemplo de trabalho tão modesto como benemerente.

Consta-nos que o Gremio Academico Recreativo, intenta realizar na sua sede, no dia 22 do corrente, uma recita seguida de baile, oferecida aos socios e pessoas amigas.

Escusamos de dizer que prevemos uma lusida festa, atendendo a que a direcção do novo Gremio é constituída pelos elementos mais seletos do antigo Gremio Literario Academico.

Centro Republicano de Coimbra

A MENTIRA MONARQUICA

(Análise do momento actual da politica portugueza).

POR

ALFREDO PIMENTA

Preço 20 réis

Nas livrarias do paiz

IVAN TOURGUÉNEFF

OS DOIS AMIGOS

Trad. de Pacheco Novas

VIUVA TAVARES CARDOSO, Editora
Largo do Camões — LISBOA

paes tinham traduzido durante a noite, A principio um grande silencio parecia te-los dominado a todos, mas a seguir estalou uma enorme algazarra de gritos, risos e de empurrões.

Foi esta a fórma como travaram conhecimento com a pequena Antonia.

A linda casa, onde agora se encontrava, compunha-se de tres aposentos dos quaes dois eram grandes, espaçosos, mobilados cada um d'elles com muitas enxergas, um leito pintado de amarelo, um velho bahu igualmente pintado da mesma cor, e no qual as diversas camadas de tinta fizeram desaparecer as figuras ali desenhadas, e varias e grossas cadeiras vermelhas.

Mas a principal riqueza da casa consistia muito especialmente nos dois fogões de largo bojo, luzidios, e que no inverno deviam trabalhar sem cansaço.

O quarto mais pequeno, verdadeiro deposito de ferragens, de instrumentos de lavoura, de panelas quebradas, objectos de toda a ordem e especie, decorado de muitas e largas teias de aranha, guardava, além de tudo isto, a misera enxerga onde Antonia tinha passado aquélla noite.

Contigo á casa ficava um grande quintal, plantado de legumes de todas as especies.

Mas flores, que as quizesse, deveria procura-las noutra parte, porque ali não havia ali.

Tinham agua de poço e de cisterna e não lhes faltava tambem agua de uma ribeira, que, correndo por entre lindas

Cooperativa de pão A Conimbricense

Responsabilidade limitada

2.º aviso

A Comissão instaladora convida os srs. associados a reunirem em assembleia geral no dia 16 do corrente, pe las 11 e meia horas da manhã, na sala da Associação dos Artistas.

Ordem dos trabalhos

Eleição dos corpos gerentes que devem gerir os negocios desta Cooperativa no anno de 1907.

Coimbra, 10 de dezembro de 1906.

O secretario, Abel Simões de Carvalho.

Associação Conimbricense para o sexo feminino Ollimpio Nicolau Rui Fernandes

1.º aviso

Por ordem da Ex.^{ma} Sr.ª Presidente são avisadas as socias desta Associação de que no dia 16 do corrente, pelas 10 horas da manhã, ha de reunir a assembleia geral, na sede do Monte Pio Conimbricense Martins de Carvalho, sito no Pateo da Inquisição.

ORDEM DO DIA

Eleger os corpos gerentes que hão de servir no futuro anno de 1907.

Coimbra, 11 de dezembro de 1906.

A 1.ª secretaria,

Ermelinda Travassos Arrobas.

ANNUNCIOS

EDITAL

O Doutor Alvaro da Costa Machado Villela, provedor da Santa Casa da Misericórdia de Coimbra.

Faço saber, que até ás 3 horas da tarde do dia 2 do proximo mez de janeiro, se recebem propostas em carta fechada, para o fornecimento de cera para as Capellas d'esta Santa Casa, sendo: — 50 vellas com o péso de 450 grammas cada uma, 300 vellas com o péso de 335 grammas cada uma, e mais uma serpentina com o péso de 750 grammas. As propostas serão entregues na secretaria da Santa Casa, onde se acham patentes as condições da arrematação, em todos os dias uteis desde as 10 horas da manhã até ás 3 da tarde, sendo abertas perante a Mesa em sessão d'esse mesmo dia que fará a adjudicação do fornecimento aquelle que menor preço oferecer, convido este á Santa Casa.

Secretaria da Misericórdia de Coimbra, 7 de dezembro de 1906.

O provedor,

Alvaro da Costa Machado Villela.

arvores, vinha passar mesmo detraz do quintal.

A verdura, o aprazível do logar que a propria ribeira ainda tornava mais belo, tudo seria muito agradável, muito superior ao Gravois e de molde á tor-nar-lo esquecido, se ali lhe não tivesse ficado tudo quanto amava e estreme-cia.

A propria aldeia lhe parecia mais accada com as suas casas caeadas, algumas de um andar, aqui e além, por entre os casebres. E todas ellas muito bem tocadas com seus telhados de ardósia ou de colmo, porque a tempestade, não passando por ali, a todas tinha poupado.

Antonia, se bem que o desejasse, não perdeu muito tempo á admirar este espectáculo, visto que Prudencia Goblots se deu pressa em meter-lhe nas mãos vazias uma vassoura de bétula. E assim que concluido aquelle trabalho de varrer a casa, logo surgiu a louça para lavar e a agua que era preciso tirar do poço.

— Despacha-te, anda. Agora não se trata de dormir.

— Não sabes como devemos usar da corda e para que serve o poço?

— A agua é muito funda e o balde bastante pesado.

— Ai! Ai! então não querem lá ver? Talvez que tu quizesse esgotar o poço com um dedal para costura! Avia-te!

As mãositas de Antonia deixaram coir a corda e com ela o balde.

Prudencia saltou para a beira do poço e filou a corda, que suspendeu dos braços vigorosos e resistentes.

EDITAL

O Doutor Alvaro da Costa Machado Villela, provedor da Santa Casa da Misericórdia de Coimbra.

Faço saber, que por deliberação da Mesa administrativa d'esta Santa Casa se acha aberto concurso por espaço de quinze dias que hão de terminar no dia 22 do corrente mez, para o provimento de alguns logares vagos de mercearias e entrevados. As concorrentes aos logares de mercearias deverão instruir os seus requerimentos com certidão de idade pela qual mostrem ter pelo menos 50 annos e attestado de que são pobres, honestas e virtuosas e de que residem em Coimbra ou seus arredores, passados pelos respectivos parochos.

Os concorrentes aos logares de entrevados deverão juntar ao seu requerimento attestado de bom comportamento, de pobreza e de que não tem ascendentes nem descendentes em condições de os alimentar e de residenciam em Coimbra ou seus arredores, passados pelos parochos respectivos e attestado de padecerem molestia cronica que os impossibilite de trabalhar, passado por algum dos facultativos d'esta Santa Casa.

Secretaria da Santa Casa da Misericórdia de Coimbra, 7 de dezembro de 1906.

O Provedor,

Alvaro da Costa Machado Villela.

LAGAR D'AZEITE

Abriu no dia 10 do corrente o lagar do Rangel, completamente restaurado, com vasa, ceiras e tarefas novas, o que garante a boa qualidade do azeite ali fabricado. A maquia para o lagar será sempre inferior á estabelecida nos outros lagares, responsabilizando-se o encarregado a mandar buscar a azeitona a casa dos freguezes e a levar-lhes o azeite e bagaço. Dirigindo o lagar está um mestre de reconhecida competencia. Quem pretender moer azeitona neste lagar dirija-se a Manoel Mendes dos Santos, em Santo Antonio dos Olivaeas.

II DE LONDRES II

Impermeaveis contra a chuva. Cacos por 25 shillings! Capas por 27 shillings!

Corte inglez, qualidade garantida.

The English Supply Co.^o

Representante em Coimbra

A INTERMEDIARIA

O grande catalogo, mostruario e modelos, está á disposição dos ex.^{mos} clientes. Basta dirigir bilhete postal indicando a morada á Intermediaria, rua Eduardo Coelho, 44 1.º.

E num pronto, leve como uma pena, o balde subiu cheio d'agua, a trasbordar.

— Ora aqui está como é preciso fazer, em vez de estar a olhar para o céu como que a pedir-lhe luvax...

E não havia de que se lastimar. Depois deu na creança um sopsop de amizade, que, muito chorosa, com os braços tão magrinhos como baquetas de tambor, agarrou no balde e despejou o numa grande panela.

— Agora anda cá ajudar-me.

Prudencia caminhou adeante dela e enveredou pelo primeiro quarto.

Ali estava já metade montado o leito que haviam herdado, quinhão conquistado aos Germain, além de uma grande parte da louça que estava ainda espalhada pelo chão.

Lá viu Antonia a caneca amarela estalada e a sua pequena chavena de flores vermelhas, e o belo prato semeado de flores azues semelhantes ás do fichu da boda de Fortunata.

Olhou para o leito, em que tinha dormido tão docemente durante longos annos, junto da pobre mulher que acabava de deixá-lo, ha tão pouco tempo, para ir deitar-se na terra.

— Segura isto emquanto eu o subo!... Ah! Vae chorar outra vez?... Mais direito!... Bom.

E Prudencia dava grandes marteladas como um homem, como se se tratasse de destruir tudo.

Por fim chegou o leito, e collocaram-o num canto do primeiro quarto.

— Prudencia, quem dormirá aqui? perguntou timidamente Antonia.

CASA COLONIAS

Fornecedora da Casa Real

Visitem este estabelecimento e verão V. Ex.ª que ha vantagem.

Generos alimenticios das mais finas qualidades, em concorrência de preços com as cooperativas.

Vinho de meza e de Amarante, qualidades e preços sem competencia.

Distribuição aos domicilios, sem aumento de preço.

CRIADAS

Que dêem boas referencias, precisam-se. Dirigir á Intermediaria, rua Eduardo Coelho, 44, 1.º

Consultorio Medico - Cirurgico

— DE —

Alvaro Roxanes

Marco da Feira, 8 — COIMBRA

Consultas das 10 ás 12 e das 2 ás 4

(Residencia — R. de Tomar, 11)

CAIXEIRO

Precisa-se com pratica de fazendas brancas de 17 a 20 annos. Ou um rapaz de 14 a 16 annos de idade, com dois annos de pratica, a quem se dá ordenado.

Nesta redacção se diz.

PROFESSORA

Ensina toda a qualidade de bordados; pintura de flores e foto-miniatura. Para tratar—rua da Figueira da Foz, 114.

Consultorio de clinica dentaria

MARIO MACHADO

Praça S de Maio, 8

Tratamento de doenças da boca

colocação de dentes artificiaes

Consultas das 9 horas da manhã ás 4 da tarde

ANNUNCIOS PARA JORNAES

João Ribeiro Arrobas, encarrega-se da publicação de anuncios em todos os jornaes do paiz, da afixação de cartazes, da distribuição de anuncios, prospectos, etc., em Coimbra.

Mont'Arroio, 15 — Coimbra.

— As minhas tres mais novas; ficaram lá melhor que na enxerga.

— Ficam! murmurou ella.

Quereria tanto dormir ali!

Ao meio dia entrou o gordo Goblots que vinha dos campos. Não trazia já a jaqueta estreita cor de borra de vinho; vinha embrulhado numa blusa em que os seus hombros enormes estavam como em sua casa.

Assentou-se, jantou o que a creada lhe fizera e que não achou mau.

Engulia bocados como punhos sem dizer palavra com um ruido tão grande como êle; os oitos filhos comiam, sentados no chão, no limiar da porta, aos dois a dois.

E a caneca amarela era da festa; Prudencia bebia por ela a agua do seu poço; a filha mais velha, Cleora, tinha tomado conta da outra, a pequena, de flores vermelhas.

A' noite, Antonia, sem poder mais, foi deitar-se no cafarnaum como na vesperta.

E os dias e as noites succederam se na árdua tarefa de contentar Prudencia.

Quando a pobre pequena tentava tomar o folego entre dois trabalhos asperos: aqui está a agulha para coser! ou vinha um cesto velho e uma pá de cabo curto e ella lá ia pelos caminhos á procura do que tinham deixado pela estrada as vacas e os cavalos.

Só para isso é que os Goblots pequenos se ofereciam a ajuda-la. Então, a rir, com a pá ou sem ella, aos encontrões, iam apanhando e a estrada ficava limpa, como nova.

(Continua.)

PASTELARIA E CONFITARIA TELLES

150 — Rua Ferreira Borges — 156

COIMBRA

Nesta casa, regularmente montada no jénero das de Lisboa e Porto, encontra-se á venda o mais variado e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos desta natureza.

Dóces de ovos com os mais finos recheios.
Dóces de fructa de diversas qualidades, sécos e cristalizados.
Fabricam-se grandes peças de fantasia, proprias para brindos.

Variada pastelaria em todos os generos, especializando os de folhade.

Galantines diversas. Tété d'Achar. Patê de Lievre e Foie.

Sauçisses. Pudings de diversas qualidades, vistosamente enfeitados. Pão de ló, pelo sistema de Margaride.

Especialidade em **vinhos generozos e licores finos** das principaes marcas.

Amêndoas, bon-bons, chocolates, queijos, chás, etc., etc.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de bolachas e biscoitos na Coudraça do Lisboa, 32

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal effectua seguros posticos, para todas as cabeças de distritos e de comarcas.

Correspondentes: Gaito & Canas Coimbra

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portugueses, á venda na

Mercearia LUSITANA (Depósito unico em Coimbra)

Estab. Ind. Pharm. "Souza Soares,"

(NO BRAZIL E NA EUROPA)

Devidamente legalisado em Portugal e distinguido com um premio de Honra de 1.^a classe e cinco medalhas de Ouro, na America do Norte, França e Brazil, pela perfeita manipulação e eficacia dos seus productos medicinaes:



(Marca registada)

PEITORAL DE CAMBARÁ

(Registado)

Cura prompta e radicalmente as tosses ou rouquidões;
Cura a laringite;
Cura perfeitamente a bronchite aguda ou chronica, simples ou asthmatica;
Cura a tísica pulmonar, como o provam numerosos attestados medicos e particulares;
Cura incontestavelmente a asthma, molestia difficil de ser debellada por outros meios;
Cura admiravelmente a coqueluche, e, pelo seu gosto agradável, é appetido pelas creanças.
Frasco, 1\$000 réis; 3 frascos, 2\$700 réis.

PASTILHAS DA VIDA

(Registado)

Combstem o fastio, a azia, a gastralgia, as nauseas e vomitos, o enjô do mar, o mau halito, a flatulencia e a dilatação do estomago. São de grande eficacia nas molestias do utero e da pelle, na fraqueza dos nervos e do sangue.
Caixa, 600 réis; 6 caixas, 3\$240 réis.

36 Remedios Especificos em pilulas saccharinas

(Registados)

Estes medicamentos curam com rapidez e inoffensividade:
Febres em geral;
Molestias nervosas, da pelle, das vias respiratorias, do estomago, dos intestinos, dos orgãos urinaes;
Molestias das senhoras e das creanças;
Dóres em geral;
Inflamações e congestões;
Impurezas do sangue;
Fraqueza e suas consequencias.
Frasco, 500 réis; 6 frascos, 2\$700 réis.

Consultem o livro — O Novo Medico — pelo Visconde Souza Soares, á venda nos depositos dos remedios do auctor. Preço: brochado 200 réis, encadernado 500 réis.

Medicamentos homeopaticos garantidos, avulsos e em caixas de diversos tamanhos

1 Tubo com globulos 200 réis; duzia 2\$160.
1 Frasco com tintura 3.^a ou 5.^a 400 réis; duzia 4\$320.
1 Dito com trituração 3.^a 700 réis; duzia 7\$560.
Vede os preços correntes, o Auxilio Homeopatico ou O Medico de Casa e a Nova Guia Homeopatica, pelo Visconde Souza Soares.

Estes productos vendem-se em Coimbra na drogaria de Rodrigues da Silva & C.^a — Rua Ferreira Borges, 36.
Deposito geral em Portugal — Porto, rua Santa Catharina, 1503.

Aviso importante

O Estabelecimento tem medico habilitado, encarregado de responder gratuitamente a qualquer consulta por escripto, sobre o tratamento e applicação destes remedios.

Os armazens-GRANDELA & C.^a

RUA DO OURO, 115 — LISBOA

mandam catalogos e amostras do seu colossal sortimento a quem as pedir.

Vendem para as provincias pelos mesmos preços que para Lisboa

Pagam o porte das encomendas cuja factura pode ser satisfeita no correio na occasião de as receberem

Mandam amostras a todos que as pedirem para que as confrontem com as das outras casas.

Não têm agentes em parte alguma, tratam todos os seus negocios directamente com o publico de todo o paiz, e é por isso que vendem mais barato que ninguem.

O catalogo geral de verão com 116 paginas e 1050 gravuras é enviado de graça a quem o pedir a

Grandela & C.^a

Rua do Ouro, 115 — LISBOA

CASA MEMORIA

SUCURSAL EM COIMBRA

Rua Visconde da Lús, 1
Praça 8 de Maio, 10

Esta casa continúa a fornecer ao público as suas acreditadas máquinas de costura *Memória*. Têm todos os modelos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, o que é mais perfeito.

Ninguem compra sem vizitar esta antiga e acreditada casa, para se certificar da qualidade e preços destas máquinas que nenhuma outra se pôde igualar na perfeição do seu maquinismo. Não confundir a *Memória* com tantas outras que por si se vendem. Vendem-se a prestação e a pronto pagamento. Aceitam-se máquinas usadas em troca pelo seu justo valor.

Pianos

Esta casa acaba de receber importantes remessas de pianos alemães e francezes que vende a pronto pagamento: por serem importados directamente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condições do Porto ou Lisboa. Aceitam-se pianos em troca e compram-se pianos usados.

A sempre quantidades de piano para alugar.

Fumeiro do Alemtejo

Recebeu mais uma remessa da magnifica qualidade, de que é uma revendedora em Coimbra, a

MERCEARIA LUSITANA

Queijos da serra da Estrela

QUALIDADE GARANTIDA

NA MERCEARIA LUSITANA

Machinas fallantes

Deposito completo de apparatus das principaes marcas e para todos os preços a partir de 14\$000

Variada collecção de discos e cylindros com musicas e cantos executados pelos mais notaveis artistas.

Vendas pelos preços de Lisboa e Porto.

Depositarios da *Companhia de Gramophone*, da *Edison National Phonograph*, C.^a de New-York, e dos *Gramophones Odeon*.

TELLES & C.^a

R. Ferreira Borges, 152, 1.^o
COIMBRA

A NACIONAL

Companhia portugueza de seguros sobre a vida humana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital --- 200.000\$000 réis

Séde em Lisboa — PRAÇA DO DUQUE DA TERCEIRA, 11, 1.^o

Seguros de vida inteira. Temporarios, Mixtos, Praso Fixo. Combinados e Supervivencia, com ou sem participação nos lucros da Companhia.

Capitaes differidos e Rendas vitalicias immediatas, differidas e temporarias, com ou sem contra-seguro.

Seguros operarios a 20 réis semanaes

Para Informações e tarifas dirigir-se ao agente em COIMBRA:

JOÃO GOMES MOREIRA — R. FERREIRA BORGES

CAÇADORES

O mais importante estabelecimento de espingardas, carabinas, revolvers e munições, é o de JOÃO GOMES MOREIRA, rua de Ferreira Borges — Coimbra — Sucursal na Figueira da Foz (em frente ao Casino Mondego).

ARMAS EM DEPOSITO

Espingardas Ideaes — da manufatura de Saint-Etienne, Galand Elie, Francesa, Francotts, Remington, Bernard, manufatura Liege a Carabinas — La F-ancoll, Popular, Winchester, Colts, etc. Revolvers — Galand, Saint-Etienne, Smith Werson, Vello Doges, etc., etc. Pistolas — Mauzer, Browing, Gaulcis, etc., etc.

Munições de todos os calibres e qualidades

Mandam-se vir armas de qualquer fabricante, como por exemplo: Holland & Holland, Puy, Diehrdsen, Greuc, etc

PAPELARIA CENTRAL

Rua Visconde da Lús — Coimbra

Pianos GAVEAU

Recebidos directamente de Paris, vendem-se nesta casa pelos preços da fabrica e recebem-se pianos em troca. — pedir catalogos e condições de venda.

Um completo sortimento d'apparellhos e todo o material preciso para a fotografia, que recebe dos principaes fabricantes e vende pelos preços mais baratos.

Grande edição de bilhetos postaes illustrados

De Coimbra, Vizeu, Aveiro, Castelo Branco, Covilhã, Amarante, Beja, Mirandela, Serra d'Estrela, etc.

Papelaria Borges

COIMBRA

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 165, 1.^o

Tomam-se seguros de predios mobiliarios e estabelecimentos contra o risco de incendio.

Repara... Lê...
Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipações, bronchites, rouquidões, asma, tosses, coqueluche, influencia e outros encomodos dos orgãos respiratorios.

Se atenção sempre, o coração as mais das vezes com o uso dos *Sacarolides* d'alcairão, compostos (*Rebuçados Milagrosos*) onde os efeitos maravilhosos do alcairão, juntamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidencião em toda a sua salutar efficacia.

E tanto assim, que os bons resultados obtidos com uso dos *Sacarolides* d'alcairão, compostos (*Rebuçados Milagrosos*) são confirmados, não só por milhares de pessoas que os têm usado, mas tambem por abalizados facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lazaro

PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

Ferragem para toldo

Vende-se uma para tres portas. Mercearia Avenida. Largo do Principe D. Carlos, 51 — Coimbra.

"RESISTENCIA,"

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno.....	2\$700
Semestre.....	1\$350
Trimestre.....	680

Sem estampilha:

Anno.....	2\$400
Semestre.....	1\$200
Trimestre.....	600

Brasil e Africa, anno..... 3\$800
Ultras adjacentes, 3\$000

Numero avulso 40 réis

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto 50%.

Comunicados, cada linha..... 40
Réclames, cada linha..... 60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal se honra.

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redacção e administração — RUA FERREIRA BORGES

Officina tipographica

12 — Rua da Moeda — 14

N.º 1166

COIMBRA — Quinta-feira, 20 de dezembro de 1906

12.º ANNO

O comicio de Coimbra

O COMICIO

O comicio, no passado domingo, realizado em Coimbra, foi além de toda a espetativa. Ele afirmou, pela boca dos oradores e pelos aplausos da multidão, altamente e concretamente a vontade d'este povo sempre inclinado a seguir os homens honestos e a desprezar aquelles que o têm roubado e que o difamam.

O sr. João Franco ficou sabendo assim, pelo que se passou em Coimbra e pelo que semelhantemente se passou no resto do paiz, que não pôde contar com a nação para os seus desejados attentados á liberdade de pensamento e á honestidade governativa, quer impondo uma lei de imprensa ignominiosa, quer abrindo uma porta falsa para roubos com uma lei de contabilidade *sui generis*. A's tres mil e tantas assignaturas das mensagens de apoio á sua orientação, respondem os milhares e milhares de cidadãos livres e independentes atacando a fundo não só o governo como as instituições.

A cidade de Coimbra não podia ficar calada num momento perigoso e unico em que o governo se preparava para amordaçar a imprensa e num dia em que o resto da nação mostrava a sua antipathia pelos Braganças e seus autolicos. Assim o nosso comicio revestiu a maxima imponencia, e tigmatizou profundamente a monarchia e a lavrou o seu protesto perante a afronta feita especialmente á Universidade com a sua transformação de estabelecimento scientifico em cavalariça, como muito bem notou o professor Angelo da Fonseca.

Sendo assim, é licito concluir que a nação portugueza está preparada para a proclamação da Republica e requer essa proclamação como o meio de sair d'esta vida de ruinas e desastres a que chegou por vontade d'uma familia ingrata e de governos tiranicos e ignorantes. Fazendo votos porque o dia d'essa proclamação esteja perto, o povo de Coimbra cumpriu um dever civico e manifestou o seu patriotismo, a sua autoridade moral e a sua independencia.

Viva a Republica!

Pela 1 hora da tarde, hora para que estava marcado o comicio, adeantou-se no proscenio o nosso correligionario, sr. dr. Fernandes Costa, que foi recebido com uma carinhosa manifestação de sympathia pelo publico que enchia completamente o teatro.

Serenada a manifestação, o sr. dr. Fernandes Costa propoz para presidente o sr. dr. Nunes da Ponte trazendo um entusiastico perfil do nosso illustre correligionario, que toma o lugar da presidencia no meio da mais calorosa e justa ovação.

Nunes da Ponte

Agradece os aplausos com que é acolhido e dirige palavras de muita cortezia e afeto á illustre assembleia, a que davam um alto realce de caloroso entusiasmo os sentimentos mais nobres e elevados da mocidade academica.

Indigita para secretarios os seus illustres correligionarios os srs. Francisco Vilaça da Fonseca e Joaquim de Almeida, aluno da Universidade e diz que occupará poucos momentos a attenção do auditorio tocando de leve o assumpto de que vão tratar os oradores que se acham inscritos.

Acentua que o partido republicano oferece neste momento ao paiz inteiro um espetáculo grandioso, já pelo exemplo de força e disciplina que ostenta, já pela lição d'inolvidavel civismo que encerra. Que nessa hora se celebram eguaes comicios em muitas capitales de distritos, onde certamente se protestará activa e dignamente, como se protesta aqui, como já se protestou no Porto e em Leiria contra a expulsão de dois dos nossos illustres deputados do parlamento. Que o Directorio promovendo esses comicios se tinha elevado a toda a altura da sua grave missão, conquistando ao mesmo tempo o mais elevado preito de consideração partidaria.

Que a expulsão grosseira dos dois illustres deputados é absolutamente injustificada, já pelo motivo que a determinou, já pela falta d'autoridade de quem a impoz.

O presidente do conselho declarando ao paiz inteiro a existencia de adeantamentos illegaes feitos a favor da casa real, não podia nem devia exigir que os profissionais do fóro, deixassem de definir esses factos delictuosos á face do código penal, que é lei para todos os portuguezes, sem excepção.

E os deputados republicanos cumpriram o seu dever, colocando-se sob este ponto de vista. De resto a autoridade dos que os expulsaram, todos a conhecem, porque todos sabem como se formam os deputados neste paiz. Fabricam-se, como se fabrica a moeda falsa. E como presentemente no parlamento ha, por um esforço extraordinario dos eleitores de Lisboa, um pouco de moeda verdadeira, a moeda falsa bateu na moeda verdadeira. Compreende-se que seja difficil a coexistencia de valores tão contraditórios. Mas o facto explica-se melhor ainda se figurarmos um vasto tribunal em que houvesse réos e cúmplices a julgar, perante juizes incompatíveis que não poderiam deixar de os condemnar. Colocae ao serviço desses criminosos a força publica. Com certeza que se não pejarão de expulsarem os juizes para se salvarem. Pois foi justamente o que se fez no parlamento. Os réos expulsaram os juizes. Resta saber, se apesar disso lograrão a impunidade almejada.

Esta questão dos adeantamentos é questão gravissima. Para compreender todo o plano do franquismo é forçoso lembrar alguns factos passados. O orador recorda as diversas peripecias que se desenrolaram com a questão dos tabacos, a sua feição cada vez mais avultada pelos partidos monarchicos de que a insistencia de se dar a concessão do exclusivo á casa Burnay, juntamente com a conversão, envolvia o projecto de procurar fartos recursos nas trevas de essa operação escura para desembaraçar de dificuldades de dinheiro a situação difficil d'uma certa casa poderosa; recorda o dito celebre do sectro poder vir a transformar-se em rolo de tabaco,

Se o presidente do conselho continua a revelar todo o seu empenho de desembaraçar de dificuldades a situação dessa casa, não fará senão confirmar essa suspeição, manifestando com singular evidencia que o seu *desideratum*, subindo ao poder, consistiu apenas em fazer ás claras o que foi impossivel fazer ás occultas. Seria certamente uma missão digna do antigo engrandecedor do poder real; mas seria em verdade bem dura de suportar para o povo que trabalha e paga.

Se assim fóra, explicar-se-iam as promessas de liberdade do presidente do conselho, como um sedutor canto de sereia, que a poucos illudiu, valha a verdade, felizmente.

Em tal caso o desejo do illustre estadista de caçar no nosso campo teria apenas o fim manhoso de procurar fazer uma aberta nas nossas fileiras para dar escapulidela ao javali que vinhamos cercando com tanto cuidado. Seria um auxiliar traçojeiro e desleal.

O valor dos seus processos de liberdade já os conhecemos nos seus actos e nos seus projectos de lei. E' singular a noção que aquêle estadista tem de liberdade. Esta para elle é uma garrafa de vinho capitoso que pode servir-se em repeuidos calices até á embriaguez em determinados logares; mas que se transforma em fogo e ferro nos sitios que o seu arbitrio designe.

Assim, o que é manifestação de pensamento nas estações do caminho de ferro, numa praça é um grito terrivelmente subversivo. Estranha liberdade esta!

E' verdade que o illustre estadista tem uma mão especial *doce e firme*, como afirma, para dirigir o poder. Essa mão de redea faz lembrar a de Faotonte, o vaidoso filho d'Apelo que conseguiu do pae a facultade de guiar um dia o carro do sol.

E foi por dirigi-lo como o desventurado moço de fabula, aos trambulhões que a deusa Cibele, o poderoso Hintze a alma protetora do orbe monarchico, se levantou aflito a clamar pela intervenção de Jupiter.

Como porém parece que o nosso Jupiter aspira primeiro que tudo a regularizar a sua difficil situação domestica no empyreo, menos inclimente do que o outro não o precipitou no Eridano e apenas se limitou a mandar-lhe recomendar pela mesma deusa Cibele que tivesse juizo. E foi uma felicidade para não vermos o seu grande amigo o sr. Melo e Sousa, como o lendario Cycnus, transformado afinal num reles cisne do lago. O Eridano virá depois de regulada a situação do empyreo.

Entretanto o illustre estadista vae prestando o seu culto á liberdade, num grande projecto amordaçador a imprensa por forma que só elle possa ter a facultade de pronunciar a palavra *adiantamento*. Será um descaço para os deuses. Mas então á liberdade não terá mais a figura da deusa do templo erigido por Tiberio Graco no monte Aventino. Esse tinha a figura esbelta de uma mulher, coifada com um bonet frigio, tendo numa das mãos o sceptro do mando e aos pés um jugo partido e um gato, simbolo da independencia. Para o franquismo o quadro será coisa muito diversa. Apenas lá ficará o gato, um gato assanhado, simbolo do mesmo illustre estadista.

Mas, termina o orador, uma fineza devemos ao sr. João Franco o ter-nos proporcionado ensino de vermos engrassar por tal forma as nossas fileiras que em um dia descera á sua ultima morada este regimen funesto, sem que

se ouçam nem descargens de espingardas, nem salvas d'artilharia.

Este regimen ha de cair com os aplausos de todos e ha de enterrar-se sem honras funebres, porque a sua sepultura será o desprezo dum paiz inteiro.

Grande e entusiastica ovação acolheu as ultimas palavras do sr. dr. Nunes da Ponte, cujo discurso foi constantemente cortado por aplausos calorosos.

Seguiu-se-lhe

Ramada Curto

recebido, como sempre, com aplausos que traduzem, mais uma vez, as sympathias de que goza o illustre academico.

O seu discurso, de que não podemos obter as notas, foi um protesto energico, um hino á liberdade, constantemente cortado de bravos e aplausos.

Terminou no meio da mais frenetica ovação.

Malva do Vale

Foi dada a palavra ao sr. dr. Malva do Vale que ao assomar ao palco foi recebido com uma prolongada salva de palmas. Começou por declarar que estava ali simplesmente por um dever partidario, porque lhe tinham dado ordem para comparecer, visto que o seu estado de saude era assás melindroso. Ele é republicano porque é homem e porque é portuguez. E' republicano por ser homem, porque repugna á sua dignidade e á sua inteligencia ser representado por um homem que tem apenas de particular o ser gerado por um ventre em circunstancias especiaes, mas por um ventre que tanto pode ser um santo, como um criminoso ou um monstro. Mas sem disso como homem tem mais ainda a qualidade de pôr a sua vida em contradicção com a vida do povo. A agricultura definha, a industria empobrece, o commercio paralisa-se, mas o chefe do estado *adeanta-se*, como o confessor o presidente do conselho. E' republicano, porque é portuguez, visto não poderem seus olhos ver a miseria de toda uma nação, sem lançar as culpas a quem de direito as merece.

E assim elle quer ser representado por um homem da sua escolha. E num belo rasgo oratorio o orador exclama: «Quero que o homem que me representar não minta, porque eu nunca menti; não roube, porque eu nunca roubei!»

Da sua vida de clinico d'aldeia, tira notas para a demonstração da ruina do paiz, cita, na analise da agricultura o escritor Bazillio Teles e mostra como o lavrador inglez e alemão é muito mais feliz que o lavrador portuguez.

Critica o excessivo juro que se paga em Portugal e fala nas condições em que, lá fóra, as quantias se emprestam.

Mostrando como só ha um remedio, refere-se á tentativa franquista. Aponta o falso liberalismo do governo e numa cortante ironia superior nota: «O presidente do conselho afirma caçar no terreno dos republicanos. Caçará. Mas caça de... ratoeira! E ainda elle está a armal-a! Mas o paiz não se deixará cair no laço. O partido republicano vê as suas forças aumentar prodigiosamente. E é preciso trabalhar. Trabalhar pela instrução, abrindo subscrições para pagar aos professores primarios, porque o governo os deixa morrer á fome, trabalhar pela ideia,

propagando-a por toda a parte, incesantemente.

Ele orador não desfalecerá. Parece-lhe que ainda mesmo depois de morto se chamassem por elle a sua voz se ergueria para gritar: Vivem os oprimidos! Viva a Republica! tal é a sua fé e o seu amor pela ideia. Recordamos muito bem duma prova desse amor quando da revolta de 31, na noite anterior, eles depois de terem escrito as palavras do ultimo adeus ás mães e ás noivas, aos amigos e ás pessoas queridas, não tinham um instante de odio e vingança. As suas consciencias estavam tão puras que poderiam comungar.

E' por isso que a ideia republicana vae tendo cada vez mais adeptos. Eles virão, um dia, de tal força e de tal vontade que não de impôr-se, dando assim o triunfo á Republica.

Acabada a manifestação que a assembleia fez a Malva do Vale, começou

Campos Lima

Eu não podia deixar de accitar o convite que me foi feito para vir tomar a palavra neste comicio de protesto, natural no movimento de reacção que se vem formando contra o gasto e velho constitucionalismo que miseravelmente liquida agora numa tentativa frustrada de regeneração-liberal. Teria mesmo aqui vindo sem convite, certo como estou de que em toda a parte onde se juntem homens e onde possa ser ouvida uma voz, eu tenho direito a fazer ouvir a minha. No proprio parlamento, onde eu me não sujeitaria ás tropelias e rigores dum regimen elastico, aonde eu nunca entraria pelos votos do sufragio, no proprio parlamento eu a poderia erguer sem incoherencia de principios, se tivesse chegado a hora de o povo o invadir por escalada e á mão armada, escorraçando dos seus logares a frandulagem indecorosa que em nome desse mesmo povo justifica todas as indignidades desde a pretensão idiota dum despota, simulando de libertador, até á mystificação ignobil do encobrimento dum roubo. Sem tirar nunca as minhas convicções, acidentalmente num meio burguez ou num meio operario, eu não respondo pelo logar onde possa encontrar-me, mas pelas ideias que nesse logar defendo.

Apartado dos republicanos por pontos de vista diversos, eu que os não acompanharia em comicios eleitoraes e em trabalhos de propaganda doutrinaria, sinto-me bem num comicio como o de hoje, que tem de ter uma acção essencialmente revolucionaria.

Em todos os movimentos de opposição ao autoritarismo sempre as facções radicaes se encontraram unidas. Se amanhã a Republica perigasse na França, se lá fosse possivel uma tentativa de reacção monarchica, os proprios libertarios que a têm combatido nos seus inevitaveis defeitos, porque ella é, antes de tudo, uma forma de governo, os proprios libertarios seriam os primeiros a defende-la na praça publica, dando todo o seu esforço, a sua dedicação, o seu proprio sangue, para que, com a Republica, não morresse nem a mais pequenina das liberdades já conquistadas. Se Combes ha pouco e Clemenceau agora, servindo-se ambos de processos politicos e por vezes autoritarios, fazem uma obra progressiva dentro do governo da Republica, consolidando-a, não é menos para administrar-se a obra daquelles que, como Kro-

potkine, mesmo dentro da propaganda anti-militarista, não esquecem a possibilidade duma invasão opressora e de retrocesso para a França, e se prometem já de todo o coração á obra revolucionaria da defesa do territorio francez, á defeza da liberdade já adquirida.

Ha, pois, um ponto em que os republicanos e libertarios estão necessariamente de accordo: é na reacção contra todo o despotismo, contra toda a tendencia de absorpção da mais pequenina parcela, por mais insignificante que seja, de liberdade.

Como não estar, pois, eu hoje aqui, eu que sinto, como todo o homem nascido em Portugal deve sentir a sua hora, a revolta e indignação que a obra do governo só não é capaz de inspirar em corações endurecidos, em sabujos vendidos aos interesses da realza, em facinoras e malsandros hipocritamente arvorados em defensores do que elles chamam as suas convicções monarchicas?

Emquanto nas regiões da politica, os maiores dos partidos se dão as mãos, formando o que o meu camarada Alfredo Pimenta chamava num artigo seu o «bloco monarchico», justo é que todos nós, os que em certos pontos de vista podemos, com sinceridade e sem baixezas ou depressões de caracter, estar de accordo, formemos transitivamente e para as necessidades do momento, o «bloco» revolucionario. Pela minha parte, e na comprehensão desta ideia, eu não recusei ha dias a minha assinatura no protesto que alguns estudantes republicanos redigiram e correu em publico. A minha assinatura, por uma questão de principios, trazia uma restrição; mas eu declaro aqui terminantemente e de modo a isto ficar bem estabelecido no publico, por forma a não me eximir de todas as responsabilidades desse documento, que a minha assinatura subscreve as passagens mais expressivas do manifesto, como aquella em que se reclama o fim da dinastia de Bragança.

E' com esta comprehensão da necessidade de solidarissção de toda a acção de protesto, que eu venho a este comicio. E não para platonicamente explicar que simpatizo com a reacção feita contra o governo senão muito principalmente para significar aos republicanos que neste momento, em que as exiguas liberdades constitucionaes perigam, em que a monarchia tenta consolidar-se num golpe de violencias e indignidades, que eu, como muitissimos camaradas meus, não hesitamos em vir defender na praça publica essas liberdades ameaçadas e na praça publica tentarmos a conquista de liberdades novas.

Este comicio tem por fim protestar contra a obra do governo do sr. João Franco, definir a sua politica; demonstrar, para elucidamento do publico, as arimbanhas arditosas do seu processo governativo.

Este sr. João Franco era já um náoso conhecido velho. A sua vida politica tinha já sido bem comentada do norte a sul do paiz. Os seus actos de ministro todos nós os tinhamos apreciados já. E uma convicção se formára a respeito desse cavalheiro — a de que era um temperamento irascível de brigo e um espirito autoritario de dominador.

Um belo dia s. ex.^a numa hora em que lhe ferviam mais os nervos ou lhe mordida o seu impulso de mandão, separara-se do até ali seu amo, o muito illustre sr. Hintze Ribeiro.

E eis que o sr. João Franco se mette em correrias cavalheirescas pelo paiz, ás cavaleiras dos seus fieis, esbravejando para todos os lados em gestos pledosos e arrependidos, pedindo perdão dos seus erros e prometendo-se em sacrificio á causa da regeneração nacional.

O charlatanismo encontra sempre admiradores e o sr. João Franco encontrou tambem os seus. A indolencia dos nossos costumes tem disto; espera-se sempre a vinda dum messias salvador, que nos livre de todos os obstáculos. O sr. João Franco encarnou neste messias. Vestiu porém o balandrau á pressa, e a través dum rasgão mal composto, alguém poderia ver ainda a espada traçoira do antigo despota.

Um dia, após uma questão complicada, complicação que resultava dum apuro de dinheiros a que se chegára nas altas regiões, o sr. João Franco depois da queda successiva de José Luciano e Hintze Ribeiro, é chamado a governar.

Mas precisamente o momento era

o mais proprio para continuar a sua comedia. A monarchia, envolvida nesse processo escandaloso dos tabacos, liquidava absolutamente no desprestigio publico. A insurreição dos marinheiros e certas manifestações populares bastante significativas davam bem a entender que d'um momento para o outro poderia surgir — a Republica.

Então dois processos poderiam ser seguidos para fazer face ao perigo: a simulação prudente, a transigencia mansueta com o espirito publico; ou a repressão rigorosa e violenta. As cartas lidas no parlamento explicam-nos que o processo adotado fora o primeiro. Para isso o sr. João Franco subira ao poder.

Para entreter os republicanos dalhes as eleições e não impede a entrada dos quatro deputados no parlamento. Estava provisoriamente e para uns mezes desviado o perigo. No paço começou a respirar-se.

Porém, num dado momento, toda esta maquinação se descobre. Vêem as cartas, vêem as declarações de certos monarchicos, e o proprio sr. João Franco ou sentindo-se já forte ou atorado e confundido pelos documentos comprometedores que ele sabia estarem já em poder do deputado João de Menezes e para lhe tirar parte do efeito, confessa os adeptamentos illicitos feitos ao chefe do Estado. A monarchia fica então a descoberto e nenhuma necessidade havia já de continuar o processo de simulação. Voltava pois o sr. João Franco aos seus belos dias de despotismo.

Porém, a sua nova encarnação já não trouxe surpresas para ninguém. O balandrau do messias abriu-se mais... via-se já bem a cota de malha e o sabre do spadachim glorioso. Ninguém acreditava já ha muito efectivamente em mudanças milagrosas. Tudo na sociedade se transforma lentamente desde os objetos triviaes do uso comum e corrente até á propria linguagem. Na linguagem por exemplo, uma simples palavra leva anos a transformar-se. Eu já só me lembro do tempo em que a roubar se chamava roubar. Nos meus preparatorios do liceu já começava a chamar-se-lhe alcançar, desviar... E só agora, já quando eu sou quasi formado, é que o sr. João Franco inicia uma terminologia nova quando nos diz que o chefe do estado se *adeantou* alguns milhares de contos.

Quando o sr. João Franco deixa de precisar a sua mascara de libertador, entra decididamente no seu verdadeiro papel de tiraneta. Afonso Costa e Alexandre Braga são postos fora do parlamento pela força armada, e no Porto a 1. de dezembro faz-se correr nas calçadas o sangue do povo. E não é só na repressão que o governo é reaccionario. E-o tambem nas suas medidas legislativas e nas suas propostas. O projeto de remodelação da lei de 13 de fevereiro é um documento ignobil, visto como mantem da lei de 13 de fevereiro as passagens mais odiosas, como a da prisão sem culpa formada, a denegação da fiança e prescreve, o julgamento sem juri. O projeto da lei de imprensa não é menos, com a sua infame disposição em que se fazem autoar os jornalistas por simples suspeita de injuria, com a denegação da defeza por prova do facto que os jornalistas tenham attribuido a alguém, e com a instigação feita ao zelo dos delegados do procurador regio, obrigados a processar esses jornalistas, ficando submetidos a certas penalidades. A lei de responsabilidade ministerial é uma especie de lei de irresponsabilidade ministerial. E em quanto a agricultura, como muito bem aqui disse o meu quasi camarada Malva do Vale, a instrução, as forças da actividade do paiz são desatendidas nas medidas do governo, não fica esquecida a organização do supremo conselho militar subordinado á presidencia do rei e, apesar de todos os côrtes, apesar de todas as economias, o aumento do soldo aos officaes.

Tudo isto demonstra bem que a monarchia se prepara para a defeza, que nós vamos em breve assistir a toda a série de tropelias em que não periga só a nossa liberdade mas a nosso propria vida. «Atraz de tempo, tempo vem» — foi a grande frase. A violencia vai ser a norma duma instituição condenada, o seu ultimo arranco, o seu desespero final. O sangue agrada a todas as tiranias e o principio monarchico em Portugal não pôde já manter-se sem tirania. E' pouco um João Franco despotico, dando-se as mãos a

um José Luciano sem vergonha e a um Hintze Ribeiro fatidico; entre a monarchia e o paiz vae estender-se a barreira cerrada das baionetas. O absolutismo falho em D. Miguel vai renascer na monarchia militar que se prepara. A *piolheira* nacional vae ser alguma coisa emfim no concerto das nações; uma vasta tapada para caçadas onde a vida dos animaes bravios perigues a par com a vida dos cidadãos. O sonho doirado, sonhado nas altas regiões tenta concretisar-se em realidade. O golpe de estado, tantas vezes imaginado, discutido, transparecendo, ora em incondificencias palacianas, ora em arremessos de biltres sem nenhum pudor, converte-se na ultima aspiração de politicos sem expedientes de inteligencia pretendendo governar fora da opinião publica e contra a opinião publica. A monarchia está a postos, o drama sangrento vae desenrolar-se.

Pois bem, se é preciso que o sangue do povo corra, elle não correrá inutilmente. Se para afogar as poucas liberdades conquistadas é preciso o sangue do povo, elle correrá, cobrirá as ruas e ha de subir em onda impetuosa até ao paço dos reis. Mas neste sangue purificador, em holocausto á Liberdade, ha de vir misturar-se tambem o sangue maldito e negro dos facinoras.

O belo discurso de Campos Lima é acolhido com uma estridente salva de palmas que se prolonga, sempre vibrante, sempre cortada de vivas a Campos Lima, á liberdade e á patria, que só serenou quando apreceu no prosenio o sr. dr.

Pereira Osorio

Começa por agradecer a manifestação de que foi alvo, que diz não ser dirigida a sua pessoa, mas sim ao ideal que representa.

Com uma dicção que subjugava, diz que em Coimbra se tem temperado as armas gloriosas dos vultos mais prestigiosos do partido, como Teófilo Braga, Guerra Junqueiro, Afonso Costa, Alexandre Braga e Nunes da Ponte, de quem fez em largos traços, o elogio sincero.

Se fosse orador, que não é, pois ali veio por intimação do sr. dr. Bernardino Machado, exporia o que sente, o que a sua alma lhe pedia que dissesse.

Não sabe porém tecer em frase quente comunicativa, o seu pensamento e por isso, como tradução do seu sentir, termina por dizer: abaixo o sr. João Franco, e viva o que todos nós temos em mente, e que eu não digo por respeito á pessoa que ali representa a autoridade, (a assembleia, solta neste momento vivas á republica, á liberdade e á patria).

Prolonga-se alguns instantes a ovação a Pereira Osorio que agradece visivelmente comovido os aplausos da assembleia.

O sr. presidente dá a seguir a palavra ao nosso correligionario

Angelo Fonseca

que começa muito vitoriado:

Por declarar que vae ali representar a comissão municipal republicana de Coimbra.

Se não fora a sua posição official na politica republicana e a imposição do seu partido, de forma alguma se atreveria a subir á tribuna do povo. Para falar daquêlê logar é necessario ter palavra ardente e fogosa que possa suggestionar a ideia e impulsionar a multidão.

Entretanto como bom soldado obedeceu.

Foi sempre este o seu modo de proceder dentro do seu partido — partido em que militou e milita com firmeza e lealdade.

O cargo elevado que hoje occupa na sociedade, cargo que conquistou á custa do seu trabalho, de forma alguma ousou macular os seus ideaes politicos.

Tem vaciedade e orgulho em declarar publicamente que é hoje tão republicano como nos tempos, que não vão longe, mas de que já tem uma saudade imensa, tempos em que vestia a capa e batina d'estudante. Orgulho aliado a uma profunda magua, porque sentiu a maior das desilusões quando saiu do meio revolucionario d'outrora e entrou numa atmosfera viciada por uma reacção crescente ao lado dum indifferentismo sob todos os pontos de vista condenavel.

Faz seguidamente a comparação da sua escola com as similares estrangeiras, e diz: é reparar na vizinha Hespanha, lançar a vista pela Italia, olhar para o movimento empolgante da França, da Austria, da Belgica e de outros paizes, para termos a certeza de que em todos elles as escolas superiores ceminharam na vanguarda do progresso, oferecendo o seu professorado os mais illustres protagonistas da democracia actual.

E' no professorado que se encontram os escritores que melhor veriam as modernas questões sociaes, e encarando-as pelo prisma da mais pura e ampla liberdade.

Entre nós é o contrario que se observa. Faz seguidamente a critica do ensino superior e mostra como pelos processos seguidos se criam subservientes em vez de cidadãos dignos e altivos. A subservencia nas classes protegidas e o analfabetismo nas classes proletarias — eis, os baluartes deste regimen de infamia e corrupção. Põe em evidencia a importancia da reacção como fator na decadencia do ensino e a este respeito cita um exemplo flagrante: Da-se á capela da Universidade, que tem a alcunha de real, a maior das dotações que no orçamento se encontram consignadas para os laboratorios d'ensino. Sim, o paralelo é justo porque a capela é tambem um laboratorio, mas de mau ensino.

Dito isto, está dito tudo. Enquanto o ensino sofre as consequencias das precarias condições do herario publico — herario confuso, repleto de «adeantamentos» varios, inquinado de traficancias sem numero que o sr. João Franco denunciou primeiro e hoje pretende encobrir com a culpabilidade e apoio dos seus caciques — homens sem dignidade e sem consciencia — os elementos reaccionarios exibem-se faustosamente, lambendo em ultima analyse as proprias migalhas que os governos destinam á instrução do paiz.

E tudo isto se passa inclusivamente nos meios que indubitavelmente deveriam constituir a aristocracia intelectual da nação. Que dizer pois dos analfabetos, vitimas da opressão e despotismo da frandulagem que do alto das cadeiras do governo explora cobardemente a ignorancia e a miseria do pobre proletario?

Se um dos chefes dos partidos monarchicos, o sr. José Luciano de Castro, declarou a alguns amigos que não convenia dar instrução ao povo, porque assim se governa melhor o paiz!

O aliado pensa da mesma forma, a despeito do projeto que apresentou á camara sobre viagens de estudo d'alunos e professores.

Tal projeto, que envergonha a pessoa que o elaborou, aquêles que o referendaram nas comissões e os membros da camara que o aprovaram, é uma das muitas peiradas com que o sr. Franco tenta ludibriar a opinião publica.

Que amor pode ter á instrução um homem que tem a audacia de levar ao parlamento uma lei d'imprensa como aquella que vae brevemente entrar em discussão na camara dos deputados?

Por essa lei o conselho de ministros proíbe a entrada no paiz de quaesquer impressos estrangeiros, e o ministro do reino, só por si, pode impedir a entrada de qualquer periodico! Voltamos ao tempo dos livros prohibidos! E' a inquisição ha tantos annos extinta que o sr. Franco tenta restabelecer á custa duma camara, cuja maioria assalariada se prontifica a todas as infamias.

Temos finalmente a policia dentro das nossas bibliotecas a escolher dentre os nossos livros aquêles que a censura excomungou!

Nisto se condensa a obra liberal do sr. João Franco.

E como é triste dizê-lo: no momento em que o corpo pensante da nação — jornalistas, literatos, homens de ciencia, saídos do silencio dos gabinetes de trabalho, assumem rapidamente a praça publica e collocam á sua frente o grande pensador Teófilo Braga, que é mais do que a gloria dum paiz, a gloria duma raça, para protestar perante a nação inteira contra a lei execranda, que vem coartar a expressão livre do pensamento — a Universidade fica inerte, como coisa que a liberdade de falar, de ler e de escrever, e portanto de ensinar, fossem para ela coisas vãs, de somenos importancia!

Contrariamente, ve numa mensagem que de Coimbra foi dirigida ao sr. João

Franco, nomes de alguns dos professores. Pois nessa mensagem apoiam-se não só as propostas já então apresentadas, mas ainda aquelas que estão em via de elaboração!

Pode o sr. Franco decretar o que quizer, pode introduzir no paiz o regimen o mais reaccionario, pode legislar as mais barbaras penas, até a pena de morte para todos aqueles que, não confiando no seu credo, tem por ele e pela sua liberdade hipocrita o maximo dos desprezos, que os signatarios da tal mensagem apoiam incondicionalmente o seu governo.

E é interessante que nesse documento pede-se *moralidade administrativa* quando o maior numero dos signatarios faz parte do partido progressista — partido que ainda outro dia dava ao paiz o espectáculo vergonhoso da *manigancia dos sobrescriptos!*

E houve quem pedisse *moralidade administrativa*, pondo o seu nome ao lado dos homens do progressismo — salubranco da politica, especie de Fregolis que apparecem na scena publica com todos os fatos, desde a falxa e jaleca até á librê palaciana!

F o sr. João Franco, querendo satisfazer Coimbra no interesse que a cidade manifesta sempre pelo desenvolvimento do ensino universitario, mandou hontem, como material de estudo, umas dezenas de cavalos que foram alojados no Paço das Escolas!!

O orador protesta energicamente contra tal facto que não repugnou somente a ele na qualidade de professor, mas a alguns estudantes e inclusivamente aos populares.

Só este repugnante despota, só este messias de pechisque podia ter a desvergonha e a audacia de exnovalhar o seu proprio nome, convertendo em cavalariça a escola onde se formou!

Lavra ali, na praça publica, o seu protesto e declara simultaneamente que se este comicio se não tivesse realizado fazel-o-ia na imprensa.

Passa em seguida em revista a attitude do sr. Franco para com a escola de Coimbra quando foi ministro do reino de 93 e 96.

Declara que não pode esquecer a afronta que a sua escola então recebeu.

O sr. João Franco teve a audacia de demittir o secretario dr. Cerqueira Coimbra, de embargar a devida promoção a catedratico ao professor Guilherme Moreira e de mandar preponder pelo reitor os lentes que tinham no partido republicano!

Refere-se por ultimo á moção que o partido republicano submete á aprovação do comicio. Foi a comissão municipal que o incumbiu de apresentar tal documento; competia-lhe justificá-lo, mas absteve-se de o fazer, porque a sua justificação foi feita com superior autoridade, com excepcional competencia pelos oradores que o precederam.

Moção

E' conhecida de toda a gente a forma que está tomando a politica portugueza. Oitenta annos de constitucionalismo outorgado representam hoje indiscutivelmente 80 annos de burlas, de sofismas, de crimes, de «adeantamentos ilegales» e de desprezo descarado pela soberania nacional.

A analise ligeira desses 80 annos de constitucionalismo mostra-nos bem o progressivo afastamento da nação de tudo quanto seja realza, de tudo quanto saia dos manejos da monarchia.

O seja em 1836, ou seja em 1891, datas celebres em que o paiz revolucionariamente tenta impôr a sua vontade, ou seja em 1879 e 1880 epochas em que mesmo o paiz demonstra indirectamente a sua aversão á dinastia, o observador mais ligeiro encontra a demonstração categorica de que entre o paço e a praça publica ha uma lucta cada vez mais caracterizada, um antagonismo que se acentua cada vez mais e que ha de ter o seu fim na proclamação da Republica.

A chamada de João Franco ao governo, sendo o sintoma do espirito manhoso da monarchia e dos seus processos hipocritas, desleaes e ignominiosos, justifica por outro lado a suposição que se faz de que é o proprio paço o primeiro a reconhecer que não pode contar com o povo.

Num momento de excitação

geral, quando o penitenciario Hintze Ribeiro quiz acalmar a vontade do povo com os sabres da policia, o soberano que viu o trono baquear, chamou apressadamente a dirigir os negocios publicos um outro penitenciario, que tendo no seu passado a lei de 13 de fevreiro, a dissolucao das associações, a expulsão de Salmeron, o Código Administrativo de 1896, a teoria do poder pessoal do rei, se preparava para no futuro, expulsar do parlamento á coronhada, dois deputados republicanos, correr a tiro o povo do Porto e assinar uma lei de imprensa que é a maxima afronta que pode fazer-se á liberdade do pensamento. O actual sr. João Franco que é no fundo o mesmo sr. João Franco de 1896, prepara-se para, num golpe de mão, decisivo e claro, amordaçar o povo portuguez, abafar os seus gritos, inutilizar as suas energias para que os saques continuem, os crimes se succedam e as burlas se pratiquem. Na defeza do seu rei e seu amo éle passa por cima de tudo, desprezando a vontade nacional que ha muito prescindiu dos Braganças, dos seus ataques e dos seus despresos. Não o consentirá o paiz. A sua vontade ha de impôr-se, correndo com os exploradores que o saqueiam, com os tiranos que o oprimem e com os anjos de caridade que o sugam.

Por isso, neste momento, e neste dia em que a vontade nacional se manifesta de norte a sul, mostrando o seu desprezo pelas instituições e a sua aspiração pela proclamação da Republica;

Considerando que o regimen monarchico constitucional apparece como simples fase transitoria num periodo de grave ruina financeira e de completa desorientação mental;

Considerando que apesar de todas as suas promessas e apesar de todas as aparentes garantias exaradas na carta constitucional — a monarchia representativa resultou em completo abuso de confiança;

Considerando que a mesma monarchia tem sofismado os principios de liberdade e de garantia civica, quer, tornando-se em materia religiosa eminentemente reaccionaria, quer manifestando-se em materia politica profundamente absolutista e cezarista;

Considerando que não tern aceitado a soberania nacional, forjando o parlamento a seu gosto com maiorias subservientes;

Considerando que contrariamente aos bons principios de politica moderna o poder legislativo anda ás ordens do poder executivo que por sua vez é um escravo do poder moderador;

Considerando que a liberdade reunião é exercida sob a fiscalização das autoridades ou sob a ordem da força armada e dos sabres da policia;

Considerando que a liberdade de associação é garantida por leis de elasticidade infinita e exercida sob a fiscalização de governos incapazes;

Considerando que a liberdade de pensamento se encontra coarctada pela vigilancia e pelas disposições inquisitorias de leis de imprensa vergonhosas como essa que o governo levou ultimamente á camara dos deputados;

Considerando que a liberdade de associação, de reunião e de pensamento são no regimen monarchico portuguez simples frases de retorica;

Considerando que a propria liberdade de discussão parlamentar só pôde ser exercida com o assentimento d'uma maioria sem consciencia formada por nulos e vaidosos;

Atendendo a que d'essas manifestações da sua vontade resulta a certeza da sua aspiração categorica por uma vida nova;

Atendendo a que os partidos da realza têm todos, um por um, collocado a sua força ao lado do rei contra o povo, e procedido a favor do paço em sacrificio do paiz;

Atendendo a que nada de util se pôde esperar da sua acção, nada de honesto se pôde esperar das suas promessas;

Atendendo a que dada a indiscutivel separação da corôa e do paiz, o partido do rei não pôde deixar de proceder a favor do rei;

Atendendo a que o partido republicano portuguez expõe nos seus programas principios progressivos e perfeitamente consentaneos ao desenvolvimento da nação;

Atendendo a que pelo seu proceder e pela honestidade dos seus homens, só o partido republicano oferece garantias de seriedade governativa e administrativa; e

Atendendo finalmente a que a vontade da nação se manifesta de harmonia com os desejos e aspiração do partido republicano;

O povo de Coimbra reunido em comicio publico no dia 16 de dezembro de 1906 protestando energicamente contr a expulsão dos deputados republicanos e contra a lei de imprensa proposta pelo governo, declara estar ao lado do partido republicano e faz votos porque dentro em breve seja um facto a Republica em Portugal.

Ovação demorada ao illustre professor, cujas palavras foram ouvidas sempre no meio do mais ardente enthusiasmo.

O sr. dr. Nunes da Ponte, verificando que não havia mais ninguem escrito, poz á votação a moção que foi aprovada por aclamação.

Teve depois a palavra o sr. dr.

Teixeira de Carvalho

que começou:

Sr. presidente! Meus senhores! — Obedecendo ás ordens do partido em que milito, sou mais uma vez forçado a usar da palavra numa assembleia politica.

Faça-o contente, com a alegria que me dá sempre o cumprimento do dever, apesar de saber de mais que me faltam merecimentos que me imponham á vossa attenção e benevolencia.

Se me falta a eloquencia, nunca deixei de gritar em nome da liberdade e da justiça.

A mingua de arte sei falar alto e claro.

E tenho prazer em falar alto porque nas palavras altas que digo para os outros ouvirem, nunca deixei de ouvir a voz da propria consciencia.

Aplausos.

E nunca, como hoje, me seria tão facil falar, pois ouço ainda as vozes dos oradores que me precederam, e que nos vossos aplausos encontraram o eco duradouro e grave, que tem nas serras altas da terra, em que nascemos, a voz forte das tempestades.

Se eu podesse repetir-vos tudo o que ouvi e que volteia ainda á roda de mim num rugido de indignação e de revolta, como o da onda que se levanta, engrossa, e avança sempre, derribando todos os obstaculos num espumar de colera triunfante!...

Se eu podesse dizer-vos mais uma vez as palavras, com que abri este comicio o sr. dr. Fernandes Costa, esse exemplo raro de honradez e vontade, começando a trabalhar, bem novo, para ganhar o pão de cada dia, e de bem novo dominado pelo ideal republicano que o guiou e lhe deu forças para encetar, pobre e desprotegido, a carreira scientifica e nela triunfar e conquistar a posição invejavel que hoje ocupa no fóro portuguez, a situação que no nosso meio scientifico lhe deram o seu saber e as suas qualidades raras de professor, como o são os melhores do seu tempo.

Aplausos, bravos, vivas repetidos a dr. Fernandes Costa.

Como poderia, senhores, repetir as suas palavras eu, que me criei sem dificuldades pelo trabalho de meu pae sob o cuidado vigilante da mãe adora vel e adorada, que de mim afastou sempre cinceiras e preocupações?..

Bem quizera, senhores, dizer-vos agora as palavras do sr. dr. Nunes da Ponte, que, como as de um grande e austero caracter, ficam sempre profundamente gravadas em todas as consciencias.

Em estudante, eram os seus versos ditos de cor por os que com elle andavam aqui a estudar e que o respeitavam com enternecimento porque sempre encontrou nele bom e sã conselho, quem o procurou em horas amargas da sua vida.

Ovação a Nunes da Ponte. Palmas, aplausos e vivas calorosos ao illustre democratista.

No Porto, terra classica de democracia e liberdade, é o nome de Nunes da Ponte citado como exemplo de civismo, de dedicação partidaria, de caridade inexgotavel.

A sua obra de filantropia é, como a sua obra politica, a manifestação egual dum grande caráter.

Repetem-se as manifestações a Nunes da Ponte que interrompem por alguns momentos o orador.

Com que autoridade poderia eu, senhores, repetir-vos as suas palavras se me falta a sua grande vida de sacrificio e de dedicação experimentada pela causa republicana.

Para mim, senhores, o ser republicano tem sido apenas ocasião de alegrias e contentamentos.

Tem sido a minha dedicação pela causa republicana que me tem feito conhecido, estimado, respeitado e que tem dado um fim social á minha vida de aparente inutilidade.

O dr. Nunes da Ponte, senhores, tem devido á sua dedicação partidaria o ser bem temido, e mesmo no Porto, este homem absolutamente respeitado por todos, foi perseguido e preso pela autoridade, porque não pôde calar-se e não chamar ladrão a quem ia praticar um roubo, porque não pode deixar de chamar infame a quem ia praticar uma acção infame!

Enthusiastica ovação a Nunes da Ponte, como raras se tem feito em Coimbra. Os aplausos, os bravos e os vivas a Nunes da Ponte, á liberdade e ao partido republicano duram alguns minutos, numa manifestação sentida e calorosa.

Falta-me tambem, senhores, a mocidade para poder repetir-vos o que na vibração de todo o seu ser, na expansão da sua alma ardente de pensador e de artista vos disse Ramada Curto.

Aplausos, vivas a Ramada Curto.

Para poder, senhores, comover-vos tão sentidamente com a miseria do povo, como fez Malva do Vale, seria necessario, senhores, viver com éle na intimidade em que a sua posição de medico rural o põe com os pobres e desprotegidos, ter o seu temperamento de revolucionario, brilhando sempre numa chama tão viva e purificadora.

Grande ovação a Malva do Vale.

Não tenho tambem para impor-me ao vosso respeito os altos serviços que a causa republicana deve a Pereira Osorio; faltam-me, bem o sabeis, as qualidades politicas que fazem de elle uma das maiores forças organisadoras do nosso partido...

O orador é interrompido pela manifestação em que o publico se levanta a Pereira Osorio.

Como me atreveria eu a repetir o que com tanta autoridade disse, ainda ha pouco, o sr. dr. Angelo da Fonseca, professor exemplar no amor e na dedicação pelo ensino, entrando com tanto fogo numa polemica scientifica como num combate politico.

Sou medico, como éle, e como éle pertence ao pessoal docente da faculdade de medicina, mas não posso apresentar-vos os mesmos serviços que ele

tem prestado á sciencia do nosso paiz e que são seguidos desde o seu tempo de estudante até hoje.

Rico, nas vespuras do seu casamento, o dr. Angelo abandonou tudo para ir meter-se a estudar no Porto em pleno fóco da peste, arriscando-se a perder a fortuna e a noiva estremeçada.

Vivas ao dr. Angelo da Fonseca, bravos e palmas, que se repetem demoradamente, em quanto éle agradece confuso e sorrindo.

Como poderia eu dizer-vos o que com tanta mocidade, com o desassombro do seu grande espirito vos disse Campos Lima, alma de senhador, sempre na inquietação generosa em que trazem a consciencia contemporanea e sofrimento e a iniquidade, intelligencia forte que ha de sempre afirmar-se generosamente na lucta por a era nova de paz e amor para que caminha a humanidade.

Vivas a Campos Lima, aplausos prolongados.

Tudo me falta, senhores, para que a minha palavra possa levantar-vos num impeto de colera, num gesto redentor, os braços fortes.

E, senhores, pensando bem, vejo agora que nada d'isso me faz falta; porque não temos um combate a travar, não ha uma vitoria a ganhar.

Não, senhores!

A monarchia está morta e bem morta.

E sinto-me bem no meu logar, em frente d'este cadaver corrompido.

Temos todos os que mais velhos, combatemos ha mais tempo pela causa republicana, uma grande tarefa a cumprir; olhar para os que, no impeto das primeiras armas, vem confiadamente combater.

E' necessario evitar qualquer picada traiçoeira; porque a doença foi longa, a corrupção é grande e o cadaver putrido da monarchia está cheio de venenos maus!

Aplausos.

Passou a hora do combate, a ideia republicana é hoje triunfante em todas as consciencias.

Rio-me sempre dos que, a proposito de uma convulsão politica em Portugal vem falar em *Carmagnole* e guilhotinas.

E' linguagem doutra epoca. Tudo isso passou. Todos nós em pequenos tivemos lagrimas para a má gravura em que Luiz XVI se despede da familia antes de ir para a guilhotina; Maria Antonieta levando aos olhos num gesto curvo do braço, o pequenino lenço de rendas, Luiz XVI chorando sobre as cabeças dos filhos, debruçados a chorar sobre a barriga do rei que parece inchar como um ódre ao volume de tantas lagrimas.

Risos.

A nossa adolescencia chorou já Maria Antonieta, a bela rainha, e a Lambale...

Risos.

Todos nós nos enternecemos ao imaginar a aristocratica cabeça da princesa de Lambale passeada pelas ruas de Paris espetada num chuço, solta uma madeixa dos seus cabelos polvilhados em que balouça quasi a cair uma rosa do seu toucado, os olhos meio abertos, descidos os labios em que o carmin não deixou florir o lírio roxo da morte.

Em baixo a população e as mulheres de vida facil levantando as mãos a apenhar as gotas daquêle sangue aristocratico e quente que escorria pelos seus braços brancos e perfumados... Salsismo e literatura!

Como isto tudo tem envelhecido!... Hoje as grandes lutas são lutas de pensamento, o combate trava-se nas consciencias.

Ha poucos vistes ainda, senhores, na separação da Suecia e Noruega um frisante exemplo.

O partido republicano portuguez é um partido de ordem e de progresso. A sua causa está ganha na consciencia nacional.

Mas é tambem, senhores, um partido de liberdade e de justiça, por isso vem protestar hoje contra a expulsão do parlamento, de que foram victimas

os deputados republicanos Afonso Costa e Alexandre Braga.

Grande ovação a Afonso Costa e a Alexandre Braga.

Nenhum d'elles faltou ao seu dever, protestaram em nome da justiça, como Antonio José de Almeida, como João de Menezes, que tiveram as mesmas palavras de colera e de indignação.

Vivas a Afonso Costa, Alexandre Braga, Antonio José de Almeida e João de Menezes.

Foi denunciado um crime e o sr. João Franco poz-se adiante do criminoso, tentando impedir o castigo da consciencia nacional.

Nenhum dos deputados republicanos faltou ao seu passado: Afonso Costa foi o mesmo luctador ardente que desde novo, desde a sua vida academica, vem luctando pela Republica sem abaixar a sua voz, sem vender a sua pena.

Alexandre Braga foi bem o herdeiro do nome de seu pae, na eloquencia dominadora, no civismo, na audacia generosa do seu protesto.

Foi bem o representante da voz apaixonada de Guilherme Braga, o grande precursor de Guerra Junqueiro...

Grande ovação a Guerra Junqueiro que dura alguns minutos.

Guerra Junqueiro, senhores, honra a gloria da nossa raça, que sabe cristallisar numa obra prima cada uma das crises da nossa patria e que ainda ha pouco, senhores, soube no artigo da *Voz Publica* achar a formula definitiva que debalde tinham procurado outros artistas para definir um regimen.

Repete-se e mais entusiastica a ovação a Guerra Junqueiro.

Guerra Junqueiro que, no *Caçador Simão* teve uma satira tão fulgurante como as de Juvenal.

Nunca subiu mais alto o espirito da nossa raça.

Nova manifestação a Guerra Junqueiro, que interrompe o orador alguns minutos.

Engana-se, senhores, quem vê no sr. João Franco um irrequeto, cujos actos traduzem apenas a incoerencia dum sistema nervoso desorganizado ou em degenerescencia.

Não, senhores, o sr. João Franco é pelo contrario uma personalidade politica bem definida, a sua marcha, a marcha logica dum temperamento politico, com orientação certa que pretende encobrir apenas com a apparencia de um falso liberalismo, de um absoluto respeito pela lei.

Simplesmente, o seu temperamento politico não é o da sua epoca, e debalde procuráreis na França e na Inglaterra, com cujo exemplo pretende autorizar-se, homem politico de tão feroz autoritarismo, de espirito tão acanhado, de tão absoluta e indesculpavel sujeição a ideias que fizeram o seu tempo e marcaram uma epoca da evoluçõ da humanidade passada já.

O sr. João Franco é um retardado e como exemplo de retardado politico é perfeito.

Logo aos primeiros passos do seu governo a sua acção foi comparada á dos governos mais absolutistas por aquêles que os conheciam bem pelo muito que lhes tinham sofrido.

Lembraç-vos todos, senhores, dos artigos seguidos com que o combatea ao comecar, no *Comimbricense*, o grande jornalista que foi Joaquim Martins de Carvalho!

E não é sóra de proposito saudar tão grande nome, quando tudo se prepara para smagar a imprensa, a instituição que éle tanto honrou.

Grande e impressionante manifestação á memoria de Martins de Carvalho.

E é agora o neto deste homem o que mais aplaude a politica actual... Singular condão o do sr. João Franco...

Com éle, no seu governo de oppressão, no mesmo ministerio, está Luiz de Magalhães, o herdeiro do nome glorioso de José Estevão!...

Triste condão o deste homem!... Aplausos.

Política de opressão, arvorando sempre o exemplo da liberal Inglaterra, autorizando-se sempre com as normas da França republicana, e sempre mentindo!...

Creou leis ominosas, prometeu modifica-las, e a lei contra os anarquistas, sem exemplo na Inglaterra, não tem da legislação franceza as garantias que esta oferece ao reu e ao seu advogado.

A lei de responsabilidade ministerial é uma burla.

A reforma da camara dos pares, a maneira de inutilizar a guerra acerba que nela temido e se tem refletido em todo o paiz e deserdido seu.

A lei da imprensa seria o fecho digno deste governo de opressão.

Aos deputados republicanos que lhe pediram contas imediatas de roubos annunciados, o sr. João Franco respondeu que tudo dirá quando julgar oportuno.

Quando virá a oportunidade? É facil de ver: quando estiver aprovada a lei da imprensa!

Sensação. Aplausos.

Para isso afastou por um mez, um período largo, Afonso Costa e Alexandre Braga cujo talento e experiencia do fóro, difficil de enganar, o incomodava.

Depois viessem á vontade! Com a lei de imprensa estava amordçada a opinião fóra da camara. No parlamento, lá tinha a maioria para expulsar os deputados.

Muitas vezes com a benevolencia com que dou ouvidos a todos e que ás vezes é de mais, dizem-me: — O doutor... o doutor é para conciliar em mais a minha benevolencia... O doutor não toleraria tambem que dissessem do seu presidente o que os deputados republicanos disseram do rei.

Calorosos aplausos. Grande e bela manifestação da assembleia, que se conserva muito tempo applaudindo.

D'ali saíria a demissão do ministro ou do presidente!

Mas, senhores, é de mais tanta indignação! O que fazia a Republica, sabe-se por o exemplo da Republica franceza. Grevy, era um presidente geralmente respeitado.

O genro appareceu de repente envolvido num negocio escuro de condempnações e saiu ignominiosamente das camaras. Conseguiu ser eleito, porque bons e maus cidadãos ha-os em todos os regimes.

Para fazer a republica em Portugal não teremos de mandar vir cidadãos de fóra.

Para isso é que serve a força moralisadora dos regimens. Os regimens maus corrompem, os bons moralisam.

O genro do presidente da republica foi nomeado deputado; mas já não encontrou o sogro no poder.

Grevy não era já presidente da republica. Nos governos democraticos a suspeita não é permitida.

Aplausos demorados.

O sr. João Franco denunciou um crime e quando lhe exigem a responsabilidade do criminoso responde: que não é crime, que é um acto de administração: é reinar!

É, senhores, porque as palavras têm por vezes as mais opostas significações. E' reinar... Todos sabem no nosso paiz quem reina, quem brinca, como o disse com espirito Leal da Camara numa caricatura celebre.

fico com a ideia de que isto foi sempre a mesma coisa. Não temos degenerado. E' consolador...

Hontem, ao acaso da leitura, encontrei eu na cronica de D. João II um capitulo que se intitulava *Do que el-rei fez a Rui de Souza por duas vezes*. Li por curiosidade. E' um caso que parece de hoje. Era Rui de Souza, homem de muita graça, vivo saber, muito despejado de linguagem e muito estimado de el-rei.

Conta o cronista que um dia, ao ve-lo el-rei de rosto mudado, lhe perguntára pelo desgosto que tanto o entristecia.

Tenho necessidade, senhor, respondeu Rui de Souza, de trez mil cruzados emprestados.

Maravillhou-se o rei do dito; porque já nesse tempo os reis portuguezes não faziam mercês do seu bolso aos seus vassallos, e disse-lhe: Como posso eu servir-te em tal apuro?

— Ide no domingo, senhor, voltou-lhe Rui de Souza, á rua Nova dos Mercadores e fazei-me algum favor.

No domingo lá foi el-rei á rua Nova. Estais a ver o scenario: damas á janella, os mercadores curiosos á porta e el-rei D. João II passando ao som de trombetas e atabales, charamelas e saca-buxas do que o povo todo recebia muito contentamento...

Fez-se D. João II admirado ao ver Rui de Souza. D. João II, o principe perfeito, fez-se admirado!...

Chamou Rui de Souza e só falando com elle deu trez voltas rindo e folgando ambos.

Em certa altura perguntou el-rei: — Isto vos abastará, Rui de Souza? — Senhor, lhe respondeu ele despejadamente, já ha uma voltinha a mais.

Ao outro dia foi Rui de Souza á rua Nova e só dois mercadores que falou lhe emprestaram os tres mil cruzados, e, se vinte mil quizera, escreve generosamente Garcia de Rezende, tantos achára!

Não diz a cronica se os mercadores ficaram sem o seu dinheiro...

Tenho visto repetir este caso muitas vezes. Ha um homem sem dinheiro e sem credito, perdido no conceito publico. Um dia diz-se que el rei lhe falou no paço, que deu com elle umas voltas em Cintra...

Começa a dizer-se que será ministro em breve, e um dia é chamado ao conselho da coroa sem admiração para ninguem.

E' ministro e de repente apparece-nos rico, com acções em varias companhias, diretor d'outras, governador de bancos...

Roubou? Quall! Voltas que el-rei lhe deu!...

Risos, aplausos.

Outro morreu e começam todos: Olha os republicanos a dizerem que era tão ladrão, e morreu pobre, coitadinho!

Mas breve se vem a saber que tinha muito dinheiro á ordem num banco inglez...

Roubou? Ora! Voltas que deu com el-rei!

Calorosa manifestação.

Historias de bancos ingleses, sei eu mais e melhores e contava-as se me dessem licença...

Olha para a autoridade.

Não dão!...

Risos e aplausos.

Nestas voltas se têm desacreditado a coroa e os ministros.

E' o caso antigo, o que variam são os cronistas: o bom Garcia de Rezen de contava, o sr. João Franco se lhe falou de adiantamentos manda calar, não quer que se escreva de taes voltas!...

Grande e prolongada manifestação.

Vou terminar, para não acabar ás escuras.

O dia cae agora rapidamente e eu não tenho a eloquencia prestigiosa do sr. João Franco, o tal rasto luminoso do sol...

Risos prolongados. Aplausos.

Afora as providencias vexatorias, que caracterizam o governo de opressão do sr. João Franco, não se encontram na sua administração outras que não representem encargos novos para o tesouro.

Num paiz posto a saque, arruinado, tantas vezes ameaçado de bancarota, o sr. João Franco propõe o augmento de soldo aos officiaes, o augmento de ordenado aos professores, as pensões a estudantes e a mestres no estrangeiro e, senhores, o augmento da lista civil!...

Donde virá dinheiro para tudo isto, onde encontrou o sr. João Franco estes tesouros que vão abrir-se como em terra encantada? Donde?

Da caverna de ladrões que, no dizer muito repetido do sr. João Franco, tem sido a administração publica em Portugal.

Como no conto oriental, a caverna de ladrões abriu-se deante do sr. João Franco.

Bastou lhe pronunciar a palavra magica de liberdade.

Entrou, disse-o o discurso da coroa, para dar satisfação á opinião publica.

E a caverna dos ladrões abriu-se deante d'ele, ao pronunciar a palavra santa — Liberdade, a mesma que elle ouvira sempre aos que antes d'ele lá tinham entrado; porque foi sempre evocando a liberdade, a moralidade e a economia que entraram na administração publica portugueza os outros ladrões.

O programa do sr. João Franco não é novo, nem nas ideias nem na falsidade, é a comedia antiga dos partidos monarchicos em Portugal.

Aplausos, vivas e bravos.

O sr. João Franco não está combatendo lealmente no parlamento com os deputados republicanos; o sr. João Franco não está na cova dos leões; o sr. João Franco furta-se e esconde-se na caverna dos ladrões.

Manifestação de aplauso, ruidosa e demorada.

Só poderá sair honrosamente invocando a liberdade, a palavra magica com que entrou.

O sr. João Franco, porém, não quer sair, e quando lhe dizem que pronuncie outra vez a palavra com que começou a governar, tatumudeia, gagueja e diz que lhe esqueceu!...

Aplausos ruidosos, vivas aos deputados republicanos, á liberdade, á patria.

Só evocando a liberdade poderá sair com honra!

Repete-se a ovação que vae augmentando de entusiasmo.

De contrario sairá com oprobrio: a mão forte do Povo agarra-lo-ha pelo seu pescocinho fraco e arrasta-lo-ha para fóra da caverna dos ladrões...

O orador é interrompido por uma calorosa manifestação que dura alguns minutos.

A mão forte do povo agarra-lo-ha pelo seu pescocinho fraco e arrasta-lo-ha para fóra, de cabeça baixa, entre vaías e apupos...

O orador é interrompido de novo pela assembleia que se levanta hostile, numa grande e entusiastica manifestação contra o sr. João Franco.

O orador vê-se obrigado a repetir a frase interrompida:

O sr. João Franco não quer sair da caverna dos ladrões honrosamente, pois sairá com ignominia; lá o irá buscar a mão forte do povo que o agarrará pelo seu pescocinho fraco de raquítico e enfezado...

O sr. commissario de policia intervem, pedindo á presidencia para fazer advertir o orador de que está saindo fóra da ordem, e, ao despropósito, levanta-se a assembleia numa grande e forte manifestação de aplauso ao orador, de censura á autoridade.

Durante alguns minutos a assembleia apresenta um aspecto agitado. De toda a parte irrompem vivas ao partido republicano, á liberdade, á patria.

O sr. dr. Nunes da Ponte levanta se pedindo ordem e a assembleia cala-se mal o sr. dr. Teixeira de Carvalho continua:

Senhores, não é a mim que alguém poderá acusar de promover motins e desordens.

Eu defini bem aqui a attitude do meu partido, que é um partido de ordem e progresso.

Nunca a minha palavra se levantou a autorisar a violencia.

As palavras precisam de ter sempre mais intelligente comentario que o da gramatica e do dicionario.

Ovação prolongada.

Eu disse e repito: o sr. João Franco só poderá sair com ignominia do poder se não evocar a liberdade.

E sairá corrido pelo povo; mas é pequeno o corpo do homnculo para a mão de tal gigante!...

Aplausos.

O partido republicano não aconselha nem determina motins nas ruas. Não será o partido republicano que provocará a desordem na grande familia portugueza.

Deixa ao sr. João Franco esses irritantes e inuteis movimentos de tropas, as manifestações militares provocantes como as do Porto...

Falava-se já em ditadura, apparece agora a ditadura militar.

Pará quê? Quererá o sr. João Franco, que amesçon o rei de o abandonar se elle despresos os interesses da nação, formar uma dinastia nova?

Teremos mais um D. João na historia, o primeiro depois de D. João VI? Aclamaremos ainda João... Perdão!...

Aclamaremos ainda D. João VII, o fervilha, depois de D. João VI, o... o... o patientissimo...

Risos.

Provocações á desordem não estão nem no animo do partido republicano, nem no meu!

Repito pois a frase interrompida com o direito que julgo ter de u fazer.

Aplausos.

Só evocando a liberdade poderia sair com honra o sr. João Franco da caverna dos ladrões. Não quer? Hade sair com ignominia.

A mão forte do povo agarra-lo-ha pelo seu pescocinho fraco, e arrasta-lo-ha, de cabeça baixa, entre vaías e apupos, e com fama de tão ladrão como os outros!...

Ao acabar o sr. dr. Teixeira de Carvalho, o publico levantou-se na mais extraordinaria manifestação republicana, grande pelo entusiasmo e pela força dominadora que saia daquela multidão, aplaudindo, gritando, vitoriando os deputados republicanos e os vultos mais em evidencia do partido republicano, dando vivas á liberdade, á patria e á Republica.

Muito tempo esteve de pé o sr. dr. Nunes da Pontes antes de poder encerrar o comicio com as palavras de paz e fraternidade que acatou completamente a multidão que o aplaudiu mais uma vez freneticamente.

Receberam-se na meza os telegramas seguintes, além de numerosas acções cuja lista, por extensa, publicaremos em outro numero.

PORTO — Nome partido republicano Porto, saudo povo democratico Coimbra, associando-me protestos formulados comicio. — Antonio Coelho.

GUARDA — Em meu nome saudo grupo academico. Todo partido cidade. — Bigote.

VIZEU — Republicanos Vizeu saudam povo republicano Coimbra. Aderem entusiasticamente seu justo protesto. — Pela comissão municipal republicana — Carlos Lemos.

AGUEDA — Grupo republicano concelho Agueda, fraternisa correligionarios Coimbra. — Eugenio Ribeiro

Dois nossos estimados correligionarios da Figueira da Foz recebeu se a seguinte

Moção

O Centro eleitoral republicano José Faleão, da Figueira da Foz:

Considerando, que o governo mandando expulsar do parlamento, pela força armada, os deputados republicanos, cidadãos drs. Afonso Costa e Alexandre Braga, cometeu um atentado contra as instituições parlamentares, que revolta todas

as consciencias livres e o brio dos verdadeiros patriotas;

Considerando, que aquelles deputados no pleno uso de um direito, apenas se limitaram a esclarecer o povo, dizendo bem alto e desassombradamente o que representam esses «adeantamentos», denunciados pelo governo como ilegalmente feitos á casa real, classificando os pela forma que em verdade o devem ser e pedindo d'elles estritas contas;

Considerando que essa violencia é a negação mais completa do pseudo-liberalismo do sr. João Franco tão apregoado nos seus centros, no seu programa e nos seus discursos parlamentares, um dos quaes, por suprema desvergonha, vae ser chapado ás esquinas das ruas, o que representa uma grave afronta feita ao paiz;

Considerando que, por essa forma, o governo se divorcia cada vez mais da vontade do povo, que exige inteira e completa fiscaliação dos dinheiros publicos e contas da sua applicação, ao que elle propositadamente se tem recusado, não dizendo a soma daquelles «adeantamentos», quem d'elles se aproveitou e quando e por que forma foram effectuados;

Considerando que o governo não cumprindo por agora aquelle seu dever vae de preferencia fazendo aprovar leis que pohnam a coroa á coberto dos ataques do povo, taes como: a da contabilidade publica, pela qual são liquidadas as responsabilidades anteriores; a de applicação, que ameaça a existencia dos centros republicanos; a de imprensa, amordçando a liberdade de pensamento, e ainda a nova lei sobre o anarquismo, estabelecendo assim uma forte rede de repressão, a coberto da qual possam regularizar-se «adeantamentos» e praticar-se toda a casta de atropellos contra a liberdade e direitos dos cidadãos que só poderão, quando desatendidas as suas justas reclamações, apelar para a Revolução, extremo a que o governo parece apostado a impeli-lo.

Resolve, por unanimidade, em assembleia geral de todos os socios, protestar energicamente contra a expulsão do parlamento dos deputados ara, drs. Afonso Costa e Alexandre Braga e ainda contra a marcha reaccionaria e retrograda do governo, dando a sua incondicional e completa adhesão ás resoluções que forem tomadas no comicio, afirmando por esta forma a sua inquebrantavel fé democratica e inteira confiança no Directorio do partido republicano que, neste momento critico da politica portugueza, consubstancia a esperanga de todos os patriotas.

Figueira da Foz, 15 de dezembro de 1906.

A mesa da assembleia geral, José Joaquim Alves Fernandes Aguas, José da Luz, José Augusto Germano Alves.

A Direcção, José da Silva Fonseca, Joaquim da Silva e Sousa Junior, Joaquim Augusto Guedes, José Nunes da Silva.

Album republicano

Acaba de se publicar o 1.º fasciculo desta obra destinada a coligr os retratos das personalidades mais em evidencia no partido. Contem este numero 3 belas fotografuras dos sr. drs. Teofilo Braga, Manuel d'Arriaga e Bernardino Machado.

O preço de cada fasciculo é de 40 reis.

Representante em Coimbra, Livraria Academica. Deposito em Lisboa, rua de S. Bento, 357, 2.º D.

Nota

Por doença do nosso director não pôde este jornal sair na segunda feira, vindo por isso com composição a mais, o que faremos ainda noutro numero proximo de forma a indemnizar os nossos assinantes da perda involuntaria do numero passado.

ASSOCIAÇÃO DE CLASSE DAS ARTES GRAFICAS DE COIMBRA

(1.ª convocação para assembleia geral)

São convidados os socios d'esta collectividade a reunirem em assembleia geral no dia 23 do corrente, pelas 11 horas da manhã, no sêdo do Centro Republicano, Largo da Freiria, a fim de lhe serem presentes umas emendas nos Estatutos, que a Comissão julga indispensaveis fazer, discuti-las e approval as.

Coimbra, 16 de Dezembro de 1906.

O secretario, J. Pereira da Mota,

RESISTENCIA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS

Editor

MANUEL D'OLIVEIRA AMARAL

Redacção e administração — RUA FERREIRA BORGES

Officina tipographica

12 — Rua da Moeda — 14

N.º 1167

COIMBRA — Domingo, 23 de dezembro de 1906

12.º ANNO

A lei de imprensa

Ha factos que por muito anormais e por muito extraordinarios, nem por isso deixam de ser logicos e consequentes. Assim como as doenças são, segundo criterios scientificos, o desenvolvimento de estados normaes levados além dos limites da variação normal, tambem os factos patológicos em politica são muitas vezes a consequencia de orientação geral sadia. Esta lei de imprensa que o governo actual protege e tem a audacia de levar ao Parlamento, é um fenomeno patológico é certo, mas consequente, absolutamente justificavel. Ela é um crime, é verdade; mas crime como é, encontra a sua legitimação em crimes antecedentes e na nossa apatia, na nossa indecisão e na nossa extrema ingenuidade.

A monarchia defende-se. E em época de luta, já o dizia o rei em carta que é do dominio publico, todas as armas são senão boas, ao menos aproveitaveis.

No seu papel de defeza, a monarchia não só se encolhe para melhor receber o ataque, mas tambem afia as garras para com melhor felicidade se sair bem do assalto. A culpa de ela nos querer amoldar com essa ignominiosa lei de imprensa, é só nossa. Nós temos deixado a sua vida quasi que em paz.

Os nossos protestos pouco mais têm sido que protestos platonicos e verbosos. Temos feito manifestações, é certo, mas d'essas manifestações têm saído os acutilamentos da municipal e as sabradas da policia. Temos desprezado os recenseamentos, e só Lisboa conseguiu depois de muito esforço e de muito trabalho levar ao parlamento quatro deputados republicanos. Temos andado numa onda de simpatia, applaudindo os variados Messias que se têm apresentado, desde o actual presidente do conselho ás frases declamatorias e abaritonadas do sr. João Arroio. Temos suportado muita coisa; porisso a monarchia pede que suportemos mais.

Ela quer que legitimemos os *adeantamentos* ilegales á Casa Real. Ela quiz que suportassemos um austriaco na pasta da fazenda. Ela obrigou-nos á vigilância das autoridades e da municipal nos nossos comicios. Ela impede que os nossos jornaes falem claro em questões de moralidade publica. Ela expulsou, á força armada, dois dos nossos deputados. E nós tudo aceitámos, perante tudo nós ficamos, protestando com palavras apenas, como se as palavras não fossem já para o louco de Elsenor, palavras, palavras e palavras sómente. De sorte que a monarchia vendo a nossa attitude, ajira-nos á cara, em paga d'esses protestos, com essa lei de imprensa que é além de vergonhosa pelas suas disposições, reprovada pelo seu espirito. O presidente do conselho faz-nos voltar

ao seculo xviii, a esse tempo do Pina Manique, em que os enciclopedistas eram tidos como autores demóniacos que o povo portuguez não podia ler sem cair no pecado.

Irá ávante a lei? Quem o duvida? Não tem o governo uma maioria de subservientes que aplaudirá tudo quanto seja da sua iniciativa, seja a coisa mais estúpida, mais afrontosa?

E é preciso que a lei seja aprovada e posta em vigor. E' preciso que os jornaes não possam falar como lhe competiria, quando o presidente do conselho apresentar as contas dos *adeantamentos*, e propuzer o aumento da lista civil. E' preciso ter a imprensa amordaçada, para que o presidente do conselho possa amanhã, se os seus nervos estiverem mais irritados, decretar a pena de morte, o saque ás nossas casas, o incendio das nossas granjas e o gaudio constante e feerico dos paços reaes. E' preciso que a lei passe. E ela passará.

Seja feita a vossa vontade, real senhor!

Mensagens e protestos

As mensagens ao governo obtiveram um total de 3:567 assinaturas. Serviram-se para isso de todos os processos, de todos os estratagemas, ameaçaram, pintaram o demonio. E ao fim de tanto trabalho, vac a ver-se e 3:567 assinaturas.

Os protestos contra a expulsão dos deputados republicanos, deram 44:389. De Coimbra e terras proximas, eis a nota:

Coimbra	1.284
Figueira	391
Mogoforos	65
Louzã	32
Cantanhede	32

1.804

Ponha aqui os olhos o governo. A fazer face aos seus 3:567 adherentes, nós temos 44:389 homens que por escrito, protestam contra a expulsão dos deputados republicanos e os nove comicios concorridos, imponentes, significativos, que domingo passado se realisaram pelo paiz afirmando a sua aversão á obra governativa.

Seja o sr. presidente do conselho mais leal e mais grato. Mais lal, não dizendo que governa com a opinião publica; mais grato afirmando pelo contrario que governa com a corôa. Agradeça á corôa, e deixe o paiz que nada quer com ela.

Protesto contra a lei de imprensa

O sr. dr. Angelo da Fonseca fez-se representar junto da comissão que foi ao parlamento entregar o protesto contra a lei de imprensa pelo professor da Escola Medico-Cirurgica de Lisboa — dr. Augusto de Vasconcelos.

Afim de assistir ao grande banquete republicano que hoje se realiza em Lisboa em honra dos deputados republicanos seguiram hontem para a capital os nossos correligionarios srs. dr. Bernardino Machado, dr. Angelo Fonseca, dr. Fernandes Costa, Cassiano Martins Ribeiro e Jaime Lopes Lobo.

Para sub-delegado da comarca de Pombal, foi nomeado o sr. Fortunato Maria Monteiro de Figueiredo.

RECENSEAMENTO ELEITORAL

A's quartas e domingos ás 8 horas da noite encontra-se aberto o centro eleitoral republicano José Falcão para os cidadãos que desejarem reconhecer os documentos necessarios para o recenseamento eleitoral.

Na Camara dos Deputados

Dois factos se deram na Camara dos Deputados, que chamam a nossa attenção nesta época de paz pôde ministerial. A manifestação a Teófilo Braga e Bulhão Pato, e a entrada dos dois deputados expulsos, os drs. Afonso Costa e Alexandre Braga.

A manifestação ao grande pensador portuguez e ao velho poeta é o sintoma da falta de consciencia da maioria parlamentar, da sua imbecillidade e da sua falta de criterio. Essa maioria parlamentar que só em ser maioria mostra o seu antagonismo com o espirito de Teófilo, ela que pelo seu procedimento publico mostra não ter a minima consideração pela obra do grande pensador, ela que tem demonstrado pelos seus votos, não conhecer uma linha do que Teófilo escreveu, vem muito ancha e muito senhora do seu nariz congratular-se pela presença de Teófilo nas galerias. Não lamenta essa maioria a ausencia do Mestre; não deixa o seu lugar para que ele tome assento na sala, não escuta as suas palavras, nem segue os seus conselhos. Nada disso! Congratula-se porque Teófilo é extranho á camara, porque Teófilo vai lá a apresentar um protesto contra uma lei que ela apoia, defende e perfilha; congratula-se ela, essa maioria que sommada não vale a decima parte do que vale Teófilo, ela que ha de passar ao futuro pela sua nulidade, pelos seus crimes, pela sua retorica estúpida e infamante!

Essa maioria que devia fugir envergonhada e confusa ante a presença do grande Mestre, tem a coragem de congratular-se! Que ingenuidade a do sr. Moreira d'Almeida! Que ingenuidade e que creancice!

Que valor tem essa manifestação do Parlamento? Que direito tem a maioria de congratular-se? Quem a levou a S. Bento, senão a vontade do Ministerio do Reino, as falcatruas dos recenseamentos, o misterio das urnas dirigido pelos caciques e pelos inconscientes galopins provincianos? Com que direito vem essa maioria manifestar-se perante um homem que é nosso, um homem que é da nação e que nunca se enlameou nas alcantufas do Paço nem se sujou nas pastas dos ministros?

Voltaram ao Parlamento os srs. drs. Afonso Costa e Alexandre Braga. Voltaram, para quê?

A maioria expulsou-os entre apupos e punhos cerrados, porque elles defenderam a nação e acusavam os culpados ou o culpado de toda a nossa ruina financeira, de toda a nossa desgraça economica. A sua altivez e as suas palavras justas chocaram as convicções monarchicas da maioria (M. de C., J. T. etc., etc. convictos!), fizeram tremmer os nervos do presidente do conselho e amedrontaram os continuos. Eles eram, naquêllo momento, a sintese de todos os nossos gritos, a resultante de todos os nossos esforços, elles representavam indiscutivelmente a vontade nacional. A maioria expulsou-os como quem expulsa cães tinhosos. Para que os aceita ella agora, imagina a maioria que esses dois deputados deixaram de ser o que sempre foram? Imagina a maioria que elles hão de curvar-se ás suas imposições, á sua vontade e submeter-se aos seus vexames? Quanto se engana a maioria!

Eles continuarão no seu posto de honra, acusando os ladrões se os houver, os traidores se aparecerem, os criminosos se a ocasião se prestar. E depois dessa accusação formal, clara e terminante, essa mesma maioria, ela que applaudia Teófilo e que os recebe agora, ha de expulsal-os novamente.

Para quê esse novo trabalho? Porque é que a maioria não os poz fóra dumavez para sempre?

Sindicancia á Casa Real

Eis a proposta apresentada aos deputados pelo nosso eminente correligionario sr. dr. Afonso Costa. O deputado republicano propõe:

«Que se nomeie uma comissão de inquerito, composta de membros de todos os partidos politicos representados nesta casa, que seja encarregada de apurar urgentemente qual é a situação da Casa Real nas suas relações economicas e financeiras com o Estado, determinando as quantias que aquela tem recebido ilegalmente, fixando as responsabilidades de todos os infratores e propondo á camara as providencias necessarias para o reembolso do tesouro publico e castigo dos culpados.»

Claro que a maioria votou contra a urgencia desta proposta e não ha de admitir a nomeação dessa comissão sindicante.
Inda o dizes!

Querelomania

Começou. Não ha duvida. A abrir o cortejo vac o *entête* da *Voz Publica*, o celebre *entête* em que Guerra Junqueiro numa frase admiravel definiu os dois inimigos que vivem em Portugal: quatro milhões de almas e aquellas arrobas de cebo... que todos conhecemos mais ou menos.

Agora, ultimamente, temos mais a *Voz Publica* querelada em duplicado, e o *Primeiro de Janeiro*. Voltamos aos tempos sandudos do rei dos Navegantes. Andava a imprensa folgada, e folgada de mais nestes tempos de *adeantamentos* e de uma opinião de 4:000 homens.

Andava a doença afastada do governo. E numa época de economias em que se pensa em aumentar a lista civil e o soldo a officias do exercito, é necessario ir aos jornaes e suferir-lhes uma certa receita muito util para se encher o tesouro publico. Faz bem o governo em promover essa querela, para ir habituando a imprensa, para lhe ir mostrando praticamente a beleza de vida que será quando a nova lei estiver em vigor.

No dia 10 do proximo mez de janeiro deve realizar-se no quartel do distrito de recrutamento e reserva n.º 23, em Sant'Anna, a inspecção annual aos reservistas de 1.ª e 2.ª reserva, pertencentes ás freguezias de Castelo Viegas, Trouxemil, Vil de Matos, Assafarge, Antanhol, Souzelas, Ribeira de Frades, Torre de Vilela, S. Silvestre, Antuzede, Taveiro, Brasfemes e Lamarosa.

No dia 27 do mesmo mez de janeiro as freguezias de S. Martinho do Bispo, Almoaguez, Santa Clara, Ameal, Boitão e Sé Nova de Coimbra.

Camara dos deputados

Sessão de 24 de dezembro

Do discurso do dr. Afonso Costa:

Defeitos geraes do projeto — A Universidade em 1850 e 1906 — Professores novos, sabujos da tirania franquista

Nesta altura, o orador referiu-se a um membro da maioria, estranhando que elle tivesse dado o seu apoio a uma obra, juridicamente monstruosa, e, moralmente indigna; e, recordando o exemplo dado pelos professores da Universidade no seu protesto contra a lei das rolhas, em 1850, acentuou que os lentes de então eram bem mais liberaes que os lentes franquistas de hoje, encontrando-se nesse tempo, até na faculdade de teologia, professores que pugnavam pela liberdade do pensamento.

A lei das rolhas de 1850, disse o orador, era muito mais liberal que o projeto de hoje, pois admitta o juri para quasi todos os casos. Apesar disso, protestaram contra ella 43 professores da Universidade, e entre elles, 13 da faculdade de direito, os srs.:

Vicente Ferrer Neto Paiva
Francisco José Duarte Nazareth
Justino Antonio de Freitas
Francisco Ferreira de Carvalho
Joaquim José Paes da Silva
Antonio da Cunha Pereira Bandeira de Neiva
Domingos José de Sousa Magalhães
Joaquim dos Reis
Vicente José Seiça Almeida e Silva
Bernardino Joaquim da Silva Carneiro
Bernardo de Serpa Pimentel
Adrião Pereira Forjaz de Sampaio
José Maria Russa.

Já não foram nossos mestres estes 13 liberaes, alguns tão notaveis na sciencia juridica; mas aqui algum poderá ainda aprender com a sua attitude nobilissima de 1850 que tão vivo castigo impõe para o contraste aos partidarios e serventuarios do chefe do governo em 1906.

RECENSEAMENTO ELEITORAL

Formulas do requerimento

Requerimento por saber ler e escrever

Ex.^{mo} sr. secretario da camara municipal de Coimbra:

F... de... annos, (casado, solteiro ou viuvo), (profissão), morador na rua de..., freguezia de..., sabendo ler e escrever, requer a sua inscrição no recenseamento eleitoral.

E. R. M.

Data.

Assinatura.

Requerimento de inscrição por pagar decima

Ex.^{mo} sr. secretario da camara municipal de Coimbra:

F..., filho de F... e de F..., natural de..., de... annos de idade, (estado e profissão), morador na rua de..., n.º..., freguezia de..., desejando a sua inscrição no recenseamento eleitoral, visto ser coligado por contribuições directas do estado em quantia superior a 500 réis, segundo o n.º 1 do art. 1 e n.º 2 do art. 21 do decreto de 29 de agosto de 1901,

Pede a V. Ex.^a se digne manda-lo inscrever na relação dos eleitores da sua freguezia.

E. R. M.

Data.

Assinatura.

DE LISBOA

Acabo de assistir á entrada no Parlamento, da redação d'O Mundo que vai levar aos dois deputados expulsos a mensagem de protesto da paz.

Raras vezes tenho assistido a manifestações assim. Cada vez que se convenço mais de que Lisboa é republicana.

Já, ao meio dia, era grande a aglomeração de gente nas proximidades da redação do valente jornal republicano. Falava-se alto, gesticulava-se, movia-se altivamente aquela massa enorme de gente, como se em todos houvesse a vontade de uma afirmação categorica, de uma condenação terminante.

A policia abundava. Os bufos circulavam medrosos e desconfiados, apinhando as conversas, naencia de encontrar a demonstração de que a Republica ia ser proclamada.

As janelas apinhadas. Nas ruas, a circulação quasi impedida. Em dia de trabalho, como se juntou tanta gente, a policia heterogeneidade tão rara, cartolinas listrosas e blusas enxovalhadas, botas de polimento e sapatos de couro bruto? É que se tornava preciso dizer ao governo, bem alta e bem claramente que estavam ao lado dos dois deputados republicanos, que os apoiavam, que os defendiamos.

As duas horas e meia de tarde, saia da rua das Gaveas, a redação d'O Mundo. Logo o povo se acotovelava para seguir, logo se dispõe para a acompanhar a S. Bento, na congregação do mesmo protesto, na penetração de um dever honroso. Mas a policia não o permite. A redação d'O Mundo irá isolada. Cercam-na cordões de policia. E então o povo, ordeiro, mas altivo, escôa-se pelas ruas laterais para a ir apenhar no largo de Cambes. Nova paragem, porque nova intervenção da policia. Retira-se outra vez o povo e deixando a rua central, vai pelas ruas da Estrella, Chagas, etc., saír ao cimo da Calçada do Combro. Nova intervenção da policia, esforços inauditos para conter o povo, a desvia-lo da manifestação. Mas o povo continua e vai aparecendo quer nas Poyaes de S. Bento, quer na Calçada da Estrella, quer no largo das Côrtes. Mas sempre agitada esta multidão, sempre alegre como se caminhasse para um triumpho, para uma consagração heroica.

Entrada a redação do Mundo no edificio da camara, a multidão reinou quer pela avenida D. Carlos quer pela calçada da Estrella. Seguiu a policia. Erguiam-se vivas, saltavam gritos, davam-se palmas. Era a alegria de quem cumpria um dever, de quem afirmava a sua vontade. Mas surge ao fundo da calçada da Estrella uma numerosa força de policia. Vae o povo resistir? Não! Vae tentar passar. Mas a policia urbanamente começa a distribuir murros e sócos. Ante essa attitude a multidão defende-se e como milagrosamente dos predios caem pratos, vasos, copos, tachos, garrafas, etc., que fazem a policia enfurecer-se, enriquecer a bagagem, atagar os sabres. Mas contive-se de esta vez. E perante essa manifestação, a policia vai recuando e o povo vai-se escoando.

Já a normalidade voltou ás ruas. E agora, eu penso no que poderá fazer toda esta multidão, um dia, quando ela quizer...

Tenho bem gravadas na memoria as duas mais imponentes manifestações que eu tenho assistido: a manifestação de Loubet e o enterro de Heliodoro Salgado. Uma cheia de risos e de palmas, de vivas e saudações, alegre como as alvoradas... Outra cheia de tristeza e comoção, revoltada e ardecente. Mas ambas grandiosas, symptomáticas e altivas.

E eu que do fundo das galerias tenho ouvido o presidente do conselho afirmar que governa com o paiz, não sei que mais admirar: se o deslançante d'esse homem fazendo essa afirmação, se a serenidade d'esse povo tolerando-o e aturando-o.

Antonio.

Foram nomeados para fazer parte do júri dos proximos concursos para o magisterio secundario os s. s. drs. Alves dos Santos e Porfirio Antonio da Silva, professores da Universidade.

O Coimbra Centro, sociedade de instrução e recreio, mudou a sua sede para a rua da Mocda n.º 58, 2.º andar.

A mensagem franquista

Este os signatarios da mensagem — tudo gente diplomada nos termos do proprio documento — lêem-se os seguintes nomes:

— Isidoro Lobo, proprietario; não existe. Ha um mas é carpinteiro e não nos consta que seja diplomado;

— Antonio Maria, industrial. O paiz é, o filho, pelo menos, não paga a respectiva contribuição;

— Antonio dos Santos Fonseca; em Coimbra ha um cidadão com este nome, mas a mensagem cá nos e novidade de que existem dois;

— João Dias Ferreira, industrial; conhecemos um pintor de louça com este nome, mas industrial não nos consta que exista nenhum;

— Lopes & Ferreira — assignou a firma para atestar responsabilidade colectiva, e depois cada um dos socios em para atestar responsabilidade individual!

— Francisco Rodrigues da Conceição, industrial; conhecemos um cidadão com este nome, mas é sacristão de Santa Cruz; não ser industrial de hostias não lhe vemos outra industria...

— Joaquim Augusto Ferreira, industrial; a profissão de cocheiro confere direito á categoria de industrial?

— Joaquim Augusto das Neves Eliseu, industrial; não sabemos que os empregados da Escola Bratero eram industriais!

— Antonio Alves Pereira, empregado publico; novo titulo e modestissimo, para não dizer policia da creta — vulgo...

— Carlos Maria Mequita, industrial. Na Imprensa da Universidade ha um porteiro e continuo com este nome. Será o mesmo?

— Joaquim Augusto Ferreira, industrial; com a profissão de cocheiro existe um, que por sinal é de menor idade.

E como estas malignicias outras por lá ha...

Literatura e arte

VELHARIAS

do Carlos Sacadura Mascarenhas

Lembra-me ainda, de rapazião, as minhas idas para a Louzã, a diligencia devagarinho, rompendo as sombras da antemanhã.

O velho carro na Estrada Nova, já aos balouços, qual nat a vela; com muita «praga», com muita sovelia se chegava junto á Po tella...

Seguindo sempre do rio á beira, (linda paisagem, dava saide!) ouvindo os risos do velho Ceira, mostrando os dentes de algum çgude...

Os carros de bois, galeras, gados, tudo a memoria fiel me retrata: e os carroceiros enfarruscados levando os machos pela sariata.

Aos mais alegres dos passageiros, para se rirem, tudo servi; e perguntavam aos carroceiros: — Lá no São Paulo já deu meio dia?..

Tudo tão simples, tão primitivo, tudo era visto «tão devagar»... cada incidente era um bom motivo de passar tempo rir e folgar...

Dizem-me agora: — Commodity da linha ferrea... não ha melhor! — Mas d'esses tempos, ai que saudade, quando estavava para do tor!...

Dizem-me ainda: — Traz relações e outras vantagens das minhas reaes... — Mas são as «mesmas» as «estações», mais os seus «chefes todos eguaes!»

Será idade... espirito fraco que foi criado já noutras leis!... Tanho saudades do bom Polaco mais do seu carro preso a cordeis!...

Eugenio Sanchez da Gama.

Carta do Rio de Janeiro

27 - XI - 906.

LISBOA, 25. — Noticias procedentes de Madrid, dizem que uma comissão de republicanos espanhòes v.á brevemente a Lisboa cumprimentar e felicitar os deputados republicanos portugueses, pela attitude que assumiram ultimamente na camara.

Tratando hoje do assunto, os jornales libanenses dizem que o governo está disposto a não consentir que estrangeiros se intrometam na politica interna do paiz.

Entre os muitos telegramas aqui recebidos e referentes aos últimos acontecimentos na camara dos deputados, destaqueo que fica transcrito.

Na visita que os republicanos espanhòes projectam aos seus correligionarios portugueses, não vejo em que eles se intrometam na politica interna do paiz.

No entretanto, o nosso governo deve, quando não queira prohibir a entrada em Portugal, aos republicanos espanhòes, em visita aos deputados republicanos portugueses que tão nobremente são cumpridores dos seus deveres na causa que defendem e pela qual se sacrificam até ao ultimo momento, deve o nosso governo, disse, destinar-lhes uma localidade onde estejam sob a vista da policia, fazendo-lhe previamente uma busca minuciosa, não vão eles ocultar em si alguma bandeira que no centro, entre o azul e branco se veja, em vez da corça portugueza, o simbolo da Republica.

Cuidado... muito cuidado!...

Acho bem melhor e desde já, o sr. João Franco estender um cordão sanitario para que a peste, d go, os republicanos espanhòes, se não abalanem a vir até nós...

Tenho um primo que é paroco não sei em que freguezia, ali para os lados da Figueira da Foz, que no seu tempo de seminaristas lhe dizia o professor ao terminar as lições: — Ora sr. Fulano, planta batatas; planta batatas... O sr. n.º vai lá!...

O tal meu primo pad e, de facto, chegou a plantar as batatas mas foi lá.

O sr. João Franco, não planta batatas; mas com o seu modo de semear a annunciada liberdade, é que não vai lá!

E muito pouco ha de viver quem não veja o fim do seu programa...

Foi naturalizado cidadão brasileiro o portuguez Luiz Pereira Braga.

Realizou-se no dia 25 a posse do novo presidente da Republica do Paraguay, sr. general Benigno Ferreira.

O Brazil fez-se representar em Assunção, pelo cruzador «Tiradentes».

Está annunciado um festival no teatro S. José, em homenagem ao guitarrista Ivo Josué nosso distincto compatriota.

A comissão incumbida da realização dessa festa ficou assim constituída: Barão de Peixoto Serra, Manuel Enes Visna, comendadores dr. José Augusto Prestes, Manuel Tiago Ferreira de Rezende, Antonio dos Santos Carvalho, Bernardino Lourenço Pereira Prista e Manuel Ferreira Nunes, todos membros da nossa colonia aqui domiciliada.

Da imprensa local: «Eram 6 horas da tarde, e os guitarristas Ivo Josué e Santos Coelho encontraram-se na praça Tiradentes. O primeiro projectava para breve um concerto, e a este respeito entablaram conversação. O sr. Ivo Josué então convidou o seu colega para entrarem no Stadt Munchen, a fim de tomarem um refresco. Sentaram-se numa mesa proximo á porta, mandando vir um vermuth e uma cajuada. Em dado momento, a discussão acalorou-se, e Coelho colocou a mão na gola da sobrecasaca do seu interlocutor.

Levantando-se, reagiu Ivo Josué e lançando mão do coço, partiu-o na cara do seu contendor, ferindo-o no parietal direito e orelha.

O agressor pretendeu evadir-se, mas, perseguido por populares, foi preso no hotel Montanha, á rua da Carioca n.º 65.

Levado o facto ao conhecimento da policia da 5.ª urbana, foi lavrado o respectivo auto de flagrante, sendo o ferido enviado para o hospital da Misericordia, depois de ter sido medicado na farmacia Lins na praça Tiradentes.

Foi preso João Martins da Cunha, portuguez, que está pronunciado por crime de desfalco.

Durante a primeira quinzena do mez de novembro foi este o movimento do necrotério anexo á Directoria Geral de Higiene e Assistencia Publica: Foram recolhidos 26 cadáveres, 17 do sexo masculino e 9 do feminino: foram feitas uma autopsia e 25 verificações de obitos pelos medicos legistas da policia.

Causas de morte — Nascidos mortos, 9; tuberculose pulmonar, 4; sincope cardiaca, 2; fraqueza congenita, 1; nefrite, 1; rutura dos pulmões, 1; fratura do cranio, 1; choque traumático, 1; choque bulbar, 1; ferimento por arma de fogo no cranio, 1.

Vitimado pela explosão de uma mina em que trabalhava o caboqueiro José Julio, 40 annos de idade, casado, faleceu repentinamente.

O infeliz era portuguez.

Faleceu na Santa Casa, onde se achava em tratamento de diversas queimaduras, o nosso compatriota Joaquim de Araujo, de 25 annos de idade, fogueteiro e residente na rua de S. Cristovam, 334.

No hospital da Beneficencia Portugueza faleceu João Carvalho de Almeida Gomes, antigo empregado no commercio.

Era um rapaz de muito talento e de grandes aptidões, não só para a carreira que abraçou, como para as letras.

Muito estimado, houve tempo em que a vida lhe correu prospera. A boemia empolgou-o um dia, porém, e começou para ele o infortunio em que se arrastou nos últimos annos, afastados de si amigos de outra hora e parentes, sofrendo amargas necessidades, que suportava com fortaleza notavel, não recorrendo a sollicitações de dinheiro, por menores que fossem.

Sem ter onde comer nem onde dormir, alquebrado, a sua unica ambição ultimamente era obter lugar em que se abrigasse.

Fez-lhe Deus a vontade. O João, coitado, foi atirado ao chão por um bond, na rua da Assembleia. Com uma perna e um pé fraturados, levaram-no para um leito de indigente da Misericordia. Dessa casa de caridade, dias depois, foi transportado para a Beneficencia, de que era socio. No hospital não ha ao menos onde dormir e não soffria fome.

O desventurado moço era portuguez e irmão do sr. Filipe d'Almeida Gomes, negociante nesta praça e socio da firma Alberto Gomes & C.ª.

No mesmo hospital faleceu o negociante desta praça sr. Luiz Ferreira Pinto, que além de outros cargos foi presidente da Sociedade Club Ginnastico Portuguez, de onde era presidente honorario e grande benemerito.

Faleceram em Santos os nossos patricios srs. Manuel Antonio Rocha Bastos e José Correia da Rocha, sendo os seus enterramentos muito concorridos.

Em 14, pelas 5 horas da tarde faleceu na mesma cidade a sr.ª D. Maria Soares d'Assumpção, extrema esposa do benemerito sr. comendador Joaquim Soares Gomes. No funeral foram representadas varias associações portuguezas e brasileiras, bem como numerozo concurso de povo. No 7.º dia do falecimento o sr. Gomes distribuiu varias esmolas, pela alma da extinta, entregando 100.000 réis á Santa Casa da Misericordia de Santos. Ao desolado viuvo d'aqui, lhe endereçamos as mais profundas condolencias.

Por motivo de desastre deram entrada no hospital onde se acham em tratamento os nossos patricios Francisco Larangeira, de 86 annos de idade e Manuel Fernandes, de 18 annos, residente na rua Frei Caneca.

Trindade.

E' CERTO

Da Folha do Povo:

Diz um colega:

... O governo recus perante a manifestação extraordinaria da opinião publicas, etc.

Não faz mal que recue.

O rei adeganta-se...

E ahí está como fica tudo na mesma!

Theatro Principe Real

Pela primeira vez subiu hontem á scena, nesta casa de espectaculos, e aplaudida peça em 5 actos, de Dumas (filho) *A Dama das Camelias*.

Adelaine Coutinho, que desempenhou admiravelmente o papel de Margarida Gautier, fazendo-nos por momentos acreditar que eramos testemunhas da realidade.

O publico soube apreciar o seu trabalho, manifestando-se com os carinhosos aplausos que lhe tributou.

Luciano Cordeiro corréntemente no Armando Duval, que lhe tinham confiado, não desmentindo mais uma vez o apreço em que o publico o tem e que o aplaudiu justamente.

Sofia, Virginia, Luciano de Castro, Zeferino e os restantes artistas andaram tambem muito bem, sendo alvos de bastantes palmas do publico.

Para hoje está annunciada a comedia em 3 actos *Bébe e Tóto*, que na ultima representação agradou bastante.

A empreza, sempre amavel com o publico, concede novamente entrada gratis ás damas que se apresentarem com cavalheiros.

Vindas de Lourenço Marques, chegaram á alfandega de Lisboa 4 caixas com 1 anemometro registador de Dines e 400 cartas metricas, 2 bobines e um tubo de cobre, cujos instrumentos se destinam ao observatorio metereologico da Universidade.

Foram presos e enviados para juizo, Manuel Mortagua, casado, e Joaquim Rodrigues, solteiro, carroceiros, creados de Antonio Seco, da rua das Pedras, d'esta cidade, por partirem tres caixas de figos, na estação nova do caminho de ferro d'uma remessa que se destinava para Loulé.

Foram presos e entregues á policia pelo chefe da estação sr. José Barnardes,

Pelo commissariado de policia foi enviada hoje para o Instituto Bacteriologico de Lisboa a cabeça d'um cão que parece estar hidrofobo e constar ter mordido diversas cabras pertencentes a individuos da Pedrulha e da Ademia. Foram dadas providencias.

COMUNICADO

Companhia dos Caminhos de Ferro da Beira Alta

Como prometi a s. ex.^a o sr. Chefe dos Serviços da Exploração desta Companhia, em minha carta de 8 de outubro último, vou dar publicidade á correspondência trocada com s. ex.^a, sob a remessa n.º 197 de Límado a Guimarães, expedição de 1 de outubro último, para que se avalie a justiça com que s. ex.^a cuida dos interesses e prejuizos dos expedidores e consignatarios e por consequencia dos proprios interesses, prejuizos e creditos da Companhia com o publico.

Límado, 8 de outubro de 1906. — Ex.^{mo} Sr. Chefe dos Serviços de Exploração. — Figueira.

Em 1 do corrente despachei na estação de Límado para a de Guimarães, um wagon com cal, que segundo boletim de repozo em Pampilhosa, era a carga líquida 8:240 kilos, e vendo por este boletim o pouco cuidado com que a Companhia trata de salvaguardar os interesses dos expedidores e consignatarios. E' certo que nesta remessa houve pouco critério na sua pesagem. Contesta o boletim de repozo em Guimarães, contesta-o a carta de porte pela diferença de peso encontrada, a mais, cujo transporte paguei ás diforentes companhias pela diferença de peso, inclusivo á Beira Alta, e ou V. Ex.^a acredita que tanto o boletim de repozo como o que se encontra na carta de porte, não é verdadeiro, ou julga a minha ingenuidade tanta, que me leva a acreditar que é uma coisa muito natural e de muito pouca importancia uma balança acusar uma diferença de 2:555 kilos a menos ou a mais. Ao período em que V. Ex.^a diz que a Companhia não pode ter responsabilidade alguma pelo peso indicado a menos, prova mais uma vez que V. Ex.^a acredita na minha ingenuidade, e eu tenho a ponderar a V. Ex.^a que a responsabilidade não é só do empregado que procedeu á pesagem, como da Companhia, se não faz respeitar os interesses dos seus clientes. A responsabilidade tanto se acentua sendo a menos como sendo a mais; a menos dá prejuizo ao expedidor e ás Companhia, e a mais, interesse ao consignatario e prjuizo á Companhia ou Companhia interessadas.

Como porém V. Ex.^a se não dignou responder cabalmente á minha carta, peço a V. Ex.^a se digno dizer-me para meu governo as providencias que tem tomado para eu ser reembolsado das despesas que fiz e que reclamei com os documentos de que V. Ex.^a tem conhecimento (boletim de repozo e carta de porte da remessa em questão).guardo a resposta de V. Ex.^a. Sou venerador muito obrigado — José Marques Bronze Mendes.

RESPOSTA. — Figueira da Foz, 10 de novembro de 1906. — Ex.^{mo} Sr. José Marques Bronze Mendes. — Límado. — (T. V. n.º 144).

Em resposta á carta de V. Ex.^a, de 7 do corrente, sinto não poder deixar de confirmar o que disse a V. Ex.^a em minha carta anterior. Tenho porém a satisfação de declarar á V. Ex.^a que para evitar que de futuro se repitam estes casos, com V. Ex.^a, o que muito me desgosta, vou immediatamente mandar colocar neste speedero, uma «basculas» para pesagem dos wagoes.

Com toda a consideração, de V. Ex.^a, atento e venerador — O Engenheiro Chefe dos Serviços de Exploração — (s.) E. Stevemin.

Límado, 12 de novembro de 1906. — Ex.^{mo} Sr. Chefe do Serviço de Exploração. — Figueira.

Acuso a receção da carta de 10 do corrente, sentindo ter de dizer que custa a acreditar que V. Ex.^a confirme a resolução da carta anterior (de 7 do corrente) com a qual me não conformo. Pensei que em casos de tanta gravidade, como são todos aquelles que dão prejuizo, V. Ex.^a me venha declarar que não ha responsabilidade alguma com o facto que tem aado origem a este expediente.

E' certo que no todo não ha responsabilidade da Companhia, mas em parte não deixa de a ter, por não tornar responsavel o empregado culpado, e custava acreditar que sendo V. Ex.^a, segundo me consta, tão severo com os seus empregados no cumprimento dos seus deveres, V. Ex.^a neste caso seja de uma benevolencia tal com o culpado, optando

a menos. E' possivel porém que desta vez, por erro ou divergencia de balança, se dêse realmente a diferença apontada, mas do que esta Companhia não pode ter responsabilidade alguma, visto que foi peso indicado a menos. Em todo o caso fiz rigorosas recomendações a Pampilhosa, para se evitar de futuro quaesquer divergencias.

Com estima, de V. Ex.^a, atento, venerador — O Engenheiro Chefe dos Serviços d'Exploração — (s.) E. Stevemin.

Límado, 7 de novembro de 1906. — Ex.^{mo} Sr. Chefe de Exploração dos Caminhos de Ferro da Beira Alta. — Figueira da Foz.

Não tenho respondido á carta de V. Ex.^a de 19 do p. p. devido á ausencia de minha casa, e recolher-me-ia ao silencio se não deprendesse da mesma, que apesar de ser esse o dever, V. Ex.^a procura arredar do empregado culpado a responsabilidade do facto em questão, facto que por mais de uma vez se tem dado, e eu não posso sofrer a contingencia do pouco cuidado com que a Companhia trata de salvaguardar os interesses dos expedidores e consignatarios. E' certo que nesta remessa houve pouco critério na sua pesagem. Contesta o boletim de repozo em Guimarães, contesta-o a carta de porte pela diferença de peso encontrada, a mais, cujo transporte paguei ás diforentes companhias pela diferença de peso, inclusivo á Beira Alta, e ou V. Ex.^a acredita que tanto o boletim de repozo como o que se encontra na carta de porte, não é verdadeiro, ou julga a minha ingenuidade tanta, que me leva a acreditar que é uma coisa muito natural e de muito pouca importancia uma balança acusar uma diferença de 2:555 kilos a menos ou a mais. Ao período em que V. Ex.^a diz que a Companhia não pode ter responsabilidade alguma pelo peso indicado a menos, prova mais uma vez que V. Ex.^a acredita na minha ingenuidade, e eu tenho a ponderar a V. Ex.^a que a responsabilidade não é só do empregado que procedeu á pesagem, como da Companhia, se não faz respeitar os interesses dos seus clientes. A responsabilidade tanto se acentua sendo a menos como sendo a mais; a menos dá prejuizo ao expedidor e ás Companhia, e a mais, interesse ao consignatario e prjuizo á Companhia ou Companhia interessadas.

Como porém V. Ex.^a se não dignou responder cabalmente á minha carta, peço a V. Ex.^a se digno dizer-me para meu governo as providencias que tem tomado para eu ser reembolsado das despesas que fiz e que reclamei com os documentos de que V. Ex.^a tem conhecimento (boletim de repozo e carta de porte da remessa em questão).guardo a resposta de V. Ex.^a. Sou venerador muito obrigado — José Marques Bronze Mendes.

RESPOSTA. — Figueira da Foz, 10 de novembro de 1906. — Ex.^{mo} Sr. José Marques Bronze Mendes. — Límado. — (T. V. n.º 144).

Em resposta á carta de V. Ex.^a, de 7 do corrente, sinto não poder deixar de confirmar o que disse a V. Ex.^a em minha carta anterior. Tenho porém a satisfação de declarar á V. Ex.^a que para evitar que de futuro se repitam estes casos, com V. Ex.^a, o que muito me desgosta, vou immediatamente mandar colocar neste speedero, uma «basculas» para pesagem dos wagoes.

Com toda a consideração, de V. Ex.^a, atento e venerador — O Engenheiro Chefe dos Serviços de Exploração — (s.) E. Stevemin.

Límado, 12 de novembro de 1906. — Ex.^{mo} Sr. Chefe do Serviço de Exploração. — Figueira.

Acuso a receção da carta de 10 do corrente, sentindo ter de dizer que custa a acreditar que V. Ex.^a confirme a resolução da carta anterior (de 7 do corrente) com a qual me não conformo. Pensei que em casos de tanta gravidade, como são todos aquelles que dão prejuizo, V. Ex.^a me venha declarar que não ha responsabilidade alguma com o facto que tem aado origem a este expediente.

E' certo que no todo não ha responsabilidade da Companhia, mas em parte não deixa de a ter, por não tornar responsavel o empregado culpado, e custava acreditar que sendo V. Ex.^a, segundo me consta, tão severo com os seus empregados no cumprimento dos seus deveres, V. Ex.^a neste caso seja de uma benevolencia tal com o culpado, optando

assim pelo prejuizo do expedidor, dando margem a que o empregado prosiga em vista da satisfacção que V. Ex.^a acaba de dar-me ás despesas originadas pela leviandade ou pouco cuidado do empregado culpado, não tendo V. Ex.^a em vista os documentos que tem originado todo o expediente.

sendo pois esta a ultima resolução de V. Ex.^a em um facto que eu considero de muita, e V. Ex.^a, de pouca importancia, e para que o publico conheça a maneira porque a Companhia acautela os interesses dos expedidores, que tambam são os da propria Companhia, vou fazer publicar todo o expediente para conhecimento de quem possa interessar.

Com subido respeito de V. Ex.^a — José Marques Bronze Mendes.

Pelo expediente trocado com sua ex.^a o sr. Chefe do movimento da linha da Beira, fica o publico sabendo que nem a companhia tem culpa nem sua ex.^a torna responsavel os seus empregados pela falta de cumprimento de seus deveres, ainda que esses deveres ocasionem do publico despesas extraordinarias para salvaguardar os seus interesses quando a companhia lhe cumpre em seu proprio interesse e credito proceder de maneira contraria como sua ex.^a acaba de proceder comigo; mas não admira que mesmo a companhia não tenha responsabilidade, porque o peso foi encontrado a menos no que a companhia tem muito interesse e o expedidor ainda mais. Saberá sua ex.^a o que assinou?

Em todo o caso, não me parece correto este proceder, em vista de documentos que provam o nenhum cuidado que a companhia, por intermedio dos seus empregados, têm em salvaguardar os interesses dos expedidores e consignatarios.

Continuarei, apesar de tudo, a reclamar a importancia a que alude a minha conta de 8 de outubro ou sejam 82780 réis, porque o que peço a sua ex.^a não é um favor, é um dever, ou seja pago pela companhia ou pelo empregado culpado.

José Marques Bronze Mendes.

Eleição

Realizou-se hoje a assembleia geral da Associação de socorros mutuos para o sexo feminino Olimpio Nicolau Rui Fernandes para eleição dos corpos gerentes que hão de servir no anno de 1907. Foram eleitas:

Assembleia geral — Maria da Conceição Teixeira, presidente; Adelaide Sant'Ana Rocha, vice-presidente; Ermelinda Amelia Travassos Arrobas, 1.^a secretaria; Maria Rosa Gomes, 2.^a; Augusta d'Olveira Bizarro, 3.^a.

Direção — Virginia d'Oliveira, presidente; Rosa Augusta Canelas, vice-presidente; Maria da Conceição Lourenço, secretaria; Anna da Conceição Lourenço, vice-secretaria; Maria Luiza Paulo, tesoureira; Maria Isabel e Maria José Moraes, vogaes.

Conselho fiscal — Maria da Piedade Lopes, Maria do Carmo Severo, Maria Isabel Marques Cerveira; sapientes Joaquina da Conceição e Maria da Assumpção Costa.

Foi concedida a aposentação ao sr. Francisco Joaquim da Costa Ferreira, 1.^o official-chefe dos serviços telegrapho-postaes de Coimbra.

O tribunal comercial deu parecer favoravel a um requerimento da firma Fonseca & Comandita, de Lisboa, em que pedia a abertura de falencia ao sr. José Adelino da Marta Pinto, negociante desta praça, pelo que lhe foi logo feita a respetiva opposição de séios.

A Companhia Carris de Ferro de Coimbra vaie aumentar, do dia 29 do corrente mez em diante o serviço das Ameias á rua do Infante D. Augusto, com um carro ascendente e outro descendente, com ligação para a estação B, segundo o novo horario.

Rol da roupa enviada á lavadeira

Preço 120 reis

A' venda na typographia deste jornal.

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES DA BEIRA ALTA

2.^a AMPLIACAO A TARIFA ESPECIAL PARA

Atracção á ponte da estação da Figueira da Foz

Aplicavel desde 25 de Dezembro de 1906

EMPREGO DO GUINDASTE VOLANTE BRAÇAL

em qualquer estação que não seja a de Figueira da Foz

A pedido dos expedidores ou consignatarios, a Companhia porrá á sua disposição, em qualquer estação da linha, o GUINDASTE MOVEL, quando d'elle possa dispor, nas condições previstas no ultimo § da Tarifa para atracção, acrescentando mais as despesas de transporte d'este aparelho — ida e volta, taxadas a razão de:

40 réis por guindaste e kilometro até 200 kilometros, ida e volta

30 réis por guindaste e kilometro para os percursos excedentes dos primeiros 200 kilometros

Nestas taxas estão incluidas as despesas accessoria

Condições

1.^a— A requisição d'este aparelho, nas estações além da Figueira até Mangualde, deve ser feita pelos expedidores ou consignatarios com dois dias d'antecipação, e nas estações de Gouveia a Vilar Formoso, com anticipação de tres dias.

2.^a— Este aparelho deve ser acompanhado por um agente do serviço da Tracção, cujos dias d'ausencia do deposito serão facturados aos expedidores ou consignatarios á razão de 15000 réis por dia.

3.^a— Ao funcionamento d'este aparelho assistirá sempre um agente da Companhia. Contudo a Companhia declina toda e qualquer responsabilidade pelos accidentes devidos a avaria do referido aparelho ou culpa do pessoal dos expedidores ou consignatarios, á conta dos quaes ficam as mesmas avarias.

Lisboa, 6 de dezembro de 1906.
O Engenheiro Director da Companhia, Marquês de Gouvêa.

ANNUNCIOS

TRESPASSE

Trespassa-se a loja da rua do Visconde da Luz, n.º 99, 101 e 103, com ou sem fazendas.

GRATIS

Para tornar conhecida a nossa casa em Portugal, faremos as pessoas que quizerem enviar-nos, uma photographia qualquer, UM RETRATO ARTISTICO DE TAMANHO NATURAL, ABSOLUTAMENTE GRATIS, no prazo de 8 dias; sob a condição de recommendar nossa casa depois da recepção do retrato gratuito. Não ha obrigação de comprar um quadro ou qualquer outra coisa. A photographia modelo será devolvida intacta com o grande retrato.

AGENCIARIA CONTINENTALE, de Retratos Modernos, Dept. (U), rue Yauvargues
PARIS

CASA COLONIAL

Fornecedora da Casa Real

Visitem este estabelecimento e verão V. Ex.^{aa} que ha vantagem. Generos alimenticios das mais finas qualidades, em concorrencia de preços com as cooperativas. Vinho de meza e de Amaranthe, qualidades e preços sem competencia.

Distribuição aos domicilios, sem aumento de preço.

Potes de lata para azeite

Vendem-se tres quasi novos, sendo um de 1500 litros e dois de 1300. Para ver e tratar na rua Sá da Bandeira, 54.

PARA-RAIOS

Telefones, campainhas, luz electrica e instrumentos cirurgicos em geral.

Para-raios, instalações garantidas desde 450000 a 1000000 réis, segundo o tamanho do edificio e natureza do terreno.

Telefones, postos a funcionar com audição nitida, até 1 kilometro, 80000 réis; cada kilometro a mais, 30000 réis, sem outras despesas.

Campainhas electricas e luz electrica, conforme a instalação, tanto para fabricas, como em casas particulares.

Lanternas electricas portateis, que não se inutilizam sem uso, (ultima novidade garantida).

Oculos e lunetas de verdadeiro cristal de rocha, para não causarem a vista, e de vidros finos em aros de ouro, tartaruga e metal, etc.

Microscopios e todos os mais artigos de optica.

Vinómetros de todos os autores para a gradação alcoolica do vinho.

Areómetros para todos os líquidos e acidímetros para azeite, vinho, etc.

Instrumentos de fisica, em geral para escolas, etc.

Remetem-se catalogos, pedidos a RAMOS & SILVA—63, Chiado, 65 — Lisboa.

Esta firma já tem instalado mais de mil e trezentos para-raios em todo o paiz, sendo em Coimbra 70, e os telefones da corporação dos bombeiros municipaes e muitos outros.

Numerosas instalações de luz electrica em fabricas, festas publicas e casas particulares, atestam os seus creditos.

Pode ser procurado em casa do sr. Caetano da Cruz Rocha — Rua Ferrelreira Borges — Coimbra.

Consultorio Medico - Cirurgico

— DE —
Alvaro Roxanes

Marco da Feira, 8 — COIMBRA

Consultas das 10 ás 12 e das 2 ás 4

(Residencia — R. de Tomar, 11)

ANNUNCIOS PARA JORNAES

João Ribeiro Arrobas, encarrega-se da publicação de anuncios em todos os jornaes do paiz, da afixação de cartazes, da distribuição de anuncios, prospectos, etc., em Coimbra.

Mont'Arroio, 15 — Coimbra.

PASTELARIA E CONFITARIA TELLES

150 - Rua Ferreira Borges - 156

COIMBRA

Nesta casa, regular e bem montada as jéneras das de Lisboa e Porto, encontram-se a venda e mais variada e completo sortimento de todos os artigos concernentes a estabelecimentos de sua natureza.

CAFÉ, BEBIDAS E CERVEJA

Deposito dos produtos da Fabrica de Bolachas e Biscoitos na Couraça de Lisboa, 22

Companhia de Seguros Reformadora

A única que em Portugal effecta seguros postas, para todas as caboças de distritos e de comarcas.

União Vinicola do Dão

Parceria de lavradores dos melhores vinhos portugueses, a venda na

Mercearia LUSITANA

(Depósito unico em Coimbra)

Estab. Ind. Pharm. "Souza Soares,"



(NO BRAZIL E NA EUROPA)

Devidamente legalizado em Portugal e distinguido com um premio de Honra de 1.ª classe e cinco medalhas de Ouro, na America do Norte, França e Brazil, pela perfeita manipulação e efficacia dos seus productos medicinas:

PEITORAL DE CAMBARÁ

(Registrado)

Cura prompta e radicalmente as tosses ou rouquidões; Cura a laringite; Cura perfeitamente a bronchite aguda ou chronica, simples ou asthmatica;

PASTILHAS DA VIDA

(Registrado)

Combatem o fastio, a azia, a gastralgia, as nauseas e vomitos, o enjôdo do mar, o mau halito, a flatulencia e a dilatação do estomago. São de grande efficacia nas molestias do utero e da pelle, na fraqueza dos nervos e do sangue.

36 Remedios Especificos em pilulas saccharinas

(Registrados)

Estes medicamentos curam com rapidez e inoffensividade: Febres em geral; Molestias nervosas, da pelle, das vias respiratorias, do estomago, dos intestinos, dos organos urinares;

Medicamentos homeopaticos garantidos, e vulsos e em caixas de diversos tamanhos

1. Tubo com globulos 300 réis; duzia 20160. 2. Frasco com tintura 1.ª ou 2.ª 400 réis; duzia 40320.

Estes productos vendem-se em Coimbra na drogaria de Rodrigues da Silva & C.ª - Rua Ferreira Borges, 36.

Aviso importante

O Estabelecimento tem medico habilitado, encarregado de responder gratuitamente a qualquer consulta por escripto, sobre o tratamento e applicação dos seus remedios.

Os armazens GRANDELA & C.ª

RUA DO OURO, 115 - LISBOA

mandam catalogos e amostras de seu colossal sortimento a quem as pedir.

Vendem para as provincias pelos mesmos preços que para Lisboa

Pagam o porte das encomendas cuja factura pode ser satisfeita no correio na occasião de as receberem

Mandam amostras a todos que as pedirem para que as confrontem com as das outras casas.

Não têm agentes em parte alguma, tratam todos os seus negocios directamente com o publico de todo o paiz, e é por isso que vendem mais barato que ninguem.

O catalogo geral de verão com 116 paginas e 1050 gravuras é enviado de graça a quem o pedir a

Grandela & C.ª

Rua do Ouro, 115 - LISBOA

CASA MEMORIA

SUCURSAL EM COIMBRA

Rua Visconde da Luz, 1 Praça 8 de Maio, 10

Esta casa continua a fornecer ao publico as suas acreditadas máquinhas de costura Memoria. Têm todos os modelos mais recentes, tais como: vibrantes, oscilantes e bobine central, e que á mais perfeito.

Ninguem comprou sem visitar esta antiga e acreditada casa, para se certificar da qualidade e preços destas máquinhas que nenhuma outra se pôde igualar na perfeição do seu mecanismo.

Pianos

Esta casa acaba de receber importantes remessas de pianos alemães e francezes que vende a pronto pagamento por serem importados directamente dos fabricantes; vendem-se ao publico em melhores condicões do Porto ou Lisboa.

A NACIONAL

Companhia portu guesa de seguros sobre a vida humana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital --- 200.000\$000 réis

Sede em Lisboa - PRAÇA DO DUQUE DA TERCEIRA, 41, 1.ª

Seguros de vida inteira, Temporarios, Mixtos, Frasco Fixo, Combinados e Supervivencia, com ou sem participação nos lucros da Companhia.

Capitales differidos e Rendas vitalicias immediatas, differidas e temporarias, com ou sem contra-seguro.

Seguros operarios a 20 réis semanais

Para informacões e tarifas dirigi-se ao agente em COIMBRA:

JOÃO GOMES MOREIRA - R. FERREIRA BORGES

CAÇADORES

O mais importante estabelecimento de espingardas, carabinas, rewolveres e municões, é o de JOÃO GOMES MOREIRA, rua de Ferreira Borges - Coimbra - Sucursal na Figueira da Foz (em frente ao Casino Mondego).

ARMAS EM DEPOSITO

Espingardas de caça - de manufactura de Saint-Etienne, Galand Elite, Francesa, Francotts, Remington, Bernard, manufactura Liege a 15 Carabinas - La Francott, Popular, Winchester, Colls, e.c.

Municões de todos os calibres e qualidades

Mandam-se vir armas de qualquer fabricante, como por exemplo: Holland & Holland, Puy, Dierdtsen, Grecois, etc.

PAPELARIA CENTARL

Rua Visconde da Luz - Coimbra

Pianos GAVEAU

Recebidas directamente de Paris, vendem-se nesta casa pelos preços da fabrica e recebem-se pianos em troca, - pedir catalogos e condicões de venda.

Grande edição de bilhetes postaes illustrados

De Coimbra, Vizen, Aveiro, Castelo Branco, Covilhã, Amarante, Beja, Mirandela, Serra d'Estrela, etc.

Papelaria Borges

COIMBRA

PROBIDADE

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS

Correspondente em Coimbra

Cassiano Augusto M. Ribeiro

Rua de Ferreira Borges, 166, 1.ª

Tomam-se seguros de predios mobillias e estabelecimentos contra o risco de incendio.

Repara... Lê...

Trata-se dos teus interesses

12 ANOS SÃO PASSADOS DEPOIS QUE

As constipaçõs, bronquites, rouquidões, asma, tosses, coqueluche, influenza e outros encomodos dos organos respiratorios.

Se attendão sempre, e cõrro as mais das vezes com o uso dos Saccharides d'alcaçrão, compostos (Rebucados Milagrosos) onde os efeitos maravilhozos do alcaçrão, jenuinamente medicinal, junto a outras substancias apropriadas, se evidencião em toda a sua salutar efficacia.

E tanto assim, que os bons resultados obtidos com uso dos Saccharides d'alcaçrão, compostos (Rebucados Milagrosos) são confirmados, não só por milhares de pessoas que os tem usado, mas também por abalizados facultativos.

Farmacia Oriental, rua de S. Lázaro

PORTO

Caixa, avulso, no Porto, 200 réis pelo correio ou fóra do Porto, 220 réis

Ferragem para toldo

Vende-se uma para tres portos. Mercearia Avenida. Largo do Principe D. Carlos, 51 - Coimbra.

"RESISTENCIA"

CONDIÇÕES D'ASSINATURA

(PAGA ADIANTADA)

Com estampilha, no reino:

Anno 24700 Semestre 14350 Trimestre 690

Sem estampilha:

Anno 23300 Semestre 12800 Trimestre 600

Brasil e Africa, anno 84600 Ilhas adjacentes, 84000

Numero avulso 40 réis

ANUNCIOS

Cada linha, 30 réis; repetições, 20 réis; para os senhores assinantes, desconto 50%.

Comunicados, cada linha 40 Réclames, cada linha 60

Anunciam-se gratuitamente todas as publicações com cuja remessa este jornal se honra.